



# ESCRAVOS DO OURO

**Romance do espírito  
Van der Goehen**

**Psicografia de  
Eurípedes Kühl**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org).



[www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org)

# **Escravos do ouro**

(Romance mediúnico)

Psicografado por Eurípedes Kühl

Ditado pelo Espírito Van der Goehen

2016

# Escravos do ouro

(Romance mediúnico)

Psicografado por Eurípedes Kühl

Ditado pelo Espírito Van der Goehen

Data da publicação: 26 de outubro de 2016

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Astolfo O. de Oliveira Filho

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000

[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Goehen, Van der (Espírito).
G54e	Escravos do ouro / Psicografia de Eurípedes Kühl, ditado pelo espírito Van der Goehen ; revisão de Astolfo Olegário de Oliveira Filho, capa de Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2016. 282 p.
	1. Literatura espírita-romances. 2. Espiritismo. 3. Obras psicografadas I. Kühl, Eurípedes, 1934-. II. Oliveira Filho, Astolfo Olegário III. Barbeiro, Cláudia Rezende. IV. Título.
	CDD 133.93 19.ed.

## Sumário

- Introdução à 1ª edição, 4
- Prolegômenos: a ambição, 6
- 1. Triste África, 15
- 2. Frente a frente com o ouro, 38
- 3. Ouro na terra, ouro na alma, 58
- 4. O brilho do ouro e da cor negra, 86
- 5. Família, 106
- 6. Surpresas..., 116
- 7. Gratidão. Gratidão?..., 146
- 8. A cor, o som e a voz do ouro, 158
- 9. Cobiça: veneno da alma, 199
- 10. África: instituto correcional?, 221
- 11. Inexiste "acaso", 241
- 12. A tumba das almas brancas, 264

## Introdução à 1ª edição

**E**ste livro reproduz, com cores espirituais, uma fração do episódio brasileiro do “ciclo do ouro” (século XVIII).

Os fatos narrados se restringem ao início daquele episódio, o qual, ao final, transformaria o mundo; o autor se permitiu emoldurá-los sob a ótica espiritual e na forma de romance.

As atrocidades então cometidas contra os índios e os escravos, bem como eventuais retaliações, foram escoimadas da narrativa. Fome e dizimação de gentios e aventureiros, também.

Tratando-se, pois, de uma fase da História mundial, e para que o caráter documental desta obra não arranhasse a verdade, nela estão anotados poucos dados reais. Tais anotações obedecem à didática sugerida pelo autor espiritual.

Mas, para que a mensagem, esta de conteúdo moral, não fosse tida à conta de tribunal de consciências, os nomes dos personagens citados são fictícios, não guardando identidade com aqueles que eventualmente tenham desempenhado similares cargos e funções no Brasil-Colônia e além-mar, na Europa.

A verdade subterrânea do comportamento humano, presa à cobiça, em detrimento da moral, torna ideal o momento desta obra ser ofertada ao público em geral e não apenas aos espíritos: seu conteúdo ultrapassa aspectos religiosos ou doutrinários, colocando em evidência como o homem vem sucumbindo à ambição. Sobretudo, porém, evidencia como Deus, Infinita Misericórdia, desde sempre, alerta-o quanto a tal descaminho.

Sob inspiração divina, o Mestre Jesus bem que nos advertiu quanto à fatuidade dos tesouros materiais e de como, que ao ganhar a Terra, o homem perde o Céu.

O lançamento do livro é oportuno em duas vertentes:

1ª - Nosso país está completando 500 anos do seu descobrimento e esse marco histórico merece mesmo ser lembrado, como aqui, neste livro, visitando-o “por dentro do miolo” desses cinco séculos;

2ª - Será sempre proveitoso conhecer os desdobramentos espirituais — atos e fatos de personagens e personalidades, aqui fictícios, mas na vida real cruzando conosco em todas as esquinas do Tempo.

Tanto quanto o conhecimento das lições da História pode impedir recidiva dos erros nela insculpidos, melhor será ser informado dos seus consequentes espirituais, para que, também e ao menos, jamais se repitam...

Esta, a finalidade desta obra.

Ribeirão Preto, SP - verão de 1998.

O médium.

*P.S.: Esta obra foi psicografada no ano em que a Cidade de Ouro Preto/MG completava trezentos anos de sua fundação. "Coincidência"?...*

**Todos os nomes de personagens citados nesta obra são fictícios, não passando de coincidência a eventual existência real de algum.**

# Prolegômenos: a ambição

*Leitor amigo:*

*O fio narrativo a seguir registra fatos similares aos reais, ocorridos dois séculos após a descoberta deste abençoado país que é o Brasil.*

*O Tempo é o encarregado divino de reduzir mágoas e é assim que sob nossos céus ainda tardará a diluição total da sinistra nuvem da escravidão. Há algum tempo isso já começou, com a vinda de outros irmãos africanos carentes que espontaneamente para aqui estão emigrando.*

*Ninguém sabe, mas talvez quem os acolhe sejam os escravizadores de então, em processo de redenção perante Deus.*

Quase duzentos anos após os portugueses anunciarem aos cantos do mundo as suas descobertas d'além mar, na Europa não havia grandes interesses em se conhecer tão distantes quanto bárbaras regiões. Apenas, pilhá-las de seus recursos naturais, abundantes...

Se a Espanha usufruía riquezas das suas conquistas, usurpadas aos incas, maias e astecas, cujas avançadas civilizações espantaram os conquistadores espanhóis, o mesmo não se poderia dizer da enorme Colônia lusitana, ultramarina...

Na Espanha, em particular, com exceção de alguns intrépidos aventureiros, que se abalançaram em cruzar o "mundo de água" que era o Atlântico, somente alguns nobres em decadência de poder cultivavam a ideia de ir à América, "a terra só de índios".

Os países europeus se subdividiam em três correntes políticas: a primeira, ao leste e ao sul, mais conservadora, mais rude e menos desenvolvida, primava por estreitar laços políticos, sociais e financeiros com as culturas asiáticas; a segunda facção, a dos europeus do centro: por serem os mais desenvolvidos,

eram também os mais ricos e assim, não lhes visitava a necessidade de mudanças; já a terceira zona, ao oeste europeu, esta havia desenvolvido técnicas de navegação, justamente para buscar alhures, as especiarias que faltavam a toda a Europa, além, naturalmente, de atender a si mesma. Com isso, obtinha créditos financeiros e, mais importante, políticos.

Com efeito, os países centrais da Europa mantinham os irmãos da esquerda e da direita sob forte jugo, tutelando-os quanto às suas necessidades vitais, exigindo pagamento que nem sempre dispunham.

Exigiam e eram docilmente atendidos em suas preferências quanto a produtos oriundos das distantes Ásia e Índia, pela pequena, mas corajosa nação lusitana, que após voltar o imenso continente africano, as trazia e entregava-lhes a domicílio.

Isso, ao custo de centenas e centenas de vidas de intrépidos marujos, que buscando na aventureira travessia marítima a única chance de garantir a sobrevivência familiar, não raro encontravam a morte, nas turbulentas águas ao sul da África, única via para as fontes daqueles cobiçados produtos...

A Europa, no início do século XVIII, era assim um grande entreposto comercial, nada produzindo, mas tudo possuindo e consumindo.

Os países ricos ofertavam patrocínio financeiro aos experientes navegadores portugueses, e estes, com aval de el-Rei, escreveram as mais expressivas páginas da História, no capítulo dos desbravamentos.

Quanto ao poder, o mundo estava dividido em duas partes: uma, dos asiáticos, onde mouros, sarracenos e povos da raça amarela (Japão e China, em particular), através de intenso intercâmbio comercial, mantinham-se em precário equilíbrio político, sempre alertas a ataques inesperados; a outra parte do mundo, então comandada pela Europa, tinha rédeas curtas manobradas por poucas potências.

Tratando-se da Europa, podemos dizer que o poder àquela época era um inquilino em constante mudança de sede, instalado num imaginário pêndulo, agitando-se não em um, mas em diversos planos, com velocidade irregular, em movimentos oscilantes e circulares.

Inglaterra, Espanha, França — essas as episódicas sedes do poder europeu, cujos reis, acordados com o Papa, fingiam que a Itália, pátria que mais Papas deu ao mundo, também era poderosa...

Quanto aos demais países europeus, tratavam isso sim, de se garantir, obtendo o aval dos "grandes", através teceduras de mil e uma tramas casamenteiras, mesclando *sangue nobre* entre si.

A longínqua quão gélida Escandinávia, tanto quanto a igualmente distante e inexpressiva Oceania, simplesmente não contavam a quaisquer aventureiros, que as ignoravam por completo.

Os mares, esses, tinham donos intransigentes...

Portugal, na Europa Ocidental, o pequeno enclave no ponto oeste mais distante do continente, por muitos era até mal visto, aceito com reservas na comunidade europeia. Havia quem o considerasse apenas um apêndice geográfico, sem expressão política e social.

As embarcações lusitanas destemidamente singravam os mares, indo ao outro lado do mundo buscar as especiarias que a nobreza europeia exigia para uso pessoal, doméstico ou à mesa. Tais mercadorias: as especialidades da Índia, em tapeçarias, tecidos, perfumes e condimentos e as preciosidades da China, para uso diário ou para finíssimos adornos. Da Colônia, lá no "novo mundo", traziam o açúcar, a aguardente, o algodão, o café e o fumo.

Os portugueses, graças a esse contexto de úteis fornecedores às cortes europeias, a duras penas mantinham sua autonomia, conseguindo contrabalançar a distância política à qual eram mantidos.

Desde a descoberta da Colônia, dois séculos de marasmo...

Nenhuma preocupação com os nativos, no sentido de melhorar-lhes a vida: ao contrário, a exigência de trabalho forçado, paralelo à ignomínia de trazer para aquelas inóspitas terras, sob regime trabalho escravo, milhares e milhares de africanos, abruptamente arrancados à família, ao meio ambiente e mais que tudo, à liberdade.

Grande mancha escura está sob o planeta Terra desde a desumana noite trevosa de três séculos da escravidão africana!

Pode-se com grande margem de acerto afirmar que grande parte dos desvários sociais terrenos tem como elemento catalisador a irresponsável atividade escravagista, que embora sempre existindo no planeta, na colonização das Américas atingiu seu triste apogeu.

Casamentos entre nobrezas, engenhosamente arquitetados pelos mais sagazes cérebros, mais se pareciam com um jogo de xadrez, onde o rei tinha que ser mantido inatingível, contando para isso com o sacrifício de todos os súditos, desde os castelões, os religiosos, os cavaleiros — e se preciso, a própria rainha...

Não causava qualquer espanto a ascensão de um conde a barão, de um barão a duque, como também, de repente, a queda de não poucos nobres, passando a hóspedes compulsórios e perpétuos das masmorras.

Esse frágil equilíbrio, apoiado em suportes tão efêmeros, volta e meia se via ameaçado, registrando a História as centenas de escaramuças que transformaram a Idade Média num grande palco de intrigas e de guerras permanentes.

A realeza e a religião, forças que a tudo comandavam, não conseguiam também ficar indenes a repetidos confrontos.

Nas terras de Portugal a oeste da África, separadas pelas águas atlânticas, só existiam silvícolas e patrícios que lá se encontravam, ou por ambição, ou sob atividades determinadas por el-Rei, ou ainda sob punição. Às vezes, por estratégias

alcoviteiras, afastando presenças inconvenientes em algum arranjo matrimonial...

Muitos cortesãos, cujas filhas ou filhos despertavam *interesses e atrativos* a irresponsáveis, mas poderosos nobres dos países ricos, eram "convidados" a estagiar lá nas terras do Brasil. Compelidos a assumir o posto distante com urgência, às vezes em pleno mar transformavam-se em sogros, sem sequer o saber...

Religiosos, doentes ou dissidentes, eram também candidatos certos à catequese, que em nome da "Sagrada Cruz de Nosso Senhor de Malta", deveriam ministrar aos silvícolas de terras tão incrédulas...

Estrangeiros, pouquíssimos.

Em todas as épocas e em todas as culturas, a ociosidade gera inércia e pensamentos fúteis, que acabam por se voltar contra a geratriz. Isso porque a lei de ação e reação, que no plano das atividades físicas é uma realidade cientificamente comprovada, no plano das realizações mentais tem aplicação num gradiente maior. Isso, graças à Bondade de Deus, pois nem sempre a reação é imediata, mas sim, processa-se ao longo do tempo, por vezes, em existências futuras.

A vida de fausto que os nobres europeus então desfrutavam, só tinha alguma graça quando algum acontecimento, qual leve brisa, soprava as cortinas do grande salão social que era a Europa Central.

Ali, convivas apáticos fingiam que eram felizes, fato que era incensado pelos que junto a eles orbitavam, os quais também fingiam que tudo ia muito bem.

Havia, como era de se esperar, uma oculta fábrica de boatos e de fatos tendentes à quebra de tão mesquinha rotina...

As intrigas, quase sempre sem fundamento, circulavam nos escaninhos certos do poder, de forma a produzir os resultados buscados.

Dessa forma, fortunas se formavam, se desfaziam, eram transferidas, eram confiscadas, ou simplesmente desapareciam, sem deixar vestígios.

A hipocrisia e a futilidade, assim, davam o tom nas cortes.

Essa quadra da humanidade — século XVIII — viria a ser abalada e de forma fantástica: dois acontecimentos, distanciados entre si, mas de efeito conjugado, iriam mudar a História.

O primeiro: ocorrência no Brasil, mas com avassaladoras consequências na Europa, da descoberta das jazidas de ouro e pedras preciosas, por cuja posse a imensa colônia foi desbravada fortemente por lusitanos e episodicamente também por holandeses e franceses.

O segundo, já a partir da Europa e lá mesmo: o aporte no plano terreno de uma plêiade de Espíritos incumbidos de soprar a poeira que recobria o conhecimento humano — responsáveis pelas invenções que, conjugadas, passariam à posteridade com o nome de “Revolução Industrial”.

Tanto um quanto outro acontecimento, em aparência desligados, não objeta supor que talvez tenham sido meticulosamente arquitetados pelo Mestre Jesus, como sempre ofertando benesses à humanidade.

Pena que os homens, ao invés de serem gratos ao Cristo, elegeram para essas graças uma equivocada patrocinadora: a ambição.

\*

Do primeiro vetor: o ouro...

Poucos homens são indenes à *voz*, ao *som* e à *cor* do ouro.

A voz: mudo, o ouro é sempre o que fala mais alto e o que dá o último veredicto, em quaisquer situações financeiras, eis que seu representante — o dinheiro—, rende-lhe tributo permanente. Estocado e indevassável, intocável e imóvel, o ouro escraviza as nações que o possuem, as quais, servis, curvando-se

às suas exigências de adoração, exigem (e recebem) servilidade das que não o possuem. Assim, o ouro não fala, mas é mais ouvido e mais obedecido...

O som: sem fazer vibrar um único ciclo, uma única onda sonora, o ouro ecoa na alma dos homens, ora como os trovões em meio às tempestades, ora como o sussurro das confabulações espúrias. Não vibra, mas repercute e reverbera em quase todas as mentes e até em muitos corações...

A cor: encanta os olhos e faz o pensamento viajar, dando asas traiçoeiras aos ambiciosos viajores, que deslizam nos céus da ambição, onde escaldantes sóis, não raro, repetem-lhes na alma o pesadelo de Ícaro<sup>1</sup>. O ouro é assim o elemento natural para o qual a Natureza reservou o amarelo, cor essa que muitas almas elegeram como sendo a da felicidade.

Tais almas, para seus voos em busca das mordomias e das quimeras do dinheiro, atiram-se do topo dos penhascos da Vida, munidos de asas feitas de cobiça e coladas com ambição...

Do segundo vetor (reencarnação em série de Espíritos missionários), o empuxo evolutivo deixou marcas na História que ainda hoje não foram devidamente avaliadas. De passagem, podemos registrar que foi precisamente no século dezoito que a Humanidade, como uma consciência coletiva, foi abençoada pela Providência Divina com progresso (material) jamais sonhado. Na esteira desse progresso, a ele indissolivelmente ligado, veio também, num segundo passo, o progresso moral, quais clarinadas anunciando uma nova era.

---

<sup>1</sup> Ícaro: na mitologia grega, filho de Dédalo. Com seu pai, fugiu do labirinto onde Minos os havia encerrado, voando com asas feitas de penas coladas com cera. Antes de levantar voo, o pai recomendou-lhe que mantivesse em altitude média, nem muito alto (perto do Sol, cujo calor derreteria a cera), nem muito baixo (perto do mar, cuja umidade tornaria as asas pesadas). Entretanto, no entusiasmo de poder voar, o jovem esqueceu os conselhos do pai e elevou-se tanto nos ares que perdeu as asas, precipitando-se no mar. (Nota do médium).

O grito de “liberdade!”, sufocado por séculos em tantas almas amantes de suas pátrias, ecoou pelas pradarias, vales, montanhas e céus, multiplicando-se, ecoando no ar por dezenas de anos.

Como no planeta Terra, por enquanto, raramente se alcança a paz senão pela guerra, estas se acumularam, nos acumulados milênios. Espíritos endividados perante si mesmos, com vastos passivos morais a serem resgatados, encontram nos rudes combates de sempre o ressarcimento que, inconscientes, buscam.

Inconscientes porque tal era-lhes — e ainda o é —, progresso reencarnatório: sucumbir fisicamente em defesa de um ideal, pela pátria. Quase sempre em condições difíceis, para que em Espírito, libertos de tão pesados fardos, alcem voo, raso embora, mas rumo a trajetórias mais felizes — novas reencarnações —, em clima de maior equilíbrio existencial.

Ainda nesse sopro renovador mundial, Espíritos de refinadíssimas faculdades artísticas foram convidados a reencarnar junto a nós.

Os convites foram feitos por Mensageiros Siderais, sob a tutela do Mestre Jesus — Governador Moral da Terra. Todos aceitaram!

Foi assim que o planeta experimentou expressivo avanço:

- com a já citada “Revolução Industrial” (embora setorizada e até hoje ofertando dividendos apenas aos chamados “países ricos”), a serventia e utilidade das invenções são usufruídas quase no mundo todo;

- nas artes em geral, maravilhas aportaram no planeta, indicando o caminho para o belo: elevação espiritual, sendo formado robusto alicerce para tempos futuros...

- espíritos heroicos e idealistas da fraternidade, gritaram com todas as forças: “*liberdade!*”; seus gritos indômitos, que resultaram mesmo na independência de várias nações, ainda

hoje ecoam em nossos corações; no Brasil, por exemplo, estão a dizer: "*Tiradentes, teu sacrifício não foi em vão!*".

*O Autor espiritual*

# 1

## Triste África

**S**evero Cantilhão, proprietário de vinhedo na cidade do Porto, há tempos vinha pensando em vender suas vinhas e passar para o ramo da comercialização marítima — o mais próspero negócio português de então.

Casado com Antônia do Amaral Borges, assim como ele de alguma descendência nobre, com ela tinha três filhos: Henrique, dezenove anos, Carlota, dezessete, e Julialva, doze.

— Antoninha: o que pensas de deixarmos cá nossas terras e mudarmos para a Capital?

— Severo — assim o tratava a esposa, com aparente formalismo, mas na verdade sem nenhum —, é tu quem sabes.

— Mas, me diga, mulher: o que pensas?

— Diga-me primeiro, então: por que tiveste tal pensamento?

— Não sei, mulher... Nossos filhos estão crescendo... Em pequenos bocados de tempo já estarão pensando em casamento... E cá por estas bandas temos mais borra-botas (pessoas sem expressão, pobres) do que indivíduos que mereçam as crianças. Henrique e Carlota já estão se sazizando como nossas uvas...

— Temes algum aproveitador? Não foi o que fizeste comigo?

— Pela Cruz, ó mulher: nunca fui aproveitador, mas tu sim, foste tu que me cativaste, com este teu jeito de flor!

— ... que tu bem apreciaste em plantar no jardim do teu coração...

Beijaram-se com ternura. Amavam-se, sinceramente.

De comum acordo, decidiram que os “fadados do destino” deveriam ser respeitados, pois os Anjos do Senhor, lá do Céu, entoariam e fariam repercutir, cá na Terra, a indicação do rumo a tomar.

Tal a sua fé. E essa a maneira pela qual, em respeitosa prece, aquele casal pedia ao Plano Maior que os orientasse quanto ao futuro.

Como nenhuma prece sincera, mesmo as impronunciadas, ficam sem deferimento-resposta, direto ou indireto, ali não foi diferente: indo à Capital para negociar com representantes de alguns países o embarque da sua produção vinícola daquele ano, Severo, por lá se demorou uma semana.

Acertados os prazos e preços, preparava-se para retornar à sua cidade, o que se daria dali a dois dias, quando a caravela zarparia.

Para preencher o tempo de que dispunha até o embarque, foi passear pelo porto lisbonense.

Nele, a atração por viagens marítimas só era menor do que a compulsão que nutria pela construção de caravelas.

Desde criança, apenas com uma rude faca de sapateiro, aparava galhos de árvores e com elas construía miniaturas de barcos, que a todos encantavam, não só pela delicadeza do material, e nem também só pelas medidas adequadas ou ainda pela aparência: mas sim, pelo deslizar suave das miniaturas nos grandes tanques de água, quando assim eram mantidos em preparação à recepção dos vinhos, nas safras das uvas.

Elegeu uma bodega, dentre outras, a que melhor lhe pareceu.

Acomodou-se numa solitária mesa e pediu pão, queijo e vinho.

Na mesa ao lado, três animados marujos conversavam, sem nenhum cuidado quanto a serem ouvidos.

— Veja só, homem — dizia um deles, que aparentava ser o mais velho —, se os fados cantassem para o meu bolso, bem que

eu compraria aquele *tumbeiro*.<sup>(\*)</sup> Tenho cá comigo que em cinco anos ficaria rico.

— Rico, mas com a pele mais enrugada — troçou um dos homens.

— Isso mesmo — confirmou o terceiro: não é brincadeira fazer duas viagens por ano lá nas terras d'África às da Colônia.

— Eu sei, eu sei — contemporizou o mais velho, aduzindo: duas por ano, dez em cinco anos. Cada travessia, levando na ida as bugigangas que eles gostam e na volta, chegando à Colônia com uns trezentos negros, façam as contas!

Falaram, comentaram, sonharam e comeram ainda por algum tempo. Quando foram pagar a despesa, tiveram grata surpresa: o "rico senhor" ao lado já a havia quitado...

Surpresos de início, mas logo gratos, desmancharam-se em medidas ao desconhecido benfeitor, que se apresentou:

— Sou Severo Cantilhão, das terras "d'uva" lá no Porto. Ouvi os senhores confabulando e me interessa ouvi-los mais, se dispuserem de um quarto "d'hora" para mais um copo de vinho...

---

<sup>(\*)</sup> *Tumbeiros: nome dado aos navios que transportavam escravos, da África, para a Europa, antes do descobrimento da América, e depois disso, para esta, no período da colonização. O nome indica o risco do seu triste destino: servir de sepultura (tumba) aos escravos. Também chamados "navios da danação", ou "navios negreiros", em seus porões os escravos eram lançados, sem quaisquer cuidados ou higiene, em alguns casos até tendo que fazer toda a viagem amontoados. Tanta era a mortalidade nas travessias da África às Américas (em alguns casos até 40%), que tais navios eram mesmo tumba para muitos dos escravos aprisionados. Não foram raros os casos de doenças epidêmicas a bordo, matando igualmente grande parte das tripulações. Se não bastasse todo esse quadro de horror, erros de navegação, calmarias ou tempestades, igualmente ceifaram milhares de vidas nessas terríveis expedições ao "Novo Mundo", realizadas durante três séculos.*

A oferta era simplesmente irrecusável.

Servidas generosas doses do “melhor vinho”, como mentirosamente apelidou aquele cuja qualidade nem chegava aos pés dos que produzia, Severo percebeu quando era a hora de recuperar o “capital que estava investindo”:

— Digam-me lá, ó rapazes, então vocês que são do mar, estão a sonhar com viagens às Áfricas?

— É... mais ou menos...

— E já foram até lá muitas vezes?

— Muitas!

— O que me dizem, então? Ganham todos?

— Os tripulantes e suas famílias conseguem sobreviver, mas os donos dos navios ganham muito mais... Estão todos ricos!

— Então o frete compensa?

Os três, sem qualquer cerimônia, gargalharam.

Um deles captou que não seria aconselhável rir da “autoridade”, por sinal bem generosa. O vinho pago deu-lhe bons modos:

— Frete?! Isso não existe, excelência: o mar não cobra pelos ventos nas velas, o ganho é com a captura de escravos que são levados para os fazendeiros... E as Áfricas também não cobram pelos negros...

Gargalharam novamente, considerando-se engraçados.

— Fazendeiros? Que fazendeiros? — inquiriu Severo.

— Os donos de plantações e de escravos... esses cada vez ficam ainda mais ricos... Não fazem nada, a não ser nos explorar, nós que somos os homens do mar.

Um dos marujos, com ar desanimado, completou:

— Aliás, fazem sim, outra coisa, e até demais: quase todos judiam dos escravos. Perdão, deixe-me corrigir, excelência: não judiam, por qualquer deslize, simplesmente os matam.

Um dos marujos, mais embriagado do que os outros, propôs:

— Por um bom preço, oferecemos a vossa excelência uma fantástica informação... sobre...

Os outros dois arregalaram os olhos. Inquietaram-se muito.

Dir-se-ia que sua embriaguez desaparecera.

Havia algo no ar... com cheiro de fortuna...

Veio mais vinho, mas os homens recusaram-no.

Severo, ladino, qual jogador em lance arriscado, ofertou:

— Está bem. Guardarei segredo...

Os homens entreolharam-se, temerosos, desconfiadíssimos.

— Cinquenta moedas a cada um! Mas têm que merecê-las...

O mais velho, vencida toda resistência, confidenciou:

— Descobriram ouro na Colônia. Por enquanto não estão divulgando, pois há temor de confisco pelas autoridades.

— Ouro?! Onde? Como souberam disso?

— Nossas vidas não valerão nada se souberam que fomos nós que contamos... O ouro está lá para dentro do sertão da Capitania do Rio de Janeiro, numas terras selvagens, de ninguém...

— Mas, digam-me e o digam com força da verdade: como souberam disso?

Os homens encolheram-se, simultaneamente.

Após longa pausa, um disse:

— Temos um conhecido, meio parente, que é pirata, mas pirata de terra Fica rondando pelo porto, observando o movimento, para dar as "deixas" aos colegas do mar: um amigo dele, que é tropeiro, ficou sabendo do ouro, que por enquanto está sendo escondido lá no mato.

Ouro! Ouro! Severo sentiu o súbito fulgor que a ambição desperta na alma das criaturas que buscam os poderes terrenos, concedidos apenas aos que têm fortunas.

Calculista emérito, num segundo viu-se embrenhando nas terras selvagens, dominando os ignorantes que ali existiam e dos quais se tinha poucas referências. Nada mais lhe disseram os homens, que embora trôpegos, se retiraram.

Ao chegar em casa, falando baixo, como que temendo ser ouvido na América, confidenciou à esposa:

— Antoninha, desta vez vamos que vamos...

— Cruzes, ó homem: para onde?

— Ao novo mundo!

— Este cá está muito bom e ainda sou de pouca idade para ir conhecer o Salvador pessoalmente...

— Então não percebes, mulher, do que te falo? Ninguém está pensando em morrer. Estou falando de forrar nosso baú de ouro e ali depositar tanto dele que nem se possa fechá-lo!

— Vais roubar o Tesouro da Pátria? Está sempre à míngua...

— Nada disso, mulher: estou falando em ir do lado de lá do Atlântico, buscar a fortuna que dorme dentro daquelas matas.

— Estás louco? Quem te disse que o dinheiro, em qualquer lugar do mundo, precisa ser acordado?

— Deixe te contar: vou até lá, sozinho, vejo o que se passa e volto com a resposta que há tempos estou a buscar.

— Resposta?! Qual a pergunta?

— Como ser convidado de el-Rei e levar minha família em palácio? De quanto vou dotar os futuros consortes de Carlota e Juliaiva, que já já a primeira e logo mais a outra, ora pois, hão de querer o matrimônio, duvidas?

— Bem perguntado, ó marido! O Salvador te guie! E te responda.

Severo era bem relacionado junto aos fornecedores de vinho à nobreza lusitana. Alguns deles, nobres, inclusive, atendiam Sua Majestade, el-Rei.

Valdeiro Borba, também residente na cidade do Porto, comerciante com trânsito junto à realeza, era seu primo em segundo grau, além de ser padrinho de Henrique. Severo procurou-o:

— Ó primo, estou a querer aventura...

— Santo Deus! Com tua idade? E a comadre?...

— O que tem ela a ver com isso?

— Aventura? Ouça, meu amigo e compadre: aventura, para mim, lembra romances, noitadas, perfumes...

— Não é nada disso, homem: quero ir à América!

— Te livre a Cruz dessa loucura! Só os perdidos vão para lá... e não sei de ninguém que voltasse...

— Pois vou, de um jeito ou de outro. Quero que o primo me arranje um modo de ir, a mando da Coroa! Assim, estarei lá oficialmente e poderei voltar em qualquer navio, quando quiser, ou para buscar a família ou para desistir do que lá veja.

— Eta! Pois que não bates bem da cabeça: uma nomeação dessas só se dá para banir indesejáveis...

— Sei disso, tanto que vou comprar essa nomeação de el-Rei.

— Comprar?! Amalucaste, homem? A Coroa gasta para estes expurgos e tu queres essa tristeza e ainda pagar por ela? Que pretendes fazer lá? Precisas é de um bom doutor que te remende a cabeça...

— Escute cá: a Coroa não anda bem das pernas, todos sabem disso. Vou fornecer ao palácio real um ano do meu bom vinho sem ressarcimento, em troca de uma nomeação como ajudante de Sua Majestade, também por um ano. No decreto com meu nome será recomendado aos patrícios que por lá estejam que me hospedem, à conta da Coroa, me facilitando o exercício de *procurador real*.

— Mas, Severo, volto a perguntar: o que vais fazer lá naquelas distâncias, que não possas fazer aqui?

— Tens algo do meu sangue e por isso vou contar-te: sinto cheiro da fortuna que vem d'além mar. Cá por estas bandas pouco se pode progredir. O leão do norte (*referência à Inglaterra*) está a rugir para a esquerda e para a direita e a turma do centro faz de tudo para desgostá-lo. Sei que a maioria dos países cá da Europa temem os britânicos, donos dos mares. Ninguém ousa desafiá-los e submetem-se aos preços absurdos que cobram pelos produtos que trazem das Índias. Até os muçulmanos, desde que se instalaram em terras da Espanha, não tentam ampliar seus negócios. Estão satisfeitos com a quota

de comércio que ali realizam. A Grã-Bretanha só não os aniquilou porque então será provável que perca a confiança e a preferência dos asiáticos, não sendo nada útil sustentar uma guerra naquelas paragens, quando o lucro está por aqui mesmo na Europa.

Respirou fundo e disse com firmeza:

— Respondendo tua pergunta: vou buscar dividendos para el-Rei, pois a Colônia é para isto mesmo e até agora de lá pouco se tem tido de retorno, estando os piratas e os corsários a lucrar mais que todos.

— Homem, tu tens visão de águia, até parece que voas mesmo sobre a História atual!

— Então? Vais me arranjar o salvo-conduto real?

— Que os fados de protejam: vou tentar, lá isso vou mesmo.

Nas semanas seguintes, Severo esteve sempre perambulando pelo cais lisbonense, qual ave ciscadeira, catando aqui e ali, aleatoriamente, notícias das terras e das gentes da outra margem do Atlântico.

Em suas pesquisas, pouco descobriu que ainda não soubesse.

Marujos — senão todos, grande maioria —, de todos os navios e de todos os tempos, nos dias e nas noites que eles ficam atracados, sempre vão à terra firme, onde se entregam primeiro ao álcool, sabidamente chave de onde estão guardados os sentimentos. Depois, quase sempre com a moral anestesiada pela bebida, mantêm encontros clandestinos, promíscuos e não raro perigosos, seja por causa dos assaltos frequentes ao bolso ou do assalto à saúde — contração de moléstias. Mas, o pior de todos os assaltos, em qualquer época, local ou circunstância, é aquele à moral, onerando o Espírito: a prática do sexo irresponsável, isto é, o sexo pelo sexo.

Severo já nem mais conseguia dormir, com pensamento fixo e crescente nas terras coloniais. No pouco que dormia, sonhava invariavelmente com índios, escravos e ouro, muito ouro.

Seu pensamento era um só: ir ao Brasil, sob proteção real, lá fazer um bom investimento e retornar à Pátria, deixando alguém de confiança para cuidar dos negócios e da remessa dos lucros. Via-se circulando em palácio, conversando e bebendo vinho com nobres e com o próprio el-Rei. As filhas, Carlota e Juliaiva, antevia-as bem casadas. Henrique... bem, Henrique só tinha a seguir-lhe os passos e herdar toda a "imensa fortuna" que desde já existia em sua mente.

Passou a recepcionar, pessoalmente, todos os cavaleiros, carroças, carros de bois e até mesmo andarilhos que sempre passavam por suas terras. A cada sinal de que alguém se aproximava, a ansiedade fazia-lhe o coração bater mais forte, imaginando que seria Valdeiro, com a sonhada designação real.

Dois meses após seu encontro com o compadre, no qual fizera o pedido de intercessão junto a el-Rei, Severo já começava a se perguntar se tudo aquilo não passava de um pesadelo. Sim, porque em todas as suas maldormidas noites, acordava após sonhar com ouro... muito ouro.

Antoninha, prudente, temia tocar no assunto e arranjar uma grande confusão. Contudo, mais amiga do que prudente, aliás, amando sinceramente ao marido, orava ao "Nosso Senhor Salvador", para que o "seu Severinho" tivesse, da vida, aquilo que fosse melhor para ele e para a família - da qual, ela própria, fazia parte...

A mulher percebia a inquietação do marido, aumentando noite e dia e refletia que só mesmo com a oração é que poderia ajudá-lo.

Finalmente, aconteceu: Valdeiro, com a família, veio visitá-los.

Recepcionados com a cortesia e o carinho tradicionais dos portugueses dispensados aos parentes, logo à refeição ninguém disse palavra sobre aquilo que Severo mais queria ouvir.

Severo, contudo, viu no brilho do olhar do compadre o clarão e a força de um canhão, no instante do disparo. Intuiu que seu

pedido houvera sido deferido. Demonstrando inaudita calma e absoluto controle, até despistou nas poucas vezes que o assunto pendia para o mar, para outras terras...

Quem não conseguiu reprimir a pressão do que lhe ia na alma foi Valdeiro: algo trêmulo pegou no cotovelo de Severo e sugeriu:

— Ó compadre, temos uns tantos assuntos a falar e não devemos cansar as mulheres e crianças. Vamos ao Riacho D'Antas?

O Riacho D'Antas, nome dado por Severo — e que foi acatado por todos —, era um córrego de águas límpidas que cortava as terras do imenso vinhedo. O nome devia-se ao fato de na nascente existirem antas (monumentos de pedras sobrepostas).

Foram. Severo em passo lento. Valdeiro, querendo acelerar...

Antes de se aproximarem das águas, que cândidas e cantantes passavam marulhando, Severo atordoou o compadre com uma pergunta à queima-roupa:

— Quando posso partir?

Valdeiro estacou, boquiaberto:

— Então, compadre, estás a me sair um belo adivinho...

— Sim, sim — atalhou Severo, agora impaciente: diga-me, homem, el-Rei concedeu-mo o predicado?

— Pela Cruz, sabes das coisas: quando quiseres, iremos juntos à Capital e tu deverás passar na Casa do Tesouro, para que o tesoureiro-mor te dê as incumbências e o salvo-conduto.

— Perfeito! Iremos amanhã mesmo. Mas agora, temos cá um pato que só dona Antoninha sabe preparar, ao “molho do Amaral”. Sabes que quando se trata dos assados, meu sogro é um homem que tem todos os segredos do forno e foi ele que incrementou o modo de preparar tais aves.

— Mas o vinho é teu, pois não?

— Justo, homem: para o molho e para a boca.

No dia seguinte, Valdeiro e Severo foram a Lisboa.

Severo levava um considerável lote do bom vinho que produzia, fato que lubrificou seu ingresso naquele vetusto quão importante estabelecimento da Coroa — a casa de el-Rei de Portugal!

As finanças reais não estavam mesmo equilibradas e não poucas eram as preocupações de Sua Majestade. Caiu bem em palácio a proposta feita por Valdeiro, de el-Rei enviar um fiscal de rendas e de aduana às Terras da Santa Cruz. Pois, além de certamente aumentar a arrecadação devida ao Rei de Portugal, esse fiscal ainda forneceria bom vinho para a corte durante o prazo de sua missão. Naturalmente sua remuneração seria em comissão, proporcional ao aumento da arrecadação que resultasse de suas providências.

Foi com mãos trêmulas e voz brecada que Severo pegou a *carta régia* nomeando-o intendente-auxiliar do Tesouro de Portugal. Pelo documento, eram-lhes abertas todas as “portas portuguesas instaladas além-mar”, sendo-lhe garantida passagem em “cabine de conforto nas naus portuguesas sobre o mar”, para quaisquer viagens marítimas que desejasse — com ou sem a família. Aliás, se levasse a família, essa também teria as regalias de viagem e de hospedagem, por conta da Coroa Real... Se a família ficasse, seria “protegida de el-Rei”.

Assim, hospedagem e viagens eram-lhes ofertadas, a ele e familiares, em nome de el-Rei, pelo que tudo lhe seria proporcionado sem quaisquer ônus.

Foi estabelecido um prazo de validade para a missão: três anos.

Uma cota de vinhos seus para a corte, gratuitos, também por três anos...

Ao deixar o Tesouro Real, Severo não conseguia conter o júbilo, sorrindo à toa e dando pulos de quando em quando.

Foi direto ao porto.

Ao exhibir a *carta régia* “lavrada por el-Rei”, pôde bem depressa testemunhar o valor e a força que lhe houveram sido

dados. O chefe da aduana lisboeta, todo medidas, informou-o das partidas previstas para o Brasil: uma, em duas semanas e outra para dentro de dois meses.

— Irei na próxima. Agora, quero que o brigue (navio de pequena tonelagem) que será capitania do “meu” comboio, me leve à minha cidade do Porto, onde vou recolher pertences e utilidades para a viagem à Colônia. No retorno, os quatro galeões se juntarão ao brigue, para escoltá-lo na travessia.

— Sim, senhor Severo. Às suas ordens.

Chegando a casa, Severo narrou à esposa como as coisas tinham se passado. Concluiu:

— Minha querida Antoninha: vais ficar sem mim por algum tempo, mas é só até eu ficar rico, ou antes, se tu quiseres me acompanhar...

— Sabes que não posso, Severo. Penso nos nossos três filhos: que futuro poderiam ter junto a índios e escravos?

— Sei que tens razão, porém te prometo, mulher, que se as coisas por lá se encardirem, volto em seguida.

— Vê lá o que vais fazer e com quem vais andar...

— Essa é outra promessa: ser-te-ei fiel, de alma, coração e sangue! E enquanto cá ficares sem mim, terás a proteção de el-Rei.

Assim, deixando instruções quanto ao suprimento vinícola à Sua Majestade, Severo arrumou as malas, prevendo voltar uma vez ao ano, por durante os três anos da missão. Ou a qualquer momento, se assim as coisas isso indicassem...

Na véspera do embarque da cidade do Porto para a Capital, de onde partiria para a Colônia, chamou os filhos e com sentida emoção despediu-se deles, prometendo-lhes um futuro alvissareiro, motivo do seu sacrifício no presente.

Não conseguiu dormir, senão breves cochilos, deles logo despertando, agitado, pois, num sonho recorrente, uma terrível imagem teimava em se repetir: via-se prisioneiro de escravos,

enfurecidos, que juntamente com piratas, não menos ferozes, torturavam-no...

Quando o brigue "Santa Inês" se afastava do cais, ainda distinguiu sua bela Antoninha acenando-lhe, com as lágrimas a sufocá-la. Os filhos, com olhar de espanto e incredulidade ante aquela brutal mudança do convívio familiar, choravam de angústia plena. Chorou ele também.

Para trás ficava o grande tesouro do seu coração — a família.

À frente, ia buscar a fortuna para seu bolso... o ouro.

Ia para um destino incerto, sem nenhuma alma amiga ou sequer conhecida, numa terra inóspita e desconhecida, ofertando seu futuro aos fados. Vieram-lhe à mente inquietas interrogações:

— *"Meu Deus: o que estou fazendo neste navio?"*.

— *"Será que isto é um pesadelo?"*.

— *"Será que estou louco e não percebi?"*.

Livrou-o do tormentoso estado mental o capitão do navio, que vendo-o a cismar e sabedor de sua importância, julgou prudente ganhar-lhe a amizade, com o que, mais à frente, só teria a lucrar:

— Com a sua licença, senhor Severo, se me permite, posso prestar-lhe algum favor, por pequenino que seja? Sou seu criado!

— Obrigado, homem. Diga-me lá, quanto tempo estás nesta vida de navegar e navegar?

— Muito tempo, senhor... muito tempo...

— Como são a terra e as gentes da Colônia?

— A terra é de fartura, para tudo. Mas as pessoas... essas são de raças que mais parecem um caldeirão de sopa, pois lá temos patrícios, mas encontramos silvícolas, africanos-escravos, cafuzos e mestiços.

— A mim me interessa cumprir a missão de confiança que me distinguiu el-Rei, por isso eu te pergunto e só me respondas se tu sabes. Sobre os patrícios: como vivem, aparentam posses, obedecem às leis da Coroa?

— Seria fátuo se dissesse a vossa excelência que conheço a resposta. Mas há quem a sabe: os senhores de engenho! Qualquer um deles.

— O que vai nosso comboio fazer no Brasil?

A pergunta, feita de chofre, encabulou o capitão:

— Ora, pois: levar o senhor Severo!

Matreiro, o capitão adulou o emissário real, buscando ganhar tempo para arquitetar resposta melhor.

— Obrigado, meu capitão. Só que embarquei muito depois da viagem já estar decidida...

— Hum... senhor... não posso me comprometer...

— Sabes que aqui el-Rei fala pela minha boca. Se não me dizes o que te perguntei, ponho em caldo de suspeita o proceder do meu capitão e o futuro deste brigue.

Aquela não era uma ameaça: era uma ordem, taxativa.

O capitão percebeu que lidava com um homem de grande psicologia, nada parecido com os tantos nobres que já hospedara a bordo.

Severo, como se dando mais linha ao peixe fígado, com sensibilidade e senso de oportunismo, deixou-o à vontade:

— Não te amofines, meu capitão. Minha missão não é em águas do Atlântico, e sim lá nas Terras da Colônia. O que se disser aqui neste tombadilho, nem os peixes hão de ouvir ou saber.

— Sim, senhor Severo, sei que vossa excelência é um homem bom e muito inteligente, senão Sua Majestade não o teria nomeado para tarefa tão importante. Mas estamos no mar, e para os homens do mar, existem leis que não podem ser quebradas. Um falsete com as coisas do mar pode custar caro...

Agora era o capitão que assumia as rédeas do inquietante diálogo. Nos navios que comandava, jamais deixava que alguém superasse sua autoridade. Nada temia, a não ser os piratas. Por algumas vezes já se defrontara com eles, mas além da sua

competência no posicionamento das velas, para fuga, os fados também o haviam protegido.

Severo, em guarda, contemporizou:

— Então, se também estou no mar, sob escudo real, que as águas permaneçam azuis. Se tu achas prudente não me contar algo que sabes bem, a decisão é tua.

Nem ameaça, nem ordem, mas incômoda perspectiva.

O capitão resolveu aliviar a tensão, até porque se nada mais dissesse, pairariam suspeitas sobre ele.

E aquele “homem do rei” não era nada bobo...

— Muito bem, senhor Severo, ouça lá o que digo a vossa excelência: sou homem de fé, de palavra e de honra, não traio nem a um cão. Mas se vossa excelência está indo para as terras coloniais, será prudente que se capacite de que por lá só há uma lei — a da sobrevivência.

— Espere lá, capitão: não estamos indo à África, mas sim a um pedaço do mundo que pertence a Portugal...

— Sei disso, senhor, mas o mar é um muro muito grande, muito alto... cá da Europa ninguém vê os de lá... e eles nada têm a temer dos de cá, pois quem vai dizer-lhes o que fazer?

— Quando o meu capitão diz “eles”, a quem te referes, me faz o favor?

— Com todo o respeito, se fosse vossa excelência, buscaria me entrosar com os donos de engenho... eles mandam em todo mundo. Inda agora nossa viagem é patrocinada por eles. Nossos quatro galeões de apoio, vieram lotados de açúcar e agora, de retorno, levam-lhes suprimentos para lavoura. Só que dessa vez estão indo mercadorias diferentes... para outra atividade...

Severo intuiu que outra atividade era essa: mineração.

Disfarçou:

— Bem, parece que ao menos em uma pessoa não mandarão...

— Touros a brigar recomenda a prudência aos novinhos deles se afastarem...

— Mas não me dirijo à Colônia para qualquer combate, menos ainda como cão de guarda da Coroa, apenas como inspetor-conselheiro do Rei — que o Criador o proteja! Não levo ameaças na bagagem, não pretendo me confrontar com quem quer que seja, nada pretendo modificar, não é minha intenção consertar o mundo.

Respirou fundo e concluiu:

— Leva-me o ideal de construir um futuro para minha família...

— Mas, senhor Severo, indo à Colônia, como vossa excelência poderá garantir esse futuro?...

— Não sei... não sei... um impulso muito grande me colocou neste navio e às vezes até já me perguntei se isto foi uma coisa boa... voltando aos senhores de engenho, é tanto assim seu poder?

— Não tem limites senhor, eis que as terras do Brasil até parecem que são a metade do mundo, ninguém consegue chegar-lhe aos limites e em assim sendo, também não há fronteiras para o comportamento, não havendo a menor possibilidade de se saber a verdade.

— Capitão: a que verdade te referes?

— Dinheiro, excelência, dinheiro! Da mesma forma como o decreto manuelino<sup>2</sup> determina um quinto da produção de minérios à Pátria, imagino que está a fazer falta uma fiscalização no cumprimento da lei para a captura de escravos<sup>3</sup>, que estão sendo levados aos magotes.

---

<sup>2</sup> “Ordenações Manuelinas”: datadas de 1532, determinavam que um quinto (20%) de todo o minério extraído pertencia à Coroa.

<sup>3</sup> Até então, a mão de obra escrava na Colônia compunha-se, na maioria, de índios “domésticos”, trabalhando nas plantações. Escravos trazidos da África, eram minoria, pois àquela época, só havia autorização para serem trazidos 200 (duzentos) por ano, para os paulistas. Logo, esse quadro iria se inverter, brutalmente...

— Compreendo, compreendo. Contrabando de negros, pois não?

O silêncio do capitão homologou o entendimento.

Novamente, bailaram no ar referências à mineração... ouro...

E era da África, triste África, o ônus brutal, com seus filhos sendo arrancados à terra-mãe e serem levados além-mar alavancar o progresso da Colônia lusitana Brasil, ali derramando seu generoso *sangue*, seu profícuo *suor*, e suas não menos tristes *lágrimas*.

Nos dias que se seguiram nada mais comentaram a respeito, Severo e o capitão do navio.

Na falta do que fazer, Severo passava a maior parte do tempo no tombadilho. Gostava de olhar ora um cardume que passava rente ao casco do galeão, ora grandes peixes que com incríveis piruetas saíam do mar, projetando-se a cerca de dois metros acima da água, para logo mergulharem e desaparecer. O que pretendiam tais peixes? Ver o Sol? Fugir do mar? Voar? Mudar de vida, assim como ele?...

A faina a bordo seguia rotina dolente, dia após dia, noite após noite, só havendo alvoroço quando os ventos prenunciavam tempestade, que às vezes nem aconteciam, embora ameaçassem.

Em conversa com os marujos, logo Severo compreendeu que o grande, imenso, insuportável perigo, não eram os ventos fortes, mas sim, a ausência de qualquer vento. Nessas oportunidades, pois aconteceu por três vezes, Severo pôde notar o verdadeiro estado de histeria que se apossava dos homens: olhos arregalados, emudecidos, com perda do apetite, entreolhavam-se cismarentos.

As calmarias — asseguravam os homens —, felizmente, não duravam muito, mas quaisquer que fossem, seu tempo era uma angustiada eternidade. Contaram que algumas vezes, raras, acontecia de ser encontrado um navio fantasma, isto é, alguma embarcação que por falta de ventos, não se deslocava de

determinada área, esgotando os suprimentos de víveres e principalmente de água. Aí, à medida que os homens a bordo iam morrendo, seus despojos eram lançados ao mar, pois havia o temor de doenças contagiosas. Ou então, viajando em comboio, às vezes acontecia de uma nau ser pilhada na calmaria prolongada e a tripulação a abandonava, em batéis, com os quais se transferia para os navios que iam à frente. Nessas manobras, não poucos barcos conseguiam alcançar o navio, que fugia célere dali... e o destino dos que vinham nos batéis, era trágico.

Quando aconteceu a primeira calmaria, dois marujos do "Santa Inês" tiveram que ser amarrados, no porão, pois se descontrolaram a tal ponto que ameaçavam, a todo instante, se jogar no mar, "para ir a nado até a Colônia"...

Após essa primeira experiência das calmarias, Severo passou a ter pesadelos: todas as noites sonhava que o mar se transformava em vinho — seu vinho —, e que o brigue, após rodopiar num grande vórtice, era tragado pelas águas, afundando qual uma garrafa sem rolha jogada nos grandes tonéis da sua vinicultura. A seguir, invertia-se o sentido do vórtice, em cujos formidáveis rodopios, o vinho saía do mar e ia para o céu, onde se transformava em brumas, fugindo dali em direção à terra.

Acordava assustado, com taquicardia, molhado de suor. À sensação de grande alívio por tudo aquilo ser apenas um mau sonho, sobrepunha-se-lhe na mente aflitiva pergunta: "*O que será que está acontecendo com Antoninha, meus filhos e minha quinta? Será que acertei em deixá-los?*".

Tentava decifrar o sonho: tempestade, perda do vinho no mar e posterior fuga desse mesmo vinho para longe...

Sua vida! Sim, esse era um quadro de um futuro sombrio...

"*Ainda bem que tudo não passava de sonhos*", refletia, acalmando-se e indo para o passadiço, onde, à exceção do timoneiro, firme a postos, parecia que o mundo todo estava parado.

Estrelas, milhares delas, contemplavam os dois homens.

Severo instalava-se próximo ao timoneiro e ali permanecia por longo tempo, só meditando.

Mudos, ambos.

Mas suas almas debatiam-se em diferentes turbilhões de lembranças, saudades, dúvidas, aflições, planos para o futuro...

Depois da longa travessia, decorridos cerca de dois meses, o "Santa Inês" e os quatro galeões que o acompanhavam, aportaram no Rio de Janeiro, porção mais ao sul do vice-reinado da Colônia, este com sede em Salvador, na Bahia.

A autoridade máxima da governadoria veio recebê-los.

A Severo, por honra, direito e respeito ao que dele esperava el-Rei, coube-lhe descer em primeiro lugar.

— Bem-vindo quem o mar nos traz... sou Dom Fernando Serra Silveira, autoridade-mor cá onde el-Rei de Portugal mo comissionou.

Todo mesuras, ávido por notícias da Pátria, o mandatário lusitano daquela parte colonial não disfarçou um ligeiro abalo ao ver o édito real que Severo entregou-lhe, segundo o qual el-Rei o nomeara intendente-auxiliar do Tesouro Real, com jurisdição em todo Portugal e Reino Unido de Algarve. Ali, isso era o mesmo que colocar-lhe um cão de guarda nos calcanhares.

Severo também não disfarçou o mal-estar que sentiu, ante a reação do patricio. Já ali captou que sua missão não seria nada fácil.

— Pois então, vossa excelência — contemporizou —, por quem somos dedicados, el-Rei, manda-lhe efusivos cumprimentos.

— Ah!, senhor Severo, grato, gratíssimo. É de meu prazer saber que Sua Majestade está bem.

— Sim, excelência, eu é que no momento não estou lá muito firme, pois o mar castigou-mo com a rotina, logo eu que sou homem de muitos quefazeres. Preciso de um pouco de repouso, de algo apetitoso e... de sua amizade.

— Mas, então, homem: sou todo teu, ou melhor, a Colônia se rende a tão ilustre visitante!

— Perdão, excelência, não sou visitante: venho para ficar.

Percebendo o escorregão diplomático, Silveira remendou:

— Eu é que peço desculpas, senhor Severo.

Num gesto de confraternização, Severo cochichou, maroto:

— Trago para vossa excelência o melhor dos vinhos da minha quinta. Desta safra, só el-Rei e nós beberemos...

— Terei alegria em hospedar-te nas dependências governamentais. Tudo o que o senhor Severo precisar, eu fornecerei.

A seguir, Severo convocou o capitão do "Santa Inês", que se mantinha a cerca de dez metros, aguardando ordens:

— Ó, meu capitão, grato pela travessia: és competente e um bom homem do mar. O brigue está em boas mãos.

— Nosso capitão — disse, dirigindo-se à autoridade —, retornará quando o açúcar estiver embarcado nos galeões. Para a Inglaterra.

Vinte dias após, Severo pouco sabia do que se passava nas imensas e perdidas terras da Colônia. Às vezes, pensava em viajar, mas primeiro precisava estar certo de onde ir, com quem e com qual finalidade. Tudo se reduzia a um imenso vazio...

Então, inesperadamente, desapareceu o vácuo existencial:

— Senhor intendente — procurou-o o governante daquelas terras, informando: estou de partida para o sertão, mais para dentro e para o norte, pois meus informantes trouxeram-me rumores estranhos...

— Hum...

— Pois é: alguns contrabandistas chegaram doentes, vindos de lá e ao serem socorridos, antes de morrerem, contaram que o ouro brotou do chão... em seus pertences, foram encontradas pepitas de ouro... Estou indo às terras onde as encontraram. Vossa excelência não quer ir com a comitiva?

— Rumores são suficientes para levar vossa excelência?

— Dizes bem, contudo, além dos rumores, há mais: o fato é que há quatro anos dei de *armação*<sup>4</sup> a um espanhol ordens e meios para ir para lá e agora recebi recado dele, vindo por um mensageiro de Taubaté, de que realmente “algum ouro” foi encontrado. Imagino que el-Rei gostará de saber que fui conferir, pois não?

Severo não deixou por menos:

— Nesse caso, não recebo a oferta como convite e sim como obrigação leal à Sua Majestade, pois se para cá vim ser o intendente real, como poderia a comitiva não mo levar?

— Mas é óbvio — emendou Silveira, algo irônico: vossa excelência será o olho do nosso Rei e eu serei os braços de Sua Majestade.

— De que vale um sem o outro? — inquiriu Severo, irritado.

Partiram dois dias após, rumo ao sertão, fortemente escoltados, em busca de algo que há cerca de dois séculos, do lado de lá do Oceano Atlântico, o reino português, agora em dificuldades financeiras, vinha aguardando. O Tesouro real, literalmente, sonhava com um *milagre que caísse do céu*, aliviando-o, dando-lhe a alegria dos filhotes de aves sendo são alimentadas pela mãe, ao retornar esta ao ninho, após seus voos de busca.

Se para Severo a travessia marítima fora dificultosa, apática, pelo absoluto marasmo, só arranhado quando de tempos em tempos mareou, só agora percebia como aquela caminhada em terra firme era muito mais áspera: veículos rudes, puxados por cavalos, e uma enorme carga no lombo de dezenas de muares, recebiam permanentes intrusos como acompanhantes: insetos, roedores, cobras e diversos animais.

---

<sup>4</sup> “Dar de Armação” = documento dado por autoridade ou capitalista da época a desbravadores (bandeirantes) para, sem ônus e mediante alguma paga, embrenhar-se com escravos e homens armados, para aprisionar escravos ou, conforme o caso em tela, proceder a uma averiguação oficial.

Assim era, dia e noite, noite e dia.

Os escravos, necessariamente cabisbaixos, por ordem dos feitores que os controlavam, volta e meia carregavam nas costas as duas autoridades da armação: o governante e o intendente, isso, nas travessias de pequenos cursos d'água ou em áreas lodosas.

Nunca será exagero comparar a coragem e as asperezas enfrentadas pelos marujos de então com as dos sertanejos, desafiando aqueles, a vastidão do mar, e estes, a imensidão das florestas, movidos ambos pelo indomável sonho humano de progredir e progredir cada vez mais... Infelizmente, ambição de parêntese...

O ímpeto das travessias marítimas, a partir dos descobrimentos, há cinco séculos, dava continuidade à eterna busca humana de um mundo melhor (a felicidade), da mesma forma que o faziam e alguns ainda fazem:

- os beduínos e os nômades, de vários países, cruzando as dunas saarianas;
- os vikings, arrojando-se das águas geladas às mais quentes;
- os peregrinos, de todas as religiões, seitas e credos;
- os caraveleiros, na busca do "mundo novo";
- os bandeirantes, mergulhando nas matas e sertões;
- os homens do campo, vindo para as cidades;
- os migrantes, emigrantes e imigrantes que, a bordo de um sonho, deixam sua região ou seu país e, de forma voluntária ou sob pressão econômica, vão para outras plagas ou outros países;
- os astronautas, orbitando a Terra, preparando para desembarcar em outros mundos...

Na raiz dessa dinâmica humana, encontraremos o espírito imortal agindo incessantemente, sob o impulso e o influxo, felizmente inexoráveis, da Lei do Progresso, de autoria de Deus.

Progresso moral, "no fim das contas...".

\*

Seis semanas depois a comitiva alcançou quase que o ponto pretendido, sem que nenhum fato marcante ocorresse. Ali era um pequeno e desconhecido vilarejo, onde acamparam.

Os armeiros do governante logo desapropriaram uma casa, "em nome de el-Rei de Portugal", para usufruto no tempo necessário, onde as autoridades se instalaram.

Os donos, voltados para a plantação de alguns grãos, exaustivamente inquiridos, nada disseram que levasse o governante a confirmar as notícias de mineração por aquelas bandas. Ao contrário, estarrecidos ficaram todos, ao saber que poucas semanas atrás, índios ferozes eliminaram uma expedição que os tentara escravizar.

Consultando seus mapas, Silveira propôs a Severo que, estando próximos à área de destino, a *armação* se dividisse em duas e cada metade avançaria em arco, rumo ao ponto final, logo se reencontrando. Tal deslocamento proporcionaria varredura integral da região, única forma capaz de se certificarem do que de verdade havia.

E assim, aceita a sugestão, no dia seguinte, lá foram Silveira e Severo rumo mais para o interior daquelas terras inóspitas, cada um comandando a metade do grupo inicial.

Severo não se acostumara a viajar ao lado de homens que jamais supusera ter como acompanhantes, mas aquela era a jornada que afinal iniciava a concretização do seu sonho de fortuna: achar ouro.

Mas, à frente, tudo poderia acontecer.

E, verdadeiramente, muita coisa aconteceu...

## Frente a frente com o ouro

O fascínio do ouro sobre a alma, desde os tempos imemoriais, turba a razão e provoca surdez à consciência, levando a maioria dos homens, equilíbrio ausente, a procedimentos brutais.

Designar um estrangeiro para embrenhar-se nos sertões com uma expedição oficial, porém disfarçada, fora estratégia das autoridades portuguesas, desconfiadas de que, se por acaso a descoberta das minas fosse feita por nativos ou patrícios, dificilmente um delataria o outro, antes, fariam acordo. Com prejuízo da Coroa Real... Um estrangeiro, caso acontecesse tal descoberta, teria necessariamente que se reportar à autoridade em exercício na Colônia, para usufruir o que conseguisse.

Assim, Mendonza, disfarçado de um misto de *entradeiro* e *tropeiro*, espanhol, financiado por autoridades portuguesas, secretamente agindo como espião realizava várias excursões, partindo do Rio de Janeiro com destino a Goiás, passando por Mato Grosso. Levava mantimentos, ferramentas, tecidos e aguardente para negociar com as *entradas* e *bandeiras*<sup>5</sup> de quantos aventureiros que, em busca de ouro e pedras preciosas, iam para tão longe, sendo que muitos nunca mais voltavam (aliás, só voltavam aqueles que enriqueceram, minoria...).

---

<sup>5</sup> "*Entradas*" = No Brasil dos tempos coloniais, expedição oficial em direção ao sertão, organizada com o propósito de apresar índios ou descobrir minas;

"*Bandeiras*" = Expedições com o mesmo intuito, mas de caráter particular.

A função de Mendonza, dessa forma, era disfarçada: embora agisse como tropeiro, na verdade, era espião oficial de Portugal.

Para despistar, volta e meia comprava escravos, pelo caminho.

Até então, nada soubera sobre o sonhado descobrimento de ouro e pedras valiosas. Se isso já tivesse acontecido, certamente ele seria um dos primeiros a saber, devido ao contato permanente com quase todas as intrépidas expedições.

Em 1694, recebera a missão de comandar a *armação* oficial, que seguiu viagem disfarçada de *Entrada Santa Virgen*.

Em 1696, após serem vencidas montanhas e florestas, permeadas de riachos e cachoeiras, a *Santa Virgen* acampou numa pequena clareira, que conhecia bem.

Não só ele: também ali acampavam algumas vezes aqueles que se dirigiam mais para o norte e que elegeram aquele sítio como pouso, na ida e na volta.

Agora, ali, um fato iria mudar a história da Terra! Sim, porque grande parte do ouro que ali lavrado se destinaria a Portugal e de lá para a Inglaterra, face acordos comerciais entre os dois países, dos quais Portugal era forte devedor. E com o ouro assim amealhado, a Inglaterra o destinaria a financiar a chamada *Revolução Industrial*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Revolução Industrial: Movimento iniciado na Inglaterra, que mudou a vida da humanidade, pela transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 a algum momento entre 1820 e 1840. Esta transformação incluiu a transição de métodos de produção artesanais para a produção por máquinas, a fabricação de novos produtos químicos, novos processos de produção de ferro, maior eficiência da energia da água, o uso crescente da energia a vapor e o desenvolvimento das máquinas-ferramentas, além da substituição da madeira e de outros biocombustíveis pelo carvão. A revolução teve início na Inglaterra e em poucas décadas se espalhou para a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Nota extraída da Wikipédia, a enciclopédia livre da Internet.

O local: a atual cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, de início consagrada como “Vila Rica”, pela abundância de ouro e pedras preciosas ali encontradas, há três séculos.

A título de reconhecer nova rota, o espanhol ordenou a Tengegê, um jovem escravo de quinze anos, que escalasse o topo de um monte próximo. Aliás, em todas aquelas expedições, que vinham se repetindo e arrastando há cerca de dois anos, Tengegê, qual um cabrito, se especializara em subir montanhas, sozinho. Depois, lá do alto, observava o longínquo horizonte à frente e ao descer narrava a paisagem ao *sinhô*. Com isso, funcionava como precária bússola humana e precursor do caminho a seguir.

Dessa vez, escalando o monte e chegando ao topo, seus ouvidos, sempre atentos, ante a ameaça de ser atacado por algum animal, captaram a existência de uma queda d’água. Indo conferir, na encosta do monte, oposta à clareira, e de onde vinha o ruído, viu uma nascente semiencoberta por árvores. As águas desciam mansamente...

Árvores frondosas umas, baixas outras, mas quase todas com galhos emaranhados em vegetação de cipoal, como que abraçavam aquele curso d’água, mais que isso: eram-lhe singular manta. Tal simbiose, só os milênios poderiam decifrar quando tivera início. Certo que árvores e águas se renovavam, mas a paisagem, essa só Deus mesmo sabe quando e como se formou. E por que...

Desceu com cuidado ao lado das águas que despencavam mansamente e caminhou, agora dentro do curso delas que se seguia, que mal lhe cobriam os pés.

As águas, após formarem um pequeno lago, prosseguiram em suave declive por um pequeno leito de mais ou menos cem metros, dali despencando noutra queda de mais ou menos vinte metros, mas com pouco ruído, pois galhos cruzavam e se antepunham na trajetória delas, amortecendo o jato. Curioso,

continuou descendo pela encosta, ao lado da pequena cachoeira, para ver “o que acontecia lá embaixo”.

E viu que o leito prosseguia, ainda calmo, mas ainda quase invisível, pois as árvores eram-lhe caprichosa coberta.

Decidiu acompanhar o riacho, andando dentro do leito.

“*Rio Tengegê*”, pensou, denominando aquele riacho com o próprio nome, pois refletiu que assim como ele, nascera livre, nas terras sagradas da África e, no entanto, ali estava, longe dela, cativo. “Não era isso mesmo que acontecia com aquele riacho que ele descobrira? Não nascia lá no alto, onde tinha pequena vida e logo era abocanhado pelo lago, que a seguir levava suas águas para longe da nascente?”.

Antes, agachou-se para beber um pouco daquela “água irmã”.

Por um desses fortuitos caprichos do *destino* — aqui nos utilizamos da linguagem poética, não a correta, espírita, que sabe não haver o acaso —, um raio do Sol aproveitou a traquinagem do vento e no momento que o jovem se curvou para beber água, aquele cobertor vegetal se abriu numa fresta, deixando que a luz solar incidisse diretamente à frente do seu rosto. E o Sol, vindo de tão longe, mostrou-lhe como ali, tão perto, a alguns centímetros dos olhos, saudava-o reluzente pepita de ouro...

Saudação que durou menos que um segundo, pois logo o vento foi embora e o galho retornou à posição de calma.

Mas, na mente do jovem, aquele brilho jamais se apagaria.

Atônito e deslumbrado paralisou a sede e o piscar.

Quase sofrendo por invadir “o reino das águas”, ao qual devotava idolatrado respeito, Tengegê, o jovem escravo, pousou a mão sobre a suave correnteza, mantendo-a segundos suspensa.

Fez uma brevíssima oração.

A seguir, com insuspeitada delicadeza, catou a pepita.

Só um pedacinho brilhava, pois o resto estava envolvido por uma lama preta, solidificada. Raspou a lama e viu-a brilhar por inteiro!

Mais atônito ficou ao verificar que debaixo daquela, e ao lado, existiam outras... muitas mais! Disfarçadas, pois todas tinham uma camada de um lodo preto, envolvendo-as.

Aquela que brilhou, só num pedacinho — e somente ela — foi como se a chave de um cofre fosse entregue ao escravo...

Ia passando a mão no leito, em gestos lentos e mansos, apanhando as maiores pepitas, lembrando-se de quando se deliciava nas jabuticabeiras: assim procedia, apanhando as maiores, que eram mais doces, por estarem mais maduras...

Deslumbrado com as pepitas, nem por isso deixou de sentir a saudade das suas jabuticabas... Trocaria cada pepita que pudesse pelas jabuticabas.

Foi assim que, andando dentro do leito por uns duzentos metros, identificou que ele desembocava num riacho maior, que passava lá do outro lado da montanha. Volteou-a e pela fumaça identificou onde estavam o sinhô e todos os demais componentes da *Entrada*.

Voltou ao "Rio Tengegê" e devolveu-lhe as pepitas, menos três.

Esgueirando-se, despistando de onde vinha, dando a impressão de que da mesma direção da ida, voltou ao acampamento. Narrou ao Sinhô que a paisagem que se avistava do topo era a mesma que a dali.

À noite, com a cumplicidade da escuridão, retirou as pepitas do bolso e entregou-as a Zangigi, o mais velho dos escravos, por isso mesmo acatado e tido como seu líder moral. Até mesmo o dono da *Entrada* respeitava essa liderança, pois não poucas vezes a ela recorria para resolver crises ou aplacar eventuais movimentos revoltosos dos escravos.

Tengegê, em sussurros, contou a Zangigi como a "rainha das águas" lhe mostrara o ouro. "Minhas jabuticabas", brincou.

Zangigi demonstrou terrível preocupação: multiplicadas rugas assomaram-lhe à frente. O olhar, mesmo no escuro, ao invés de brilhar ante o ouro, ficou embaçado...

Tengegê não esperava essa reação. Assustou-se. Apenas com um olhar de espanto perguntou-lhe o porquê daquela atitude.

— Meu filho, salve-nos Olorum, o Criador dos mundos.

Os escravos daquela Entrada eram oriundos do “Reino dos Iorubas”, lendariamente vindos do delta do Rio Níger, estabelecendo-se, na época da Idade Média, no golfo da Guiné, numa região onde hoje se situa a Nigéria. Para os iorubas, Olorum é “o Senhor do Céu”, ou “Mestre do Céu”, (o Deus dos cristãos), e os orixás, as divindades secundárias (os santos, no caso, da Igreja Católica Apostólica Romana). O monoteísmo ioruba, embora primitivo, como primitiva era a prática do intercâmbio entre o Plano Espiritual e o material, bem dão mostras de como aquele povo já trazia no Espírito apreciável elevação moral.

Pegou as três pepitas e sentenciou, acabrunhado:

— Aqui em nossas mãos, temos a chave da nossa liberdade...

— ?!

— Não entende, criança? As pepitas que estão lá no “seu riacho” são suficientes para comprar todos os escravos desta *Entrada*, isto é, os outros dezoito irmãos nossos.

— “Meu riacho”?

— É: como ninguém ainda o viu imagino que você vai dar seu nome a ele.

O jovem admirou mais uma vez o incrível dom de Zangigi de “adivinhar” pensamentos... Balbuciou:

— O senhor está certo. Quanto a ouro, lá tem muito mais...

— Bem utilizado, poderá impedir que outros escravos sejam arrancados da terra-mãe, tão distante, e trazidos para cá, onde não nasceram, mas onde com certeza irão morrer...

Cheias de angústia, as palavras de Zangigi calaram fundo na alma de Tengegê.

— O que podemos fazer?

— Podemos fazer muitas coisas, mas por enquanto devemos fazer apenas uma: silêncio!

— Deixar todo aquele ouro lá?

— Tengegê, minha criança, lá onde está é um cofre seguro, cuja chave o Criador dos mundos deu para você. Chegará o momento de ser aberto tal cofre, do contrário não teria sentido o que aconteceu.

— Mas... o nosso dono está indo embora por esses dias...

— E o que tem isso? O cofre é da Natureza, a chave é sua, mas a hora de usar o ouro é do Tempo.

Após meditar alguns segundos, Zangigi devolveu as pepitas:

— Onde quer que você vá, dê um jeito de enterrar as pepitas e só quando sair do lugar desenterre-as e leve-as com você.

Ante a docilidade do jovem, o ancião advertiu-o:

— Jamais, mas jamais mesmo, diga uma única palavra sobre esse achado. É quase certo que se você não souber esperar a hora certa, gente nossa, a começar talvez de você, vai morrer... e gente branca também. Você não quer isso, não é mesmo?

Tengegê baixou a cabeça, anuindo.

Beijou a rugosa mão de Zangigi e esgueirando-se qual criatura da noite, foi até um ponto do acampamento e enterrou as pepitas.

Quando a *Entrada* de Mendonza partiu, deixava ali um imenso tesouro material, representado pela abundância aurífera que os milênios construíram e acumularam, mas que só dois homens conheciam.

Dois anos após, distante dali, cinco escravos recém-incorporados àquela *Entrada* fugiram.

Recuperar escravos fujões e dar-lhes exemplar castigo, então, era ponto de honra e de sobrevivência a qualquer responsável por aquelas destemidas incursões. Intentavam, com

isso, desencorajar novas fugas, aliás, bem fáceis, pois fugir para onde? Fazer o quê? Viver se escondendo pelo resto da vida?

Terríveis eram as consequências quando escravos fugiam, fossem ou não recapturados. Na primeira hipótese, eram supliciados. Na segunda, inocentes pagavam.

Após dias e dias de buscas infrutíferas, Mendonza decidiu suspendê-las, eis que oneravam mais do que a compra de outros, em reposição. Mas, como de costume, cinco outros escravos seriam exemplarmente castigados, até à morte, para servir de lição aos demais.

Por “motivos econômicos”, era praxe que nessas ocasiões fossem descartados os escravos mais velhos, ou doentes, pois eram os que menos forças tinham para o trabalho, e por isso mesmo, pouco valiam.

Foram dadas quarenta e oito horas para que os fugitivos retornassem. Mendonza esperava, com esse aviso-prévio, que algum escravo conseguisse comunicar-se com os desertores, sensibilizando-os a retornar. Zangigi encabeçava a lista fatal, da qual duas mulheres faziam parte.

Antes de o Sol raiar, no segundo dia, se os fugitivos não retornassem, a infâmia teria curso. Para tanto, os condenados já estavam amarrados em troncos de árvores e bem vigiados.

Tengegê há dois dias não conseguia dormir, chorando sem parar, com o sangue afluindo às têmporas, dilatando-lhe as veias da cabeça, fazendo parecer que os olhos iam explodir, eis que a revolta tomara-lhe toda a mente. Grande a dor pela perda dos companheiros, mas insuportável seria ver morrer Zangigi — ainda mais de forma cruel.

Alta madrugada, sem poder aproximar-se dos condenados, os quais estavam em jejum de alimento e de água, Tengegê cochilou, ou pelo menos, assim lhe pareceu, pois viu um antigo amiguinho, dos tempos ainda da África, todo cheio de luz, mostrar-lhe as três pepitas. Despertou sobressaltado, primeiro porque assistira o amiguinho de infância morrer, pois tinha

graves problemas de saúde; segundo, porque entendeu que ele tinha lhe dado um recado; terceiro, porque pela tradição ioruba, avisos dados por amigos que morreram só aconteciam quando aquele que o recebia tinha sido eleito babalaô (babalaô = sacerdote, na cultura africana e adivinho, no Brasil. Podemos dizer de uns e outros: são pessoas dotadas de faculdades mediúnicas acentuadas, todavia ainda não devidamente disciplinadas, no sentido de as exercerem tão somente com objetivos de ajuda espiritual).

Tomou drástica decisão: contrariando normas rígidas e pondo em risco a vida, de peito erguido, andando em passos cadenciados, deixou seu local de recolhimento. A madrugada ia a meio.

Um guarda logo lhe apontou o mosquete:

— Ô, você aí, neguinho bobo: quer morrer?

— Morrer não quero não senhor, mas se o senhor atirar vai ter que pagar ao sinhô Mendonza o quanto eu valho.

— Cale a boca seu moleque atrevido e só fale se eu perguntar. O que você está fazendo, fora do seu canto sujo?

— Preciso falar com o sinhô...

— Ah! eu já sabia... Bem que o patrão recomendou que ficasse alerta esta noite, pois logo mais ao amanhecer vamos economizar comida de cinco bocas velhas...

Tengegê mordeu forte os lábios, a ponto de sangrar. Conteve-se.

O guarda assobiou e logo mais três companheiros surgiram, com facão à mão, prontos para eventual combate. Vendo apenas Tengegê, sobranceiro, calmo, imponente na postura dos que têm a consciência do cumprimento do dever, os homens odiaram-no, de imediato.

Até então apenas o consideravam um escravo a mais, jovem, saudável, forte e obediente. Mas aquela atitude, naquela hora, daquela noite, era simplesmente imperdoável. Lançaram-se sobre

ele, quais feras sobre a presa abatida, pois nenhuma reação o jovem lhes interpôs.

Amarraram-no, junto a uma árvore e começaram a dar-lhe vigorosas cintadas, sem aguardar o veredicto de Mendonza — a quem cabia decidir, o como, quanto, e onde castigar eventuais desobediências.

Já sangravam as costas de Tengegê quando todos ouviram áspera ordem:

— *Que estánquen eso!* (parem com isso!).

Furioso, Mendonza vinha verificar que tumulto era aquele. Ao ver um escravo ser chibatado, sem sua ordem, exigiu explicações.

Os homens, covardes, justificaram:

— Ele queria fugir, ele queria fugir! E nos enfrentou!

Mendonza olhou Tengegê, por quem nutria alguma simpatia, eis que nunca fora desobedecido por aquele jovem e jamais fizera cara feia diante de qualquer trabalho. Ralhou, inquirindo:

— É verdade? Por que quis fugir? Não sabe que com isso mais um irmão seu iria para lá? — apontou para o céu...

— Não ia fugir. Só queria falar com o sinhô...

— Falar o quê, há essas horas?

— Só com o sinhô! Chegue perto...

Quando Mendonza, algo contrariado aproximou-se, quase rosto a rosto, Tengegê disparou, baixinho:

— O sinhô quer ouro?

— *Por la madre de Diós: quien no lo desea?* (Pela mãe de Deus, quem não o deseja?) — quase gritou Mendonza, logo murmurando: *donde está?* (onde está?).

Quando ficava agitado, Mendonza misturava a língua pátria com o português, sendo entendido por Tengegê, dada a convivência de ambos. Tengegê sugeriu que dispensasse a presença dos guardas.

— Vão tomar conta dos prisioneiros, deste cá trato eu — ordenou Mendonza, percebendo que os homens estavam

contrariados por ele estar dando trela a um escravo, desautorizando-os...

A sós com Mendonza, Tengegê murmurou as mais doces palavras jamais ouvidas por ele:

— Sei onde tem ouro. Só que o sinhô vai ter que libertar vinte e três irmãos meus: os cinco presos e mais treze.

— Mas cinco com treze são dezoito...

— Tem os cinco que fugiram. Fica feito o pagamento deles.

— Vejam só: como é que eu vou poder comprar outros tantos, se soltá-los? Será que você enlouqueceu?

— Vou contar só para o sinhô: se não tiver cuidado, o sinhô, eu, muitos brancos e muitos irmãos meus vão morrer...

— Posso saber o que é que oferece tanto perigo?

— Ouro, sinhô: ouro! Muito ouro!

Mendonza ordenou que Tengegê falasse mais baixo.

E o escravo já estava apenas sussurrando...

Os quatro guardas, à distância, observavam a conversa, ou melhor, o cochicho. Para eles, isso representava desrespeito. Perigoso desrespeito. Mendonza captou o clima. Dirigiu-se a eles:

— Esse neguinho quer me contar onde estão os fujões...

Dirigiu-se à sua tenda, apanhou um garrafão de aguardente e ofereceu aos guardas, que se descontraíram, ante a deferência e também porque ao frio da noite bem que lhes apeterceram os bons tragos.

Superexcitado, Mendonza aguardou os homens se embriagarem para voltar a falar com Tengegê, ainda amarrado. Aí, determinou:

— Você vai me contar agora mesmo essa história do ouro. Se for mentira, amanhã, há essas horas, já não estará vivo, pois daqui a pouco, quando o Sol chegar, ao invés de cinco, serão seis...

Tengegê, com frieza jamais demonstrada, assumiu o rumo dos fatos, praticamente ordenando:

— Primeiro, o sinhô me solte.

Algo receoso, mas com o facão à cintura, que o confortava bastante, o sinhô libertou o escravo. Ficou olhando-o, aguardando...

Em passos lentos Tengegê caminhou em direção a uma goiabeira e com as mãos, sem esforço, cavou o chão e dele retirou as três pepitas de ouro. Entregou-as a Mendonza. O espanhol, conhecedor de ouro, com o qual vivia sonhando em intérimos pesadelos, alisou as pepitas, mordiscou-as com cautela e logo se extasiou:

— *Donde... donde... encontró eses amores, esas pepitas?* (Onde... onde... você achou esses amores, essas pepitas?).

Com as pepitas na palma da mão, fechou-a e apertou-a de encontro ao coração. Calmo, Tengegê aguçou-lhe:

— Onde elas estão tem muito mais!

— Onde? Onde? — Mendonza agarrou o jovem e sacudiu-o. Aí, suas mãos ficaram encharcadas de sangue, proveniente dos ferimentos das cintadas. Como que se desculpando, colocou a mão esquerda na face do jovem e implorou:

— *Pela Madre de Dios*: diga-me onde está esse tesouro?

— Vinte e três irmãos — sentenciou Tengegê, ordenando, impassível.

— Vinte e três irmãos livres! — anuiu Mendonza, obedecendo, aflito.

A seguir, o patrão inquiriu-o, reassumindo a posição de mando:

— Você já contou para algum companheiro seu?

— Não — mentiu Tengegê, para preservar Zangigi, logo aduzindo: só eu sei onde tem mais. Muito mais!

— Os cinco do cocho<sup>7</sup> serão soltos amanhã, isto é, logo mais, depois que eu despedir os guardas, pois que se tornaram

---

<sup>7</sup> Cocho = tronco de árvore cavado, para servir alimento aos animais. Na época da escravidão, tinha furos pelos quais escravos fujões recapturados ficavam presos pelos pés, sendo

inconvenientes. Vá para seu lugar e não saia até eu ordenar. E fique calado!

Dessa forma, logo que amanheceu Mendonza acertou contas com os homens da guarda dos prisioneiros, que semiembriagados, não opuseram nenhuma resistência. Cada um recebeu um cavalo, mantimento para uma semana e algum dinheiro e a justificativa da dispensa:

— Vocês tomaram a iniciativa de açoitar um escravo meu, sem me consultar e isso não posso admitir. Vão embora e não me apareçam jamais.

Duas horas após o Sol raiar os cinco condenados foram soltos, sem explicações. Os demais componentes da *Entrada* não entenderam muito bem a atitude de Mendonza, mas não o questionaram, sabendo muito bem que se o fizessem ficariam expostos.

Dizendo que ia caçar, Mendonza apanhou o mosquete e determinou aos empregados que não abandonassem o acampamento, pois logo retornaria. Cumprindo ordens dele, Tengegê esperava-o, a cerca de duzentos metros. Exibiu-lhe as três pepitas e exigiu:

— Agora vamos conversar direitinho: onde estão as irmãs destas aqui?

— Num cofre que só eu tenho a chave...

— Não me venha com graçolas. Minha paciência é curta. Vou perguntar outra vez: onde?!

O espanhol acariciou a coronha do mosquete...

— Quero fazer um trato com o sinhô.

— Trato? Desde quando escravos fazem trato com seus donos?!

— Desde quando têm ouro...

— Olhe aqui, moleque: você é meu, e o que você achar passa também a ser meu. Não abro mão dessa lei. Já estou me

---

obrigados a ficar sentados ou deitados, recebendo açoitadas, como castigo.

arrependendo de estar aqui conversando, pois não há condições de eu descer nem você de subir, pois um abismo é a distância que nos separa.

— Sinhô Mendonza, o sinhô quer o ouro e eu só quero a liberdade, minha e dos outros irmãos meus.

— Vinte e três, rapazinho. Os vinte e três! Lembra-se do acordo?

— Então o sinhô aceitou meu trato...

— É — respondeu Mendonza, caindo na armadilha, mas logo se corrigindo: ainda não vi o ouro dos vinte e dois.

— Como assim? Não dei as três pepitas de amostra?

— Já. Com elas, só vou alforriar você, depois de ver o tanto de ouro que existe, sei lá onde. A cada lote de cinquenta pepitas, iguais a estas, em minhas mãos, um escravo vai ficando livre<sup>8</sup>.

Lembrando-se do "Rio Tengegê", o jovem escravo sorriu.

As pepitas que dormiam lá, logo as acordaria do sonho milenar.

E esse acordar representaria para ele e seus companheiros o fim do pesadelo da escravidão, iniciando para todos o sonho da liberdade!

Mendonza tirou-o do devaneio:

— Sei todas as trilhas que percorremos e naturalmente foi em alguma delas que você encontrou o ouro. Posso refazer o caminho de volta, par e passo, até achar o tesouro. Mas como não quero perder tempo, estou dando a concessão a você de ouvi-lo. Por falar nisso, já fui longe demais. Você tem um minuto para me contar onde está o ouro, do contrário vamos retornar ao

---

<sup>8</sup> À época, no período da mineração, no séc. XVIII, o aumento no preço de escravos e suprimentos foi exorbitante: cada escravo africano, adulto, sadio, tinha o preço de 300 a 600 oitavas (oitava = pouco mais de 3 gramas de ouro). Para simples comparação: no Brasil Colônia, um boi era vendido por cem oitavas. Esses preços oscilavam, sempre em razão da demanda, crescente.

acampamento e aí eu sei um jeito fácil de convencê-lo a me dizer a verdade...

Tengegê sabia o que o aguardava, ou melhor, o que representava a ameaça, não só para ele, mas para os demais escravos: açoite, até à morte, um por um, até ele obedecer e contar onde existia ouro.

— Sim sinhô, vou contar. Pelas minhas contas, foi há mais ou menos dois anos atrás...

— Mas, onde? Onde? Em que acampamento? Longe daqui?

— É um pouco longe, uns dez ou quinze dias. Vou levar o sinhô. É melhor o sinhô ver como lá o chão está coalhado de ouro.

Os olhos de Mendonza rebrilharam. A cobiça atíçou-lhe a alma, tirando-lhe o raciocínio. Determinou:

— Vamos partir hoje mesmo: quero todo mundo a caminho!

Naquela *Entrada* não houve mais suplícios de escravos, até que, uma semana após, em marcha acelerada, chegaram a cerca de três quilômetros do morro onde nascia o "Rio Tengegê"...

No caminho, o jovem escravo havia procurado Zangigi e perguntou-lhe sobre a maneira de não desobedecer aos orixás:

— Como saber quando eles querem dar algum recado?

— "Além das nuvens", onde moram os orixás, é o local predileto para eles conversarem com as pessoas que só falam a verdade e principalmente aquelas que ajudam aos necessitados.

— Como podemos ir até lá?

— De noite, principalmente, quando dormimos. De dia, quando há necessidade, são eles que descem e vêm até nós. De um jeito ou de outro, o recado é sempre passado.

— Como sabermos se é deles o recado ou da nossa cabeça?

— Muito simples para quem tem fé em Olorum e em si mesmo, mas difícil quando não se crê nem num nem noutro. Mas, diga-me, por que você veio perguntar-me essas coisas?

— Porque sonhei com Gangê...

— Gangê... Gangê... aquele que morreu ainda criança, muito doentinho? Lembro-me dele, pois tão pequeno e já era babalorixá<sup>9</sup> na aldeia que morava. O que sonhou com ele?

— Quando o senhor estava preso, em sonho ele mostrou-me as pepitas. Agora, esta noite, me disse como tenho que tratar com o Sinhô Mendonza, para não ter problemas no futuro...

— Siga os conselhos dele!

Assim, saindo dali, Tengegê procurou Mendonza:

— Sabe, Sinhô Mendonza, eu não sou criatura de mentir. Disse que levaria o sinhô ao ouro e vou fazer isso. Mas tomei uma decisão e dela não abro mão.

Mendonza, a ponto de explodir de tanta ansiedade para por a mão no "muito ouro" prometido pelo escravo, irritou-se:

— Decisão?! O que é isso? Quer roer a corda? Veja lá o que diz, moleque, pois posso acabar com a sua raça ainda hoje.

— Sei disso. Antes de tudo, vamos acertar uma coisa: nunca mais o sinhô me chama de moleque, pois já sou homem. Minha cor foi Odudua<sup>10</sup> que assim me fez. O sinhô já parou para pensar

---

<sup>9</sup> Babalorixá, na África: mestre e chefe masculino do culto aos orixás; no Brasil: pai-de-santo (chefe de terreiro). Ainda aqui podemos estabelecer a profunda diferença existente entre o Candomblé e o Espiritismo, e por consequência, entre o babalorixá e o dirigente de uma reunião mediúnica espírita: no primeiro caso, o culto é de manifestação intempestiva, ruidosa e voltada para solução de problemas materiais; já no segundo, em clima de fraternidade e disciplina, o objetivo maior é auxiliar evangelicamente Espíritos necessitados (desencarnados), ali trazidos pelos Protetores Espirituais.

<sup>10</sup> Odudua = na cultura ioruba: a Terra, com funções de fecundação e reprodução. Interessante notar como naquela cultura essa divindade secundária é similar a Gaia (a Terra) da mitologia grega. Ante uma e outra crença, veja-se como o Espiritismo trata desse mesmo tema, em "A Gênese", cap. VI, item 17, quando Allan Kardec registra informações ditadas pelo Espírito GALILEU ao médium Camille Flammarion: "A *matéria cósmica, primitiva, continha os elementos materiais, fluídicos e*

por que é que fui eu que achei o ouro? Zangigi me disse que os orixás protegem aqueles que falam a verdade e ajudam aos seus irmãos. E foi para mim que os orixás deram a chave do ouro e não para o sinhô, que não sei por que, não tem cor nenhuma...

— Mas o que é isso? Como não tenho cor nenhuma? Então você não sabe que sou branco, isto é, que o mundo é dos brancos?

— Não sei, não sinhô. Por que então os orixás...

— Pare com essa conversa de orixás. Diga logo o que tem a dizer.

— Onde está o ouro tem muito... mas sei onde encontrar mais.

Mendonza quase perdeu o fôlego:

— Como assim? Sabe de outros lugares?

— É o seguinte: os orixás me contaram como é que Olorum fez o mundo e onde escondeu o ouro, para só doar a quem quisesse... por enquanto, para mim e para meus irmãos.

Tengegê acreditava nessa versão, dita a ele por Zangigi.

Na verdade, exímio lavrador, Zangigi observara que naquelas montanhas várias vezes os riachos mudavam de curso, pelos desbarrancamentos provocados por chuvas fortes. Deduziu que disso resultava, ao longo dos milênios, serem descobertas das montanhas e rolarem, incontável número de pepitas, pois onde há uma, há outras... e outras... que deviam estar espalhadas em cada um daqueles vários leitos, os quais logo se recobriam de terra, por novas enxurradas.

Assim, achar o ouro era apenas uma questão de descobrir pequenos leitos abandonados pelas águas, mas cheios de pepitas encobertas pela terra.

Mendonza aguardou o desfecho do diálogo. Que veio:

---

*vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da Eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó, e, sobretudo, a eterna geratriz". (Sem grifos no original).*

— Quero que o sinhô dê carta de alforria para todos meus companheiros e essas cartas vão ficar comigo, escondidas, para não despertar suspeitas. Isso porque nós vamos catar todo o ouro que prometi, para pagar nossa liberdade, mas vamos catar um pouco mais, para levar. Quando a nossa parte for suficiente, voltaremos para a África, levando algum ouro que nos garanta a liberdade para sempre. O ouro que ainda ficar, o sinhô é que sabe o que fazer com ele.

Após uma pausa, Tengegê propôs:

— Tem uma coisa: vamos trabalhar sob as ordens do sinhô, com o respeito de sempre, mas nada de açoite, nada de comida ruim, nada de vender ou abandonar os mais velhos. Como muita gente cobiçosa passa por aqui isso será muito perigoso se não for feito com cuidado. O sinhô instala um posto de venda de artigos de necessidade um pouco distante da região onde está o ouro e nós vamos fazer uma lavoura lá, de milho, mandioca e cana. A garimpagem do ouro será feita juntamente com as colheitas. Assim, ninguém suspeitará.

— Um escravo! Tão jovem! Não acredito! Não acredito! Meeiros: isso é o que seremos. Praticamente estamos fazendo um contrato de sociedade! Seu plano é simplesmente formidável, pois me beneficia com bastante ouro... Só que tem uma coisa: vocês terão que ficar, no mínimo, dois anos trabalhando para mim.

Pela primeira vez em tantos anos, deu a mão a Tengegê:

— Cumprirei minha parte, desde que você e seus amigos cumpram a sua. E tem uma coisa: terão que trabalhar para mim, no mínimo, dois anos, pois menos do que isso inviabilizaria os planos.

O jovem escravo anuiu, algo contrariado.

Mendonza estava deslumbrado com a inteligência dele; tudo o que propusera era viável e lógico.

Tengegê selou magistralmente aquela reflexão:

— Minha vida será a garantia de muito ouro para o sinhô...

Quando chegaram ao sítio que Tengegê indicou, ele e Mendonza, dizendo a todos que iam fazer uma caçada breve, foram para o monte do "Rio Tengegê". Chegaram à nascente, percorreram a encosta, passaram pelo lago e desceram na lateral da cachoeira e andaram alguma distância pelo raso leito do riacho, quando Tengegê ajoelhou-se. Pondo a testa na água por três vezes orou:

— *"Rainha das águas", estamos pedindo licença para acordar as filhas da montanha amarela, que estas águas cantantes embalam, fazendo-as dormir sono profundo. Elas representam nossa volta à terra que nos viu nascer...*

"Poeta" — pensou Mendonza, cada vez mais admirando aquele escravo singular.

A seguir caminharam mais ou menos uns duzentos metros no leito, livrando-se da densa vegetação que quase o acobertava.

Mendonza sequer piscava.

Num determinado ponto Tengegê pegou o facão e rapidamente abriu uma "clareira aérea", pela qual o Sol penetrou e refletiu-se nas águas calmas. Apanhou uma pequena pedra, redonda, preta. Raspou-a. Brilhou!

Mendonza viu a primeira pepita! E outra! E mais outra. Centenas!

Atirou-se a elas e foi recolhendo-as no bornal.

Em menos de uma hora, o bornal estava cheio.

Tão pesado que teve dificuldade para carregá-lo.

Ali mesmo o trato entre os dois homens começou a ser cumprido, pois Tengegê, com altiva personalidade tirou a metade do ouro do bornal de Mendonza e colocou no seu. Só pelo olhar Mendonza compreendeu que aquilo fazia parte do trato. Mas não se deu por vencido: ia catar mais pepitas quando Tengegê advertiu-o:

— Já estamos demorando a voltar e também ficará pesado transportar o bornal cheio. O riacho poderá sair daqui, mas o

ouro que está nele, não. Assim, devemos partir. Quando pudermos, voltaremos.

Embora fossem "sócios", na prática Tengegê ali era o chefe...

Na verdade, seguira fielmente as instruções que em sonho o Espírito Gangê lhe passara, na noite anterior.

## Ouro na terra, ouro na alma

**A** postura de Tengegê encerrava uma nova realidade para Mendonza e sua *Entrada*: ele estava rico, continuava o *chefe de direito*, mas sobre os escravos, o *chefe de fato* era o jovem Tengegê.

Sequer passava por sua cabeça sua obrigação junto à Coroa portuguesa...

“Que me importa”, pensava, quando se afastavam do “Rio Tengegê”, “ter perdido o mando sobre esses escravos se logo poderei comprar quantos quiser?”.

— Quantos quiser! — exclamou em voz alta, sem querer.

— Já sei: o sinhô está pensando em comprar outros escravos...

— Como é que você sabe o que estou pensando?!

— Quando o sinhô tiver muito ouro, nós vamos embora. Parece que sempre vai querer buscar mais ouro e nesse caso precisará trazer outros escravos. Aí o sinhô pensou: com o ouro que terei, comprarei “quantos quiser”. Acertei?

— Hum...

— Só que tem uma coisa: agora que nós já ficamos livres, o sinhô passou a ser o escravo...

— Que é isso, moleque? — logo se desculpou: que é isso, rapaz? Ficou louco? Como é que se atreve a me chamar de escravo?

— Desculpe, sinhô, estava só vendo o futuro: o sinhô com muito ouro.

— Assim está melhor... Bem melhor...

— Pois é aí que eu imaginei que o sinhô só vai pensar no ouro, até quando o Pai-Grande o chamar...

— Pai-Grande?! Que é isso? Ou melhor, quem é ele?

— É Olorum. Aquele que é muito bom, muito justo, que fez todas as estrelas e todas as coisas deste mundo, todos os bichos, todas as gentes, brancas e negras...

— Se ele é tão bom e justo, para que fez os negros?

— Ué: então eu e meus irmãos não estamos ajudando o povo destas terras? O que seria da Colônia sem nós? Os índios são bons, mas não sabem plantar e nem sabem navegar para levar o que aqui é colhido para o outro lado do mar...

— Então o seu Pai-Grande fez vocês para serem escravizados? Isso é justo? Para vocês isso é bom?

— Zangigi me ensinou que toda vez que nós não sabemos resolver um problema, é porque nossa ignorância é maior que a solução. Nesse assunto do Pai-Grande ter sido injusto com os negros, outro dia Zangigi me perguntou se eu queria ser branco, mas ter nascido cego, ou sem um braço, uma perna...

— Então? Está vendo só? Esse tal Pai-Grande seu e do Zangigi não é lá bom nesses assuntos de justiça, não é mesmo?

— Não sinhô, não sinhô, não diga isso: o Pai-Grande é bom sim. E ele não é do Zangigi e meu: é pai de todos que têm vida e é perfeito! Nós é que às vezes não prestamos, sendo ingratos e maus com nossos irmãos, os brancos, os negros, os índios, os mestiços e até os animais — pois todos são filhos do mesmo pai! Zangigi me contou que ele, eu e os demais escravos já tivemos outras vidas, sendo brancos, ricos, poderosos e não agimos corretamente com nossos empregados e agora nascemos negros e fomos escravizados para aprendermos que não se deve fazer para os outros o que não queremos para nós.

— Zangigi disse tudo isso?! Então vocês me consideram seu irmão?!

Escravos, índios ou negros, não passam de “peças” (\*) e quanto a isso de índios, negros, bichos e brancos serem irmãos: não admito! Tenho pena de vocês: que provas têm disso tudo?

— Ah!, sinhô, provas, só o coração é que as tem! Ou nós aceitamos essa realidade, compreendendo que cada um colhe o que plantou, ou então vamos nos angustiar por muito tempo...

— E vocês não se revoltam de serem negros? E escravos?

— Muitos se revoltam! Preferem morrer!

*(A História registra mesmo que muitos escravos, sabedores do destino cruel que os aguardava nas terras “do lado de lá do mar”, preferiam o suicídio...).*

— Quanto a mim — prosseguiu — e muitos dos meus companheiros, vamos buscando forças no coração para viver da melhor maneira, no lugar que o Pai-Grande nos manda. Uma coisa ajuda: é o entendimento de que o sofrimento de hoje foi plantado ontem, por nós mesmos. Isso afasta a revolta e não se revoltando hoje, a vida fica menos difícil e amanhã seremos mais felizes...

— Que história é essa de ontem, hoje e amanhã?

— Muitas vidas, sinhô! Estou me referindo a outras vidas, antes dessa, a atual e as outras que viveremos... Depois do que o Zangigi contou para nós, passamos a ter um alívio para as dores... Todas as dores, as do açoite, mas principalmente as do coração...

Tengegê, destemido, mas leal, não perdeu a oportunidade:

— Aconselho o sinhô a tratar bem seus empregados e seus escravos, pois numa outra vida, futura, poderá também ser escravo...

---

(\*) À época, “peça”, no início da colonização do Brasil: assim eram contabilizados os índios, capturados e escravizados; posteriormente, com a substituição da mão de obra escrava, de índios por africanos, para alguns, a palavra passou a ser utilizada também para designar a estes: “peças de ébano”.

Aguardava repreensão, pois estava admoestando seu sinhô. Com espanto, viu-o olhar para o céu e fixar o olhar numa nuvem, assim permanecendo por demorados instantes, mudo. Voltou das reflexões, olhos brilhando intensamente e arguiu:

— Zangigi falou-lhe de brancos cegos e você fala-me de dor em vidas futuras... Diga-me: o que pode ajudar o coração de um pai e de uma mãe a não sofrer vendo uma filha nascer com o corpo torto, quase não ouvir, não falar, com a ideia totalmente destrambelhada? E o que pode aliviar esses pais ao verem essa filha crescer e entortar o corpo ainda mais, enchendo-se de feridas e de dor? Quem sofre mais: os pais ou a filha? E se é o Pai-Grande o responsável por isso, como considerá-lo bom e justo? Como? Como? E somos brancos!

Aos gritos e com as mãos crispadas erguidas aos céus, a angústia daquele homem exteriorizava o que lhe ia na alma, ali explodindo sem freios: soluçava o calejado sinhô, homem firme no trato com iguais, enérgico com seus empregados e duro com os escravos.

Presas de violenta emoção abaixou as mãos, fechou-as e abriu-as junto aos olhos, como que querendo empurrar para trás as lágrimas que por isso esparziam-se-lhe nas faces, agindo seus dedos como os galhos que aparavam as águas da cachoeirinha do Rio Tengegê.

Tengegê, alma boa e sensível, vendo pela primeira vez o homem branco chorar, emocionou-se também. Solidário àquele que o escravizara, numa demonstração de grandeza d'alma, abaixou-se junto ao sinhô e colocou a destra na frente dele, num gesto de amparo. Disse:

— Olorum, o Pai-Grande, vê sua dor. Se o sinhô pedir de coração, ele lhe dará as respostas para sua dor...

Mendonza, em nível máximo de emoção, captou a essência do gesto fraternal daquele escravo e compreendeu, sob forte impacto psíquico, que até mesmo escravos têm sentimentos. Ergueu os olhos, confortado e com inaudita surpresa, mal

acreditou no que via: o jovem negro também chorava! Lágrimas solidárias ao sofrimento que era só dele, ou melhor, da esposa e da filha. Tomou a mão do jovem e beijou-a, quebrando na alma todos os muros da irracional fronteira social que separa os homens, pela cor, pelas crenças, pelas posses...

Na imensidão daquele cenário até se poderia dizer que não houve testemunha para tão grandioso instante de dois seres humanos, tão díspares em cultura e condições de vida.

Ledo engano!

Vendo-os, havia céu, ar, nuvens, ventos, aves em voo, milhares de flores recebendo beijos de milhares de insetos. E águas tranquilas. E invisíveis testemunhas: Espíritos bons, atraídos pelas vibrações do momento mágico, que só o amor fraternal produz.

Vida, pujante vida!

Mendonza lembrou-se de algo, distantemente aprendido:

— Tengegê, quando eu era criança meu avô contava que houve um homem extraordinário, chamado Pablo, que foi o maior pregador religioso de todos os tempos. Certo dia, tendo eu feito uma traquinagem, às ocultas, vovô advertiu-me dizendo que aquele pregador cristão ensinou que nós vivemos cercados por uma *nuvem de testemunhas*, invisíveis, donde tudo o que fazemos é visto “lá em cima”, no Céu<sup>11</sup>. Será que tem algumas dessas nuvens nos vendo agora?

— O que é *cristão*?

— Quem segue o mandamento de Jesus Cristo, Salvador do mundo, que foi crucificado por ser bom, há mais de mil e seiscentos anos.

— O que seu avô ensinou de um jeito, Zangigi ensinou-me de outro: disse que o Pai-Grande é tão bom que às vezes deixa a alma dos que já morreram visitar os vivos, vê-los, ficar junto algum tempo e até conversar, ou pelos sonhos ou pedindo

---

<sup>11</sup> Referência a Paulo de Tarso, em *Hebreus*, 12.1.

emprestada a garganta de um deles, que tenha nascido com essa faculdade, para poder falar.

— Você está me dizendo que os mortos falam com alguém, pela garganta de alguém vivo, que conheça esse mecanismo? Então não sabe que o Santo Ofício<sup>12</sup> proíbe isso que é coisa do demônio? Que é pecado dos mais graves? Quem faz isso e quem gosta dessas coisas só merece mesmo é ser queimado.

— Só se for na terra do sinhô, porque lá de onde vim uma ou outra vez as pessoas se reúnem e com muito respeito alguma alma vem dar conselhos. Outras vezes, vem algum escravo que morreu matado por ordem do sinhô dele, ou então que se matou para evitar a escravidão. Vêm com muita revolta, muita dor, fome e frio, mas esses recebem carinho e bons conselhos...

— Espere um pouco: como é que escravo morto tem dor, fome e frio? Isso é loucura!

— Não é não sinhô: é que a vida continua "lá em cima" e do jeito que a gente morre, a alma continua vivendo... Do mesmo jeitinho...

— Não pode ser! Não acredito! Bem está fazendo falta um padre para ensinar a verdade para vocês todos: negros não têm alma!

— Vou contar uma coisa para o sinhô e depois me diga se é loucura o que aconteceu aqui, há poucos minutos: lá na minha terra, quando eu era criança, ou melhor, numa noite, eu fui espiar uma reunião dessas, que o Zangigi, sendo babalô comandava e que meu pai e minha mãe participavam, pois além de vizinhos dele, sabiam como lidar com as almas. Ele emprestava a garganta para as almas falarem. Às vezes vinham almas boas, outras vezes era um tumulto danado, pois algum escravo morto e que tinha sido levado pelos brancos xingava todo mundo, dizendo que ali eram todos covardes, que não o

---

<sup>12</sup> Santo Ofício = nome pelo qual a Inquisição passou a ser conhecida, a partir do século XV, principalmente em Roma, mas também na Espanha.

ajudaram, já que ele preferira jogar-se no mar e ser comido pelos peixes grandes do que perder a liberdade.

Mendonza arrepiou-se.

Antes de radicar-se no Brasil fora tripulante de navios negreiros e lembrou-se que não raro, de fato, alguns escravos não suportavam a ideia da escravidão e se lançavam às águas, em alto mar, sabendo de antemão que teriam morte trágica, afogados ou devorados por tubarões, que viviam rondando os *tumbeiros*.

Pensou aterrorizado: “se isso for verdade, então “alguns negros” têm alma e as desses escravos continuam vivendo e com ódio de quem os comprou...”.

Tengegê captou o momento de reflexão do sinhô. Prosseguiu:

— Quando eu nasci nasceu também um menino perto de onde eu morava. Ele se chamava Gangê. O corpo dele era esquisito, os olhos eram um para cada lado e tinha um caroço enorme nas costas. A boca era cortada em cima, igual à das lebres<sup>13</sup>. Quando foi crescendo, os dentes nasceram fora de lugar e só falava com dificuldade. Só eu entendia o que ele falava, ninguém mais. Nunca aprendeu a andar direito e quando se locomovia mais parecia um orangotango.

Fez pausa, pois o soluço embargou-lhe a voz. Logo, seguiu:

— Com tudo isso, foi a melhor criatura que conheci. Ficamos amigos e tratei dele até o seu último dia de vida. Morreu aos oito anos. Quando nós nos reuníamos para conversar, e fazíamos muito isso, ele nos ensinava muitas coisas. Falava para mim e eu repetia para todos:

— *Tengueguê* — era assim que me chamava — *fala para eles que eu escuto vozes aqui dentro*, e batia no alto da cabeça. *São vozes boas. Vocês nem acreditam o que elas me falam: querem saber?*

---

<sup>13</sup> Lábios leporinos = malformação congênita: fenda mais ou menos extensa do lábio superior.

— Espere um pouco: como é que esse seu amigo ouvia vozes dentro da cabeça? Os ouvidos estão de fora...

— Pois é: dentro da cabeça, sim sinhô. O Gangê era todo torto por fora, mas aprumado por dentro, que nem a mandioca, que nasce e vive debaixo da terra — tirando a casca é branquinha e lisa. Quando ele ouvia essas vozes todos ficavam quietos, para saber o que ele tinha ouvido. Aí ele contava que as vozes eram dos mortos.

— Aqui... No acampamento... Vocês fazem isso?

— O sinhô perguntou e por isso vou responder: de longe em longe o Zangigi empresta a boca dele para o Gangê...

— Mas eu já não falei que a Santa Madre Igreja proíbe isso? E que o Santo Ofício castiga quem a desobedece?

— Na minha terra não tem Santa Madre Igreja nem Santo Ofício, só tem as pessoas com as quais Olorum manda algum orixá conversar... Nós não pedimos para vir para a Colônia, por isso quando estamos trabalhando, a terra é do sinhô, mas quando vamos dormir, lá no *armazém*<sup>14</sup> a terra é nossa.

— Você ainda não me contou o que as "vozes" diziam ao tal Gangê e você repetia para os demais...

— Falavam para ele que no Céu tem dois lugares onde ficam os mortos: um para as pessoas que foram boas, e o outro, onde há muita tristeza, muito sofrimento, para as que foram más. E que nesse último lugar a maioria é de brancos, embora tenha também alguns índios e negros.

— Sei bem disso: o paraíso e o inferno! Louvado seja Deus e me livre do fogo eterno.

---

<sup>14</sup> Armazém = à época da escravidão, nome utilizado para designar o local onde os escravos eram reunidos e ficavam expostos, para serem vendidos. Tempos depois de vendidos, já nas fazendas ou nos engenhos, algumas vezes pronunciavam este termo com angústia, fazendo menção à sua triste condição de "mercadoria". *Senzala*, na verdade, é a palavra mais adequada ao então alojamento de escravos.

Nesse ponto do diálogo o escravo, inesperadamente, apresentou uma forte contorção do pescoço, fazendo com que caísse o bernal com a preciosa carga, esparramando as pepitas pelo chão. Tengegê desprezou as pepitas, nem sequer fazendo menção de catá-las. Levou as mãos à cabeça, tapou os ouvidos e com os olhos fechados murmurou palavras algo arrastadas:

— Sua filha...

Dirigia-se a Mendonza que, por intuição, sentiu-se presa de intenso pavor. Ficou paralisado. Os olhos de Tengegê abriram-se e estavam vidrados, demonstrando um esquisito transe. O espanhol, ao vê-lo de olhos abertos, criou coragem e interrogou:

— Minha filha?

— O Pai-Grande, que é Pai do seu Jesus, dos nossos orixás, de todos os homens, mulheres e crianças do mundo, é muito bom. E se a menina está colhendo sementes amargas, foi ela que plantou... Também plantei sementes dessas e tive a bênção de só eu colher os maus frutos...

— Menina... Balbuciu Mendonza... Quê menina? Seria...

— Sim, estou falando de Consuelo...

Não conseguiu terminar. Mendonza caiu, em súbito torpor, impedido de manter-se de pé, assentou-se e começou a suar. Jamais dissera a quem quer que fosse, ainda mais a escravos, o nome de sua filha. E agora, Tengegê pronunciara-o! A emoção foi muito forte.

— ... e da Vida, sinhô: a Vida é como os tempos do Sol e da Lua, vêm e vão, repetindo sem cessar os dias e as noites, o calor e o frio, as flores e os frutos. Quando que o mundo ficou sem flores e árvores? O sinhô ainda não reparou que no céu nunca faltam aves? E que elas nascem, voam, morrem e logo nascem de novo? E os animais? Quando é que o mundo ficou sem os bichos, principalmente os peixes, que alimentam brancos e negros? E os cavalos, os bois, que a vida inteira trabalham de graça para o homem? Também eles nascem, vivem, trabalham e

depois morrem. Se o Pai-Grande faz tudo isso pelos bichos, por que não faria o mesmo com as criaturas humanas?

Mendonza, embora inculto, espantou-se com aquela filosofia na boca de um escravo. Irretorquível! Plena de lógica.

Só não se conformava com a grave anormalidade da sua filha:

— Um pouco disso tudo é verdade, mas responda-me: onde está a grandeza desse Pai-Grande que faz algumas pessoas nascerem só para sofrer? Estou falando sim de minha filha Consuelo! Mas não posso negar que quem nasce negro não é feliz também.

— Sinhô, sinhô: quem está falando é o seu coração, que está machucado, desde que viu a Consuelo nascer.

Mendonza sentiu outra fortíssima descarga elétrica percorrer-lhe todo o corpo. Jamais comentara com alguém que quando sua esposa dera à luz a filha, toda deformada, seu trauma foi terrível. Inquiriu:

— Diga-me: como é que você sabe o nome dela e que ela nasceu com tão graves problemas? Como é possível?!

— Mas então o sinhô não está vendo e ouvindo? Se o Tengegê não foi lá na sua casa só outra pessoa que tenha ido é que saberia o nome da menina e como ela é...

— Mas, pela Cruz, se você não é o Tengegê, eu estou ficando louco...

— Nada disso, sinhô: eu sou o Gangê, amigo do Tengegê, que me emprestou a boca dele para nós conversarmos. Eu estava ouvindo vocês conversarem e quando o sinhô pensou na sua casa e na sua filha, ainda a pouco, eu pude ir até lá. Estou vendo que o sinhô está meio assustado, pois imagine como fiquei quando vi que ela é minha conhecida... De muito tempo... Quanto a imaginar sua dor quando ela nasceu não exigiu esforço da minha cabeça, foi só lembrar o que meus pais lá na África sentiram...

Mendonza não conseguiu falar mais nada.

Estava em estado de choque, sem nenhum perigo para sua saúde, mas provocando uma verdadeira tempestade psicológica na mente, pois alguns dos valores religiosos e sociais nos quais até então acreditava, acabavam de ruir. Religiosos, por estar mantendo diálogo com “mortos” e sociais porque sua filha... E um negro... terem sido amigos.

A prova de que eram verdadeiras todas aquelas coisas ditas por Zangigi a Tengegê tivera-a, plena, indiscutível, inegável!

Tengegê voltou a contorcer-se estranhamente e saiu do transe.

Mendonza fitava-o com os olhos arregalados.

Algo entorpecido, Tengegê viu as pepitas no chão e catou-as.

O silêncio foi-lhes reação benéfica, predispondo ambos à reflexão.

Tengegê iniciava ali o exercício mediúnico, eclodido inesperadamente no consciente, mas já fazendo parte do seu patrimônio espiritual de vidas anteriores. Exercício que seria proveitoso, tal fosse a destinação que desse a tão sublime faculdade, misericordioso empréstimo de Deus, para ser utilizado apenas em benefício do próximo. Ao contrário, seria oportunidade perdida, com agravantes para vidas futuras.

Quanto a Mendonza, também por merecimento recebera fortes luzes espirituais, qual um despertar para novas realidades — a vida do Espírito! Um emaranhado de suposições fazia todas desembocarem numa única certeza: a vida continua depois da morte (e negros têm alma, sim!) e aqueles que morrem, na verdade continuam vivos, podendo conversar com os que ainda não tinham feito a “última viagem”.

“Última?..”, perguntava e reperguntava a si mesmo.

A negativa era-lhe resposta constante e racional.

A reencarnação emergia com claridade solar em suas reflexões.

Mendonza nos dias seguintes alforriou Tengegê e os demais escravos da sua *Entrada*, sob a condição deles permanecerem trabalhando para ele, por mais dois anos, recebendo uma parte de todo o ouro que fosse extraído. Para disfarçar suas atividades mineradoras, resolveram fazer mesmo as plantações, pois assim aproveitariam as águas do efluente do “Rio Tengegê” para a irrigação, ao mesmo tempo em que faziam a prospecção e cata do ouro. As sementeiras e colheitas em diferentes estações do ano, bem como os suprimentos necessários e as ferramentas que necessitavam e que iriam ser compradas, não despertariam suspeitas quanto à existência do ouro naquela região.

Assim pensavam...

*Entradas* e *Bandeiras*, cada vez mais, atiravam-se pelo interior do sertão, sonhando com ouro e pedras valiosas.

Muitos também eram os exploradores que, com poucos parentes ou com poucos escravos alforriados, seguiam as mesmas trilhas.

Todos, numa desenfreada busca da fortuna rápida.

Passavam pelo acampamento de Mendonza, pouco se demorando, prosseguindo para Mato Grosso, onde corria notícias de haver sido encontrado ouro... Cada vez mais e mais aventureiros iam para lá. Muitos jamais retornaram, deles não se sabendo se tinham prosperado ou morrido. Uma ou outra vez um escravo voltava, perambulando de *déu em déu*, quase sempre dementado ou moribundo e com dificuldade contava que a *Entrada* fora destroçada, ou por índios, ou por bichos, ou por doenças.

Mendonza sabia que dependia da sua esperteza ser um homem riquíssimo e que se descuidasse um segundo apenas, poderia ser sumariamente eliminado.

Depois de muito refletir, compreendeu que não poderia ocultar por muito tempo o achado do ouro, pois inclusive teria que prestar contas às autoridades portuguesas, que o haviam contratado e que financiavam a expedição, isso há já quatro

anos... E também, que quando precisasse dispor de algum ouro, "seu ouro", negociá-lo, então a notícia se espalharia.

Assim, chamou seus guardas e a cada um deu três pepitas de ouro, informando que sabia onde havia ouro e que para tanto alforriara os escravos, exigindo fidelidade e pequena participação. Disse-lhes que iria até Taubaté para buscar ferramentas, sementes e mudas e trazer mais escravos e guardas e que na volta daria mais ouro para eles, se fossem fiéis, ou a morte, se o traíssem...

Aliás, essa era mesmo a lei das *Entradas* e das *Bandeiras*.

Recomendou que para todos os efeitos, ali passaria a ser um entreposto e plantação.

Antes de partir, com alguns homens armados, implantou rigorosas medidas de segurança, pois sabia bem que o roubo por ali era rotina.

Para ter certeza de que os escravos não abandonariam o acampamento na sua ausência, nem o trairiam, levou Zangigi com ele e designou Tengegê responsável pela disciplina dos demais. Ordenou que iniciassem a preparação das terras para a lavoura, para não despertar suspeitas.

Com o ouro que levou Mendonza pôde fazer um excelente farnel e aproveitou para contratar mais espingardeiros.

De forma intencional, mandou Zangigi indicar que escravos deveriam ser comprados, pois assim, quando chegasse com eles, os que tinham ficado, teriam que aceitar os que chegavam, selecionados que foram por seu líder...

Zangigi ficou muito triste com essa incumbência, pois tal tarefa, sobre ser ingrata, conflitava com sua índole pacífica e fraternal.

Mas ordens eram ordens e desobedecer poderia significar castigo para ele próprio ou para algum companheiro.

Mesmo arriscando, tentou argumentar:

— Sinhô, eu não tenho o instinto de *soba*<sup>15</sup>, não saberia escolher as pessoas certas...

Mendonza sequer deu-lhe resposta. Simplesmente, obrigou-o a obedecer, levando-o ao local de exposição dos escravos à venda.

Zangigi agiu com inteligência. E bondade: contrariando os costumes da época, só selecionou famílias inteiras, de preferência quando existiam filhos pequenos ou a mulher estava grávida. Talvez tenha sido aquela a única vez e a única *Entrada* que comprou famílias, já que a norma era o oposto: sempre desmembrá-las.

Com tal atitude Zangigi investia no futuro certo, no forte vínculo familiar, como elemento agregador, pois não é difícil deduzir que a maioria das fugas de escravos deveu-se à desesperada tentativa de reencontrar os entes queridos.

\*

Antes de retornar ao “seu ouro”, Mendonza preparou um comunicado às autoridades portuguesas no Rio de Janeiro e despachou um estafeta, com ordens expressas de entregá-lo em mãos do governante-mor. De forma dúbia narrava que “algum ouro” havia sido descoberto. Não precisava o lugar nem quem tinha feito a descoberta (ele próprio, *de direito*, conquanto Tengegê, *de fato*).

Graças aos rendimentos do ouro, o acampamento de Mendonza, bem instalado e com expressiva quantidade de suprimentos, em pouco tempo mais parecia uma pequena comunidade, onde não faltavam postos de comércio de alimentos

---

<sup>15</sup> Soba = chefe local africano, que escravizava tribos vizinhas para venda aos traficantes de escravos, que os levavam para as Américas. Aliás, nem sempre havia venda de escravos e sim, apenas troca de pessoas por artefatos baratos de vidro, facões, panos sem valor, fumo, rapadura e aguardente.

e dos demais apetrechos necessários às duras lides sertanejas. Construiu estalagens, pois a freguesia era cada vez maior. No estábulo, também havia infraestrutura para albergar os animais de montaria, de carga ou mesmo bovinos. Denominou o local de "Almacén Santa Virgen" (*Entrepuesto Santa Virgen*).

Justamente no ano de 1698, seis meses depois de inaugurado o entreposto, a ele chegou a "comitiva de el-Rei" — o grupo que Severo comandava. O visitante vinha com forte escolta de espingardeiros.

Não foram bem vistos ao chegar...

Mas, como tinham a "força do direito e das armas", foram hospedados por Mendonza, tendo Severo sido alojado na sua tenda.

A faina na agricultura impressionou Severo, na primeira semana que esteve por ali. Aguardava a chegada da outra metade da expedição governamental. Dez dias após, já preocupado por não ter notícias de Dom Silveira, chegou um mensageiro informando que "sua excelência" havia adoecido de "febre ruim", tendo o grupo retornado ao Rio de Janeiro. "*Que o senhor Severo prosseguisse na missão*", terminava o lacônico bilhete, sobre o qual havia o selo oficial, em alto relevo.

Severo teve ímpetos de proferir um palavrão, ali mesmo, diante do mensageiro e de Mendonza, mas conteve-se. Aquela era uma ordem e não ficava bem desrespeitá-la. Aliás, enfasiado de estar ali há já dez dias, sendo hostilizado pelo espanhol, embora de forma sutil, estava sinceramente arrependido de ter deixado seu Portugal.

Mais duas semanas se passaram.

Na boca da noite um tremendo temporal desabou sobre aquela região, pensando alguns que o fim do mundo se aproximava. Não houve tempo nem de recolher o ferramental utilizado pelos escravos na plantação.

Ventos, raios, trovões e chuva, de incrível impacto, punham a descoberto o poder do Criador, numa das manifestações da força da natureza. Como sempre, a benefício da vida!

Tengegê, atento e afoito, enfrentando a tempestade, conseguiu recolher parte dos instrumentos, abrigando-os no depósito de material, que servia de oficina para as ferramentas que utilizavam na lavoura.

Por coincidência a tempestade surpreendeu Mendonza e Severo quando estavam na oficina, mantendo-os lá, como prisioneiros temporários, até que se acalmassem os fortíssimos ventos e cessasse a chuva torrencial que desabava.

Tengegê, sozinho e em minutos, trouxe muitas ferramentas para ali. As demais, a enxurrada levou para longe...

Eram quase vinte e três horas e a chuva não parava.

Os três homens entreolhavam-se, à luz bruxuleante da lamparina.

Tengegê acendera pequena fogueira e mantinha-se afastado.

— Então, senhor Severo — puxou conversa Mendonza, pela primeira vez algo amistoso: o senhor tem família?

— Tenho sim, Mendonza. Mulher e três filhos. E você?

Mendonza franziu a testa e gaguejou:

— Mulher e dois filhos, um rapaz e uma menina...

— Com saudades deles?

— A saudade me aperta cada vez mais o coração. Não aguento mais de vontade de revê-los. Feliz é o senhor que está há pouco tempo cá na Colônia.

— É verdade, contudo, já está também a me visitar a saudade. Fale-me de sua família.

Mendonza inquietou-se, visivelmente. Mas respondeu:

— Minha mulher é sua patrícia, conheci-a quando negociava com ferramentas, pois viajava a Portugal para vendê-las. Casamo-nos e fomos para minha terra, onde meus filhos nasceram. O rapaz tem vocação e foi prometido à Santa Virgem, para ser padre. Já deve ser... Dele, nunca mais tivemos notícia.

Fez pausa prolongada e suspirando prosseguiu:

— A menina... Deus me castigou... Nasceu marcada pelos tormentos, é defeituosa, é...

Não conseguiu terminar. Lágrimas, quais os pingos de chuva que caíam abundantes, sufocaram-no.

Tengegê, agachado junto à improvisada fogueira, teve uma estranha contorção corporal. Ergueu-se de um salto e veio para perto dos dois brancos. Voz entrecortada assumiu a palavra e disse:

— Chuva bonita, trovões amigos, ventos faxineiros e vocês, gente boa: vamos louvar o Pai-Grande que é o dono de tudo e de todos!

Mendonza teve instantânea lembrança de quando achara as pepitas: *"a alma" de Gangê estava ali, outra vez...*

Os dois homens brancos, espantados, captaram que estavam diante de fatos insólitos, e pior que isso, os agentes desses fatos eram almas do outro mundo, que a Santa Madre Igreja abjurava, condenando-os veementemente.

Mendonza, boquiaberto, demonstrava pela expressão que não era aquela a primeira vez que presenciava tal acontecimento.

Severo, absolutamente radical, desgostou-se com aquilo que considerava imperdoável perjúrio, em desacordo com a crença católica, nele arraigada, de que tal se constituía pecado grave — falar com mortos. E aquele escravo, sem qualquer cerimônia, fazia-o ali, senão com o beneplácito do seu senhor, pelo menos com aparente omissão.

Tengegê, olhos semicerrados, voz pausada e tom diferente, demonstrando quase infantilidade no timbre, prosseguiu:

— O sinhô "Mendonza" já me conhece, não é sinhô?

— É — balbuciou Mendonza, constrangido e irritado.

— Então vou me apresentar para o outro sinhô, o que é amigo do Rei: sou o Gangê, amigo do *Tengueguê*, que está me emprestando a voz. Como vai indo, sinhô?

Severo desprezou o cumprimento.

Humilde, o Espírito Gangê assimilou o gesto mal-educado. Mas como se não tivesse sido rechaçado, prosseguiu, ainda dirigindo-se a Severo:

— Sabe, meu sinhô, eu só vim aqui porque sua família está com dificuldades, lá do outro lado do mar...

Severo deu um salto. Quase pegou no pescoço de Tengegê, para esganá-lo, diante de tão grande desrespeito.

Tengegê, imóvel.

Mendonza, amedrontado.

Severo, irritadíssimo. A ponto de agredir o escravo.

— Não me odeie assim, meu sinhô: só vim dar um recado, da sua avó Marcília...

Foi demais: Severo esbofeteou Tengegê e passou a agredi-lo.

Mendonza tentou acalmá-lo, pois o agressor se descontrolara.

Tengegê saiu do transe mediúnicos e agora seu olhar modificou-se, passando de calma para dor e revolta. Severo colocou a mão na escopeta, da qual nunca se separava. Tengegê, em gesto de legítima defesa, pois pressentiu que seria morto, também campeou a mão pelo chão e pegou numa foice. Mendonza sentiu que não poderia impedir o combate mortal que prestes eclodiria. Era evidente que haveria morte, em instantes. Nisso, como que demonstrando o equívoco do intendente real, um formidável raio, ali pertinho, mandou um não menos fortíssimo trovão dizer àqueles homens "*que Deus não estava gostando daquilo*", segundo balbuciou o espanhol.

Aliás, desnecessariamente, eis que os três ficaram como que petrificados com o terrível e ameaçador estrondo, que de resto, incutiu idêntico pavor em todos os demais seres vivos das redondezas — homens e animais...

Invisíveis, ali estavam Espíritos belicosos (desencarnados), atraídos pelo ódio de Severo: a tal "*nuvem de testemunhas*"... Insuflavam discórdia, por compulsão. O raio, mais que o trovão, arremessou-os para fora do depósito e, atarantados, em

completo desvario e pavor, fugiram dali em desordenada correria.

Mendonza e Severo persignaram-se (fizeram o sinal da cruz).

Tengegê, ao modo ioruba, demonstrou o respeito à Natureza, pois largou da foice e pôs as mãos sobre o peito, deitando-se no solo.

“Um segundo raio” perpassou por ali, mas só na mente de Severo: começou a tremer e com os olhos arregalados aproximou-se do jovem escravo, ainda no chão. Atônito, perguntou-lhe:

— Quem falou para você que minha avó se chamava Marcília?!

Tengegê, com grande desconforto, apenas murmurou:

— Nem sei do que o sinhô está falando...

— Há pouco você disse que minha avó Marcília tinha um recado para mim... Sobre minha família, que está com dificuldades...

— Não sei não sinhô.

Severo olhou para Mendonza, que só então interviu:

— Esse rapaz, há uns meses atrás, ficou assim esquisito também comigo e falou umas coisas...

— Que coisas? Pelo amor de Deus, diga!

— Ele fala com os mortos, ou melhor, os mortos falam pela boca dele... Contou-me que ainda criança, lá na África, teve um amigo que morreu aos oito anos, mas cuja alma volta e fala coisas boas. Vossa excelência não acredita, não é mesmo? Eu também não acreditava. Mas da única vez que isso aconteceu, *essa alma* disse o nome da minha filha, que assim como ele foi, também é castigada por Deus, pois nasceu com o corpo todo disforme. Diga-me, excelência: como se chamava sua avó?

Severo anuiu apenas.

Assim, confirmava-se a autenticidade do fato mediúnico.

— Minha família — murmurou Severo — deve estar em dificuldades... Preciso saber...

Refletiu um pouco e logo determinou:

— O que aconteceu aqui tem que ficar só entre nós. Partirei amanhã mesmo, de volta ao Rio de Janeiro e procurarei saber notícias da minha mulher e dos meus filhos.

— Foi embora...

Era Tengegê dizendo isso, levantando-se e espiando pela janela da tenda, referindo-se à tempestade. Os homens saíram e se deslumbraram com o céu coberto de estrelas, tão brilhantes como jamais se viu por aquelas bandas. Os empregados e os escravos também olhavam o céu.

— Até parece que o céu foi lavado! — exclamou Mendonza.

Severo, atônito, complementou:

— Por Deus: aquela alma falou mesmo em faxina, citando *ventos faxineiros*...

No dia seguinte, bem cedinho, antes mesmo de o Sol chegar, o enviado do Rei de Portugal levantou-se e requisitou que Mendonza preparasse os animais de montaria e guardas, para conduzi-lo de volta.

Mas, se o homem põe, Deus dispõe...

Severo foi até o riacho, fazer a ablução matinal.

O riacho, que durante a noite toda dera vazão à fortíssima correnteza das águas da chuva, agora voltava à sua calma.

Às águas, contudo, ainda estavam barrentas, o que obrigou Severo a buscar um ponto mais acima, onde talvez elas estivessem mais claras.

Os primeiros clarões da alvorada saudaram-no.

Encontrou águas um pouco menos barrentas e lavou o rosto.

De repente, teve o maior susto de toda a sua vida: no barranco em frente de onde se encontrava, onde as chuvas haviam provocado erosão em algumas nesgas da margem, filetes de vários veios de ouro estavam expostos, quais joias, em formosa vitrina.

Se a tempestade provocara os desbarrancamentos, a chuva se incumbira de lavar o ouro que, embora incrustado de terra,

agora rebrilhava timidamente, ante os não menos tímidos primeiros raios solares matinais. Se aqueles eram avermelhados, esses eram de um lindo amarelo. Passou a mão demoradamente no ouro e sem esforço foi pegando vários fragmentos, dando-se conta de que “descobrira” ouro puro, à superfície da terra, sendo certo de que por ali deveria haver muito mais. Pouco se importou de enlamear-se. Pegou outros fragmentos e quando foi lavá-los nova surpresa o aguardava: no leito do riacho, pepitas e mais pepitas, dezenas, centenas, talvez milhares delas, estavam amontoadas, acobertadas de lama. Era só pegá-las e lavá-las que logo se punham a brilhar!

Não parou aí o susto: à medida que o dia clareava, pôde identificar no lamaçal vários apetrechos só utilizados em mineração, que tinham sido espalhados pelas enxurradas: cavadeiras, pás, almocafres, bateias, gamelas e pratos...

Qual o assustador raio da noite anterior, da sua mente um clarão foi ao cérebro e deduziu, sem sombra de qualquer dúvida: Mendonza sabia daquele ouro! E se calara! Traidor...

Novas deduções visitaram-no: *“então por isso é que os escravos dele nem parecem escravos: devem estar alforriados e comprometidos a não divulgar o achado do ouro... Aliás, como é que não vi nenhum ser açoitado desde que cheguei e como podem sair da senzala, à noite, como vi acontecer ontem à noite? Esperto, esse espanhol, disfarçando a mineração com plantação...”*.

Como que hipnotizado pela visão do ouro, ainda pensou: *“el-Rei vai promover-me: logo estarei à nobreza, com as portas do palácio abertas para receber-me”*.

Mas outro pensamento atravessou-lhe à mente: *“cá este ouro pode ser todo meu e aí, o mundo é que me abrirá as portas”*.

Indefinido temor tirou-o do devaneio com a fortuna: sentiu-se observado... Ficou imóvel. E não tinha trazido sua escopeta...

Olhou cautelosamente à volta e nada viu.

Com os pensamentos fervendo em turbilhão de providências a tomar, e também de muito cuidado com a vida, retornou ao acampamento, convocando Mendonza para uma entrevista particular.

Foi contundente:

— Achei uma mina de ouro! A chuva quebrou uns barrancos e lá está cheio de ouro!

Mendonza aturdiu-se, mas logo se recompôs:

— Então, homem, estou rico! As terras são minhas! Minhas!

— E o Rei de Portugal?

— O Rei? O Rei?! Ele vem aqui por a mão na terra?

— Manda emissários... Como eu.

— E o que quer dizer isso?

— Quer dizer que vou propor ao Rei que a Coroa tenha sua parte, dízimo talvez.

— Dízimo? Ora, meu amigo, isto não é uma igreja...

— Não sou seu amigo: sou emissário de Portugal, cujo tratamento exige-o, tem que ser de *vossa excelência*. E não me referia a um dízimo, mas sim, ao meu e ao seu: dois dízimos, isto é, um quinto do "nosso ouro"!

— O quê?! Aqui tudo é meu e não divido com ninguém! Até posso dar o tal dízimo às autoridades, mas só isso. Nada mais!

Às palavras, agitadas, Mendonza, mesmo sem sequer ter visto os filões de ouro, que incidentalmente Severo descobrira, já lhes defendia a posse. Se necessário, até matando... Com esse pensamento, pegou seu arcabuz e disse a Severo:

— Esqueça o que viu, amigo. E terá saúde por muitos anos...

A ameaça era evidente.

Mendonza só não matou Severo ali mesmo porque raciocinou rápido: "*matar o enviado do Rei de Portugal só lhe daria uma grande dor de cabeça*". Talvez até lhe custasse a própria... Pôs-se a arquitetar uma saída, considerando a tal sociedade, na qual ele seria o sócio majoritário. "*Pois os auxiliares e até os escravos não eram seus sócios?*", sofismou de si para si mesmo.

Quanto a Severo, compreendeu que corria sério risco de vida. Conhecedor do que o dinheiro faz na mente das pessoas, captou que dificilmente sairia vivo dali. Fracassara sua infeliz tentativa de associar-se a Mendonza na posse do ouro. Decidiu, por cautela, que de agora em diante, não deveria mais ficar de costas para Mendonza...

Ali ele estava em franca desvantagem: deduziu, com acerto, que os auxiliares de Mendonza e os escravos, estavam todos cientes do ouro, mas disso fazendo segredo... Só havia uma explicação: eles, brancos e negros, eram interessados na mineração! E quando Mendonza mandara o comunicado dizendo "algum ouro", sem especificar local e responsável pela expedição, mentira duplamente: o ouro era abundante, do qual havia se outorgado único dono, em detrimento do poder oficial. Imperdoável! Imperdoável!

Criado o impasse, passou a considerar a hipótese de eliminar Mendonza e assumir o comando da mineração "em nome de el-Rei".

Como que lhe adivinhando os pensamentos, Mendonza advertiu:

— Meu rei é da Espanha e nem a ele vou entregar nada do ouro que aqui encontrei, depois de sofrer tantos anos. Por que deveria fazê-lo? Para ele gastar nas festanças com as pessoas de sangue azul? Ou, talvez, com os nobres lusitanos? Quem deixou mulher e filhos e veio se arriscar a levar uma flechada ou servir de alimento às onças? Quem?!

Severo refletiu: "*ele tem razão*". Sem raciocinar, exclamou:

— Tens razão!

Acalmados temporariamente os ânimos, os dois homens, com os olhares faiscando centelhas, não faziam o menor gesto, em alerta máximo ante eventual e quase que inevitável ataque, de parte a parte.

Nisso, Tengegê assomou à porta:

— Desculpem os dois sinhôs, mas tem uma coisa muito importante para ser tratada...

— Que ousadia é essa, negrinho? Como se atreve a perturbar a conversa de dois brancos? Precisas de um bom açoitador...

— O deixe por minha conta, senhor Severo. O que você quer, Tengegê?

— Mostrar isso!

O jovem ex-escravo estava com os bolsos abarrotados de pepitas e pedaços fragmentados de ouro, alguns do tamanho de uma laranja. Atirou tudo aquilo no chão. O que se seguiu, somente a cobiça humana poderá explicar, sem jamais justificar: os dois homens, ditos civilizados jogaram-se ao mesmo tempo sobre o ouro, disputando-o a tapas, quais se fossem animais famintos em litígio de restos de algum alimento.

Eles engalfinhados e Tengegê de pé, formavam um triste retrato do que o ouro provoca no espírito, rebaixando-o, quando sob o império da ambição. Ali, a nobreza espiritual, tinha-a apenas o jovem africano.

Quando conseguiram a posse do que puderam catar, voltaram-se para Tengegê e indagaram, com os olhos flamejantes e o peito arfando, não de cansaço, mas de extrema excitação pelo ouro:

— De onde você trouxe o ouro?

— Do meu rio. Bem acima onde o sinhô Severo catou ouro no barranco.

— Então era você que me espionava? Bem que desconfie. E desde quando o rio é seu? Parece que aqui nem sabem que tudo pertence a el-Rei...

— Quanto ao rio, ganhei de Olorum e por isso dei-lhe o meu nome.

— Vamos lá buscá-las, às pedras do Olorum! — sentenciou Severo, preparando-se para sair.

— Antes, acho bom acertarmos umas contas... — replicou Mendonza.

Os dois homens empunharam suas armas. Tengegê fitou-os imperturbável, lembrando-se das palavras de Zangigi, quanto à nefasta ação do ouro no coração dos homens. Sugeriu:

— Por que os dois não sentam e conversam com calma?

— O quê?! Quem é você para nos dizer como proceder?

— Dele trato eu, senhor Severo, fui eu que o comprei e como ele me pertence, dele eu tomo conta.

Respirou fundo e proclamou:

— Acho que é hora do senhor saber umas coisas: os negros que trabalham comigo não são mais escravos, eu já os alforreei, sob compromisso de trabalharem para mim por dois anos. A história é longa, mas encurtando-a, conto para o senhor que o Tengegê foi quem descobriu o primeiro ouro dessas bandas e só com minha promessa de libertá-lo e aos seus amigos, me contaria onde estavam as pepitas. Fizemos um trato: eles trabalhariam para mim, catando o ouro e eu lhes daria o suficiente para retornarem à África. Como não tínhamos ferramentas adequadas, trabalhamos alguns meses nas *fisqueiras*<sup>16</sup>.

Severo segurava com inaudita firmeza alguns fragmentos de ouro trazidos por Tengegê, além de estar com os bolsos cheios de pepitas.

Emérito calculista, raciocinou rápido:

— Muito bem, homem: vamos despachar logo os negros de volta à África. Pago o frete do navio!

— Vossa excelência?! Mas, por quê?

— Porque não há outra possibilidade de acordo entre Portugal e Espanha, isto é, tu e eu, a não ser sociedade. Pense bem: sócios!

— Ficou maluco? Nunca!

---

<sup>16</sup> Fisqueiras = pequenas unidades mineradoras, com poucos escravos, que se limitavam a catar pepitas entre o cascalho e as areias dos rios.

— Não fiquei maluco. Pense bem: já tenho posses e estou bem relacionado na Corte. Para explorar o ouro aqui, vamos precisar de muitos homens, animais e ferramentas adequadas, pois ao invés de faiscar, vamos cá instalar *lavras*<sup>17</sup>, que serão tuas, oficialmente, mas nossas, de verdade.

— Como assim?

— Pois então não sou o enviado do Rei? Tenho autoridade para falar em nome de el-Rei e faço-o agora, aqui mesmo: passo-te em domínio metade destas terras, sob proteção oficial portuguesa, e darás em troca o quinto que é de lei.

— E a outra metade?

— Ora pois, outorgarei à minha pessoa...

— E vossa excelência pagará também o tal quinto?

— Homem de Deus, reflita: vou pessoalmente inventariar o que for aqui apurado... Daremos sim o quinto, tu e eu, porém, vamos dividir o resto do sertão em várias datas, aonde outros mineradores irão se estabelecer. Não desconheces que quando transpirar a notícia do achado do ouro por aqui terão mais aventureiros que formigas. Não creio que seja desonesto que eles paguem por nós a exigência da lei, pois não?

Tengegê ouvia tudo aquilo, começando a sentir aflição crescente.

Severo completou:

— Talvez tu não tenhas ainda pensado nisso, mas como o ouro sairá daqui e onde negociá-lo? E com quem? Pois comigo como sócio, haverá facilidade de embarcar o ouro para a Europa, não necessariamente para Portugal: levaremos a metade à tua terra, onde eu a venderei a amigos que tu indicares.

— E a outra metade?

— Irá para Portugal, e tu a venderás, a amigos meus... Assim, ficamos livres, os dois, de suspeitas em nossas pátrias.

---

<sup>17</sup> Lavra = instalações mineradoras de grande porte, com muitos escravos e equipamento, que se dedicavam à exploração de veios auríferos nas rochas e montanhas.

Além do mais, as viagens para a Europa terão que ser constantes, pois para explorar as minas haverá necessidade de ferramentas que só por lá existem. Para que tu não penses que quero burlar-te, vou presentear-te com todo o equipamento que precisares. Assim, pagando a volta dos teus atuais negros e trazendo outros, para trabalhar sem mordomias, penso que estou ofertando-te uma generosa sociedade. Dessa forma, tu entras com a mineração, eu com as despesas e administração, e Deus, com o ouro, que dividiremos, meio a meio.

Para selar de vez o raciocínio e convencer Mendonza, disse:

— Só com proteção real sairemos vivos e ricos dessas terras...

Mendonza compreendeu, pensando rápido também, que as coisas tinham tomado um rumo que não poderia ser mudado, a não ser com a morte. Ou de Severo... ou a dele.

Desistiu da ideia de matar e mais ainda da de morrer.

Concordou... Só pensando em ficar rico...

Incrível, mas Severo já nem mais pensava na família. A posse da incalculável fortuna que a terra guardava, logo seria sua. E isso sim, era importante, não um ato herético de um atrevido escravo.

Dessa maneira, desprezava por completo o aviso que recebera pela mediunidade de Tengegê, verdadeira bênção espiritual.

Foram rápido ao local onde Tengegê encontrara mais ouro.

Com indizível espanto, desacreditando naquilo que os olhos viam, os três, juntando-se aos que lá já estavam — guardas, auxiliares e escravos —, olhavam fascinados às grandes jazidas de ouro, quase à flor da terra.

O curso d'água que a chuva formara, tinha o leito forrado de ouro, sendo certeza de fortuna para todos, pois as pepitas brilhavam em considerável extensão do riacho. A força das águas transferira das entranhas da montanha todo aquele ouro e depositara-o ali, para talvez dormir outro sono milenar. Fazendo

essa verificação, com alguma experiência geológica que possuía, Mendonza logo intuiu que aquela não era a primeira vez que tal acontecia. Assim, outros cursos existiriam por ali, sendo apenas uma questão de saber procurá-los, pois as águas só duravam enquanto houvesse chuva.

Mas, o sono milenar do ouro, chegara ao fim naquela região, eis que a ambição, sempre desperta no coração humano, não o permitiria.

Exceção a Tengegê, Zangigi e os demais escravos alforriados, as demais almas daquele entreposto agora só pensavam no ouro.

Até se poderia dizer que aqueles homens, com prazer, gostariam que o ouro saísse das terras e passasse a morar em suas almas cobiçosas...

## O brilho do ouro e da cor negra

**À** vista de ouro tanto, a partir daquele momento Mendonza perdeu o apetite e o sono.

Durante três dias e três noites consecutivas, sequer recostou-se, aplicando-se em amearhar o ouro, que quanto mais eram cavados os barrancos, mais e mais pepitas iam surgindo.

O mesmo fato com as pepitas no leito do "rio Tenegê": quase que amontoadas, pelas enxurradas, que sabe Deus quantas, em milênios sucessivos, tinham agido quais garimpeiras da natureza, transferindo-as das montanhas para cursos d'água, cujos vestígios noticiavam que tinham tido vida curta.

O Sol, como que despertando algumas pepitas, acariciava o ouro com seus raios matinais, trespassando as águas rasantes e pondo-o à mostra, na magnífica vitrina viva da natureza.

Severo decidiu que o acampamento deveria ser inaugurado como ponto de referência e principalmente como "território sob jurisdição lusitana": denominou-o de "Vila Rica". Aproveitando da passagem por ali de uma *Entrada*, da qual fazia parte um padre jesuíta, pediu-lhe que, para oficializar tão importante acontecimento, rezasse uma missa solene. Determinou, igualmente, que "todos os que vivos estivessem naquelas terras" assistissem-na.

Findava o ano de 1698...

Este foi o ano em que pela primeira vez a bandeira portuguesa tremulou naquelas generosas terras.

Quase um ano após, grande quantidade de ouro colhida, Mendonza adoeceu. Febril, delirante, com espasmos cada vez mais intensos, todos no acampamento já não duvidavam que a morte rondava-o.

Severo, com as atribuições que lhe dera el-Rei de Portugal, havia feito doação oficial daquelas terras a Mendonza — da metade delas...

Embora já tivesse permissão das autoridades para aprisionar índios, bem como garimpar ouro e pedras preciosas, a doação oficial de Severo homologou a posse que oficiosamente Mendonza assumira. Agora, porém, adoecera e corria risco de vida. Morto, cessaria tal permissão e era mais do que certo que as terras seriam encampadas pelo representante real, que delas, já possuía a metade.

Quanto aos negros, seriam todos, com certeza, reintegrados à posse da coroa portuguesa. Em outras palavras, voltariam à condição de escravos.

Tengegê intuiu-o, num raciocínio lógico.

Compreendeu que corriam todos sério perigo: seriam, ele e seus companheiros, alvo de tanta cobiça, que nem era bom pensar.

Sua natural liderança sobre os ex-escravos havia inclusive sido proclamada por Zangigi (até há pouco ele o líder, por ser o mais idoso). Mas nem por isso Tengegê deixou de aconselhar-se com Zangigi. E naquele momento de preocupação, foi o que fez:

— Zangigi, estou receoso de nossa liberdade morrer com o sinhô Mendonza...

— Eu também... Eu também...

— Não gosto dessas coisas, de arrumar solução para os vivos com a ajuda dos mortos, mas será que o senhor não poderia pedir aos orixás para fazerem uns remédios para o sinhô?

— Poder, eu posso, pois os orixás só atenderão se for para o bem e se o doente merecer. Mas e se ele morrer? Vão dizer que nós o matamos. Aí...

— Não tem esse risco, pois o sinhô Severo está vendo tudo e ele também é autoridade.

— Você que sabe, mas não se esqueça de que os brancos não admitem a ajuda que vem “lá de cima” pelas mãos dos negros.

— O sinhô Mendonza vai morrer se algum remédio não for dado logo para ele, por isso, eu assumo o risco: o mais depressa que o senhor puder, prepare os remédios, enquanto vou falar com o sinhô Severo e pedir a ele autorização para dar o remédio ao sinhô Mendonza.

Severo permitiu o atendimento dos ex-escravos ao paciente.

Duas horas depois, o próprio Severo, Tengegê e Zangigi adentraram na tosca barraca de Mendonza, que ardia em febre, com as roupas encharcadas de suor. Cheiro acre dominava todo o ambiente. Sem realizar qualquer higiene, há dias, o doente tornava mais difícil qualquer auxílio, pois ninguém suportava aproximar-se dele, exceção dos três. Zangigi preparara uma poção, à qual Tengegê assistira como era manipulada: infusão de limão com folhas e frutos de jurubeba, sendo que o tempo todo Zangigi, de olhos fechados, impunha as mãos espalmadas sobre o caldeirão. O que mais impressionara Tengegê é que Zangigi não se queimou, nem sequer acusou qualquer desconforto ou dor pelo vapor que subia do vasilhame. Após deixar o caldo ferver por uns dez minutos, Zangigi abriu os olhos e deparou com Tengegê olhando-o, fascinado. Brincou com ele:

— Imagino que você também pediu a proteção dos orixás...

— Eu... estava... olhando para o senhor e só passei a mão na cabeça dele. Desculpe, mas não sabia que o senhor estava chamando os orixás para benzerem o remédio.

— Não tem importância, menino: mesmo sem você saber, os orixás estiveram aqui e tiraram forças do seu corpo, que puseram no caldeirão.

— Tiraram forças de mim?! Como é que não senti nada?!

— O rio também não sente quando alguém tira um balde d'água dele. Quem tem saúde tem mais é que dar mesmo.

*(Aqui, a referência é ao passe fluidoterápico, em termos espíritas: transfusão de energias magnéticas, doadas com amor por encarnado a alguém doente, as quais são conjugadas com energias psíquicas, manipuladas por Espíritos protetores).*

Zangigi aproximou-se de Mendonza.

Severo pensou: o espanhol tem mesmo pouco tempo de vida; ainda bem que deixei esses negros ajudarem-no, pois assim, ninguém poderá dizer que não tentamos salvá-lo. Persignou-se.

O velho ex-escravo passou a destra na testa de Mendonza e com a esquerda ofertou-lhe o caldo quente. Mendonza bebeu todo o que foi oferecido. Decorridos cerca de dois minutos, gritou:

— Meu ouro! Quem está roubando meu ouro? Vou matar todos esses ladrões imundos. Saiam daqui! Saiam daqui! E levem essa megera com vocês!

Os dois ex-escravos captaram, no ato, que o sinhô falava com "almas penadas", que o atormentavam.

Zangigi segurou a cabeça de Mendonza, impedindo-o dos movimentos bruscos que a crise impunha. Olhou para o teto da barraca, como quem olha para o céu e cantou:

*"Olorum, Pai do mundo, Olorum:*

*O sinhô vai esfriando o coração.*

*Perfuma com flores o caminho*

*Onde vai andar sem ouro nenhum!"*

Repetiu duas ou três vezes esses singelos e desarrimados versos e como Mendonza acalmasse, prontificou-se:

— Graças aos orixás, a febre começa a ceder. O sinhô e o menino podem ir cuidar da vida, ficarei aqui até o sinhô acordar. Ele vai dormir muito, mas preciso ficar aqui para não deixar as almas penadas judiarem dele. Querem levá-lo...

— Almas penadas? — exclamou Severo, questionando: como é que você sabe disso?! E, ademais, não venha me dizer que se elas realmente estão aqui vão ter medo de você.

— Sei porque estou vendo-as e de fato não tenho força para lutar com elas, mas os orixás escutam e atendem todo pedido fervoroso, se for para o bem e se o protegido merecer.

Severo persignou-se, novamente. Não estava gostando nada de ver aquele acampamento ser palco de tamanha heresia. Sabia, perfeitamente, que se alguém denunciasse aquilo, certamente a Igreja tomaria sérias providências punitivas, com total complacência de el-Rei. E ele seria responsabilizado, por ter dado permissão a tudo aquilo.

Descrente das palavras de Zangigi deixou o infecto ambiente.

Por três dias Mendonza dormiu, tendo pesadelos, delirando, mas sendo assistido caridosamente por Zangigi que não o deixou um único minuto. Ao quarto dia, acordou algo recuperado. Deu uma pequena volta pelo acampamento, não disse palavra, alimentou-se frugalmente e voltou para dormir. Dormiria até o dia seguinte, ininterruptamente.

Severo não teve a menor dúvida: Mendonza devia a vida a Zangigi, que com aquele remédio o salvara da morte certa.

Já era noite quando oito capitães-do-mato, a cavalo, chegaram ao acampamento, trazendo com eles, acorrentados pelos pés, os cinco escravos que há tempos haviam fugido daquela *armação*. Tinham-nos recapturado e, identificando a quem pertenciam, ali estavam devolvendo-os e aguardando a recompensa.

Mendonza estava dormindo e por isso Severo identificou-se e recebeu os escravos. Deu em recompensa dezesseis pepitas aos homens, duas para cada um, além de mantimentos necessários ao seu retorno. Gratos, ofereceram:

— Antes de irmos embora, o sinhô não quer que o açoite “cante” uma boa modinha, como lição para esses marotos?

— Amanhã decidiremos isso e cumpriremos a lei. Hoje eles não aguentariam, pois se vê que estão quase morrendo.

O tom e o gesto deixavam entrever que provavelmente os cinco seriam mortos, no dia seguinte.

— Não se preocupe, sinhô, que esses bichos merecem mesmo o castigo que já demos: nada de água nem comida. Isso, há dois dias!

Tengegê manteve-se controlado, mas tenso, aguardando os fatos.

Não permitiria que os escravos recapturados fossem nem açoitados, muito menos eliminados. Aguardaria o sinhô Mendonza acordar, quando então os libertaria, pois ele, Tengegê, os havia comprado, com as primeiras pepitas encontradas por ali.

Alta madrugada, uma sombra, movimentando-se silente, levou aos prisioneiros duas cabaças com água e uma penca de bananas maduras, além de dois ou três biscoitos de fubá para cada um. Assustados, mas gratos, identificaram seu protetor. Um dos escravos beijou a mão que os protegia. Aquele gesto de gratidão iria selar admiração e obediência dos cinco infelizes, já que era norma a eliminação de escravos fujões, para desencorajar fuga dos demais. E a pena de morte também era aplicada a quem os escondesse.

Quando acordou, no dia seguinte, Mendonza viu Zangigi ao seu lado e inquiriu, aflito:

— Zangigi, o que aconteceu? Não sei se era sonho, mas vi uns ladrões rondando por aqui e com eles uma antiga mulher com a qual tive um caso, lá na Espanha.

— Eram espíritos ruins, sinhô. Mas Olorum trancou-os por uns tempos. Isso mesmo: não vão perturbar o sinhô, desde que seja bom, como tem sido.

— Vi também um negrinho, com um aleijão nas costas... Ele era um bom menino, pois passou a mão na minha cabeça várias vezes, com suavidade e eu me senti bem melhor.

De repente, Mendonza deu um salto da cama:

— Pela Santa Virgem! Os espíritos estavam me sequestrando e fugiram com medo do menino corcunda. Aí ele me disse seu nome... lembro-me agora: Gangê! É o amigo do Tengegê! Nisso, ouvi uma pessoa cantando alguma coisa de “coração esfriando”, e alguém indo no caminho “sem ouro nenhum”. Percebi que esse alguém era eu e que eu ia morrer... Foi aí que apareceu o Gangê. Os malvados fugiram, ele me deu a mão e voltamos juntos, para aqui.

— E depois?

— Não sei, dormi pesado.

Ficando de pé, perguntou ansioso:

— E o ouro? Onde está?

— O pessoal está catando. Estamos escondendo tudo, com medo de ladrões.

— Muito bem! Levem-me até o esconderijo.

— Sim sinhô. Antes, um pedido do Tengegê: aqueles cinco escravos fujões foram recapturados e trazidos acorrentados para aqui. Como o Tengegê pagou por eles, e para não despertar suspeitas, estamos pedindo ao sinhô que mande os capitães-domato embora e depois os liberte. Sinhô Severo já recompensou os forasteiros, mas eles só costumam ir embora depois de assistir ao castigo dos fugitivos.

Mendonza raciocinou que era preciso fazer tudo para que “seu ouro” se mantivesse seu. Acatou o pedido. Confabulou com Severo e conjuntamente decidiram contratar o serviço dos oito caças-recompensa, para escoltarem o enviado do Rei de volta à Governadoria do Rio de Janeiro, levando sua parte de ouro, até ali apanhada.

Severo precisava ir a Portugal comprar equipamento para instalar as lavras. Já antegozava os elogios que receberia de el-Rei, em pessoa. Na família, nem sequer pensava. Havia esquecido, inclusive, notícia segundo a qual a esposa e filhos vivenciavam “algum” problema.

Bem cedo, Severo e os oito forasteiros deixavam o acampamento.

Levavam muito ouro disfarçado em rapaduras: em pó, acomodado em barricas de açúcar mascavo; em fragmentos e pepitas.

Logo os prisioneiros foram libertados, sob responsabilidade de Tengegê, que lhes passou severa admoestação, por terem posto em risco a vida de companheiros, quando fugiram. Arrependidos e ao mesmo tempo gratos pela liberdade que lhes foi dada, ao invés da morte, juraram-lhe fidelidade.

Trabalhando com denodo nas plantações de milho e arroz, além de alguma cana-de-açúcar, logo ali se formou um pequeno arraial, permanecendo com a atividade de entreposto. Mendonza e todos os ex-escravos, bem disfarçavam quanto ao ouro — sua atividade maior. Sabiam todos, sem exceção, que quando a notícia se espalhasse, sem um forte esquema de segurança, suas vidas pouco valeriam, pois seriam alvo de ladrões, geralmente impiedosos. E poucas eram as armas de que dispunham.

Além do mais, os ex-escravos sabiam também que do êxito da mineração dependia seu retorno à terra-mãe, a África distante, cada vez mais saudosa e mais amada.

Nascer na África, para eles, era bênção dos céus, que a todos os instantes agradeciam. Tinham extremado amor às suas tradições, à sua cultura, aos seus deuses e principalmente à sua cor.

Difícil para qualquer outra raça compreender isso: como é que alguém pode ter orgulho de ser negro?

Mas o amor maior era testemunhado pela dolorosa saudade das famílias às quais foram impiedosamente arrebatados pela escravidão...

Mas, na história da evolução humana, branco não há, menos amarelo ou vermelho, que um dia, na longa fieira de vidas sucessivas não tenha sido contemplado com a epiderme negra, a primeira na face da Terra.

A pele negra, abençoada por Deus, como de resto todas as demais cores da epiderme, foi entretecida e estruturada por Espíritos Siderais, de início, como fantástica e incomparável defesa natural a ambientes hostis, seja por inclemência solar, por picadas de insetos, arranhaduras de animais e outras peculiaridades das regiões primitivas e agressivas, onde a vida humana surgiu e evoluiu. E como tudo que promana de Deus é bom, belo e eterno, a cor negra permanecerá na Terra, e com ela, aprendizados e missões, sempre ajudando a evolução espiritual do homem.

Assim, não se diga que o negro de hoje é primitivo: muitos deles, inclusive, podendo ostentar a bata orgânica clara que a parte da humanidade, em equívoco, há tempos vem declarando como sendo de eugenia "superior", ao reencarnar optaram pela cútis negra, o que lhes facilitaria, sobremodo, cumprir seus programas reencarnatórios.

Outros, beneficentemente compulsados a um exercício de humildade, também nasceram negros. Alguns, tristemente equivocados, passam a vida revoltados, pois na verdade, estão contemplados com preciosa provação, ante a humanidade, maioria ainda tão preconceituosa.

— Que importa ao homem de bem, religado a Deus, a cor da sua pele? Alguém já parou para pensar que até hoje jamais o Criador separou o ar que respiram os brancos daquele que oxigena os pulmões dos negros, dos amarelos, dos vermelhos, dos mulatos, dos albinos?

Severo disfarçou várias arrobas de ouro, colocou-as dentro dos vasilhames de açúcar mascavo e das rapaduras, tendo o cuidado de deixar as "falsas" no fundo. Naquele caso, singular, talvez pela primeira vez no mundo, a coisa falsa valia milhares de vezes mais que a verdadeira...

Com grande astúcia e autoridade conseguiu chegar no Rio de Janeiro sem despertar suspeitas. Aliás, para despistar, informou aos homens:

— As pepitas que vocês receberam eram originárias de muito longe de onde agora está o acampamento. O espanhol me disse que as achou perto de Mato Grosso e que foram achadas apenas um pouco delas e nunca mais nenhuma outra. Por isso é que desistiram do ouro lá naquelas bandas e voltaram, fixando-se nas plantações.

Os homens acreditaram, ou fingiram que acreditaram...

Quando Severo chegou ao Rio de Janeiro o Governador deu-lhe notícias preocupantes:

— Amigo intendente: estava aflito aguardando-o há meses: será de bom alvitre que retornes ligeiro à pátria, eis que tua família, há tempos, mandou-te cá um pedido desesperado.

— Céus, pela Virgem! O que aconteceu com minha família?

— A bem da verdade, não se pode dizer se isso ou aquilo, mas o capitão do navio que trouxe o recado deixou entrever que o teu rapaz está encrencado.

— Como “encrencado”?

— Mais não mo disse o marujo.

— Volto ao Portugal no primeiro barco!

— Tens sorte, intendente, pois de hoje a três dias o brigue “Mar Azul” vai zarpar, capitaneando três galeões levando açúcar. Já estão sendo carregados.

— Três dias, não; amanhã!

— ?!

— Em nome de el-Rei.

— Sim, senhor intendente. Providenciarei mais carregadores.

— Quero três navios de escolta.

— Sim, excelência. Mas, diga-me lá uma coisa: é tão valiosa assim a carga que levas a el-Rei?...

— Mais do que pensas, meu caro Governador, mais do que pensas... inclusive, apetecerá tanto a el-Rei quanto o melhor manjar.

O Governador ficou embaraçado, imaginando o que poderia “apetecer tanto quanto o melhor manjar”.

No dia seguinte, com efeito, o “Mar Azul”, três galeões e mais três navios-escolta deixavam o porto do Rio de Janeiro, rumando para Portugal, levando Severo, com muitas preocupações, muito açúcar e muito ouro. Determinou que a esquadra se dirigisse diretamente ao Porto, sua cidade, devendo atracar no porto de mar.

Ao pôr os pés na terra-mãe, o coração de Severo pulava de alegria. Ali mesmo alugou algumas carroças para transportar as “rapaduras” e o açúcar até sua quinta. Ao chegar e rever aquelas paisagens, tão suas, tão caras, ferveu-lhe o peito de emoções.

A sua Antoninha, esposa amada, mulher que a vida provara em duras ocasiões, dando-lhe a têmpera dos fortes, abraçou-o, chorando.

Ele também era rijo nas lides da vida. Mas ali, inescapáveis, silentes, suas lágrimas se misturaram com as delas.

Redobrados minutos ficaram olhando-se, como se fora a primeira vez que se viam, embora estivessem afastados um do outro há cerca de dois anos.

— Mulher: nossos filhos?

— O Henrique deu uma pedrada na cabeça de um tonto qualquer que quis se aproveitar da Carlota. E o tonto morreu!

— Quem era o tal tonto?

— O Afrânio, filho do nosso vizinho, o senhor Celso.

— Pela Virgem, como foi isso?!

— O Afrânio, há tempos vinha querendo namorar a Carlota, que o rejeitava, por gostar de outro. Valendo-se da tua ausência, insistiu mais e mais, tornando-se inconveniente. Recusado, certa noite agarrou Carlota, tentando conquistá-la à força. Pensava que ninguém os via e que poderia subjugar-lhe. Mas se enganava, ou melhor, a grande quantidade de vinho que bebera toldara-lhe o cuidado e ao assaltar nossa menina, ela gritou, sendo ouvida. Afrânio estava a ponto de infamá-la quando recebeu na cabeça a certa, merecida, mas fatídica pedrada, que lhe deu Henrique, socorrendo a irmã. Sabendo como o Afrânio era violento, além de

ser muito mais forte que ele, usou a pedra. Aí, quando eu e pessoas da família dele viemos ver do que se tratava, nos deparamos com a grave cena: Carlota, toda rasgada, abraçada ao irmão, trêmulos ambos, em choque, e ao lado o tresloucado Afrânio, já sem vida.

— Como sabem que ele estava embriagado?

— A Polícia averiguou isso numa sindicância e os empregados do senhor Celso confirmaram.

— O Henrique fez bem! Quem mandou o tonto tentar injuriar nossa Carlota?

— É o que penso também. Eu e quem vimos a cena. Só que o senhor Celso...

— Vou falar com ele.

— Vai, mas tem cuidado. Ficou transtornado e chegou até a ameaçar o nosso filho. Como nossa família está sob proteção de el-Rei o compadre Valdeiro conseguiu que Henrique tivesse vigilância de guardas, isso até que passasse o rancor do senhor Celso.

— Vou ter com o Celso, assim que abraçar meus filhos.

Quando Carlota, Juliaiva e Henrique chegaram da escola, o pai abraçou-os aos três, ao mesmo tempo. Os jovens amavam ao pai e não conseguiram impedir o choro que os assaltou.

Severo, ali mesmo, percebendo que sua presença junto à família era indispensável, ainda mais depois do acontecido, decidiu que por pouco tempo mais permaneceria afastado dela.

Mais tarde, foi visitar Celso.

Recebido com frieza, tentou contornar a situação, mas o vizinho estava traumatizado e não aceitou quaisquer considerações. O fosso cavado entre as duas famílias era muito profundo e não houve como os dois homens se ajustarem. Severo saiu dali magoado e preocupado, captando em Celso ódio crescente do "assassino do seu filhinho", como se expressara, em se referindo a Henrique.

No dia seguinte, Severo procurou o compadre Valdeiro.

Contou tudo a ele, menos sobre o ouro...

— Sabe, compadre — advertiu-o Valdeiro —, foi bom voltares, porque o Henrique, meu afilhado, só não está preso, ou coisa pior, porque intercedi junto a Sua Majestade... Mas não posso garantir que o Celso realize vingança...

— Como assim “fora das grades”?

— Isso mesmo, ora pois! Não é que o senhor Celso foi à Capital e em audiência com el-Rei exigiu que o menino ficasse sob custódia policial? A decisão real é que isso seria resolvido quando tu regressasses da Colônia.

— Aquele...

— ... pai amargurado, compadre! Perdeu o filho que amava!

— É, até certo ponto, tens razão. No lugar dele, não sei o que faria.

— Muito bem. Mandei o recado para voltares para resolvermos esta triste pendenga. Demoraste a vir...

— Foste tu então que enviaste o recado?

— Ora, pois. Fiz mal?

— Fizeste bem. Sou-te grato, compadre.

Severo pensou alguns instantes e comovido ante a bondade do amigo, decidiu-se:

— Sabes, compadre, há algo que vai mudar todo esse panorama... Trago boas novas para el-Rei...

— Boas novas? Sua Majestade não precisa delas, eis que a situação das burras da tesouraria real não anda bem das pernas.

— Mas é justamente às burras a que me refiro!

Valdeiro olhou o compadre como se o visse pela primeira vez: admirou-se com o brilho nos olhos dele. No mesmo instante, algo indefinido alertou-lhe ficar atento. Severo convidou:

— Sabes, Valdeiro, tenho-te em conta alta de consideração. Quero saber se esta mesma conta pode ser também de confiança...

— Não estou te entendendo, compadre. Queres dizer-me algo? Vamos lá, homem! Pois que então não somos amigos e parentes?

Como Severo titubeasse, Valdeiro incentivou-o:

— Vamos, homem: dizes logo o que tens aí dentro do peito.

Severo abaixou a voz:

— Vamos em casa. Vou mostrar uma coisa que te vai espantar.

Quando chegaram, Severo conduziu Valdeiro à vinícola “Quinta dos Favos”, bem instalada na sede do vinhedo. Ali, nas amplas instalações, centenas de barris de vinho dormiam o “sono da pureza”, como Severo se referia à fermentação, concentração e depuração do mosto, para a posterior purificação. Para Severo, aquele local era quase sagrado, pois desde criança, primeiro em companhia do avô paterno e depois do seu pai, ali passava horas e horas, aprendendo todas as nuances da produção de vinhos. Raramente eram abertas as pesadas janelas, existentes apenas em uma das paredes. Por isso, o clima interior era algo úmido, com pouca claridade.

O padrão dos vinhos “Quinta dos Favos”, há muito transpusera as fronteiras lusitanas e recebia elogios em vários outros países da Europa. Aliás, de todos eles.

A Inglaterra era o país que mais apreciava aqueles vinhos.

Olhando embevecido aos seculares tonéis, Severo acariciava cada um deles, como se estivesse acarinhando um mimoso e ronronante gatinho. Para a própria alma, murmurou:

— Eu os amo! Sei, sei: vocês também me amam...

Valdeiro, já em espanto, sim, mudo e estático, e prudente, só observava. Aquele colóquio do homem com seus vinhos era fantástico!

Saindo do enlevo, como despertando de um fugaz êxtase, Severo deu-se conta que andara falando sozinho. Penitenciou-se:

— Oh, compadre: tu me desculpes.

— Sim, homem, te desculpo, só se me deres um bom gole e depois dizes por que me trouxeste cá.

Severo agarrou o braço do compadre e levou-o à adega, esta subterrânea, onde estavam os vinhos prontos para o consumo, aguardando apenas venda e transporte. Serviu um generoso copo ao compadre, acompanhando-o com igual quantidade. Depois o levou aos fundos da adega, onde imperava a penumbra. Descobrimo grandes baús, Severo apanhou de um deles uma rapadura e deu-a de presente ao compadre. Algo constrangido, Valdeiro não apreciou muito o presente, não conseguindo disfarçar:

— Agradeço, compadre, mas francamente: atravessaste o mar para trazer essas pedras doces? Melhor farias se trouxesses açúcar claro, e não este, terra. Açúcar real, homem! Açúcar que tem valor. Cá estas pedras são para os gentios ou para os negros... E ainda mais tão pesadas...

Do alto de imaginário pódio da vitória, Severo apenas sorriu.

— Fazes pouco do que te digo, compadre? — inquiriu Valdeiro, ressentido.

— Jamais, jamais. Toma lá — retrucou Severo, passando uma faca para o amigo e pedindo-lhe que “experimentasse” a pedra doce...

Sem entender direito do que se tratava, mas começando a perceber algo extremo, Valdeiro pôs-se a cortar a rapadura. Assim que a afiada lâmina venceu os primeiros milímetros do doce, a faca bateu em algo sólido. Como pedra, mesmo...

Valdeiro pensou, desnorteado:

“— *Mas, raios, porque esse homem trouxe pedra embrulhada em rapadura?*”.

Severo convidou:

— Vamos à tina, lavar a rapadura.

Quando Valdeiro removeu na água a fina camada de rapadura quase não acreditou no que via: mesmo sem

polimento, ali estava um pedaço não de barro, doce ou pedra, mas de ouro!

— Pelas barbas de Melchior, o rei mago que deu valor ao Menino Jesus: isso... é... ouro!

— Falemos baixo — advertiu Severo, mesmo sabendo que estavam sós.

— Onde?... Quando...? Como...?

— Dir-te-ei logo: no Brasil, neste tempo, em segredo. Respondi tuas três perguntas. Digo-te mais: o lugar é secreto e há uma quantidade imensa de ouro. Deste mesmo ouro que tu vês!

— Temos que trazer tudo para cá!

Severo não apreciou o “temos”.

Valdeiro captou o deslize e desculpou-se:

— Se quiseres, conte comigo para te ajudar...

— Claro que vou precisar de ti: trouxe cento e nove destas rapaduras e pretendo entregá-las à Sua Majestade.

— O que é isso? Por que a el-Rei?

— Porque sou patriota e quero graças reais...

— Homem, acorde: por que queres “graças reais” se já tens essas “graças” aqui?

— Primeiro, para resolver de vez o problema do meu Henrique. E também, porque lá na terra, na terra dos bugres, é necessário autoridade e força, muita força, para que os ladrões, de todo tipo, não usurpem o dom das terras que pertencem a Portugal. E só el-Rei poderá determinar poderosa guarda, sob meu comando. Percebes?

— Tens razão, em parte. Proponho-te que levemos mesmo algum ouro à Sua Majestade, mas que reservemos algum, para nossos investimentos.

Outra vez Valdeiro se incluía: “levemos”, “reservemos”, “nossos investimentos”. Severo já começava a sentir a sensação de furto...

— Olhe aqui, compadre: por falar em açúcar claro, vou clarear as coisas entre nós: contei-te tudo isso porque preciso de ti, para vender o meu ouro, onde pudeses. O ouro é meu. Meu, compreendes? E estou pensando em comissionar-te, com generosidade. Aceito tua sugestão, vou pôr cinquenta rapaduras destas nas burras da tesouraria de el-Rei e com as outras cinquenta vamos, em segredo, comprar um navio.

Agora, foi Valdeiro quem não gostou do “em segredo” e principalmente do plural “vamos”:

— Um navio?! Para quê, homem? Não te entendo...

— Para transportar mercadoria da Europa para a Colônia e de lá voltar com o meu ouro até a Espanha... Pois é lá que vamos vendê-lo e assim poderemos ampliar nossos negócios por aqui.

Outra vez o “vamos”. Valdeiro inquiriu:

— Estás propondo-me sociedade, compadre?

— Ficas com nove rapaduras. Conforme eu pegue meu ouro, lá na Colônia, dividiremos sempre assim: para el-Rei, para ti e para mim. Na proporção destas cento e nove rapaduras que tenho cá comigo.

Valdeiro abraçou Severo efusivamente, que o advertiu:

— Não contes a ninguém o segredo das rapaduras, pois algumas são mesmo de verdade.

Quando o ouro, limpinho, foi entregue ao Rei, com a promessa-certeza de muito mais, as portas do palácio real foram escancaradas para Severo e sua família. O processo contra Henrique foi definitivamente arquivado. “Legítima defesa da honra” proclamou o encarregado da justiça real, incumbido de julgar o processo.

Severo recebeu, com pompa, o cobiçado título de “amigo do Rei”.

A partir daquela data, em todo o reino de Portugal, Severo Cantilhão deveria ser honorificamente tratado de “Dom”.

E mais que isso: foi nomeado Intendente-mor na região “das minas”. Cargo altíssimo, pelo qual poderia dispor do que necessitasse, em defesa do patrimônio e bem-estar de Sua Majestade, para glória da pátria lusitana. Pediu e foi-lhe imediatamente posto à disposição, um forte contingente de cento e cinquenta soldados, armados e com munição farta, além de considerável equipamento adequado à lavra do ouro.

Navios para o transporte do pessoal e do material, requisitasse os necessários e lhe seriam fornecidos. Pediu que dois padres acompanhassem o contingente, para ministrarem o evangelho não só aos soldados, mas também aos gentios e aventureiros.

Celso, pai do desafortunado Afrânio, ao saber da decisão real, inocentando Henrique “ad eternam” (para sempre), começou a beber sem parar. Sempre embriagado, decidiu vingar o filho, fazendo justiça ele mesmo, já que “um assassino transitava impune pelo mundo”, conforme vivia apregoando. Nessa fase, dirigiu-se à “Quinta dos Favos”, portando garrucha municuada. Gritou:

— Oh, tu, infame, que tiraste a vida do meu Afrânio: vou te mandar para a companhia dele. Vem cá, se fores homem.

Toda a família de Severo acorreu ao pátio da entrada, de onde vinham os gritos confusos de Celso. Frente a frente com o vizinho, Severo protegeu a família, ao perceber que ele estava embriagado. E armado...

— Senhor Celso, acalma-te, homem! Por Deus!

— Acalmar-me? Acalmar-me? Como, se meu Afrânio está me pedindo para despachar para o lado dele o rapazote que o matou?

— Homem: como pode ser o teu filho? Ele já morreu...

— Ah, é? Então por que não me deixa em paz, exigindo que eu o vingue?

Em todos os acontecimentos graves da existência, como no caso de crimes em que alguém tira a vida de alguém, os desdobramentos terrenos sequer se comparam aos espirituais. Se aquele que desencarnou mergulha num sentimento de vingança contra o ofensor — e quase sempre é isso que acontece —, temos o quadro a que o Espiritismo denomina *obsessão*, isto é, influência negativa que um espírito mantém sobre outro. O desencarnado, com pensamento fixo na vingança, emite ondas mentais inferiores, de alto poder, as quais, dirigidas ao criminoso, se encontrá-lo desguarnecido evangelicamente — e também é isso que de ordinário se verifica —, instala-se nefasta vinculação. E isso constitui verdadeiro nó espiritual, de difícilíssimo desate. Nessa paisagem, só o perdão poderá parcialmente desenovelar a trama, porque, seguida desse importante primeiro passo, há todo um subsequente processo de reconstrução, alma a alma, refazendo os sentimentos, de negativos a positivos.

Celso ergueu a arma na direção da família de Severo e atirou, mesmo vendo o vizinho à frente. O tiro, por desígnios divinos, não acertou em ninguém. Severo atirou-se sobre Celso, dominando-o. Logo foi desarmado e conduzido à sua residência, pelo próprio Severo e alguns empregados que moravam na “Quinta dos Favos”.

Uma semana depois, Severo só pensava no “seu” ouro, que estava lá na Colônia, chamando-o. Preocupava-se com o que estaria fazendo “aquela cambada de espanhóis e negros”. E lá só estava um espanhol.

Dias após, amigos de Severo deram-lhe conta que Celso, estando quase à loucura, vivia dizendo que precisava matar Henrique, de qualquer maneira, “para atender ao pedido do filho, Afrânio”.

Após meditar por demorado tempo, Severo decidiu que, no momento, o melhor seria mudar-se para a Colônia, levando a família.

Convocaria Valdeiro para administrar a “Quinta dos Favos” e ser seu representante legal, o que foi aceito de bom grado, até porque foi feita promessa de sempre enviar rapaduras, daquelas “boas”, produzidas do outro lado do mar.

O trauma para a família de Severo não poderia ser maior.

## 5

# Família

O instituto da família é originário de Deus, o Criador.

O ser, começando a vida sob proteção de semelhantes — os pais —, cedo apreende e vivencia o conceito de gregarismo, isto é, vida em participação comunitária.

Nos homens, em particular, essa sublime instituição alcança foros de elevado significado espiritual. Transcende aos impositivos básicos da sobrevivência, aqueles que nortearam os primeiros passos dos primeiros seres vivos, na árdua senda evolutiva, da criação nos reinos inferiores da natureza, até à perfeição possível, na angelitude.

A família constitui-se, via de regra, de espíritos em ajustes, necessitados todos de equilíbrio, ante descaminhos de vidas pretéritas.

Daí porque se pode afirmar que, conquanto o superficial desconforto que experimentam familiares, entre si, o lar é, antes de tudo, filtro depurador de mazelas comportamentais.

Não se poderá afirmar, sem compactuar com a leviandade, que todas as famílias têm desajustes ou estão em reajuste. Isso não! Mas, certamente, podemos compreender que tais agrupamentos não se fazem ao acaso, sob comando genético apenas. No plano de Deus, de que a Vida é o roteiro universal, o acaso não existe. Assim, embora obedientes sim a impositivos físicos de descendência orgânica, as famílias, em primeiro lugar, são perimetradas pela Sabedoria Divina segundo justíssimo plano de evolução para seus componentes.

Estando como estamos num planeta de provas e expiações, não será fatuidade conjeturar que, na maioria, as famílias congregam pessoas desarmonizadas entre si. Longe de ser uma simples justaposição de devedores e credores, para a devida prestação de contas e acerto, o fato familiar evidencia a Bondade do Pai, ao emprestar para o casal uma quota-parte de Amor, com a qual recepcionará o filho e o criará.

Se tal tarefa lograr a harmonia, essa quota-parte é transferida em caráter permanente, da Fonte Sublime aos usuários.

Embora os filhos cheguem depois, nem por isso podem impingir aos pais obrigações e ressarcimentos: desconhecendo o passado, prudente será que todos, pais e filhos, se compenetrem de que a reunião obedeceu a critérios tais, que os mais fortes têm a obrigação de ajudar aos mais fracos.

Nos ciclos do Tempo, onde a criança de hoje será o adulto de amanhã, que por sua vez será o ancião de depois de amanhã, os papéis de proteção, por vezes, se invertem. Será dentro dessa panorâmica da vida, da inversão cronológica existencial, que os valores morais emergirão, dando a uns e outros, inigualável oportunidade de demonstrarem o quanto a Vida lhes ensinou.

Em tal passo e em tais momentos, nada se compara ao Espiritismo, com a profundidade e a lógica das vidas sucessivas, expondo na vitrina mental de cada um, o que foi, o que é, e principalmente, o que será...

Muitas famílias vivem fases de angústias e desconforto quando as teias do destino as envolvem, de forma inexorável, obrigando-as a decisões capitais.

Mudança de um local para outro, para onde seja, traz sempre no bojo profunda alteração vivencial familiar, eis que como se vira a página de um livro, também ficam para trás vizinhos, amigos, lembranças, amores...

Os pais afastam-se dos vizinhos e de toda a estrutura da qual se serviam para a manutenção da rotina e da vida no lar.

Crianças, havendo-as, são as que menos registram a diferença, pois seu mundo interior ainda tem fronteiras no imediato, próximas e visíveis, pouco exigentes. Vivem em razão do momento, alheias ao passado ou ao futuro.

Já com adolescentes ou jovens, o trauma é significativo, não raro originando rupturas emocionais, pois a mudança implode todo o alicerce que imaginavam já pronto para, sobre ele, construir suas vidas. Muitos, senão todos, têm já suas companhias para as atividades e não são poucos os que já vivem na doce e fulgurante fase do namoro. Fase que, ao longo da vida, poderá mostrar-se fugaz, porque nem sempre o "primeiro amor" é o definitivo. Mas, como os jovens só saberão disso muito tempo depois, na época consideram que a mudança explodiu o seu mundo, e que os estilhaços feriram indelevelmente seus corações.

Não são raros os casos de suicídio, nessa fase.

Exacerbados os sentimentos, nublada a razão, portas abertas à nefasta aproximação de espíritos obsessores, esse é mesmo o período das grandes turbulências emocionais. Para toda a família!

Mais que nunca, os pais deverão buscar na prece o auxílio indispensável à normalidade do relacionamento familiar.

Com a família de Severo e Antoninha, ocorreram as três nuances de perturbação:

- Juliaiva, inocente e feliz, viu naquilo tudo apenas motivo de maiores folguedos, falando alto em seu coração a vontade de "conhecer outro mundo";

- Henrique, ainda sob a penosa lembrança do seu triste caso com Afrânio, somou maior tristeza à sua já atribulada vida, pois se enturmara na escola com vários colegas, com os quais, passava a maior parte do tempo; assimilou contudo a mudança, entendendo que a família, a permanecer ali, corria risco de vida, já que o senhor Celso não desistira da ideia de vingar o filho;

- Carlota: esta não se conformava em hipótese nenhuma com a mudança: implorou aos pais que a deixassem em Portugal,

pois não suportava a ideia de ir para o outro lado do mundo, onde “só habitavam bárbaros”, como aprendera na escola. Debalde foram seus rogos. Não queria deixar aquela cidade já que estava apaixonada por Quintino, de dezenove anos, sendo correspondida. A paixão entre eles sequer fora abalada pela morte de Afrânio, nas trágicas circunstâncias em que ocorrera, mesmo Quintino sendo primo dele.

Ante as infrutíferas tentativas de permanecer em Portugal, os dois apaixonados sofriam a cada minuto que passava, pois o Tempo decretara a hora da separação: a mudança para a Colônia Brasil.

Como última possibilidade, Quintino implorou aos pais que convencessem “dom” Severo a levá-lo para a Colônia, na condição de empregado. Justificando tal apelo, confessou seu amor por Carlota, com quem pretendia se casar.

— Nunca! — exclamaram simultaneamente Joaquim e Verona, completando o pai: Nunca! Meu filho não vai misturar nosso sangue, ferido, com o daqueles assassinos!

— Mas, pai, mãe: o Afrânio tentou abusar da Carlota: eu próprio, se estivesse lá, naquela hora, faria o que o Henrique fez, ou até mais!

— Bem se vê que estás com a mente nublada: onde já se viu justificar um crime e até candidatar-se a praticar outro?

— Independente do que aconteceu, tenho amor pela menina Carlota e ela me ama também. Isso é o que importa!

— Importa? A quem? A ti? O que tens, o que podes ofertar a ela? Tens dote, patrimônio, profissão, ou sei lá o quê? Hein? Respostas, fedelho!

— Amor! Tenho amor no meu coração!

— E amor põe a mesa?

— Ilumina a vida, perfuma os dias, é sol na alma por vinte e quatro horas, ajuda a transpor todas as barreiras. Todas! Tenho saúde e disposição para trabalhar, até como escravo, desde que com ela ao meu lado.

— Se te atreves a enfrentar-me com esses quitutes da ilusão, providenciarei que vás a estágio para as terras longe do Douro, longe inclusive de Portugal, à África, onde a pátria está precisando de homens de valor, para administrar o que de lá possa usufruir.

Verona abraçou Quintino, instintivamente, num gesto maternal de proteção, declarando em tom ostensivo que não aprovava aquilo. Joaquim, que sempre pouco respeitara a opinião da esposa, sentindo-se duplamente enfrentado, pelo filho e por ela, decidiu ali mesmo:

— Vais mesmo para a África! No momento, lá será melhor para ti. Está mesmo na hora de prestares tua colaboração à pátria. Por uns três anos, junto aos negros e aos bichos, terás oportunidade de pensar melhor. Não faço isso pensando no teu mal: ao contrário!

Decisão tomada, decisão efetivada. Confabulando com amigos influentes, junto a el-Rei, não demorou uma semana e Quintino foi convocado “por necessidade absoluta da Pátria”, a ir para Guiné, com o posto de Sargento-comandante. Com ele, iriam quinze subordinados, todos em estágio inicial trienal, podendo ser prorrogado, a pedido.

Assim, antes mesmo de Severo e família embarcarem para o Brasil, Quintino deixou Portugal, zarpando rumo à África.

Na véspera da partida, o jovem encontrou-se às ocultas com Carlota, prometendo, entre lágrimas:

— Sabes, Carlota, que vou para destino cruel, onde mora a morte. Se Deus me ouve, fica sabendo, querida, meu coração é teu, para sempre. Tenho absoluta fé no destino de que um dia estaremos juntos.

Beijou as mãos da namorada. Lágrimas ardentes, que caíram nas palmas gentis e trêmulas da jovem, autenticaram aquela declaração de amor. Foi a custo que Carlota conseguiu balbuciar:

— Meu amor por ti é como a Vida! Sem tu, sinto-me morta. Somos jovens e não considero justo que o destino nos destrua.

Para onde vamos, tão distantes um do outro, nem as profundezas do mar nos separarão, pois em pensamento estaremos juntos para a eternidade.

Em irresistível enlevo, com as almas fervilhando de emoções intensas e os corações em simbiose, o amor que se devotavam incendiou-lhes o sangue. Um beijo ardente, como poucas vezes alguém terá beijado e sido correspondido, parou o Tempo e perpetuou-lhes na mente aquele instante de magia. Somente a firmeza de caráter, em ambos, impediu que obtivesse vazão natural o anseio sexual que, exigente, visitou-os naquele momento. Inflamado, Quintino declarou:

— Serás minha, Carlota, só quando Deus autorizar nossa união. Prometo-te que até meu último alento empregarei para que a Igreja, um dia, nos abrigue e nos declare marido e mulher!

Toda coquete, Carlota aliviou a tensão:

— Bela maneira de pedir-me em casamento... Queres saber minha resposta?

— Pelos Céus e por todos os Santos: qual é?

— Só depois de outro beijo...

Beijaram-se, inda uma vez.

Com o peito arfante, pleno de doce enlevo, Carlota concordou:

— Sim, Quintino: serei tua mulher, mas só após a Igreja nos conceder a proteção do Cristo!

A jovem, assim, obedecia à sua formação religiosa, pois aprendera, desde criança, que a união sexual entre pessoas, só contaria com as graças do Céu, se estivessem “legalmente” casadas, pela e na Igreja. Do contrário, tal se constituiria em *gravíssimo pecado*.

Cumpre destacar que, na verdade, o sexo jamais poderá trazer felicidade, se praticado irresponsavelmente.

E por “sexo responsável”, não se imagine, em apressado aval, que estejamos nos referindo àquele praticado com todas as cautelas quanto à indesejável gravidez. Não!

O sexo responsável será aquele que decorrer de um amadurecimento sentimental, após razoável período de convivência, em que as ideias e sobretudo os ideais, sejam convergentes. Claro que tal período será também propício a carinhos e afetos, mas, qual as estações climáticas, uma adequada à preparação do plantio, outra à sementeira, outra ao cultivo e a quarta, à colheita, assim também deverá ser administrada a atração recíproca de um casal, quase sempre iniciante pelos pródromos da paixão.

Sexo responsável será aquele realizado depois de confirmada a presença abençoada do Amor, em nuance plena e recíproca, assumidas em conjunto pelo par, as decorrências de tal ato. A bem da verdade, o sexo, no estágio terreno, praticado sob tais coordenadas, representará incomparável mecanismo de troca energética, posto que engendrado e inserido no ser humano sob a Bondade de Deus.

Uma semana após Quintino ir para a África, Severo embarcou com a família, rumo ao Brasil, em direção ao Rio de Janeiro. Iam no "Santa Úrsula", nave-capitania do comboio.

Um bom percurso da navegação rumo ao destino foi realizado paralelamente à costa ocidental da África. Para aproveitar os melhores ventos, por vezes o navio se afastava da costa, o máximo possível, de forma a não perdê-la de vista. Um súbito e gravíssimo acontecimento quebrou a monotonia da viagem: certa noite, em que haviam se distanciado bastante da costa, os marujos de plantão acordaram a todos os demais, tripulação e passageiros, batendo o sino e aos gritos:

— Atenção, atenção! Estamos com coisas batendo no casco.

O capitão determinou imediatamente que as velas fossem arriadas, para frear o deslocamento, pois, qualquer que fosse o obstáculo, sabia que no mar há sempre o perigo de danificar o casco e o navio soçobrar. Assustados e sonolentos os tripulantes e passageiros chegaram ao convés e entre as ordens que o capitão, em altos brados passava para os homens, logo se

cientificaram que destroços de um barco grande boiavam, alguns se chocando mesmo com o seu navio.

Acendidas tochas complementares, que de alguma forma iluminavam as águas adjacentes, foram identificados alguns naufragos agarrados a pedaços de madeira, mal podendo balbuciar.

Havia corpos sobre madeiras e ao serem resgatados, logo se viu que apenas três estavam vivos e mesmo assim sem condições de falar. Atendidos com os recursos possíveis, que eram poucos, só após receberem duas generosas doses de suco de limão, ministradas a intervalos de cinco minutos é que lhes foi servida água pura.

Espetáculo dos mais expressivos para quantas pessoas se julguem ao abandono da Vida, ali, em plena madrugada e no meio do oceano, a água — bênção divina, tão deslembada de gratidão, que devia ser diária — fez reviver aqueles sedentos quanto infortunados homens.

Com efeito, após se dessedentarem e serem agasalhados, com todos os passageiros e tripulantes ao seu redor, não se sabendo quem estava mais assustado, puderam narrar sua odisseia:

— Sou o Gentil... Os piratas atacaram, roubaram toda a carga e depois destruíram nosso navio.

O capitão, identificando tratar-se de portugueses, acalmou-se:

— Quando foi isso?

— Há dois dias... Antes de o nosso barco afundar partiu-se todo, e só por muita sorte alguns sobreviventes conseguiram flutuar, agarrados aos destroços.

Outro naufrago balbuciu:

— Dezenas... dezenas de homens... imploraram socorro aos piratas, mas a resposta foi o abandono... gargalhavam ao nos deixar morrer...

— O que vocês transportavam?

— Nosso navio levava mercadorias para alguns compradores da África, desde a região dos iorubas até a Guiné...

Severo e família, até então apenas ouvindo, sobressaltaram-se.

Não se contendo, adiantou-se ao capitão e quase encostando o rosto em Gentil, perguntou, aflito:

— Qual o nome do seu navio?

— Santa Gertrudes...

Carlota deu um grito e levou a mão ao peito:

— Quintino!

Gentil e os demais a olharam, assustados.

Severo esclareceu:

— Minha filha tem... “tinha” — corrigiu-se —, um conhecido que vinha para as Áfricas... seu nome é... “era” — voltou a emendar — Quintino...

Prático, o capitão dirigiu-se aos náufragos:

— Vocês o conheciam? Sabem se ele morreu?

— Senhor — adiantou-se um dos outros dois náufragos — chamo-me Quincas e posso afirmar à sua senhoria que o jovem em questão está vivo... “Deve estar”, emendou, por sua vez.

Carlota tomou as mãos dele e implorou:

— Pela Virgem Santa: diga-me o que fizeram com ele!

— Quando os piratas nos atacaram, chegaram com crueldades, inenarráveis. Por coincidência, feliz ou infeliz, não sei, o jovem Quintino e seus subordinados estavam fardados, no convés, fazendo treinamentos para o serviço que iriam desempenhar em terras d’África.

— E então? E daí?!

— Daí que entraram em combate franco com os assaltantes, havendo baixas de ambos os lados. O jovem comandante, ao qual a senhorinha se refere, lutou bravamente, abateu três piratas e combatia outro quando levou uma traiçoeira bordoadá na cabeça, deferida pelo próprio chefe dos piratas.

— E então?...

— Daí que o chefe pirata não quis matá-lo. Conservou-o como prisioneiro e levou-o vivo.

— Para quê, meu Deus?! Para quê?

— Certamente para pedir resgate por ele — respondeu o capitão, com o que os náufragos concordaram, num gesto significativo.

— Quero voltar! Quero voltar! — gritava Carlota.

A custo foi conduzida por sua mãe para seus aposentos.

Em estertor ameaçava:

— Se não voltarmos, me atiro no mar!

Julialva, a pequena Julialva, solidarizando-se à irmã, que passara a dolorido e altissonante pranto, abraçou-a:

— Vou com você... atiro-me também...

Sinceras, tais palavras tiveram efeito psicológico salutar. Carlota abraçou a irmãzinha, que também já chorava:

— Quem cai no mar morre...

— É mesmo — concordou Julialva, raciocinando: aí, nunca mais você vai ver o Quintino.

A lógica, em qualquer tempo, espaço ou situação, tem sempre o poder de solução. Ali não foi diferente: de repente, Carlota deu-se conta que atirar-se no mar era mau negócio. Chorosa, abraçou a mãe com redobrada energia e implorou:

— Mãe: pede para o pai voltar!

— Minha filha, eu e teu pai te amamos muito, mas existem coisas que são arrumadas por Deus e não somos nós que deveremos desarrumá-las...

Outra significativa postura, calcada também na lógica.

Carlota, finalmente, raciocinou: captou que retornar era algo impossível.

## Surpresas...

**S**urpresas, quase sempre são ruins. Algumas, porém, ao contrário.

A fé na Justiça Divina é sempre imensa feira de boas surpresas, pois o Tempo é a grande ferramenta celestial que conserta qualquer desarranjo, físico ou moral, quando esgotados os demais recursos.

Quem a tem, aquela fé, não se desespera diante das amarguras, delineadas ou efetivas, aguardadas há tempos ou inesperadas, pois sabe que as Leis de Deus são de inconcebíveis perfeição e justiça, jamais onerando inocentes.

Sem cair no exagero, podemos adiantar, com a segurança que nos oferta a Justiça Divina, que nem um único grama é ou será acrescentado a qualquer fardo, a ser transportado por um devedor, mesmo que beirando à tonelada! E ao percurso desse transporte, também, não se lhe acrescentará um milímetro sequer.

Fardos tais são divididos em módicos segmentos, para que sejam totalmente transportados, em redobradas marchas de carga. A essa subdivisão orienta a Bondade do Pai, que sem arranhar a Justiça Universal, concede ao faltoso a bênção do resgate parcelado, viável, compatível às suas forças, propiciando-lhe os meios necessários.

Em parcelas tantas, quanto necessário e possível seja.

Assim é que "toneladas de dívidas" se dissolvem, agora considerada outra bênção do Criador: o Tempo!

Eis a equação do Tempo, para todos nós, criaturas em árduas, mas abençoadas marchas evolutivas: *Nenhuma pressa! Mas nem um segundo perdido!*

Essas as vertentes que fluem da Sabedoria de Deus, ao nos conceder mais uma bênção: as vidas sucessivas — reencarnações, como sabiamente diplomou-as Allan Kardec.

Reencarnação, reencarnação: bendita sejas!

São tantas as bênçãos do Pai aos Seus filhos, que se nossos olhos pudessem, olhando uma noite estrelada, numa infinita prece, unir cada graça a uma estrela, iria faltar céu...

Falávamos de surpresas e derivamos para bênçãos...

Três dias depois, o comboio atracou ao largo de um pequeno povoado do litoral africano, para reabastecimento de água e frutas, antes de tomar o rumo Atlântico adentro, para o Brasil.

Abastecidos, os navios zarparam rumo à Colônia.

A monótona travessia só era quebrada de quando em quando, ao cruzarem com algum outro navio, quase sempre abarrotado de açúcar, indo direto da Colônia para a Inglaterra: outros navios, em curso paralelo, também vindo da África e indo em direção à Colônia, levavam escravos, muitos escravos...

Ninguém do "Santa Úrsula" conseguia disfarçar a enorme preocupação quanto a um assalto pirata. Os três sobreviventes a bordo catalisavam tal receio. O capitão, respeitando a autoridade de "dom" Severo, convidou-o para uma entrevista em seu camarim:

— Dom Severo: estou cá aflito pela segurança de vossa excelência e dos seus. Nosso barco pode enfrentar piratas, mas sempre há saldo negativo de vidas...

— Confio em sua competência, meu capitão.

— Há algo que me preocupa sobremodo: piratas agem em rastilho, uns dos outros. Se o Santa Gertrudes foi atacado ao se afastar da costa africana, nada impede que também nós o sejamos. Inclusive, muitos desses ladrões do mar têm espões em terra, junto aos portos, observando os preparativos de

embarque e avisam a mensageiros que se adiantam de alguns dias às partidas, para que os piratas escolham o local mais adequado para dar o bote.

— O senhor está me dizendo que estamos em vias de sermos atacados?

— Exatamente. Sua viagem foi muito comentada em Portugal, pois el-Rei — que Deus o abençoe, hoje e sempre — fez questão de divulgá-la, primeiro como interesse da Pátria, depois...

— Depois, o quê?

— Bem, excelência, havia necessidade de pôr uma pedra no malfadado caso do vosso jovem Henrique, que mesmo inocente, vivia a receber ameaças de vida do pai daquele que morreu.

Severo sentiu enorme desconforto com aquelas rudes, mas sinceras palavras. Compreendeu, de relance, que el-Rei, de fato, “acertara duas mangas com uma pedrada só”. Refletiu e perguntou:

— E o que aconselha o meu capitão?

— Uma coisa é verdadeira: estamos a um quinto da distância entre Portugal e a Colônia, sendo nosso destino o porto do Rio de Janeiro. Se vossa excelência quiser retornar, não será difícil...

— Mas, ó meu capitão, como retornar? Então não sabes que el-Rei mo confiou missão importantíssima?

— Sei bem, vossa excelência. O que não contávamos é que talvez... talvez... a morte viesse para bordo...

— O que temos agora? O que dizes?

— Infelizmente, um dos naufragos que recolhemos está com a “doença negra”, o *escorbuto*<sup>18</sup>. E se ele está doente assim, é quase certo que os dois companheiros devem também logo

---

<sup>18</sup> Escorbuto = enfraquecimento progressivo, seguido de afecção geral caracterizada por hemorragias múltiplas: úlceras nas gengivas, que sangram, provocando manchas azuladas na mucosa bucal.

manifestar os terríveis sintomas, que nem será bom sua família ver...

Parou um instante, olhou para o grande mar e sentenciou:

— Se não forem retirados de bordo, não tardará e todos poderemos estar com a mesma doença.

— Acontece que eles ficaram à míngua por quase três dias, mas nós temos diariamente ingerido suco de limão e não nos tem faltado frutas.

— Vossa excelência é quem determina, mas o risco é por demais pesado para quem abriga a “doença negra” em seus barcos, pois não há garantias de que não sejamos atingidos, todos a bordo. Nesse caso, o tributo será a morte.

— Por Deus! O que fazer?

— A qualquer momento, entre um dia a uma semana, cruzaremos com o “Estrela Real”, que vem vindo da Colônia para a Pátria. Por que não embarcar nele os náufragos? Chegarão a Portugal, no mínimo um mês antes de nós chegarmos ao Brasil. Desse modo, talvez se salvem. A bordo, esses náufragos representam grande perigo para todos nós. Com a autoridade de vossa excelência, o “Estrela Real” cumprirá vossas ordens e conduzirá os três.

— Tens razão, meu capitão. No momento certo, providenciarei.

Quando Severo narrou tal fato para a família, os olhos de Carlota brilharam. Toda dengosa, beijou a mão de Severo e implorou:

— É Deus que está dando um sinal...

— Não entendi, menina.

— Podemos voltar também!

— Enlouqueceste? Tenho ordens de el-Rei a cumprir, lá nas terras coloniais.

Antoninha, condoída da filha e até então calada, tomou coragem:

— Meu marido: também penso que o Criador está a nos dar um sinal... para regressarmos. Vai tu à Colônia, cumpre as ordens reais e volta logo para nós.

— Então... então... estás a me dizer que queres voltar no “Estrela Real”? Tu também?!

O gesto humilde de abaixar a cabeça, em silêncio, confirmou.

O homem olhou para os filhos: os três traziam lágrimas boiando...

Olhou a imensidão do mar e de repente sentiu-se um naufrago familiar, ele próprio, no “oceano da Vida”, pois se deu conta de que tirar a mulher e os filhos da terra natal e levá-los àquelas regiões do outro lado do mundo, tinha mesmo sido uma grande insensatez sua.

Percebia-o agora, somente agora...

Raciocinou rápido: a mulher estava com a razão. Iria, sim, cumprir as ordens de Sua Majestade, mas, por que arrastar a família para aquela lonjura? Decidiu no ato: em lágrimas, ele também, abraçou Antoninha, envolvendo os filhos no mesmo gesto carinhoso. Beijou-os a todos e proclamou, qual vitorioso guerreiro dos sentimentos:

— Deus nos proteja! Se estamos fazendo a coisa certa, Ele a tudo proverá!

Mal acabara de pronunciar estas palavras ouviram um tiro de canhão, ao longe. Assustados, foram para o convés e viram um navio à distância, vindo em sua direção. Logo, o capitão também disparou um tiro de canhão, em resposta. Vendo-os algo apavorados, sorriu:

— É o “Estrela Azul”, dando-nos “bom dia” e nós respondemos.

— Graças a Deus! — disse Severo, dirigindo-se à família: Ele quer que vocês voltem.

Naquele momento de euforia, ninguém se lembrou de que um dos motivos da família estar deixando Portugal era o perigo

que a rondava, porque Celso não se conformava com a morte do filho e ameaçava se vingar...

Os filhos se abraçaram à mãe e ficaram aos pulos até o "Estrela Real" aproximar-se e quase encostar ao "Santa Úrsula".

A autoridade que a carta régia conferia a "dom" Severo, pela qual el-Rei determinava "a todas as gentes do Reino de Portugal que cumprissem a ordem e desejo do intendente-mor" facilitou o retorno de sua esposa, os três filhos e os três náufragos. Não bastasse isso, os cento e cinquenta soldados eram outro *poderoso argumento...* Assim, os náufragos, envolvidos por grossas mantas como se fossem mercadoria embrulhada, foram postos em isolamento no porão do "Estrela Real", cuja tripulação manifestou grave descontentamento.

Mas não houve como evitar o indigitado transbordo.

Vendo o "Estrela Azul" distanciar-se na amplidão oceânica, levando sua família, Severo sentiu um aperto no peito, refletindo se tudo aquilo que estava fazendo não era uma verdadeira loucura.

A saudade, instalada há minutos, machucava-lhe a alma.

Assim esteve durante a viagem.

À medida que se aproximava da Colônia, contudo, em sua mente pensava que também estava chegando mais perto do ouro, que despertara de sono milenar *lá nas minas*, para ser embalado por ele...

Ao chegar ao Brasil, a saudade deixou-a no mar.

\*

Anoitecia quando a família de Severo chegou à "Quinta dos Favos". Antoninha convocou alguns serviçais que residiam ali mesmo para ajudá-los a arrumar a casa. Assim que adentraram, Antoninha ajoelhou-se, no que foi acompanhada pelos filhos e os serviçais. Orou:

*“Deus, Pai de Amor e Bondade. Nós vos agradecemos de coração a dádiva desta volta. Pedimos Sua proteção divina para dom Severo, e se possível, que ele também logo volte para nosso aconchego”.*

Entre lágrimas candentes, puseram-se todos a arrumar a casa, cujos móveis haviam sido ajuntados e protegidos por grossas colchas. Os utensílios domésticos foram retirados dos baús. Henrique, com um lampião, foi até à vinícola. Dirigiu-se à adega e teve um grande sobressalto: centenas de garrafas de vinho estavam quebradas, num grande monte; as prateleiras tinham sido arrancadas das paredes e estavam quebradas também; várias pequenas crateras e montes de terra noticiavam várias escavações, recentes. Voltou correndo:

— Mãe, mãe: alguém destruiu a adega do pai...

Foram todos para lá e ficaram horrorizados com o que viram.

Antoninha decidiu que logo pela manhã Henrique deveria ir à cidade e pedir ao senhor Valdeiro que viesse, o mais rápido possível.

Quando a casa estava praticamente arrumada e a família preparando-se para dormir, receberam inesperada visita. Mal acreditaram quando viram, à sua porta, os pais de Quintino.

Traziam dor e angústia no olhar.

Carlota intuiu: Quintino! Sabiam algo sobre ele!

Antes sequer de cumprimentos, adiantou-se:

— Quintino? Ele...

Joaquim e Verona, em explosivo pranto, confirmaram:

— Os piratas... Quintino está vivo! Mas os piratas querem uma recompensa...

— Qual recompensa? — gritou Carlota.

— Ouro! Querem uma arroba de ouro (15 kg) para devolvê-lo com vida! E deram prazo de seis meses. Se até lá não receberem o ouro, decretaram: “o sargento-comandante Quintino irá para o céu ou para o inferno, mas neste mundo é que não ficará”.

Embora todos em estado de choque, Antoninha tomou coragem e perguntou:

— Vossa excelência tem esse ouro?

— Eu? Eu? De forma alguma! Imagino que nem el-Rei — que Deus o proteja — tem uma arroba de ouro.

— Temos de salvar o Quintino — atalhou Carlota, em tom de imploração —, senão a vida acabará para mim também.

Henrique, calado até então, tartamudeou:

— Se ao menos papai estivesse aqui...

— Foi bom te lembrares de teu pai, pois foi por causa dele que tudo isso aconteceu.

— Com licença, vossa senhoria — exclamou Antoninha, na defensiva —, peço que deixe meu marido fora disso, primeiro porque de nada ele pode ser acusado, homem bom e justo que é, segundo porque ele não é pirata e nem faria uma baixeza dessas e terceiro, porque ele não está aqui para responder, não sendo nada educado que lhe lancem acusações pelas costas. Aliás, posso saber o que o distinto casal veio fazer à nossa casa, a essa hora da noite?

— Com todo o respeito, minha senhora, ninguém está a fazer acusações. Se mo permitir explicar, quero em primeiro lugar inocentar “dom” Severo de qualquer acusação, a começar da morte de meu sobrinho, o Afrânio — que Deus o tenha. Nem do rapto do meu filho. Quem está a falar, pois, não é o tio, mas o pai: assim, só me interessa ter meu menino de volta e se vim até aqui é porque da boca do senhor Valdeiro ouvi coisas que dizem respeito às atividades de “dom” Severo. E de tal monta são tais fatos, que de alguma forma, indiretamente, ele tem sim algo a ver com a minha tristeza...

— Vejo que o senhor proclama coisas das quais não tem certeza e agora, até nosso compadre Valdeiro passa a se anexar negativamente a tudo isso.

— Exatamente: não tenho certeza. Por isso cá vim. Para conversarmos.

— Por que o senhor não diz às claras o que pretende?

— Salvar nosso filho — atalhou Verona.

— Mas, por Deus, o que temos com isso?

— Vou ordenar os fatos conhecidos e refletir sobre os desconhecidos: meu filho se apaixonou pela menina Carlota e por isso eu mandei-o para a África, eis que meu irmão não me perdoaria jamais que a memória do Afrânio fosse manchada pela mistura do sangue dos “Aderbal e Rosa” com o vosso; meu filho, segundo me disse um estafeta dos piratas, o mesmo que me deu a notícia de que ele está vivo e trouxe também o pedido de resgate, contou que Quintino, ao ser feito prisioneiro, prometeu-lhes ouro, dizendo que o futuro sogro o tem... E é só por isso que ainda está vivo.

— Meu marido? Ouro? Isso é uma pilhéria...

Henrique entrevistou:

— Não, mãe, não é pilhéria: o pai tem mesmo ouro.

— Perdeste o juízo! Teu pai é negociante de vinhos.

— Mãe — apartou Carlota — ficamos com medo, pensamos que ele queria fazer uma surpresa. O pai trouxe ouro lá da Colônia. Fez presente para nosso Rei e guardou um pouco...

— Não é possível! Dom Severo não iria me ocultar uma coisa dessas. Como vocês dois sabem disso?

Carlota olhou para Henrique, cúmplices ambos de algo.

— Vamos — ordenou Antoninha, olhando fixamente para os filhos — contem o que sabem. Já!

— O pai, quando voltou, levou o padrinho lá nos fundos da adega, em segredo; eu me escondi e vi quando o pai mostrou umas rapaduras, trazidas da Colônia... era ouro coberto de rapadura... separou uma parte para nosso Rei, deu algumas para meu padrinho e guardou as outras...

— E onde estão?! — gritaram Antoninha, Joaquim e Verona, ao mesmo tempo.

— Só ele sabe...

— Então... — balbuciou Antoninha — foi por isso que a adega foi escavacada: aquele ladrão do senhor Valdeiro! Ele vai me pagar! Tem de pagar!

Verona cutucou o marido e num gesto explícito, intimou-o a algo.

— Não culpes apenas a Valdeiro: preciso confessar e espero que todos vocês me perdoem, mas no desespero, não vi outra saída, a não ser **mesmo** arranjar o maldito ouro, para ter meu filho de volta. Procurei o senhor Valdeiro e mesmo encontrando-o embriagado contei o rapto do meu filho Quintino e pedi-lhe ajuda para arranjar ouro. Ameacei de denunciar a el-Rei que ele e dom Severo escondiam ouro... Foi aí que ele pediu-me segredo e revelou o caso das "rapaduras". Então...

Verona atalhou e confirmou:

— Ante a iminência de o nosso filho morrer nas mãos criminosas, perdemos a cabeça e como única solução, imaginamos que poderíamos pegar o ouro de "dom" Severo, o suficiente apenas para pagar o resgate. O senhor Valdeiro ofereceu uma parte, "emprestada", da que recebeu do seu compadre. Mas ainda ficou faltando mais da metade. Por isso, na angústia e na dor em que nos encontrávamos e ainda nos encontramos, crescentes, ainda não temos certeza de que estejamos em nosso juízo normal. Viemos aqui pedir-lhes que nos ajudassem, mas encontramos a casa vazia e por isso assumimos nosso grave erro e nos penitenciamos. Fomos nós que tentamos achar o ouro na adega... Pedimos que nos perdoem.

Antoninha estava perplexa, tão chocada como o casal. Inquiriu:

— Digam-me uma coisa: como é que os piratas souberam do ouro do meu marido?

Carlota assumiu:

— Henrique me contou o que viu e me fez jurar que não contaria para ninguém. Só contei para o Quintino, pois juramos

amor, fidelidade e verdade, um para o outro, eternamente. Deve ter contado e prometido ouro aos piratas, talvez sob tortura... E penso que é boa essa hora para clarear um ponto: eu e Quintino vamos unir nosso destino, do contrário, vocês nos perdem, aos dois.

Verona abraçou Joaquim e ambos cruzaram o olhar com Antoninha. Captaram o pungente significado daquelas palavras.

— Se o bom Deus devolver nosso Quintino — temporizou Verona —, teremos honra emabençoar tal união.

Carlota abraçou Verona e ambas começaram a chorar.

Joaquim foi objetivo:

— O que faremos agora?

— O Henrique vai para a Colônia, ter com o pai — sentenciou Antoninha. Aliás, nem sei onde estávamos todos com a cabeça quando trouxemos o Henrique de volta... Houve uma amnésia na família, pois não é que o senhor Celso quer matar meu filho? E que íamos para a Colônia justamente para livrá-lo dessa vingança?

Respirou fundo e completou:

— Quando Severo ouvir tudo isso, sei que arranjará um jeito de se comunicar com os piratas, até porque, pressinto que de uma forma ou de outra eles o procurarão lá. E será prudente que esteja prevenido, para não se deixar enredar em nenhuma armadilha. Para dizer a verdade, estou com medo... Temo pela vida dele...

Baixando a voz, raciocinou e expôs:

— Se trouxe o ouro disfarçado em rapaduras é porque lá deve ter muito mais... Agora percebo porque el-Rei concedeu tantos guardas para acompanharem meu marido: é porque “dom” Severo comunicou oficialmente a descoberta do ouro! Só que ao ver tantos guardas chegando, até um tonto deduzirá que não atravessaram o Atlântico apenas para passearem nas terras coloniais...

— Bem pensado, minha senhora, bem pensado. Eu e Verona estamos esperando seu perdão...

— Esse é um assunto que meu marido deverá administrar e embora eu tenha entendido seus motivos, nem por isso deixo de recriminar a tentativa de saque. Contudo, será vigoroso atenuante o fato do casal ter vindo aqui confessar tal crime, expondo os motivos que o levaram a assim proceder, além de termos iniciado os termos da união conjugal de nossos filhos.

Complementou, assumindo a rédea dos acontecimentos:

— O senhor dê um jeito de entrar em contato com os piratas e mande-lhes o recado de que o ouro do resgate será entregue lá na cidade do Rio de Janeiro, "pelo futuro sogro" do sequestrado, que o quer em perfeita saúde. Eles saberão como contatar com "dom" Severo.

— Mas, mãe — intercedeu Henrique — por que lá? Após esse recado o pai passará a correr perigo...

— Sei o que faço. O perigo já o ronda. Lá tem guardas a granel, sob comando dele. Tu vais à frente e alerta-o. De qualquer forma, afasto daqui de nossa casa e de nossa cidade, essa camarilha criminosa, até que sejam todos transferidos para o inferno. E tem mais: teu pai nos prometeu que breve deixaria todas as atividades na Colônia, reassumindo as atividades aqui. Assim, será mesmo bom que esse nó seja desatado bem longe daqui. E, ainda, ficas longe do senhor Celso...

— Deus a abençoe! — exclamou Joaquim, beijando a mão de Antônia.

Ante a traição de Valdeiro, a esposa de Severo raciocinou que se fosse tirar satisfações com ele arriscaria até a vida de toda a família, pois se o caso transpirasse a Coroa real ficaria sabendo que seu marido escondera rapaduras, isto é, ouro, na sua Quinta...

Assim, considerou que por enquanto nada faria sobre tal traição.

Antoninha não julgou prudente ela própria procurar o compadre. Quando Severo retornasse, da próxima vez, ele certamente acertaria contas com o traidor Valdeiro...

Dois meses depois Henrique chegava ao Rio de Janeiro, justo a tempo de incorporar-se à poderosa expedição armada chefiada por seu pai, que rumava para as terras bravias do interior, rumo a Goiás e Mato Grosso. Esse destino, o divulgado, era na verdade falso: o endereço era o acampamento de Mendonza, onde dom Severo, cumprindo ordens de el-Rei, iria instalar um posto fiscal, com jurisdição "no quanto de terras fosse necessário" para bem controlar a garimpagem, que assim, assumia caráter oficial.

Ao ouvir o relato completo de Henrique, Severo esbravejou:

— Bandidos! Valdeiro, traidor e Joaquim, ladrão! É o que são.

— Mas pai — tentou contornar Henrique — eles não levaram as... rapaduras do senhor. Só quebraram a adegas...

— Os santos estavam comigo quando tive a boa inspiração de escondê-las em lugar seguro. Parece que estava adivinhando...

Impedindo o filho de se aprofundar, repreendeu-o:

— Então tu cá me saíste a um furtivo camundongo, a espionar-me, pois não? O que tens a mo dizer?

— Não, pai, não estava a espionar. Queria, isso sim, saber as novidades que o senhor ia contar para o padrinho. Aí, fiquei sabendo das rapaduras... Foi sem querer...

— Olhe cá, menino: vamos para o mato, a viagem é penosa e se quiseres, mando-te de volta no primeiro navio. Já cumpriste tua missão, sou-te grato por me avisar dos piratas. Tua mãe, como sempre, mostrou-se de sublime inspiração. Quanto à tua segurança, diga a Antoninha para entrar em contato com el-Rei e solicitar uma guarda permanente para nossa Quinta e para toda a família.

Ao falar de Antoninha, Severo não conseguiu disfarçar as lágrimas que, em silêncio, espontâneas, mas teimosas, rolaram-lhe pelas faces.

Comovido, Henrique abraçou o pai e foi taxativo:

— Nunca, meu pai: quero ir com o senhor. Inclusive, passo a ser mais um “guarda” da sua integridade e prometo ser obediente em tudo.

— Está muito bem: aceito tua oferta, mas exijo que sejas o mais discreto de toda a expedição. Nunca te descuides um instante da língua, pois quando se trata do ouro, tudo significa perigo. Já estás vendo que com tua bisbilhotice, o que arranjamos: piratas! E eles não desistem! Daqui para diante, tua mãe e tuas irmãs, embora distantes, também estão correndo sério perigo. Vamos resolver o mais rápido essa questão e depois veremos como viver em segurança.

— Vamos trazê-las para cá?

— Seria loucura! Só se el-Rei determinasse, com uma poderosa escolta, pois a hora que qualquer um de nós entrarmos num navio, já não poucos piratas estarão aguardando a ocasião para dar o bote, aprisionar-nos e exigir recompensa. E, nas mãos de piratas, nenhuma vida tem a certeza do minuto seguinte.

Duas semanas após Henrique seguir para o Rio de Janeiro, Joaquim, conforme havia planejado com Antoninha, passou a frequentar as cantinas do porto de mar, com destemor.

Mantendo-se sóbrio, mas generoso no pagamento de bebidas a quantos o aceitassem — e sempre eram muitos —, espalhou a notícia que “um pai aflito tinha um presente para o filho, prisioneiro de piratas”. Nem Henrique havia chegado à Colônia e Joaquim colheu o fruto do que plantara: numa das suas passagens pelo porto, foi abordado por uma mulher que lhe declarou “ganhar a vida” perambulando por ali:

— Tenho um presente para vossa senhoria...

— Gratíssimo, mas dispenso. Sou cristão e um homem de família.

— Mas é da tua família que estou falando...

— Que mo dizes? Do que falas?

— Do teu menino... Quintino...

Joaquim arregalou os olhos, não conseguindo impedir o descompasso dos batimentos cardíacos. Aproximou-se da mulher, até demais, e implorou:

— Onde está? Quero vê-lo!

— E verá. Primeiro, terá que entregar quinze rapaduras, daquelas “especiais”.

Joaquim captou que a mulher sabia de tudo sobre Quintino, mas também sobre o ouro. Não conseguiu sopitar um desabafo:

— Maldito ouro!

— Mas benditas rapaduras, pois sim?

Acalmando-se em parte, murmurou:

— Estou providenciando as rapaduras. Quando eu souber que meu filho está vivo e com saúde, elas serão entregues.

— Muito bem, vossa senhoria. Esteja no porto daqui a três dias, depois que o Sol se por. Sei que tens esposa... Cuide de ser discreto e não comentes nada que “faça mal à saúde do seu filho ou dela...”.

Joaquim entendeu a ameaça, direta. Pediu à mulher:

— Pelo amor de Deus, não deixe os piratas fazerem nada de mal ao meu Quintino.

— Isso só depende de vossa senhoria. Passe bem.

Três dias após, no local e hora combinados, lá estava Joaquim, aflito, pleno de angústias, suspeitando de tudo, até mesmo temendo ser sequestrado, ele próprio. Sabia que estava sob vistas piratas...

Havia muito a noite descera sobre a cidade do Porto.

E nada dos piratas...

Perto da meia-noite, já quase enregelado, mas disposto a jamais abandonar a esperança, “ouviu música, sublime música aos ouvidos”:

— Salve!, senhor Joaquim.

Era um homem bem trajado. Em companhia daquela mulher...

— Eu... eu... quero ver meu filho.

Sem dizer palavra, o homem balançou o lampião que trazia aceso. Logo uma canoa se aproximou, com dois remadores. Ninguém disse palavra. Com gestos, apenas, os homens indicaram a Joaquim que embarcasse, o que fez. Puseram-lhe venda.

E lá se foi ele, com aqueles dois homens, que por quase trinta minutos, remaram, talvez mar adentro, sem pronunciar uma única palavra. Chegaram a um galeão, e pelo balanço da canoa, percebeu que trocavam sinais com o pessoal de bordo. Tocando-lhe, mandaram subir ao convés. Obedeceu, temendo que a qualquer momento o coração parasse, tamanha a taquicardia que o acometeu.

Ao pôr os pés no navio, tiraram-lhe a venda.

Viu-o!

Lá estava Quintino, junto à amurada oposta.

Atirou-se para ele.

O filho intentou o mesmo, mas as correntes nos tornozelos impediram-no de sair de onde estava.

Abraçaram-se, chorando.

— Meu menino Quintino! Que fizeram a ti? Oh, meu Deus, por que tinha eu que mandar-te para as Áfricas? Perdoa, filho, perdoa...

— Meu bom pai, tira-me daqui, pelo amor de Deus!

— Ora pois, cá vim para isso.

Alguém lhe pousou a mão no ombro e convidou:

— Vamos ao meu aposento.

Era um homem magro, de assombrosa palidez, que nem o avançado da hora noturna conseguia ocultar. O olhar, de frieza mais glacial que a própria noite daquele inverno, não deixava quaisquer dúvidas: era de um homem mau, muito mau. Entraram. Quando o homem fechou a porta e acendeu mais um lampião, Joaquim identificou que aquele compartimento, com uma cama tosca, pequena mesa, sobre a qual estavam garrafas

de rum e de vinho, alguns mapas, todos riscados, era mesmo do comandante da embarcação, como suspeitava.

Tripulantes, todos ficam em compartimentos coletivos.

Sobre a cama, uma bandeira negra, tendo ao centro o desenho de uma caveira, apoiada na figura de duas tíbias, cruzadas...

Algo confuso, Joaquim teve um momento de reflexão feliz: pensou em Jesus Cristo. Estranha força assomou-lhe todo o ser. De início, sustentou o olhar gélido e fixo do pirata, como que a fulminá-lo. A seguir, tomou a iniciativa:

— Vejo que meu filho está a salvo. Que fique assim até eu poder resgatá-lo. Aliás, quero levá-lo comigo, agora mesmo! Para tanto, dou-te essa porção do ouro que pediste em resgate.

Assim falando, Joaquim entregou ao homem algumas pequenas sacolas de couro, com o ouro que Valdeiro havia “emprestado”.

O homem levantou-se, acercou-se e quase encostando testa na testa, gritou:

— Mais uma bobagem como essa, de querer me dar ordens, ou fazer ameaças, e mando açoitar os dois, pai e filho, agora mesmo.

Deu outro estentóricio grito:

— Duvidas?!

Joaquim refreou o impulso de revidar a agressão. Refletiu, mais uma vez com acerto, que a vida de Quintino estava em jogo. E, se não soubesse se conduzir, a dele próprio também. Humilhou-se:

— Perdão, senhor, perdão. Quem vos fala é um pai machucado em ver o filho prisioneiro...

O pirata, de alguma forma, aplacou a agressividade:

— Assim está melhor. Trouxe-o aqui para tratarmos de negócios. Vamos ao que interessa: onde estão as rapaduras, quinze delas, ou quantas sejam necessárias para a “minha arroba de ouro”?

— O irmão da noiva do meu menino foi encomendá-las, lá na Colônia, no Rio de Janeiro.

— Muito bem. Estamos indo para lá.

Joaquim ficou intimamente alegre com a decisão do pirata, pois nem foi preciso sugerir que o resgate fosse pago no Brasil.

Logo se arrepiou com o que ouviu:

— Se eu receber as rapaduras que faltam, vossa excelência receberá seu rapaz inteiro. Do contrário, só enviarei dele, os pedaços do corpo que colocados em uma balança se equilibrem com o ouro que me trazes...

— Homem! Não tens filhos? Solte meu menino, pelo amor de Deus, eu imploro. Fiques comigo, mas soltes o menino.

— De nada me vales, velho como és. Quanto ao teu filho, será solto sim, lá na Colônia, um minuto após eu adoçar a boca com as rapaduras que o teu futuro compadre me entregar.

Olhou fixamente para Joaquim e sentenciou, malévolo:

— Esteja tu também lá, em dois meses. Passeie pelo porto, como fizeste por aqui e logo receberás instruções de como pagar o resgate.

Sendo-lhe aplicada a mesma venda, para impedi-lo de ver ou sequer despedir-se de Quintino, que amordaçado, não pôde também dirigir-lhe palavra, foi reconduzido de volta ao porto.

\*

Quando Severo, fortemente escoltado, chegou ao arraial onde estava Mendonza, quase não reconheceu o sítio: extensas plantações de milho e de cana eram mesmo bom disfarce do que se passava ali.

Mas, que logo seria desnecessário...

Perspicaz, Severo acomodou-se, nada perguntou, a ninguém.

Por três dias só tratou de amenidades com o "sócio" espanhol e por mais cinco dias fez observações acuradas de tudo o que se passava naquela região.

Dez dias após sua chegada, convocou Mendonza e de forma peremptória, inquiriu-o:

— Muito bem, Mendonza. Onde está?

Mendonza, sempre na defensiva, com toda a atenção voltada para sua imensa fortuna, pelo tanto de ouro que já amealhara, fortuna crescente dia a dia, não se deixou apanhar em surpresa. Ladino, sabia que cedo ou tarde — e até estranhou que demorasse dez dias — dom Severo trataria do assunto “ouro”, trazendo-o dos porões da cobiça para colocá-lo sobre a mesa da usurpação. Sim, porque era todo seu.

— Bem guardado, meu amigo... bem guardado...

— É bom que chames de “amigo” ao emissário de el-Rei de Portugal, título com o qual fui agraciado por Sua Majestade — que Deus o proteja. Sou o intendente-mor de toda esta região. Dela e nela, tudo pertence à Coroa lusitana. Assim, leve-me agora mesmo até lá.

Interessante: nenhum dos dois homens sequer pronunciara a palavra “ouro”, no entanto, esse sujeito oculto nas frases, era quase que palpável no ambiente...

Não era um convite ou pedido. Era uma ordem.

Perigosa, àquela altura, qualquer desobediência, refletiu Mendonza. Mas, também, levar uma autoridade “estrangeira” à sua fortuna, era o mesmo que abdicar dela. E isso, só a morte o conseguiria.

Enfrentou o delicado momento:

— As falas de vossa excelência estão diferentes... Sou leal à minha palavra, mas não devo satisfações a uma pátria que não é a minha. Aliás, nem mesmo com a Espanha vou dividir meu ouro. Quero usufruir o que ele pode proporcionar, depois dos grandes riscos da sua conquista. Se vossa excelência pensa como eu, ajuizaremos partilha, do contrário...

Severo entendeu: o espanhol jamais abriria mão da fortuna que lhe viera às mãos. Astuto e cauteloso temporizou:

— Creio, homem, que tens razão. Vamos acalmar as mentes e depois acertaremos o que é melhor.

Deixou Mendonza intrigado, ao afastar-se sem sequer insistir em ver o ouro.

Mais alguns dias, andando descontraído daqui para ali, Severo atendeu, em víveres, peles e couro, a três “armações” que passaram rumo ao Mato Grosso e Goiás, em busca de pedras preciosas.

Mendonza, superexcitado com o ouro, vivia em permanente estado de vigília e vigia, ante aquela que considerava “perigosíssima presença usurpadora”, a de Severo e tamanha escolta. Dormindo pouco ou nada, alimentando-se mal e sempre tenso, muito tenso, não poderia mesmo evitar que nova grave crise da saúde voltasse a alcançá-lo.

“Dos nervos”, diziam, que tal era a doença do espanhol.

Febre altíssima, pesadelos incessantes, nenhuma alimentação sendo assimilada e um descontrolado pensamento fixo no ouro, rapidamente aproximaram Mendonza da desencarnação.

A esse comportamento, pelo qual a pessoa inconscientemente prejudica sua saúde, a ponto de comprometê-la, podemos considerar como sendo de um *suicídio indireto*: sem intenção, mas com culpa.

Severo, até então se mostrando desinteressado pelo que se passava, assumiu o comando do arraial, “em nome de el-Rei de Portugal”. Seus argumentos eram convincentes: quase cento e cinquenta soldados portugueses, muito bem armados e municidados, obedientes às suas ordens, todos bem pagos...

Severo chamou Tengegê e ordenou que cuidasse de Mendonza.

Os padres, ocupados com a construção de uma igreja, sequer tomaram conhecimento da existência de Mendonza, gravemente enfermo...

O jovem ioruba, obediente às tradições do seu povo, mais uma vez pediu ao velho Zangigi que o ajudasse a cuidar do sinhô

Mendonza. Zangigi, após permanecer por horas junto ao enfermo, em absoluto silêncio, diagnosticou, informando a dom Severo:

— A doença é por dentro, na alma.

— Que é isso, agora?! Alma não fica doente.

— Fica sim: a alma se alimenta dos nossos pensamentos e dos nossos atos, mas o sinhô Mendonza só dá ouro para ela comer...

— Ora, ora, não diga bobagens: alma não come.

— A dele come...

— Muito bom isso que me dizes. É chegada a hora de resolvermos esse assunto do ouro.

Dirigiu-se a Tengegê e a Zangigi, imperioso:

— Onde está todo o ouro que foi catado desde que parti?

Os dois africanos sentiram um frio percorrer-lhes todo o corpo.

Sabiam exatamente o que estava por vir: a ganância pelo ouro, enlouquecendo a criatura humana, transforma-a em insaciável detentora do que já tem e na busca de mais, rouba-lhe a razão, a ética, o respeito e a honra — própria e de quem se lhe anteponha qualquer barreira, por menor que seja.

Zangigi, sabiamente e com coragem, não titubeou:

— Cumpriremos suas ordens, excelência...

— E então, pois? Onde está o ouro?

— Como vossa excelência já conhece, uma pequena parte está com meus amigos, só suficiente para fretar um navio que nos leve de volta à nossa África.

— Sei, sei. O que quero saber é onde está o ouro que o senhor Mendonza vem guardando.

Zangigi gaguejou:

— Isso... ele é quem sabe... esconde tudo...

Severo captou a indecisão de Zangigi e tomou forte decisão:

— Se vocês estão me escondendo o ouro, que pertence à Coroa de Portugal, aí já serão tratados como ladrões de el-Rei...

Zangigi e Tengegê compreenderam, pelas poucas palavras, que a sentença de morte, a partir daquela hora, passou a pairar sobre suas cabeças e dos demais africanos do arraial da Vila Rica. Sabiam dos arrastamentos que o ouro provoca, o que já era por demais sabido desde a África, segundo narrações dos mais velhos. Na tradição dos iorubas, tudo o que é da natureza é bom, pois emana de Olorum — o Grande Pai. Quanto ao ouro e pedras preciosas, há muito tempo existentes na África, ao lado de proporcionar meios para aquisição de utilidades comercializadas com os brancos, que as traziam “do outro lado do mar”, também provocavam traições e tragédias, por ganância.

Tengegê assumiu:

— Vossa excelência pode nos eliminar, mas isso não seria prudente: primeiro, porque ficará sem mão de obra que sabe garimpar e segundo, porque as atenções vão se voltar para este arraial e não tardará a acontecer uma invasão de aventureiros, salteadores e todo tipo de pessoas com a “febre do ouro”. Se isso acontecer, a despeito de toda a guarda que for mantida, nenhuma vida terá certeza plena de segurança, principalmente de quem guarda o ouro...

A lógica irretorquível daquelas palavras fez com que Severo olhasse intensamente aquele jovem ex-escravo, que tanta curiosidade já lhe causara e agora, considerável admiração. Asserenou o clima:

— Sou um homem de palavra. Cá estou como emissário de el-Rei de Portugal — que Deus o proteja. Não serei falso, nem ingênuo, fingindo para vocês que não quero ouro também. Mas, essa minha posição não pode nem deve ser demonstrada por aí. Completou:

— Sei do plano de vocês: retornar às terras d’África. No momento, só eu poderei ajudá-los, mas preciso da sua ajuda também. Com o senhor Mendonza impossibilitado do juízo, estou assumindo a posse desse arraial. Se preciso, trarei mais soldados.

Acalmados os ânimos, pois os três respiraram o ar da sinceridade recíproca, Severo olhou profundamente Tengegê:

— O ouro está aqui e vocês estão ajudando a minerá-lo. E sabem onde está armazenado o que já foi catado.

Não era uma pergunta. Era uma dedução, analítica e sensata.

Não havia ameaça nas palavras. Prosseguiu:

— Sem o ouro vossa vida não vale nada e minha função menos ainda. Se nos unirmos, todos ganharemos.

Não havia como discordar.

— O sinhô tem razão — comentou Zangigi, logo completando: o Tengegê vai mostrar onde está.

— Vou sim.

— Agora mesmo?

— Não seria aconselhável. O ouro está escondido e seguro. Se tirar de lá, só muitos soldados poderão dar segurança. Para ir até lá, será preciso disfarçar que vamos caçar, andar pelo mato, com armas e comida nos bornais, para não levantar suspeitas... Iremos amanhã, cedinho. Aí o sinhô arruma um lugar seguro para guardar o ouro.

Quando o dia amanheceu, Tengegê já havia preparado os apetrechos da caça. Severo, as armas. Partiram. No caminho, não muito distante dali, o jovem iorubano acendia uma fogueira aqui, outra ali, mais uma acolá. Severo, intrigadíssimo com aquilo, nada disse, porém. Em menos de uma hora chegaram próximos a uma pequena caverna. Por perto, vestígios de inúmeras fogueiras... Sem dizer palavra, Tengegê adentrou numa parte do mato, onde a vegetação era espessa e dali trouxe um tacho de cobre e vários pedaços de madeira com sulcos cavados, a canivete ou a faca. Esclareceu:

— As fogueiras que fiz são para despistar as que são feitas aqui.

— Mas o que fazem com o fogo?

— Zangigi aprendeu desde menino e aqui o sinhô Mendonza trouxe mais lição da terra dele, sobre como derreter ouro e fazer pedras, usando essas madeiras com as cavidades que servem de forma.

Severo estava atônito. Nunca lhe ocorrera tal engenhosidade. Sem poder conter-se, exclamou:

— As rapaduras! Então é assim que são feitas. Como é que não pensei nisso, antes? Como é que não me ocorreu averiguar que processo era usado? Meu Deus! Meu Deus!

Dessa forma, naquele preciso momento, estava sendo oficiosamente inaugurada a primeira fundição de ouro no Brasil.<sup>(\*)</sup>

A História, no seu curso inexorável, teve ali importantíssimo instante, que iria transformar o futuro da Colônia e também de Portugal, com respingos em outros países da Europa!

E apenas duas almas foram testemunhas disso! Encarnadas...

Na verdade, do Plano Espiritual, há tempos caravanas de mensageiros celestiais vinham estagiando naquelas terras, sob orientação do Plano Maior, de forma a que ela, a História, seguisse o curso de progresso elaborado por Jesus, Governador terreno, por delegação divina.

A partir daquele tosco processo de fundição do ouro, com a oficialização da mineração, levas incontáveis se precipitaram para aquela região, ora chã, ora montanhosa, ora de campinas, ora de riachos e cachoeiras, mas sempre tão gentil.

---

<sup>(\*)</sup>*REALIDADE HISTÓRICA: Só em 1720 Portugal oficializaria as "Casas de Fundição", paralelamente implantando normas rígidas de fiscalização. Nos primeiros vinte anos de mineração, sob controle precário e à sombra do contrabando, imensas fortunas se formaram... o que levou o tráfico de escravos africanos, igualmente sem fiscalização eficiente, a crescer de forma cruel.*

E que ninguém desconheça: não havendo, definitivamente o acaso, grandes movimentações de pessoas são sempre supervisionadas pela Espiritualidade Amiga.

Milhares de acontecimentos, individuais e coletivos, emergem das emigrações (mudança voluntária de país), das imigrações (deslocamento de indivíduos para um novo contexto geoeconômico) e das migrações (deslocamento definitivo de população de uma região para outra ou de um país para outro).

No novo panorama que surge, o relacionamento interpessoal promove incalculáveis oportunidades de reajustes, que são aproveitadas, uma a uma, a benefício dos personagens nelas envolvidos.

Assim, ninguém deixa um país e vai para outro, aleatoriamente...

A natureza, pródiga como sempre, na região "das minas", ofertou a todos que nelas trabalhassem um sublime porvir de realizações, desde que "se amassem uns aos outros, como a si mesmos", segundo o conselho de Jesus.

Deus, o Criador de todas as coisas e a Inteligência Suprema do Universo, não deixaria mesmo que Sua obra, do macro ao microcosmo — aí se incluindo todos os seres vivos, dos dinossauros às bactérias, em suas rotas evolutivas — pervagassem no Tempo, quais penas soltas das aves, ao sabor dos ventos.

Não exageramos quando registramos que ali iniciava a História a trajetória de progresso que iria reformular a civilização no mundo todo.

Com efeito, o ouro, abundante no Brasil, aqui não permaneceria: trasladado para Portugal, cuja corte empobrecida e faminta de mordomias a ele se aferraria qual ave de rapina, também ali não se prestaria ao empuxo dos grandes avanços materiais humanos, antessala dos espirituais.

Agregando-se à Inglaterra, quase que com subserviência, em troca de segurança e manutenção do ilusório padrão de riqueza,

as autoridades lusitanas transfeririam para a *velha Albion* (nome tradicional da Grã-Bretanha, desde Ptolomeu), aquilo que lhe poderia ser frondosa e frutífera árvore, nos gloriosos destinos pátrios: a alavanca do progresso humano, representada pela "Revolução Industrial", com o seu elenco de engenhosas e fantásticas invenções, fruto das custosas pesquisas que o ouro brasileiro financiou.

Não podemos, sob pena de otimizar a leviandade, afirmar quaisquer dados sob decisão tomada pelo Plano Celestial. Contudo, com o respeito necessário, talvez seja-nos dado supor, com redobrada cautela, que o berço dos inventores ingleses, de início, provável tivesse mesmo sido programado para ser lusitano...

Mas, se isso não aconteceu e como nada se perde na natureza, a origem do fulcro do progresso material humano, delineado e perimetrado por inteiro sob orientação do Cristo de Deus, apenas mudou de endereço...

Pois foi sob o comando do Mestre que, a partir do séc. XVIII e séc. XIX uma égide de Espíritos, em reencarnando na Grã-Bretanha, trouxe para a Terra um sem-número de invenções, que alavancou o progresso mundial.

Com isso, menos ásperos os caminhos dos homens, submetidos todos que somos às provas e expiações, todas, decorrência do nosso passado individual e coletivo, nele trilhando multiplicados descaminhos.

Olhando hoje para o passado, não tão distante, do início da Revolução Industrial, seu fantástico progresso, proporcionando tanto conforto material — qualidade de vida —, na verdade foi excelente oportunidade desperdiçada.

Com ela, a Humanidade deveria equilibrar-se socialmente.

Não foi o que aconteceu: o mundo logo se dividiu em "países ricos" e "países pobres", menosprezando o exemplo da Natureza, que a todos fornece, gratuitamente, o mesmo ar e a mesma água.

\*

O ouro já minerado e fundido, numa estranha, mas segura coincidência, qual a de retornar à origem, estava escondido na terra, por baixo dos vários montes de cupim ali existentes, os quais deixavam entrever que por ali, os insetos estavam sempre a revolver a terra.

O despistamento era perfeito: a ninguém ocorreria procurar ouro debaixo de cupinzeiros...

Essa a forma eleita por Mendonza, para proporcionar segurança àquele tesouro, sobre o qual exercia posse, mas que, em contrapartida, sobre ele também exercia fascínio, a ponto de, dele, ser-lhe escravo.

Severo mal conseguia falar, diante da quantidade de ouro que Tengegê indicou estar ali oculta. O jovem desenterrou uma barra, totalmente coberta de uma grossa camada de lama escura. Limpou-a como pôde e entregou-a ao sinhô. Severo, pegando a barra, de aproximadamente um quilograma, não conseguiu disfarçar um devaneio e acariciando-a, murmurou:

— Na Capital, tu me abrirás as portas do palácio e minha será a atenção de el-Rei.

Tengegê pediu o ouro de volta. Severo, a contragosto, aquiesceu.

Tengegê “deu um banho de lama escura” na barra e enterrou-a.

Retornaram ao arraial, tendo feito disparos a esmo em alguns pontos do caminho, para não levantar suspeitas daqueles que não faziam parte daquela comunidade. Desinteressado e quase que por acaso, e sem qualquer pendor para caça, Severo matou algumas pobres aves, aliás, nem mesmo adequadas para alimentação. Arriscando-se, Tengegê advertiu-o:

— O sinhô me desculpe, mas não recomenda tirar a vida sem necessidade...

— O quê, então? Agora estás a me repreender?

— Não, sinhô: jamais! Acontece que o mato é a casa dos bichos que andam e voam, assim como nas águas moram os peixes. Invadir esses locais e matar alguns dos seus moradores, sem justa razão, desgosta muito a Olorum, que é o Grande Pai. Aí, as “almas da floresta”, que gostam dos bichos, ficam sentidas...

— Almas que gostam de bichos? Estás maluco!

— O sinhô não vê que as árvores protegem todos os bichos? Pois não é de se admirar que muitas almas também morem nas árvores. Muitos bichos estão treinando, para um dia, ser gente, assim como o sinhô.

— Ah, é? E tu, não foste um deles?

— Fui, sim sinhô. E já fui branco também... não andei direito, judiando dos mais fracos — bichos e gente escrava — e agora volto preto, para continuar treinando...

— Treinando para quê, ó rapaz?

— Para ser bom.

Severo emudeceu. Experimentou grande desconforto íntimo.

— Estás imprudente — desconversou, procurando equilibrar a desvantagem na qual as palavras do ex-escravo o puseram — tome cuidado daqui para frente com o que dizes, pois se os padres te ouvem, arderás no fogo purificador...

Chegando à Vila Rica Zangigi esperava-os, aflitíssimo: Mendonza expirava. Inevitável o desenlace próximo.

Severo adentrou na tosca residência-sede do arraial, composta de uma só dependência: grande sala, improvisada de cozinha, sala de refeições, sala de estar, dormitório e escritório. Dirigiu-se à cama do moribundo. Os olhos de Mendonza nem estavam abertos, nem fechados, não piscava e sequer mexia um único músculo, a não ser quase imperceptível arfar, após longos intervalos e curtos haustos.

Todos ali intuíaam que Mendonza tinha poucos minutos de vida.

Ninguém conseguia dizer palavra.

Foi ele que falou, a custo e em surdina:

— Excelência... excelência...

Severo aproximou-se. Mendonza, a custo, falou:

— Minha mulher e a filha moram na Espanha, na cidade de Cádiz.

Ante o espanto de Severo, explicou:

— Minha esposa é portuguesa... Casamos em Portugal e vivemos lá algum tempo. Quando tivemos uma filha, doentinha de nascença, muito doentinha, imaginamos que na Espanha a criança se curasse. Mas lá piorou. Não consegui emprego nem recursos, sendo hospedados precariamente por alguns parentes meus. Um doutor indicou um hospital, lá na cidade do Porto, em Portugal, único onde ela poderia ser tratada, mas com muito dinheiro. Por isso vim para aqui, em busca de recursos. Talvez já esteja me esperando, para onde estou indo... Quero fazer um último pedido: vossa excelência me atende?

— Ora, pois, homem: por Deus, diga lá o que queres.

— O ouro... o ouro é meu... Quero-o para mim... mas vejo uma quadrilha em volta dele... são ladrões perigosos... aparecem e desaparecem no ar...

— Fique em paz, homem, que cá meus soldados acabam com eles.

— Não, seus soldados não os veem... são almas penadas...

Severo persignou-se e determinou a Tengegê:

— Corra e vá buscar um padre!

— Alma nenhuma — afirmou Severo — rouba ouro ou qualquer outra coisa; aliás, já providenciei que os padres façam orações diárias por aqui. Fique tranquilo: pois essas almas de que falas serão as primeiras freguesas dos padres, que por sinal, acabam de chegar.

— Meu pedido...

— Ah, sim: qual é?

— Que o meu ouro seja entregue para minha família... Minha mulher se chama Veridiana... Veridiana Raquel y Mendonza... Imagino que ainda mora na cidade de Cádiz, logo na saída da cidade, para quem vai a San Fernando... Jure o meu testamento...

— ?!

— ... que levará o meu ouro para elas...

Severo sentiu um tremendo mal-estar. Recusar um pedido de moribundo era tido à conta de pecado mortal, passagem de ida sem volta para o inferno... Mas, também, jurar em perjúrio era igualmente catapulta para as fogueiras eternas das almas sem perdão... E o ouro: tinha que ser só seu, ou melhor, tinha que reparti-lo apenas com el-Rei...

Tengegê e Zangigi olhavam-no fixo, quais pétreas testemunhas cartorárias, diante de um contrato a ser celebrado, entre a Vida e a Morte, ou então, entre ele, Severo, saudável e com poder, e Mendonza, moribundo e completamente desamparado, indefeso...

Agiu por impulso:

— O que for de direito será feito! Juro-o!

Mendonza já não o ouvia.

Os padres, também testemunhas dos últimos instantes de vida do espanhol, pouco entenderam do que ouviram. Por dever de ofício, ministraram-lhe a *unção dos enfermos*, pronunciando as palavras sacramentais adequadas.

Zangigi e Tengegê aproximaram-se.

Zangigi colou a testa à do morto, assim permanecendo por um minuto, mais ou menos. Após, Tengegê repetiu o mesmo gesto, oriundo do cerimonial ioruba à *alma que retorna ao Céu*.

Severo ajoelhou-se, fez o sinal da cruz e orou três *Ave-Marias*.

## Gratidão. Gratidão?...

Cinco meses após, Severo já conseguira estocar grande quantidade de ouro e por isso decidiu que era hora de contemplar Sua Majestade com aquele “régio” presente. Chamou Henrique, Zangigi e Tengegê e conduziu-os à “área de fundição”. Aliás, seu filho permanecia a maior parte do tempo naquele sítio, já que Severo não confiava em mais ninguém, quanto ao inventário do ouro que ali vinha sendo fundido e estocado. Determinou-lhe que permanecesse à frente do comando do arraial, pois iria, ele próprio, comandar a entrega do ouro a el-Rei:

— Sei que com você aqui, meu filho, haverá honestidade.

Dirigiu-se enérgico aos dois africanos:

— Quanto a vocês, respondem pela vida do meu filho e pelo ouro que aqui for guardado. Quando eu regressar, vocês poderão partir para sua terra. A vida de vocês todos, africanos, pela vida do meu filho! A liberdade de todos, também, pelo ouro que lhes entregarei.

Com metade da escolta que dispunha, partiu no dia seguinte.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, recebeu um pedido de audiência de Joaquim, que estava naquela cidade aguardando-o. Marcou a audiência para dali três dias. Nesse ínterim, despachou um mensageiro para Lisboa, levando expediente secreto a el-Rei. Nesse expediente, dava conta das grandes quantidades de ouro existentes no arraial, ao qual batizara de “Vila Rica”, fazendo celebrar missa, durante a qual foi hasteada a bandeira lusitana, decretando posse de tudo ali.

A bem da verdade, diga-se que Severo, homem extremamente perspicaz, sabedor que os piratas já sabiam do engenhoso segredo das rapaduras de ouro, deduziu que o Atlântico se tornara pequeno para que nele navegasse, indene aos ladrões que o infestavam. Igualmente, deduziu que se até a tal “mulher do cais”, no Porto, já conhecia tal segredo, sem a menor dúvida, muita gente também o conheceria. Por isso, na sua carta, informou que aguardaria no Rio de Janeiro a chegada de forte escolta, em reforço à que já dispunha. Dizia mais, de caso pensado: “piratas, Sua Majestade, os há em grande quantidade, não apenas os “de mar”, mas “de terra” também; estes últimos, os que aqui têm chegado, tenho-os escorraçado; mas a turba que para aqui acorre aumenta dia a dia; assim, encareço suas ordens no sentido de que sejamos contemplados com um batalhão digno de valorosos soldados lusitanos, fortemente armados e municiados, bem como equipamento para melhorar a extração do ouro, e garantir-lhe a posse, que é de Portugal, como tudo o mais nestas terras”.

Terminou a carta, ladino: “*de gosto, alma e coração*, quero passar às mãos de el-Rei o não pouco ouro, que de lá trouxe. Tal presente” aduzia, “sem guarda reforçada, correrá o risco de trocar de mãos, em plenas águas atlânticas, infestadas estas de piratas”.

Jogava com a cobiça humana. E ganharia...

— Excelência, Deus vos proteja! Estou esperando-vos há semanas — choramingou Joaquim, ao iniciar a audiência.

— Para qual propósito? — respondeu Severo, rude.

— Vossa excelência bem o sabeis...

— É uma bela trapalhada, esta, do teu filho. Se el-Rei souber que queres desviar ouro da corte para os piratas, não sei, não, talvez tu vás para as masmorras...

Joaquim, decidido a não fraquejar, enfrentou-o:

— Melhor a prisão do que o além...

— Ameaçar, a mim, que sou o bastante emissário de el-Rei?!

— Não me refiro a vossa excelência, mas à vossa filha, que se enamorou de Quintino e prometeu matar-se, caso ele morra. Como vê, excelência, esta embrulhada, armou-a os dois, não nós. Pela boca dos vossos filhos vazou a notícia de vosso ouro, em forma de rapaduras, pelo que, como já sabeis, andei fazendo uma trapalhada dos diabos, invadindo vossa quinta, do que me penitencio.

— Este é um ponto que a justiça da nossa terra decidirá, no tempo certo. Mas não admito que culpes meus filhos de nada.

— Se nos debatermos em achar culpados, onde isso irá terminar? Não será melhor atender esse pirata e resolver tudo de uma vez?

— Quem te disse que piratas se contentam com uma recompensa? Fiques sabendo que se os atendermos, jamais estaremos seguros, eu, tu, nossas famílias... Estarão sempre nos chantageando.

— Tendes alguma razão, mas, o que podemos fazer?

— Só há um jeito: sequestrar o sequestrador, o pirata!

— Mas...

— Não há alternativa: a vida do pirata-chefe pela do teu filho.

Por mais que Joaquim argumentasse, tentando demover Severo daquela arriscadíssima empreitada (para Quintino), não o conseguiu.

Sabedor que um contato dos piratas deveria ser feito com Joaquim, no porto do Rio de Janeiro, Severo requereu uma reunião confidencial com o governador:

— Excelência, tenho grande zelo para com o tesouro real.

A autoridade mexeu-se na cadeira, em extremo desconforto...

— Ainda há uma semana, quando aqui cheguei, despachei um mensageiro para Lisboa, levando expediente secreto para el-

Rei, dando conta das grandes jazidas de ouro existentes lá “nas minas”.

O governador deu um pulo, não se contendo, olhos arregalados.

Severo, impassível. Prosseguiu:

— O ouro, que é de Portugal, está sob cobiça dos piratas, pois algum alcaguete deixou transpirar tão importante descoberta.

— Temos que pedir reforços — bradou o governador.

— Já o fiz. De vossa excelência, no momento, preciso de uma operação marítima militar delicada, delicadíssima.

— O que vossa excelência determinar.

— Pois bem: há um pirata que sequestrou meu futuro genro e pede ouro, como resgate. Quero eliminá-los, a todos.

— Aos piratas e ao genro?!

Severo fulminou o patrício com o olhar:

— Ora, ora, não brinques: o pirata-chefe e seus comparsas.

Narrando os detalhes que Joaquim lhe passara, foi combinada uma armadilha para aprisionar os piratas. Joaquim de nada seria informado, para não atrapalhar o plano. Seria apenas usado como intermediário do resgate do filho.

De fato, em poucos dias, os piratas contataram com Joaquim, marcando um encontro no porto do Rio de Janeiro, dentro de dois dias.

Severo quis testemunhar os acertos para o resgate e foi com Joaquim ao local indicado pelos piratas. Lá estava a mulher que Joaquim vira em Lisboa e que dera a primeira notícia do rapto de Quintino.

Conversaram e foi decidida a entrega do ouro restante na noite seguinte. Instruído por Severo, Joaquim informou que o ouro já estava à disposição deles, no porto de São Gonçalo (cidade situada na orla da Baía da Guanabara, no chamado maciço de Niterói, permeado este de colinas; à época, pequeno povoado pertencente à jurisdição de Niterói).

Como a mulher ficasse desconfiada quanto ao local, Severo interferiu e justificou:

— Se fizermos essa operação no Rio de Janeiro vai chamar a atenção das autoridades. Já em São Gonçalo isso não acontecerá... ali, à meia-noite, como sugiro, faremos a troca, do raptado pelas "rapaduras".

— Também mudamos nossos planos — falou mansamente a mulher, acrescentando: agora, queremos quinze rapaduras, desde que cada uma tenha um quilograma de ouro. O ouro que o pai do Quintino nos deu, foi gasto com essa demora e a viagem até aqui.

Joaquim ia protestar, mas Severo adiantou-se e concordou.

É que, novamente jogando com a cobiça humana, deduziu, com acerto, que os piratas viriam num único navio, para não terem que dividir o resgate, como era a lei dos piratas, quanto a um butim.

Na noite seguinte, a ausência do luar e o céu fechado, foram aliados não intencionais de Severo: numa bem equipada canhoneira, acendendo apenas a metade dos lampiões, e mesmo assim com luminosidade fraca, aguardou a chegada dos piratas. Quando estes se aproximaram, a considerável distância ancoraram e passaram a trocar sinais previamente combinados. Decorrida uma hora, como combinado, aproximaram-se...

Joaquim, sem se dar conta da operação tramada, tremia. Percebendo-lhe o nervosismo, Severo acalmou-o:

— Fique em paz, homem: teu filho logo estará contigo.

O combinado era que uma canoa sairia de cada navio, para encontrarem-se no meio do percurso entre os barcos, quando o ouro deveria ser entregue aos piratas. A seguir, poderiam ir até o navio pirata, para apanhar Quintino.

A canoa do navio de Severo, contudo, saiu antes, tendo seis remadores (guardas, na verdade), e por isso aproximou-se do navio dos piratas, quando a canoa deles mal acabara de iniciar o trajeto. Um dos guardas gritou:

— Temos cá as rapaduras para o capitão.

Sem perda de tempo, surpreendendo os piratas, entregaram cinco barras de ouro. Os piratas voltaram e as entregaram ao seu chefe.

Os guardas, escolhidos a dedo por serem exímios atiradores, disfarçados de pescadores, levavam suas armas sob os bancos da canoa. Joaquim desconhecia isso. Com jeito, usando apenas as mãos, fizeram a canoa ir se aproximando do navio dos bandidos.

Um dos guardas gritou para o capitão do navio dos piratas:

— Nosso chefe pede para vossa senhoria colocar o jovem Quintino aqui na nossa canoa e então ele mandará outra canoa, trazendo as dez rapaduras que faltam.

— Não foi isso o combinado: o ouro todo pelo rapaz...

Joaquim não se conteve:

— Mas, vossa senhoria, já demos a terça parte e nós nem vimos meu filho...

— Não seja por isso.

Mediante ordem do capitão pirata, Quintino foi trazido, amordaçado e com os punhos amarrados. Joaquim implorou:

— Deixem o menino conosco e o resto do ouro logo estará aqui.

Impacientando-se, o pirata arriscou. Imaginava que a vida de Quintino não seria posta em risco em nenhuma tentativa de burlá-lo.

A canoa com os guardas havia se aproximado um pouco mais...

Afagando as barras de ouro, o chefe dos piratas desconcentrou-se da segurança, desapercebendo que a canoa com Joaquim estava agora a menos de dez metros do seu navio.

Quintino foi posto na canoa do pai, que abraçou-o e dele não se desgarrou. Um pirata estava com um mosquete apontado diretamente para a cabeça do sequestrado. O pirata chefe advertiu:

— Não tentem nenhum golpe contra nós, senão, o jovem será o primeiro a viajar para o inferno... Nossa canoa irá buscar as dez rapaduras que faltam. Só depois vocês serão liberados.

Contava ele com o zelo que o próprio pai teria para com o filho, não permitindo mesmo que o trato fosse descumprido.

Mas Severo dera ordens expressas para os guardas: assim que Quintino estiver na canoa, atirem no capitão. Esse seria o sinal para os canhões reais liquidar com os piratas... A seguir fingiu que arrumava as sandálias e num gesto certo, dirigiu o mosquete para o pirata que ameaçava Quintino e disparou, mesmo sem ângulo adequado, mas acertando em cheio no bandido, que teve morte instantânea.

De qualquer forma, o sinal fora dado.

Remando vigorosamente, os guardas alcançaram a canoa dos piratas e os eliminaram. Logo, saíram da linha de visada do navio pirata, que em menos de três minutos foi impiedosamente alvejado por três canhoneiras.

Severo planejava mesmo atacar os piratas de qualquer forma, mesmo com risco de perder Joaquim, Quintino e seus guardas. Para tanto, solicitara que três canhoneiras lhe dessem poder de fogo, capaz de liquidar os bandidos, sem possibilidade de fuga.

Como as canhoneiras são ligeiras, caso os piratas conseguissem se safar dos tiros de canhão e fugir, seriam facilmente alcançados, antes mesmo de sair da Baía da Guanabara. Esse o plano. Que prosperou.

O barco dos piratas, sofrendo avarias de monta e em chamas, logo afundaria. Surpreendidos, os piratas sequer tiveram tempo de reagir. Os que puderam, e foram pouquíssimos, atiraram-se ao mar.

Em meio ao inferno das labaredas, com alguns piratas gravemente feridos e quase à morte, ouviu-se o grito estentóricamente do capitão:

— Miseráveis! Vocês roubaram nosso ouro! Traidores!

Abraçado às cinco barras de ouro, sob cujo fascínio descuidara da segurança do seu navio e da sua tripulação, o pirata, perdendo o senso da realidade, olhava embevecido ao ouro, que mais reluzia sob o clarão das chamas.

O tresloucado bandido teve ali encerrada sua existência de vários crimes hediondos, imaginando, em desvario total, que seu navio logo teria todas as chamas apagadas pelo mar...

Sequer deu-se conta que isso representaria seu fim.

Absolutamente hipnotizado pelo ouro que lhe pesava nas mãos, afundou com o navio, alheio aos pungentes quadros à sua volta, com tantos homens desesperados, a gritar de dor e agonia, ante o pavor da morte, que inexorável, alcançou-os.

Como "tiro de misericórdia", um último projétil pôs fim à longa carreira de assaltos daquela triste embarcação, cuja tripulação a morte também desmantelara.

E assim, de forma melancólica, para o fundo do mar foram seus escombros: no quase sempre insondável abismo marinho, por certo alguns séculos haveriam de passar, antes que se diluíssem os fluidos negativos que os imantavam.

Mesmo vendo ir a pique a nau pirata, Severo, agora travestido de "grande almirante", segundo se autodenominara, determinou ao pessoal de ataque que gastasse toda a munição sobre ela.

— Mas, senhor — indagavam aflitos os canhoneiros —, atacar o quê? Eis que o navio já afundou...

— Não importa: sei o que faço. Lancem fogo naquela direção!

Os homens, mesmo nas sombras da noite, entreolharam-se e com os olhos, sob o sinistro brilho das tochas, estabeleceram instantâneo entendimento: o objetivo de dom Severo era liquidar os inúmeros possíveis náufragos.

Espantosamente cruel!

Miquéias, o chefe dos canhões, agindo também de pronto, num gesto de perícia, alterou a inclinação das armas, fato só

percebido pelos atiradores. Estes captaram a intenção do chefe e a ele se solidarizaram. O gesto demonstrava respeito à lei dos mares, de todos os tempos, que proíbe crueldade para com as vítimas de qualquer tipo de naufrágio — mesmo que se tratando de inimigos, ou conforme ali, de piratas.

Assim, sabem os marujos que o mar é um dos grandes justiceiros do mundo e não necessita de carrascos, aos quais, inclusive, cedo ou tarde, alcança e leciona-lhes fraternidade. No caso, em dolorosa lição...

Propositalmente, a munição foi toda gasta, mas os tiros, lançados a esmo, não caíram nas proximidades de onde alguns poucos piratas ainda se debatiam em desespero, diante da morte iminente.

Apenas dois piratas se salvaram, por uma conjunção de fatores: em primeiro lugar a escuridão, além disso, não tinham se ferido, eram exímios nadadores e pequenos pedaços de madeira serviram-lhes de prancha, para manterem-se boiando com menos esforço, empregando suas forças, sim, para se afastarem o mais rápido possível daquele inferno paradoxal de chamas em meio a tanta água, reunidos em triste e mortífera simbiose.

Ninguém viu que uma terceira canoa, oculta pela escuridão, com uma mulher remando-a, tirou-os do mar... A mulher a tudo assistira: odiou Severo...

Quando Joaquim subiu a bordo da vitoriosa canhoneira, seguido de Quintino e dos *remadores-guardas*, Severo aguardava-os, pomposo. Personificava o "grande combatente, após vitória espetacular".

Trêmulo, em estado de choque, Joaquim aproximou-se:

— Tu te portaste mil vezes pior do que aquele pirata! Jogaste com a vida do meu Quintino, com a minha e daqueles pobres remadores, cuja consciência, certo, compraste. Não te mato porque sou cristão, mas antes, principalmente, porque não tenho cá uma arma.

— Bem ingrato me saís desta empreitada, que o maluco do teu filho arranjou. Então é assim que mo agradeces?

— Agradecer-te?! Homem: olha para lá, onde mandaste as balas dos teus canhões explodir os pobres marujos. Esta é a primeira vez que o mar vê, com repúdio e vergonha, alguém atirar em pobres marujos com canhões.

— Pobres marujos?! Perdeste o senso, de vez. São, ou melhor, eram piratas cruéis, que já mataram muita gente e por pouco não cortaram a goela do teu linguarudo rapaz. E vens me acusar, a mim, de crueldade?

— E se meu Quintino morresse?

— O mundo ficaria livre de um *língua solta*...

Quintino, até então refreando a raiva crescente que o invadia, não se conteve e num gesto felino, facilitado pela sua juventude e pelo bom estado de saúde em que surpreendentemente se conservara, alcançou Severo, esganando-o.

Foi contido por marinheiros que, tensos e assustados, a tudo assistiam. Deram-lhe uma pancada na cabeça, tonteando-o. Cambaleando e fazendo voltas sobre o próprio eixo, acabou por cair.

— Acorrentem esse infame — determinou Severo, com olhar incendiado de ira e a voz rouca, que lhe saiu a custo da garganta.

Agora foi Joaquim quem partiu agressivamente para cima de Severo. Sem a agilidade do filho, com facilidade foi impedido.

— Os dois! Os dois! Aos porões com os dois — gritou Severo.

O governador não quis se indispor com o intendente-mor, mas mesmo assim o aconselhou:

— Não será de bom tom que vossa excelência faça os dois patrícios parecerem bandidos. Concorde que não se lhes assiste direito de te agredir, mas também não é prudente tratá-los como "foras-da-lei", que lá isso são os piratas — que o inferno os

acolha —, não eles. Se mo permites, melhor será repatriá-los. Com urgência, pois não?

— Tens razão, excelência. Eu próprio os levarei e entregarei à Justiça. Assim, requisito forte escolta para comigo ir à Pátria, entregar a Sua Majestade o ouro que Portugal tanto necessita, para sua glória, para sua paz...

Dois dias após, três navios estavam para partir para Portugal, sob comando de Severo. O ouro já estava a bordo, acompanhado de mais de cem carabineiros. Dois prisioneiros, mantidos em dependências fechadas, iam também: pai e filho, Joaquim e Quintino.

Severo estava radiante, pois era grande a saudade da família.

Além disso, levava uma carta oficial do governador a el-Rei, relatando com detalhes o aniquilamento dos piratas, “perigosos inimigos de Portugal”, aos quais dom Severo esmagara, com bravura indômita.

Em *post-scriptum*, o governador, com “humildade crescente e devoção à Sua Majestade”, pedia permissão para sugerir que o ilustre intendente-mor “das minas”, Severo Cantilhão, fosse laureado com alta comenda lusitana, “pelo tanto amor à Pátria, eis que arriscara a própria vida em boa defesa do tesouro de el-Rei”.

Mas os *fados* nem sempre seguem os roteiros desejados...

Faltando pouco menos de uma hora para a partida, chegou estafeta da Vila Rica, mandado por Henrique, trazendo expediente ultrassecreto para “Dom Severo - intendente-mor, emissário no Brasil do Rei de Portugal”. Ao abri-lo, Severo empalideceu: dava conta de grande assalto ocorrido no recém-inaugurado arraial, sendo que os ladrões haviam levado todo o ouro estocado, que já não era pouco. *Trepida por aqui a ordem e a lei*, concluía Henrique, em tom temerário.

Severo mudou os planos: cancelou sua ida a Portugal e solicitou ao governador que nomeasse alguém de “alta

confiança” para conduzir o ouro para Lisboa e entregá-lo a el-Rei. Cinquenta guardas faziam a escolta do ouro até Portugal, a ser levado em esquadra. Os outros tantos os levou consigo de volta ao arraial. Avisou à autoridade:

— Irei à Vila Rica, mas logo retornarei. Nesse ínterim, peço a vossa excelência que mantenha os prisioneiros em palácio, cerceada a liberdade deles de ir e vir.

Sem poder sequer disfarçar a angústia que lhe ia na alma, dom Severo contratou mais guardas, formou forte contingente de mosqueteiros, às pressas, equipou-os bem e partiu.

Com o coração cheio de ódio dos ladrões, que tinham roubado “o seu ouro”, as saudades da família eclipsaram-se. Aliás, Severo tinha mesmo saudades da família, mas estas tinham a duração do relâmpago: invadiam sua alma num instante, mas logo se desvaneciam. Assim como à noite os relâmpagos são tragados pela escuridão do céu sem Lua e sem estrelas, nele a lembrança e a saudade da mulher e das duas filhas logo eram sobrepujadas pelo invencível e eterno clarão do ouro polido.

## A cor, o som e a voz do ouro

O desejo de fortuna cria sonhos-pesadelos que andam de par em par com a cobiça pelo ouro, que não foi colocado na Terra, sem um bom propósito, como todas as demais criações de Deus. Até aqui, o maior emprego do ouro tem sido aplicá-lo em joias, moedas.

Foi eleito "padrão monetário" das nações, sendo que a produção mundial hoje se encontra, quase que integralmente, em depósito nos Bancos, majoritariamente dos países ricos, como lastro financeiro.

E esse é um dos tristes equívocos do homem: tirar um bem do seio da terra, onde dormia sono milenar, para mantê-lo ocioso, em cofres inexpugnáveis, sabe Deus até quando. Sem exagero, pode-se até imaginar que o ouro, ao ser encarcerado (eis que é mantido em segurança pelos meios mais sofisticados de segurança antirroubo), até parece que é considerado como "mau elemento", ele que, na verdade, pelas suas características, situa-se entre os melhores elementos naturais.

O ouro, esse mal compreendido presente divino, em estado puro, vem sendo, desde há muito tempo, senão o mais, um dos mais cobiçados dentre os *frutos colhidos da terra*, graças às suas excepcionais propriedades: densidade, ductilidade (elasticidade, flexibilidade), sendo inalterável ao ar e à água, em qualquer temperatura. É o mais maleável de todos os metais.

Presta-se a formar liga com vários outros elementos naturais (cobre, níquel, prata, etc.)<sup>19</sup>.

No dealbar dos milênios porvindouros, outra será a realidade terrena, constituindo-se em tristes lembranças o mau uso feito pelo homem de tudo aquilo que o Criador situou no planeta e ofertou-lhe.

O verdadeiro uso do ouro, benéfico, ainda não foi totalmente descoberto pelo homem, cuja moral, envolta em cobiça, embaça a inteligência, esta com a capa da ganância do e pelo poder.

Quando o coração do homem despertar para o entendimento de que Deus é a Inteligência Suprema do Universo, fará humilde conjectura, diante de quaisquer seres ou materiais, até aqui,

---

<sup>19</sup> Na Wikipédia, a enciclopédia livre da internet, encontramos vários empregos atuais do ouro, transcritos abaixo, como um gesto de gratidão ao Supremo Criador por essa bênção:

Atualmente (2014 – ano em que esta obra foi revisada para edição em E-book) exerce funções críticas em computadores, comunicações, naves espaciais, motores de reação na aviação. Sua elevada condutividade elétrica e resistência à oxidação têm permitido um amplo emprego em eletrodeposição (cobertura com uma camada de ouro por meio eletrolíticos as superfícies de conexões elétricas, para assegurar uma conexão de baixa resistência elétrica e livre do ataque químico do meio. O mesmo processo pode ser utilizado para a douragem de peças, aumentando sua beleza e valor.

Como a prata, pode formar amalgamas com o mercúrio que, algumas vezes é empregado em restaurações dentárias.

O ouro coloidal (nanopartículas de ouro) é uma solução intensamente colorida que está sendo pesquisada para fins médicos e biológicos.

Até mesmo no tratamento de alguns tipos de câncer e em outras enfermidades um dos componentes do ouro está sendo usado. Há emprego do ouro no recobrimento de materiais biológicos, permitindo a visualização através de microscópio eletrônico de varredura. É utilizado ainda como cobertura protetora em muitos satélites porque é um bom refletor de luz infravermelha.

muitas das vezes, em apressado juízo, considerados imprestáveis:

*"Se Deus colocou isso no mundo é porque tem utilidade; se por enquanto não sei qual, não me assiste, em absoluto, o direito de desprezá-la; o tempo dirá para que sirva. De uma coisa, porém, estou certo: tem objetivo, no mínimo, pedagógico".*

Insetos e plantas venenosas estão nesse quadrante: são seres primários, em árduas lutas evolutivas, sobrevivendo ao permanente ambiente agressivo em que se situam e assim mesmo vivendo pouco tempo.

Metais, sob fundição, decomposição ou agregação a outros metais ou outros componentes, todos eles têm a sua dimensão de auxílio à vida na Terra. Jamais se deverá empregá-los como lastro monetário.

O ouro, mudo no exterior, é talvez dos metais o que mais estrondosos ruídos promove no interior das almas que, sequiosas por possuí-lo, se deixam envolver pela ânsia de riqueza maior. Aí, perdendo o abrigo no seio da terra e ganhando cor e brilho pelo polimento, infelizmente se recobre de densa matéria fluídica, de que a cobiça humana é a fabricante maior.

Tão estridente é o som do ouro na mente daqueles que sofregamente o buscam, ou dos poucos que o detêm, que uns e outros, desprezando-lhe a voz que recomenda emprego humanitário, quedam-se também surdos à voz da consciência. E, tal surdez, sempre deságua em tristezas, maiores ou menores, quando não, em tragédias.

\*

Chegando a Vila Rica, dom Severo inteirou-se dos fatos ocorridos na sua ausência, tendo em Henrique, fiel e zeloso subordinado. Entre surpreso e feliz, constatou que seu filho e Tengegê entendiam-se bem.

Entre Henrique e Tengegê havia se estabelecido forte amizade, fruto da empatia espiritual que de início brotou entre eles: jovens, de culturas diametralmente opostas, essa diferença foi o fiel da balança que equilibrou a pungente disparidade social entre ambos, harmonizando-lhes o convívio.

Na exuberância das montanhas, cachoeiras e matas, até então quase que intocadas, quais testemunhas vivas da prodigalidade da natureza para com os homens, com maior influxo espiritual aquelas duas almas se aproximaram. Revitalizou-se, ali, em pleno sertão bravio, o *axioma formal* que reza: “os contrastes se atraem na razão direta das suas diferenças”. Na verdade, sintonia espiritual sobrepujando “diferenças sociais”...

Um fato extraordinário deixou Severo perplexo: embora soubesse que cedo ou tarde haveria grande influxo de gente para ali, não esperava que isso acontecesse tão depressa. Com efeito, a Vila Rica já contava, nesse pouco tempo, com centenas de aventureiros — maioria, europeus —, muitos deles que estavam esparsos pela Colônia e que, de uma forma ou de outra, para ali acorreram, ante a notícia do achado do ouro.

Por mais que Henrique, Tengegê e agora o próprio Severo diligenciassem para identificar quem havia roubado o ouro, nada conseguiram apurar. O roubo foi cometido com violência, pois todos os guardas do depósito onde estava aquela fortuna foram eliminados. Dos guardas restantes, a maioria desertou. Agindo com rigor, Severo implantou rígidas normas de segurança, inclusive fazendo um cadastro meticuloso de quem entrava e de quem saía da Vila Rica.

No fundo, agradeceu a Deus por Henrique não ter sido morto pelos ladrões.

Como Severo — e somente ele — detinha autorização de el-Rei de Portugal para distribuir lotes de terra, tratou logo de implantar o “quinto”, isto é, 20% de todo o ouro extraído deveria ser tributado à Coroa Portuguesa. Para controlar a produção,

estabeleceu também fiscalização nos pontos de acesso e saída das minas.

Para cumprir tal decisão, dividiu os mosqueteiros, situando-os nos pontos estratégicos.

*O homem põe e Deus dispõe*, diz o povo, sabiamente.

Por seis meses Severo não pôde afastar-se da Vila Rica, tantos eram os problemas. Então, novo infausto acontecimento viria alvoroçar toda a região: embora sob forte escolta, foi roubada considerável parte do ouro lavrado e ajuntado sob a responsabilidade de Severo. Cerca de trinta soldados, mesmo fortemente armados, foram dominados e não puderam impedir o saque. Aliás, esses soldados estavam embriagados na hora em que foram surpreendidos pelos ladrões, alta madrugada. Só no dia seguinte, quando os primeiros lavradores levantaram, foi descoberto o grande roubo. Alguns soldados ainda dormiam, alcoolizados; outros estavam amarrados em árvores e amordaçados, sendo que dois estavam mortos, por não resistirem ao tormento das cordas, brutalmente imobilizando-os; outros tantos, simplesmente debandaram, pois se ficassem, com certeza seriam fuzilados, pela sua incúria com o *ouro do rei*.

Severo, quando soube, por pouco não teve uma síncope.

Os soldados que haviam se embriagado e os demais, que estavam a postos e foram subjugados, foram destituídos da função. Após tremendas e sucessivas surras de chibata, foram conduzidos para longe dali e abandonados em região inóspita.

Sem quaisquer recursos, jamais se soube que algum deles tenha sobrevivido.

Lei vigente no Reino determinava que “todos os que, por incompetência ou por dolo, gerassem atos lesivos à Coroa lusitana, deveriam ser enviados para o outro mundo, para serem julgados *pela Providência*: se inocentes, seriam perdoados (salvos), mas se culpados, seu endereço: as fornalhas infernais”. Severo julgou que cumprira a lei...

A seguir, usando experientes capitães-do-mato, armou e equipou um pelotão de guardas, sob seu comando direto, para ir ao encalço dos ladrões. Deduziu que os bandidos não poderiam ir depressa: além de levarem o ouro, pesado, teriam que se utilizar de atalhos, correndo o risco de serem surpreendidos se utilizassem as vias principais. E, naquela época, evitar as vias principais, significava que outro percurso demandaria redobrada energia e tempo.

Tengegê foi designado para ir à frente de todos, pois ninguém melhor do que ele conhecia aqueles sertões.

Henrique, nem precisou insistir para que o pai o autorizasse a fazer parte daquele agrupamento, de mais de cem homens.

Com três horas de buscas, Tengegê lamentou:

— Sinhô Severo, tenho uma coisa triste para falar.

— Não quero saber das suas tristezas. Continue em frente.

À chegada da noite, acamparam.

Henrique, conquanto jovem, mas sem preparo para tais empreitadas, sentiu que era preciso entregar-se logo ao descanso, indo antes, atender a necessidade fisiológica. Levando pequeno lampião, afastou-se um pouco do grupo. Ao pousar o lampião na relva, não percebeu que tocou de leve numa cobra, que desperta pelo clarão e pelo toque, num bote, mordeu-lhe o braço. Mais devido ao susto do que propriamente à dor, Henrique gritou. Tengegê, ágil como sempre, foi o primeiro que o socorreu, a tempo ainda de ver pequena serpente fugindo no mato rasteiro e logo embrenhar-se em alguns arbustos.

Não tardou e Henrique começou a sentir tontura e ânsia de vômito. Aflitíssimo, Severo não sabia o que fazer. Se ao menos Zangigi estivesse ali... Ele que tinha tanta sabedoria para tratar desses problemas.

Vendo o filho passando mal, Severo desesperou-se:

— Meu filho! Meu filho está morrendo!

Tengegê ofertou:

— O sinhô deixa... o Gangê cuidar dele?

— Gangê?! Quem é? Onde está? Traga-o sim, mas depressa.

— É o meu amigo que morreu lá na África, ainda criança...

— O quê?! Estás a me dizer que vais buscar uma alma para salvar meu rapaz? Estás doido? Precisas é da santa fogueira, isso sim, para purificar-te.

Como atestado veemente de superioridade moral, indene à terrível ameaça de tom inquisitorial, o jovem africano ajoelhou-se, colocou os braços à frente, curvou-se até encostar a testa no chão e pediu:

— *Oi, Gangê, se Olorum permitir, vem ajudar meu amigo, senão ele vai logo para aí. Se os orixás sabem se ele deve continuar nesta vida, pede para eles ajudarem você a tirar do corpo dele aquela coisa que a coitadinha da cobra usou para se defender.*

Severo, homem europeu, já recebido em palácio por el-Rei, deu-se conta que ali, o mais bárbaro primitivismo, segundo julgava, sobrepunha-se ao reluzente e hipócrita verniz social que conhecia. E mais: aquela cerimônia tão contrária à *Santa Inquisição*, por paradoxal que fosse, era a única esperança de salvação do seu filho.

Congestionando seus pensamentos, o fato da cobra ser chamada de "coitadinha"...

Tengegê, em poucos instantes, deu um salto do chão e com voz desarticulada, mas de grande teor magnético, determinou:

— Fogo, faca, folhas de beladona, cachaça e ouro!

A ordem era para Severo. Que a cumpriu, presto.

Em instantes, entregou a Tengegê o lampião, uma caneca com cachaça e uma pepita, que tirou das algibeiras; da grossa cinta, desembainhou sua faca de mato, passando-a ao africano. O óleo do lampião foi derramado no chão e logo foi ateado fogo, sob a caneca.

— Duas! — ordenou *Tengegê-Gangê*.

Severo tirou outra pepita do bolso e entregou-a.

— A beladona!

Severo submeteu-se:

— Já mandei vir. Estão providenciando...

— Tem atrás daquela pedra grande!

Ele próprio saiu correndo, sem nada ver, na direção indicada, levando outro lampião, maior; logo divisou mesmo a tal pedra grande e junto dela, vários pés de beladona, verdejantes... Apanhou grande quantidade de folhas e voltou esbaforido.

O jovem Tengegê, no momento sob comando espiritual de Gangê, em perfeita atividade mediúnica, colocou as folhas verdes na caneca com as pepitas, a faca e a cachaça, esta, já fervente. Logo, apagou as chamas com a mão e a seguir pegou a faca e fez um pequeno corte na veia posterior ao cotovelo de Henrique e sugou o sangue. Em instantes, sua boca estava cheia de sangue, que cuspiu para longe. Tomando as duas pepitas na mão direita, simultaneamente colocou-as sobre o local da picada e com a esquerda pôs as folhas chamuscadas sobre elas, cobrindo o corte que ali efetuara.

Estranho, quase inacreditável: nem ele se queimou, manipulando material tão aquecido, nem Henrique, que embora respirando com fortes e espaçados impulsos pulmonares, não sinalizou ter sentido a menor dor, nem pelo corte, nem pelas pepitas, que quase incandescentes, promoveram assepsia nos tecidos atingidos pela mordedura, evitando a gangrena.

*Tengegê-Gangê* permaneceu por cerca de quinze minutos comprimindo o local do corte e da picada, aliviando a pressão, mais ou menos de minuto a minuto.

Severo, em choque, pouco podia raciocinar. Voltou a si e reequilibrou-se em parte, quando *Tengegê-Gangê* advertiu:

— Se o sinhô continuar nessa vida de só querer ouro, vai acabar ficando sozinho, ou melhor, só terá muitos problemas.

— Quem é você?

— Sou amigo do *Tengueguê* e do seu filho. Olorum atendeu pedido de dois amigos do seu filho: o *Tengueguê* e eu, Gangê.

— Ele vai ficar bom?

— Vai.

Tengegê estremeceu e como que despertando de um breve sono, vendo Henrique em plácido repouso, com o estranho curativo no braço, assimilou o clima, no qual as duas pepitas provocaram pequenas queimaduras. Já tinha visto aquela cena várias vezes: sempre que uma pessoa do seu povo era mordida por uma cobra, Zangigi era chamado para realizar aquele curativo, só que na África eram usadas pedras, e não pepitas. Mas ali, com sabedoria ímpar, a Espiritualidade valeu-se da oportunidade para mostrar a Severo que o ouro, no mínimo, tinha outra serventia, que não a riqueza...

No dia seguinte Henrique despertou, como se nada tão grave houvesse acontecido. Só a beladona e as pequenas queimaduras o incomodavam, mas logo se conformou em manter o cuidado devido.

A expedição de busca aos ladrões prosseguiu e não tardou para que os vestígios de sua fuga aumentassem...

O grande trunfo era Tengegê, que tinha apuradíssimo senso de direção, além de invulgar capacidade para identificar sinais e odores.

Não tardou e os ladrões foram surpreendidos, sem condições de fuga, pois eram em número bem menor.

Para espanto de todos, foram identificados: Quintino e os dois piratas que sobreviveram ao ataque da canhoneira comandada por Severo chefiavam a quadrilha; um desses piratas era irmão de um dos remadores da canoa de resgate, também ali aprisionado, o qual dera todas as informações ao grupo de salteadores; além deles, cerca de dez soldados, desertores, que haviam se infiltrado na guarda de Severo, facilitaram o roubo, embebedando os colegas; espanto maior, contudo, foi verificar que também ali estavam os cinco ex-escravos fujões.

Quintino conseguira burlar a frágil vigilância da governadoria do Rio de Janeiro e formara a quadrilha.

Severo, agora sim, sentiu-se mais importante que o seu rei: julgou-se abençoado pelos Santos católicos, aos quais prestava devoção. Com o filho salvo, os ladrões aprisionados e o ouro recuperado, sua autoridade era total. Lembrou-se de algo e dirigiu-se a Tengegê:

— Disseste-me que tinhas algo triste a relatar...

— Era para avisar ao sinhô que estivesse preparado para a ingratidão, cujo remédio nem sempre é o castigo.

— Quintino...

— Ele mesmo!

Retornando à Vila Rica, onde mantinha sede e base das operações mineradoras e de arrecadação, separou os prisioneiros, mantendo amarrados e amordaçados os brancos e colocando os negros em instrumentos de tortura.

Assim, procedendo a meticolosos interrogatórios, ficou sabendo que o roubo fora planejado pelo seu futuro genro, contando com a ajuda de dois piratas que se salvaram do naufrágio que ele impingira aos sequestradores do próprio Quintino. Um dos náufragos era irmão de um dos guardas a serviço da governadoria, o qual conhecia a Vila Rica e foi ele que deu as indicações que possibilitaram o roubo do ouro, pois muitos foram os guardas que foram aliciados.

Porém, o que realmente machucou os sentimentos de Severo foi o fato de que Quintino comandara aquele bando de ladrões. Quanta ingratidão: salvo com *seu* ouro, que se perdeu no fundo do mar, urdira aquele monstruoso crime de roubar o ouro de el-Rei. E, certamente, com o beneplácito de Joaquim, seu pai.

Sentiu ali, em meio às selvas, como o coração humano, por vezes, se mostra muito mais ardiloso que os animais predadores, os quais, para sobreviver, utilizam a funcionalidade orgânica que a Natureza lhes concedeu, ao passo que os homens maus, usam a inteligência, a traição e a crueldade, para conseguirem fortuna e poder.

Lei para aquele e para os outros rudes e incipientes povoados próximos, nos quais se multiplicavam as “minas de el-Rei”, ele, Severo, as promulgava. Mandou fuzilar os cinco escravos, os guardas traidores, os piratas e o remador.

Talvez por se lembrar das palavras de Tengegê sobre a ingratidão, talvez por lembrar-se de sua filha, fosse porque fosse Quintino foi poupado, mas mantido prisioneiro, incomunicável, por tempo indeterminado. Na próxima viagem a Portugal, pessoalmente levaria Quintino e Joaquim, para serem julgados. Aliás, o futuro genro seria preciosa peça de comprovação de sua lealdade à Coroa lusitana e da competência na administração das minas.

O terror implantou-se na Vila Rica e região, a partir daqueles tristes acontecimentos. Severo, agora, já não dormia em paz, levantando-se alta madrugada, todas as noites, para rondar o acampamento.

Exigiu maior atenção dos guardas, principalmente os do turno da noite. Várias tentativas de contrabando foram frustradas e os culpados, como sempre, eram levados para longe, sem recursos, para “se justificarem com Deus”.

Em dez meses de árduos trabalhos e de permanente fiscalização, três toneladas de ouro estavam estocadas.

Era hora de visitar el-Rei...

Partiu, deixando Henrique como encarregado geral das minas, concedendo-lhe por escrito autoridade para gerir os bens que ali prosperassem, todos pertencentes a el-Rei.

Em árdua expedição, rumou para o Rio de Janeiro, e de lá, para Portugal. Levava, além do ouro, dois prisioneiros: Joaquim e Quintino.

Foi recebido com pompa pelo Rei, ao qual solicitara audiência, não sem antes declarar o motivo que o levava a vir pessoalmente entregar às mãos reais o que, por graça de Deus, *era de direito de el-Rei.*

Narrou os episódios referentes à libertação de Quintino, seguidos da ingrata agressão de Joaquim, por culpa de quem, aliás, o mar engoliu pouco ouro da Coroa.

Relatou com detalhes o episódio do roubo chefiado por Quintino.

De imediato, pai e filho, *ingratos traidores da Pátria*, foram enviados às masmorras, “de onde só sairiam quando Deus os convocasse para prestar contas de tão grandes pecados”.

Retornando à sua casa, após tão longa ausência, Severo narrou os acontecimentos sem omitir a prisão perpétua de Joaquim e Quintino.

Pensou: *melhor eu contar a verdade, do que sua família vir a saber sobre tudo aquilo por outras fontes, certamente com deturpações.*

Ouvindo o pai, Carlota desesperou-se:

— Meu pai, como o senhor fez uma coisa dessas? Estou há quase dois anos esperando o Quintino para me casar com ele e o senhor o joga na prisão? E o meu casamento? Nós nos amamos.

Mesmo aguardando tal reação, Severo não soube como responder, nem como administrar tão doloroso impasse, pois Carlota ameaçou:

— Ou o senhor providencia a liberdade dele ou...

— Ou o quê, mocinha?

— Só terá dois filhos...

— Outra vez com ameaças de te matares?

Antoninha abraçou a filha e em prantos não se desgarrou dela.

Severo saiu dali em passos largos e raivosos.

Por uma semana ninguém dialogou naquele lar.

Só então, Antoninha, com grande temor e respeito pelo marido, interpelou-o, com extrema cautela:

— Meu bom marido: és um homem de bom coração, temente a Deus e devoto aos Santos, por isso imploro que ajudes nossa filha...

— Aquela ingrata: livre-a de se amarrar a um traste e o que ganhei?

— O amor desconhece razões e algo me diz que o rapaz Quintino agiu por amor filial.

— O quê?

— Isso mesmo: quis vingar-se ao ver o pai ser maltratado e tido como culpado da perda do ouro que o capitão-pirata levou para o fundo do mar.

— Mas, mulher, só bem lhes fiz e é assim que mo agradecem?

— Se estivesses no lugar de um ou de outro, como agirias se nosso Henrique fosse prisioneiro de cruéis piratas?

— O que pretendes tu?

— Que ajudes nossa Carlota.

— O que lhe falta, a ela?

— O dom maior da vida: a alegria de viver.

— Ora, pois, não está viva, com saúde e rica?

— Falta-lhe o principal: a vivência do amor que traz na alma.

— Pedes-me que retire da prisão aquele que pegou o gosto pela pirataria?

— Não, não te peço que olhes para ele, mas sim para nossa filha.

— Dá no mesmo!

— Então, confessas que percebes o amor entre ambos?

— É...

Nada mais foi dito.

Um mês após, Severo decidiu retornar à Colônia.

Chamou a esposa:

— Estou imaginando mudar de atividade. O ouro é de el-Rei e não há como tê-lo, a não ser cometendo o pecado do furto, seguido do contrabando. Fiz leis para os tributos reais e por minha ordem a fiscalização é enérgica e não perdoa aos que tentam burlar a quota devida à Pátria. Mas, em paralelo, o comércio dessas coisas que sempre levo, é inteiramente livre, só

pagando pedágio: de “entrada”, dos produtos vindos de fora e de “passagem”, para o uso das vias terrestres ou dos rios. Pretendo dedicar-me a esse comércio, mas mantendo-me aqui em Portugal, nomeando alguns intermediários que farão o transporte para lá. Grande é o risco de piratas, mas os prejuízos serão divididos. Além disso, pretendo obter com el-Rei permissão que os barcos com tais suprimentos sejam sempre bem escoltados, já que deles depende o êxito lá nas minas.

— E a “Quinta dos Favos”? — interrogou Antônia.

— Tenho pensado em vendê-la...

— Vender nossa Quinta?!

— Isso mesmo: há rumores de que Portugal, em breve, assinará acordo com a Inglaterra, para comercializar todo o vinho português aos ingleses, que, em troca, nos fornecerão tecidos e outras coisas. Nesse caso, temo que o lucro das vinícolas seja drasticamente podado.

— Podado, como?

— Teremos que vender nossos vinhos ao Rei... e os preços, por certo, serão estipulados pelo Tesouro Real...

— Tu é que sabes, meu marido.

Nisso, Carlota aproximou-se e tímida, dirigiu-se ao pai:

— Pai: e o Quintino?

— Então falas com teu pai, tu que por quase um mês te quedaste muda comigo? Sossegues, criança: tomei alguma providência e quando retornar, de vez, el-Rei já terá o coração amolecido e, a meu pedido, perdoará aquele dodivanas ingrato. Agora seria perigoso interceder, pois os fatos são recentes.

— Mas... Quando o senhor voltará?

— Quando tiver outras tantas toneladas de ouro...

Carlota emudeceu. Beijou a mão do pai e o gesto filial, milhares de vezes repetido, ali teve o efeito de um raio, que eletrizou todos os nervos de Severo, fazendo aflorar os bons sentimentos que abrigava, mas dormiam na alma. Abraçou-a com grande emoção. Nada disse também. Nem conseguiria falar,

se quisesse, tamanha a angústia que súbito o invadiu. Num segundo, captou que ali estava o tesouro maior da sua vida: a família, que amava.

Só que, esse mesmo sentimento, já o visitara anteriormente... Ir para tão longe, em busca da fortuna, era enganosa ideia, eis que o dom mais precioso era o que Deus lhe concedera: o amor da esposa e dos filhos. A cada retorno à Colônia, na hora da despedida, a mesma sensação de perda, de vazio...

Grossas lágrimas falaram o adeus que ele não pôde pronunciar.

Corria o ano de 1703.

De retorno à Colônia, com forte escolta, ao afastar-se da costa portuguesa, Severo determinou ao comandante da nau capitania que revertesse parcialmente o curso e rumasse para o porto atlântico de Cádiz, na Espanha. Tinha permissão de el-Rei para assim proceder, após convencer Sua Majestade que só na Espanha conseguiria melhor armamento e instrumental para instalar mineradoras do ouro extraído na Colônia. El-Rei determinou sigilo absoluto sobre essa viagem e nem à família Severo revelou-o.

A mudança de rota, inopinada, já em alto mar, irritou e bastante aos marujos, eis que tal procedimento é tido como falta de confiança neles. Assim, aqueles navios passaram a navegar sob péssimo clima psíquico.

Cádiz, porto da Espanha no Atlântico, cidade famosa pelos seus estaleiros (atividade essa em decadência em Portugal), estrategicamente localizada entre a Europa e as Américas, era próspero centro comercial de armas e utensílios. Recepcionando os navios que vinham das "terras bárbaras", trazendo mercadorias nativas e principalmente prata e ouro, também os atendia, quando para lá se dirigiam, fazendo-lhes manutenção e equipando-os com instrumental e armamento.

Ali, "dom" Severo comprou sementes, armas, munição e ferramentas. Mas adquiriu também grande quantidade de frutas cítricas, gêneros não perecíveis e rum.

Vendo os navios serem abastecidos, "dom" Severo, visando encontrar a viúva de Mendonza, reservadamente solicitou ajuda dos negociantes que o atendiam com deferência. Felizes, com o novo e tão importante freguês, um deles, sabendo de que família se tratava, ofereceu dois empregados para levarem-no até onde moravam, ofertando também animais de montaria.

Dizendo aos conferentes da carga sendo posta nos navios que iria passear pela cidade, Severo, com o máximo de discrição reuniu-se com os empregados do comerciante e com eles dirigiu-se à via de saída da cidade, rumo a *San Fernando*...

No entardecer chegaram ao pequeno vilarejo.

Ali, a penúria imperava: cerca de trinta casas, de taipa e barro, moradores na maioria idosos e alquebrados, crianças seminuas e com ventre avantajado, evidência de que eram vítimas de verminoses.

Localizada a casa dos parentes de Mendonza, perguntou pela viúva, sendo encaminhado a um casebre, retirado cerca de cinquenta metros da casa principal do pequeno sítio. Foi até lá e bateu à porta.

Atendeu-o Veridiana.

Apresentou-se e disse a que vinha: noticiar a morte de Mendonza.

De tanto sofrer, a mulher sequer uma lágrima verteu, ao ouvir que o marido morreria. Intuí-a, há tempos. Aliás, assim que Mendonza deixara-a, com a filha inválida, partindo para a louca aventura, indo buscar fortuna em além-mar, do outro lado do oceano, não nutriu esperanças de que prosperasse tal intento. Tinha mesmo, como altamente provável, que jamais retornaria. Assim, sabê-lo morto, sobre confirmar seus prognósticos, pouquíssimo alterava sua vida, ou melhor, "seu viver miserável", conforme lamentos constantes. O filho, padre, jamais dera

notícias, desde que fora ordenado e designado para uma paróquia no interior da Espanha.

Num canto da tosca residência, uma menina de mais ou menos dez anos dormia. Tinha o corpo todo retorcido...

Severo havia ido ali para cumprir sua promessa feita a Mendonza, nos instantes que antecederam ao seu desenlace. Disfarçado e escondido em seu alforje, levava o ouro que destinaria à família.

Mesmo já tendo escurecido, recebeu entregar o ouro à mulher, na presença dos dois homens que o acompanharam.

Armou um stratagem: despediu-se e logo se puseram a caminho, de retorno. Ao passar por uma birosca que tinha observado na vinda, convidou-os a tomarem um gole de rum, "por sua conta". Só que não foi "um gole" e sim, generosas doses, que acabaram por deixar os dois embriagados. Deu algum valor para o vendeiro e pediu-lhe que abrigasse por algum tempo os dois amigos, que já roncavam às escâncaras, até ele retornar de um encontro com "uns conhecidos".

A noite foi sua parceira: não foi observado ao chegar junto ao casebre de Veridiana, bater na porta levemente, identificando-se e sussurrar-lhe o nome:

— Dona Veridiana... Sou "dom" Severo: tenho algo que seu marido deixou para a senhora.

Algo atarantada, a mulher abriu a porta.

O luar banhou-a em cheio: fantasmagórica, mas soberba visão, realçando-lhe o corpo de atraentes formas, eis que, trajando-se com surrada camisola de rendas brancas, o efeito foi de que toda ela estava sob a mira do luar, qual uma cascata de prata a envolvê-la, mas em contrapartida pondo em evidência o contorno íntimo do seu corpo.

Ali, em irresistível magia, as nuances de luz e sombra extrapolavam os limites possíveis da lei dos contrastes: com a luz solar Severo sequer notara a bela silhueta de Veridiana, que agora a Lua expunha. Nele, o sangue circulou em incontrolável e

instantânea aceleração. Trêmulo, em *altissonante silêncio*, entregou o ouro à mulher que em gesto lento apanhou-o, identificou-o e se *petrificou*, ante dois fatores de intensa comoção: o ouro e o olhar cobiçoso do homem à sua frente. Logo, contagiou-se...

Aliás, nenhum dos dois conseguia sequer piscar.

Em menos de cinco segundos, aqueles dois desconhecidos seres, somando suas solidões, formaram a equação que a Vida armara, cujo numerador era o desejo, e o denominador, a ausência de um amor.

Ela, há anos no viver de viúva, desde mesmo antes do falecimento de Mendonza.

Ele, com as profundas brechas cavadas na alma, face às repetidas e prolongadas separações da sua Antoninha.

Sem que palavras dissessem, em muda quão paradoxal eloquência, aferroados por sentimentos descontraídos que eclodiram em abrupto erotismo, entregaram-se mutuamente, em paixão de todo irracional, fugaz na perspectiva, mas naquele momento plena de doces promessas. E assim, os momentos seguintes testemunharam a impetuosidade da entrega recíproca e ardente, madrugada adentro.

Para metade do mundo, os albores solares trouxeram uma nova alvorada, mas para eles, particularmente, a vinculação de novos caminhos, a serem trilhados juntos.

A mulher, em súplica comovente, implorou a Severo:

— Por compaixão, tira-nos daqui. Não suporto mais viver com tantas agruras.

— Mas, mulher, o que me pedes é impossível. Com o ouro que te trouxe, teus problemas terminaram.

Veridiana num gesto que o desespero comandou, ofereceu-lhe:

— Toma de volta o ouro que me trouxeste, apenas te imploro que me ajudes a salvar a menina. Se ficamos aqui mais algum tempo, enlouqueço. Os parentes de meu marido não

gostam de nós e sabendo que ele morreu e deixou-me herança, jamais permitiriam que eu saísse daqui sem que eu lhes indenizasse a longa hospedagem que vêm me ofertando. Mas se tu me levas, mesmo para a Colônia, quem te oporás reação?

Ante esse gesto, Severo olhou para a criança, que agora pôde bem perceber, era desfigurada por grave deformidade. Capitulou...

Levar a criança era mesmo ato à conta da caridade. Porém, naquelas circunstâncias, teve dupla utilização, pois foi usado como justificativa para Severo manter Veridiana mais algum tempo junto a si.

Desconhece a maioria dos seres humanos o quanto o sexo sem amor — sem responsabilidade, pois — é pegajoso visgo a capturar aqueles que o vivenciam, movidos tão somente pelos sentidos. Daí resultando tristes embates, até que a harmonia retorne.

Na origem, o sexo é de inspiração divina, posto que inserido no contexto da Vida, como avalista da perpetuidade da existência entre os seres da criação. No homem, contudo, quando vivido com, e por Amor, é muito mais que isso: é dínamo geratriz de permanentes energias criadoras, na sacrossanta missão delegada pelo Pai, de partícipe da cocriação. Como acréscimo da Bondade Paterna, o sexo é prazeroso e dispensário de forças que se doam em radiosa troca, mesclam-se e se fundem qual arco-íris, visitando o céu dos corações que se amam.

Assim que o dia clareou de todo, Severo convocou os familiares de Mendonza, narrou sucintamente os fatos e entregando-lhes considerável importância, em ouro, daquele que Veridiana lhe devolvera, declarou que levaria a menina para ser medicada, sendo que a mãe deveria acompanhar o tratamento.

Os parentes ficaram duplamente felizes, primeiro pelo ouro recebido e depois, por se livrarem das “duas onerosas intrusas”.

Os dois empregados do comerciante que o trouxera até ali, encontrou-os ainda sonolentos, de ressaca. Despertou-os com

reprimendas e retornaram ao armazém, de onde Severo rumou para o seu barco.

Para justificar a indesejável presença a bordo das duas, Severo mostrou ao capitão do seu navio o testamento que lavrara, quando da morte de Mendonza. Disse-lhe também que a criança não podia mais ficar na Espanha, onde estava à míngua. Da Colônia, na primeira oportunidade, providenciaria que fossem recambiadas para Portugal.

Àquela época era grande o respeito pelo cumprimento de testamento lavrado à morte de alguém, sendo imperdoável falta o descumprimento das suas cláusulas. E naquele, Severo comprometera-se a prover a família de Mendonza. Alterando do entendimento da verdade, declarou que prometera ao moribundo entregar aos herdeiros a sua parte dos bens amealhados.

— E os bens estão na Colônia — mentiu.

Na travessia atlântica, com a desculpa de que estaria a ministrar remédios a Consuelo, Severo conseguia furtivos encontros com Veridiana. Furtivos, mas nem tanto alheios à tripulação, que via naquilo grave risco de problemas na viagem, pois, mulher a bordo era proibido, segundo leis marítimas, não oficiais, mas obedecidas com rigor, face a credence de que seu desrespeito poderia trazer infelicidades.

Faltando duas semanas para aportar na Colônia, alta noite, todos foram acordados por Severo que, do convés, aos gritos, anunciava ataque pirata iminente. Ao alvoreço decorrente, seguiu-se a raiva daquilo ter sido um falso alarme.

— Excelência — repreendeu-o o capitão — não se acorda os marujos desse jeito, senão sim tocando o sino de combate.

— Mas eu vi piratas na amurada do navio...

— Ora, pois: sua excelência teve assaltos da consciência, pelos desgostos que a viagem vem nos causando...

— Desgostos...?

— Sim: não quero e nem o faria, desrespeitar sua excelência, mas está atravessado nos homens o fato de irmos à Espanha

antes de para cá rumar, sem que isso tivesse sido anunciado. E, mais grave, trazer mulher para bordo...

— Mas, homem, o testamento...

— “Dom” Severo, sejamos francos, pois de uma hora para outra os piratas podem nos matar e não será bom chegar junto ao Bom Criador com falsidades ou mentiras: todos, a bordo, sabem da sua união marital com a viúva.

Sem qualquer possibilidade de defesa, mas também sem pudor, Severo usou o forte argumento dos fracos:

— Cada marujo desta expedição receberá salário em triplo, quando chegarmos ao Porto do Rio de Janeiro.

Ao se espalhar a notícia de tal prêmio, de todo inesperado, o mal-estar geral dissipou-se, quais as brumas que o Sol espanta. Mais uma vez o ouro, em equivocada utilização, era agente e testemunha ativa de descaminhos morais, coletivos...

Na noite seguinte, novo acontecimento viria trazer permanente intranquilidade para toda a expedição: nem bem todas as estrelas já estivessem à vista, Severo, recolhido ao seu aposento, começou a gritar assustadoramente:

— Não roubei nada! É tudo meu!

“Outro acesso do intendente-mor de el-Rei, provocado pelas almas penadas”, tais os comentários dos marujos.

Acorreram o capitão e alguns auxiliares. Postados do lado de fora, hesitavam em arrombar a porta, trancada por dentro. De instante a instante ouviam frases desconexas, sempre em gritos tormentosos:

— Nunca! Nunca! o ouro é de el-Rei... e meu.

...

— Sua mulher? Ela agora é minha! Muito minha.

...

— Já ajudei... já ajudei... estou levando as duas para um lugar melhor... não te traí... não te traí... nem te tomei nada.

Sem dificuldade, o pesadelo de “dom” Severo foi interpretado pelos homens rudes do mar como sendo uma vingança de um

morto: aquele que fora marido e pai, respectivamente, da mulher e da criança a bordo.

Não interferiram.

Os outros navios do comboio logo tomaram conhecimento daquele fato, pois houve contato com eles, para troca de relatórios de viagem.

Ao amanhecer, como “dom” Severo não respondesse aos chamados do capitão, este ordenou arrombamento. Encontraram-no com as feições alteradas, olhos esgazeados, suor abundante e roupas em desalinho total. Certamente não dormira nem um instante.

— Sua excelência quer um caldo quente?

Severo olhou para sua caixa de objetos pessoais e qual um animal arisco, de um salto alcançou-a:

— É meu! É meu! Já cumpri minha promessa!

Os homens saíram de soslaio, ficando apenas o capitão:

— Excelência, venha respirar a manhã e tomar um caldo.

— Daqui não saio: eles querem me roubar...

— Ninguém irá roubar seu ouro — ousou o capitão, com objetividade.

Severo olhou-o demoradamente:

— Nem sua senhoria, nem sua senhoria! Mato-o, antes.

Percebendo que aquele homem estava “sob ataque do mal” e que, pelas regras do mar, enquanto assim estivesse não era mais dono de sua identidade, agiu segundo essas regras: determinou a três robustos marujos que subjugassem “o possesso” e que o prendessem firmemente em seu leito, com grossas tiras de couro.

A seguir, o capitão convocou Veridiana:

— Teu patrão está sob ataque das almas penadas e tu deverás cuidar dele...

— Pela Santa! Tenho medo!

— Todos temos, mas a obrigação é tua.

— E minha filha? Quem cuidará dela?

— Não te preocupes: será alimentada pelos homens.

— Eu... eu... não sei cuidar de possessos.

— Pois aí está ótima oportunidade para aprenderes, já que é por tua causa que tudo isso está acontecendo com sua excelência.

— Por minha causa? O que fiz? Pela Virgem, capitão, juro que sou inocente.

— Sou um homem justo e sei que a carne é fraca. Por isso mesmo é que não te denuncio aos padres, que te endereçariam à fogueira redentora, nem determinei que te atirassem ao mar: sendo inocente, como pareces, será tua a obrigação de pacificar a alma penada, que outra não é, pelo que suponho, a do teu marido.

— Meu marido?! Oh, Deus! Ele morreu, lá na Colônia...

— E com muito ouro... Agora quer o ouro que é dele.

— Almas não podem pegar ouro.

— É verdade, mas tu podes: entendas-te com teu marido. Ele te deixou ouro e quer que tu tomes posse.

Veridiana exultou ao ouvir as últimas palavras do capitão.

Mais uma vez, o fascínio do ouro, despertando a cobiça humana, dissolveu a razão, anulou o instinto de conservação e incendiou aquela mente com sonhos de poder, ao projetar devaneios que só a riqueza poderia ofertar. Já vencendo o medo, Veridiana mudou de atitude:

— Se o senhor está mandando... só me resta obedecer.

O capitão, homem experiente, de pronto percebeu a súbita submissão da mulher. Conduziu-a aos aposentos de Severo e trancou-os lá, de onde só saíam se tudo voltasse à normalidade. Senão...

Veridiana e Severo olharam-se, demoradamente. "Por séculos".

Sutil, extremamente sutil, a mulher aproximou-se. Rosto a rosto, sussurrou:

— Então, meu senhor: ele quer roubar o "teu" ouro?

— Não conseguirá. Já morreu! É tudo meu!

— Isso mesmo: vou ajudá-lo a vigiar. Ninguém te roubará.  
Sob delicadas carícias, Severo adormeceu.

Veridiana, então, fez o que ninguém jamais se atrevera a fazer: abriu a caixa de pertences do intendente-mor de el-Rei e com surpresa viu nove barras de ouro, de mais ou menos um quilo, cada.

Por três dias tratou dele com esmero e paciência. Tamanho era seu interesse em curar “dom” Severo, que quase não se alimentava, nem dormia. Passou a ter medo que os marujos roubassem “todo aquele ouro” se “eles” (Severo e ela) dormissem. Ouro que, considerava, por herança deixada por Mendonza, deveria haver muito mais lá na Colônia. Era só ela dar um jeito de chegar às minas e avaliar o quanto o marido houvera minerado... E exigir sua parte. Assim, da cura de “dom” Severo dependia seu futuro... e sua fortuna.

Aconteceu o que ninguém jamais poderia sequer suspeitar: Severo, pelo menos na aparência, recuperou-se, deduzindo-se que se livrara do “inimigo do outro mundo”. Só que, Veridiana, ela mesma, por sua vez, sem defesas orgânicas pela falta de cuidados e alimentos que a pobreza lhe impusera por tantos anos, sob a tensão daqueles dias, quase sem dormir, adoeceu. E, fato grave: foi acometida de escorbuto.

“Dom” Severo, já liberto das amarras de couro que o prendiam à cama, assistiu, algo impassível, Veridiana ser conduzida ao porão do navio, onde permaneceria em isolamento. Para agasalhar-se, deram-lhe alguns pedaços de velas gastas, guardados para eventuais remendos nas que rasgassem. Os marujos, por pequeno alçapão, davam-lhe água, alimento e principalmente limões, estes, para combater o terrível mal.

Passou ela a ter delírios e a gritar, estentoricamente:

— Eu sou a herdeira! Sim, sim, Mendonza, o ouro é seu e meu e ele nos roubou! Vamos acabar com ele!

Dois dias após ser isolada, só recebendo suco de limão e água, o estado de Veridiana agravou-se. O desenlace estava próximo. Passou a clamar pela presença de Severo, implorando-lhe:

— Senhor Severo, senhor Severo: dê-me a mão.

À beira da insanidade, clamava:

— Minha filhinha, minha filhinha, quero vê-la...

Não foi atendida: em nenhum instante Severo desceu ao porão ou sequer na abertura do tombadilho, para olhá-la. Passava quase que todo o tempo trancado em seu aposento.

Três dias após, Veridiana desencarnou, sem ver a filha.

— “Dom” Severo, “dom” Severo: por favor, excelência, abra.

Aberta a porta, o olhar do capitão falou por ele.

— Já sei: a mulher morreu...

— Sim, excelência: encomendamos a alma ao Salvador e entregamos o corpo ao mar.

O resto da viagem, para todos daquela excursão, há de ter sido um dos mais penosos períodos na vida de quantos homens que, desde sempre, fizeram do mar o seu ganha-pão e às vezes até mesmo o seu lar. Faltou pouco para os homens dos outros navios se amotinarem. Também eles se acalmaram em parte quando “dom” Severo prometeu-lhes soldo triplicado.

Chegando à Colônia, Severo cumpriu a promessa. Ao capitão, em particular, aquinhoou-o com mais, sob a condição de “esquecer” o que se passara naquela infausta travessia.

Restou um problema agudo: Consuelo. Problema para Severo: o que fazer com aquela criatura tão doente?

Pediu ao governador para arranjar uma família para cuidar da menina, mas a autoridade, com muito jeito, declinou:

— Até atenderia vossa excelência, mas já fiz algumas consultas a respeito e a mim me parece que nenhuma família a receberá.

— O que faremos então com ela?

O “faremos” era uma tácita divisão de responsabilidade, fato que desagradou sobremaneira ao governador. Que logo se acalmou, ao ouvir do intendente-mor:

— El-Rei mo comissionou para administrar as minas, sendo fato que as despesas decorrentes, dúvidas não padecem, serão ressarcidas com o bom ouro delas...

No dia seguinte, Consuelo estava sob hospedagem de uma família de tropeiros, que mantinha uma pequena propriedade nos arredores, onde alguns homens tratavam de animais que eram comercializados.

Desembaraçado de tão pesado fardo, Severo organizou expedição rumo à Vila Rica e em uma semana partiu, levando a expressiva quantidade de mercadorias que trouxera da Europa.

Conhecendo bem aqueles caminhos, já tantas vezes percorridos, e sempre convocando tropeiros de sua confiança, alguns deles participantes de excursões anteriores, chegou ao destino na metade do tempo que gastara, quando da primeira vez.

Encontrou Henrique bastante modificado: havia crescido e encorpado, barba hirsuta, longa cabeleira e tez queimada. Mãos grossas, calejadas.

Era outro, o seu Henrique!

Em tão pouco tempo: quando viera de Portugal era um rapazote, agora era um homem!

Sentiu imenso orgulho do filho.

Horas mais tarde, saindo a passeio com ele, antes do anoitecer, buscou a privacidade necessária para inteirar-se das atividades e providências tomadas na sua ausência. Em suma, estava ávido por saber quanto ouro havia sido colhido.

Após inventariar sobre a mineração naquele espaço de tempo, Henrique surpreendeu o pai:

— “Dom” Severo... O senhor ficou livre dos pesadelos?

Severo sentiu que o coração quase parou de bater, como que querendo sair do peito. Não conseguiu articular palavra.

— Então, meu pai, o que o senhor me diz?

— Como é que tu — gaguejou — vieste a saber disso?

— O Tengegê foi algumas vezes até o seu navio... E viu o senhor Mendonza agredindo-o...

Severo não acreditava no que ouvia. Era espantosamente impossível que aquilo tivesse acontecido. Mas a verdade é incoercível e jamais, em tempo algum, permanece submersa o tempo todo. De um jeito ou de outro, emerge. Sempre!

— Mas, como é possível?

— Ele tem ou usa um dom que os orixás emprestam para que ajude aos outros. Uma tarde, há uns três meses, disse a ele que estava preocupado com o senhor, pois eu sentia um aperto no peito quando pensava na sua viagem. De repente, o Tengegê deu um pinote maluco e passou a falar com uma voz estranha.

Severo já tinha visto cena semelhante...

— Tu te lembras do que ele dizia, então?

— Não sei explicar ao senhor, mas o Tengegê não era mais o Tengegê e sim, um menino chamado Gangê. Esse tal de Gangê mo esclareceu que falava pelo corpo do Tengegê. Aí disse que o senhor estava amarrado numa cama com cordas de ouro e que o dono das cordas, o "sinhô Mendonza", estava apertando cada vez mais...

— Cordas de ouro... ou de couro?

— Ele disse que as cordas de couro prendiam seu corpo, mas que as cordas de ouro sufocavam-lhe a alma...

— Disse mais alguma coisa?

— Não sei se devo...

— Exijo que mo contes tudo!

— Bem, meu pai, disse que o sinhô Mendonza o estava acusando de ser ladrão duas vezes: do ouro e da mulher dele...

— Socorram-me os Santos do Céu: isso só pode ser um pesadelo. Não há explicação para isso, a não ser, magia negra.

Henrique captou que tudo aquilo tinha mesmo acontecido:

— Sabe, meu pai, também pensei isso, mas conhecendo o Tengegê como conheço, e lembrando de como esse tal de Gangê salvou-me a vida, da mesma forma como contou sobre sua viagem, não é possível que seja mau e que nem essas coisas sejam magia negra. Aliás, se o senhor mo permite, o Gangê, mais ou menos uns dez dias após esse diálogo comigo, voltou a contar que a mulher do “sinhô Mendonza” agora estava abraçada com ele, isto é, tinha morrido...

— Mal posso acreditar. Mais alguma coisa existe?

— Sim: o Gangê recomendou-me que fizesse orações aos “meus” santos e que ele faria aos orixás “dele”, em defesa do senhor...

— Defender-me?! De quê, meu Deus?

— Do casal: os dois juraram vingança contra o senhor.

Por três dias pai e filho não tocaram mais naquele assunto.

Em Severo, uma ideia nebulosa a princípio, mas que pela persistência se aclarou, tomou vulto em sua mente: o desperdício do ouro a ser dado aos escravos... Sim: o que importava a eles, escravos, retornarem ao selvagem continente africano, se na Colônia estavam mais seguros? Para que gastar uma fortuna com aquela despropositada repatriação?

Tais pensamentos martelavam-lhe o cérebro, dia a dia.

E outros ângulos negativos surgiam: e se el-Rei viesse a saber que ele dera ouro aos escravos? Como esconder isso da Pátria, ele que lhe era guardião? Certamente ele e a família sofreriam...

Passou a temer a morte, pois, se acusado de desviar ouro de el-Rei, seria taxado de alta traição. E traidores, antes de tudo, eram pecadores imperdoáveis, “cúmplices do mal”, cujas almas só encontrariam salvação ao lhes serem postos os corpos nas fogueiras do *Santo Ofício*.

Taciturno, cada vez mais ensimesmado, “dom” Severo passou a percorrer as várias concessões que fizera em nome de el-Rei, inspecionando as atividades mineradoras. Passou a agir

com mão de ferro, isto é, guarnecido de um reforçado pelotão de guardas, bem armados, interrogava serviçais das minas, descobrindo não poucas falcatruas.

— “Lesa Pátria”!

Essa, a terrível invectiva que Severo bradava, apavorando aos donos das minas ou das “faisqueiras” que fossem pilhados “em burla à Sua Majestade”, ocultando ouro, para eximirem-se do “quinto”.

Na primeira vez, a punição era pagar o dobro do devido tributo...

Na segunda, a concessão era anulada e o responsável expulso daquelas terras, não devendo a elas jamais retornar.

Essas “multas”, Severo não as consignava em relatórios. “Pertenciam-lhe”, julgava.

Roubos entre mineradores, não raro precedidos de assassinato, quando identificados os ladrões, eram sumariamente fuzilados.

O terror espalhou-se de vez naquelas perdidas paragens, pois “notícias ruins” andam mais depressa que os ventos das tempestades.

Outro ano transcorreu.

Nova quantidade de ouro estava armazenada.

A ideia de “desalforriar” Tengegê e seus companheiros, há tempos alimentada por Severo, só não fora ainda posta em execução ante a revolta que certamente eclodiria, com graves prejuízos.

Decidiu: agir com a sinuosidade da serpente, a esperteza da raposa, a cautela da onça e a astúcia dele próprio, o precioso e “nobre” intendente-mor.

Absorto em tais pensamentos deu uma volta pela sede.

Ele que pensara em animais não se deu conta que:

- seguia-lhe um humilde cãozinho vira-lata, fazendo-lhe festas, desinteressado de qualquer alimento, apenas por boa índole;

- num terreiro, várias pombas, catando eventuais migalhas, arrulhavam, namorando-se vivazes;

- sequer ouviu um sabiá cantando apaixonado nas grimpas de uma frondosa mangueira;

- uma gata modorrenta, junto à tosca cerca, amamentava seus cinco filhotes;

- perto da gata, um boi ruminava pacato, lecionando calma.

Não viu nada disso: só pensava em cobras, raposas e onças...

Chamou Tengegê:

— É chegada a hora de vocês partirem...

O jovem sorriu com imensa alegria, logo lhe vindo à tona lágrimas de felicidade. Não conseguia responder.

— Já planejei seu retorno. Só temos que acertar as contas com o dono do navio.

— Sim sinhô... Sim sinhô.

— Quero que você me dê todo o ouro que guardou, pois teremos que fazer as coisas com extremo cuidado. Se el-Rei vier a saber que vocês guardaram ouro da Pátria, terão que ser todos fuzilados...

— O sinhô também?

A pergunta foi feita com incrível senso de lógica.

Severo, mesmo estando preparado para qualquer eventualidade, vacilou:

— Por que... Eu "também"?

— Pois, se temos o ouro, alguém há de nos ter dado...

— Por isso é que precisamos agir com o máximo cuidado.

— Mas, meu sinhô, fizemos um trato, o ouro que temos dá para pagar a viagem e sobrar, para nós refazermos nossas vidas lá nas terras onde nascemos...

— Sei disso. Não me esqueci. Mas deixe seu ouro comigo e quando chegarmos lá eu entrego a vocês o saldo. Se o ouro for visto por alguém com vocês, serão acusados de roubo. E isso el-Rei não perdoa...

Tengegê captou que para ele e seus amigos não havia alternativa: teria mesmo que entregar todo o ouro ao sinhô. Fez isso.

Em pepitas, bem acondicionado em sacolas de couro, quase trezentos quilos de ouro passaram das mãos dos escravos para as de Severo. Suficiente para a viagem de ida e volta e ainda sobrar.

O intendente-mor, conforme planejara, dividiu em dois grupos os cinquenta ex-escravos, aos quais há tempos alforriara, aí se considerando os companheiros de Tengegê e outros mais, comprados por Zangigi. O primeiro grupo seguiria breve com ele e o segundo, iria na próxima viagem. Sendo essa a forma encontrada para não despertar suspeitas. Tengegê e seus companheiros foram mesmo forçados a aceitar tal condição.

— Ficarei com os amigos do segundo grupo — disse altaneiro ao sinhô Severo, arrematando incisivo: primeiro irão as mulheres, as crianças e os mais velhos.

— Isso será feito porque era isso mesmo que eu decidira...

Quando a expedição partiu da Vila Rica, comandada por Severo, Henrique foi junto. Tengegê recebeu a incumbência de zelar quanto à dedicação dos companheiros africanos, respondendo com a vida por qualquer dano à Coroa portuguesa.

Os vários administradores aos quais "dom" Severo delegou competência para administrar a Vila Rica em sua ausência receberam também ordens de agir com rigor, quanto à fiscalização de tudo por ali.

Essa foi a primeira vez que a expedição, partindo da Vila Rica, levava escravos. O mesmo, depois, quanto ao comboio comandado por Severo, que deixou o porto do Rio de Janeiro rumo a Lisboa, com muito ouro... e escravos. Ao espanto que isso causava em todos, o intendente-mor justificava dizendo que os negros iriam para Portugal, onde seriam serviçais de várias famílias, a cujas encomendas estava atendendo.

E assim foi feito: o comboio passou ao largo da África.

Tendo os negros sido bem tratados, essa foi talvez, uma das raríssimas travessias marítimas em que não houve “perdas em trânsito”, como se dizia da morte dos escravos, conduzidos nos trágicos navios negreiros, popularmente também denominados “navios de danação”.

Em Lisboa, o ouro foi descarregado e entregue à Sua Majestade.

Os negros alforriados seriam conduzidos para a “Quinta dos Favos”, onde deveriam permanecer trabalhando, à espera dos companheiros do segundo grupo.

Esse o magistral golpe de Severo: levar os escravos para suas propriedades, iludindo-os quanto ao futuro... Com isso, contentara os que ficaram na Colônia, obtivera mão de obra gratuita e com facilidade poderia descartar eventuais descontentes, tanto de um, quanto do outro grupo.

O que ninguém contava é que os rumos da vida, insondáveis quase sempre, causam mesmo grandes surpresas. E, como já dissemos, algumas boas, mas quase sempre, no mínimo, desconfortáveis. Tivessem mais fé, todas as criaturas acatariam com naturalidade os acontecimentos inesperados, creditando-os à Sabedoria de Deus, que invariavelmente, de todos eles, principalmente dos tristes, faz resultarem benefícios.

Quando Severo desembarcou na Capital e entregou o ouro em palácio de el-Rei, foi recepcionado com honrarias jamais sonhadas. Em êxtase, eufórico, sorvia em goles demorados o precioso licor da glória e da fama. Sua Majestade convidou-o a “ficar em palácio” por três dias, como hóspede mui ilustre, para receber comendas.

“Dom” Severo respondeu ao nobre palaciano que foi o portador do convite real:

— Peça a nosso Rei permissão para eu ir buscar minha família, pois quero para os meus a bênção real.

— Mas, excelência... Vossa família partiu...

— O quê?

— Então, não sabeis? Há duas semanas a ilustre senhora Antônia e as vossas duas juvenis filhas vieram à Capital e por intercessão do senhor Valdeiro, conseguiram autorização real para irem se encontrar com vossa excelência, na Colônia.

— Mas, homem: como é que partiram? E a “Quinta”? Quem ficou responsável? Não é possível: deves estar enganado.

O silêncio do interlocutor confirmou tudo.

Contrariado e aflito, Severo despediu-se dele e ia já a alguma distância, quando ouviu:

— Vossa excelência irá a palácio ter com el-Rei?

— Nunca faltaria!

Voltou ao porto e narrou a Henrique a mudança da família. Encarregou-o de permanecer ali, “tomando conta” dos escravos, até ele ir à “Quinta dos Favos” para apurar melhor o que de fato sucedera.

Chegando à sua propriedade, de repente, Severo deu-se conta que toda aquela imensa porção de terra, os vinhedos, as instalações, a casa e tudo o mais, nada representavam para ele, sem a família.

Empregados estranhos ali se movimentavam, sem que ele sequer fosse recepcionado por nenhum deles. Quando ia entrando, na sua bela carruagem, notou que era olhado com desdém. Ao estacionar, encaminhou-se para a entrada e nem chegou a por os pés no primeiro degrau de acesso à varanda, sendo interceptado por um estranho:

— Senhor: não está o proprietário.

— Não mo diga: não sabes quem sou eu? Como te atreves a me impedir de entrar na minha casa?

— A propriedade agora é do senhor Valdeiro...

— Ah, é? E desde quando?

— Comprou-a da senhora dona Antoninha.

— Não acredito: minha mulher não faria uma coisa dessas sem minha ordem.

— Oh, então o senhor deve ser... o intendente-mor... mil perdões, excelência, mil perdões... não o conhecia ainda, pessoalmente.

— Pedes-me dois mil perdões: dou-te apenas um. Agora, conte-me direito essa história do compadre ter comprado minha Quinta.

— Sou apenas o humilde administrador. Nada sei.

Severo, dali mesmo foi direto à propriedade de Valdeiro, a quem passou a considerar duplo traidor: primeiro, delatara sobre o ouro escondido em rapaduras, a Joaquim; agora, comprara a propriedade, sem sequer consultá-lo. Imperdoável!

Recebido por um serviço, teve que aguardar dez torturantes minutos, antes que o "traidor" se dignasse atendê-lo, em audiência.

Valdeiro, vindo de uma dependência contígua à grande sala de visitas olhou-o fixo. Não estava com ninguém. Demorara de propósito, para melhor estudar a reação do compadre, a quem saudou:

— Ora viva! Que apareces, então?

— Vou dizer-te o que me traz: com que então compraste minha Quinta, sem mo consultares? Quero ouvir de tua boca esse despautério.

— É verdade... é verdade, mas não foi despautério nenhum: dona Antoninha estava decidida e, inclusive, informou-me que tu mesmo querias vender a Quinta... Levamos o caso a el-Rei e Sua Majestade autorizou-me comprar a "Quinta dos Favos". Agora, se isso te perturba, podemos procurar el-Rei e requerer que desfaça a autorização real. Devolvo-te toda a propriedade e tu me devolves o que por ela paguei.

Severo atordoou-se. Jamais poderia supor tamanha surpresa.

Ladino, Valdeiro contemporizou:

— Deves pensar que te trai, com teu ouro na adega e agora, comprando-te a Quinta, em tua ausência, pois não?

— E não?!

— Não: embora o Joaquim tenha feito os buracos na tua adega, agora minha, na verdade, o culpado de tudo foi teu filho: quando Joaquim contou-me do rapto de Quintino, nada disse a ele do teu ouro; acontece que ele sabia que o tinhas, pois o Henrique viu-nos naquele dia e contou à tua filha Carlota: esta deu com a língua nos dentes repassando o fato ao Quintino, que ao ser sequestrado, contou aos piratas e estes, ao Joaquim. Como vês, esse terrível tombo de dominó, iniciou-o o teu filho Henrique.

— Concedo, quanto às “rapaduras”. Mas, e a venda da Quinta? O que deu na Antoninha para fazer a loucura que fez? E tu, que tiveste a ver com isso tudo?

— Não foi loucura: convocou-me e se pôs a desabafar: em primeiro lugar, não suportava mais tua ausência; em segundo, com Joaquim e Quintino presos, a senhora Verona vivia atormentando-a, fazendo escândalos, inclusive, acusando-te de carrasco do marido e do filho; chegou a um ponto em que tua filha Carlota uniu-se à mãe de Quintino, pondo em risco a união da tua família, eis que Juliaiva, tua caçula, diante de tantos tormentos, adoeceu dos pulmões e a custo superou grave crise. Somando tudo isso, a senhora Antoninha decidiu que indo para a Colônia, para estar contigo, a família voltaria a se unir. Carlota tinha certeza absoluta que tu providenciarias a soltura do noivo e futuro sogro. Pretende ela morar na Colônia após casar-se, indo mesmo para longe daqui, onde só lhe restam tristes lembranças.

— E posso saber quanto pagaste pela Quinta?

— Sua Majestade arbitrou e a mim só me coube indenizar.

— Quanto?

— Mais moedas de escudos do que os cachos de uva de um ano todo...

— Quando minha família partiu e em que navio?

— Há cerca de cinco semanas, no “Rosa dos Mares”.

Severo saiu dali sem se despedir, rompendo em definitivo com Valdeiro, por não se convencer de que ele lhe fora sincero

ou amigo. Foi direto ao palácio real. El-Rei não poderia atendê-lo, porém designou o tesoureiro-mor para “dispensar a “dom” Severo tudo aquilo que o leal intendente-real solicitasse”.

— Quero que o senhor Valdeiro devolva a “Quinta dos Favos”, pois foi negociada sem meu consentimento, quando estava ausente a serviço de Sua Majestade.

— Oh, então é isso... — o tesoureiro sorriu e pousou a mão no ombro de Severo, aduzindo:

— Valdeiro não comprou a “Quinta dos Favos” sem teu consentimento. Ao contrário: há mais de ano concluímos um grande acordo internacional com a Inglaterra e Valdeiro, nosso segundo vinhateiro, depois de ti, que és o primeiro, fez parte da comissão real que acertou os termos do contrato.<sup>(\*)</sup>

---

*(\*) A referência é ao célebre “Tratado de Methuen”, celebrado em 1703, pelo qual a Inglaterra abriu a importação de vinhos portugueses, taxando-os com apenas um terço do tributo cobrado aos vinhos franceses, então, os maiores concorrentes dos de Portugal. Por esse Tratado, Portugal se solidarizava à Inglaterra, Áustria e Holanda, os quais, aliados políticos, apoiavam a monarquia dos Habsburgo contra os Bourbon, na guerra espanhola da sucessão. Se por tal Tratado Portugal ficou livre da ameaça da dominação franco-espanhola, enredou-se inapelavelmente à Inglaterra, tornando-se-lhe dependente financeira. Com efeito, a Inglaterra passou a ser fornecedora de seus produtos têxteis a Portugal, impedindo-o de desenvolver-se.*

*O Tratado de Methuen seria extinto em 1840, quando a estagnação no desenvolvimento industrial português já era praticamente irreparável. Há historiadores que debitam o início da dívida externa brasileira a essa fase, pois que em decorrência da Independência do Brasil (1822), a Coroa portuguesa transferiu para o país recém-liberto, o ônus que acumulou enquanto Colônia lusitana, pelas centenas de navios negreiros ingleses que nela descarregaram escravos africanos, até início do séc. XIX. O governo britânico aboliu a escravidão em 1807 e desde então passou a pressionar os demais países a fazerem o mesmo, no Atlântico.*

— Não estou entendendo: o que tem a ver minha Quinta com a Inglaterra?

— Não é a tua Quinta que tem a ver com a Inglaterra: é a Pátria!

— ?!

— Desde que Portugal assinou acordo com a Inglaterra, as coisas mudaram por aqui:

1º - os ingleses passaram a ser os guardiães marítimos de todas as naus portuguesas, em todos os mares do mundo;

2º - o transporte de escravos africanos para a Colônia, ficou sob integral responsabilidade deles;

3º- nossos vinhos, desde então, têm prioridade de compra pelos ingleses, lá adentrando com reduzidas taxas alfandegárias, menores daquelas que pagam os vinhos de Espanha e Itália...

Fazendo pausa, logo completou:

— Percebes? Toda a nossa produção vinícola está sendo comprada pela Inglaterra, homem! Achas isso pouco?

— Mas, o que a Inglaterra vem lucrando em escotar os navios portugueses e ainda por cima comprar nossos vinhos?

— Não captas? Para compensar, em contrapartida, somos clientes compradores preferenciais dos produtos têxteis deles, além de outros manufaturados. E cá estão chegando às toneladas!

— Escolta, tecidos e manufaturados valem muito mais que nossa produção de vinhos... Um dia vai faltar dinheiro para a indenização...

— És bom matemático: justamente por também termos feito esta conta, sugerimos a el-Rei que as vinhas fossem incentivadas a produzir mais vinho... e aí é que Valdeiro citou a "Quinta dos Favos"...

— Citou? Para quê?

— Quando os ingleses cá vieram quiseram ver e inspecionar uma produção vinícola em atividade. A tua, de longe, sempre foi a principal. Assim, nós os levamos lá e como não estavas,

pedimos a Valdeiro que fosse o cicerone. Portou-se ele como se dono fora, informando, contudo, que assim agia por tua delegação. Os ingleses gostaram do que viram e sabedores que não mais estavas à testa da produção, questionaram el-Rei a respeito.

— E o que disse nosso Rei?

— Agindo com a sabedoria de sempre, comprometeu-se a, pessoalmente, incrementar a produção. Decorridos estes anos, sem tu à frente da vinícola, estávamos mesmo propensos a sugerir-te que a transferisse. Nesse ínterim, sempre pensando em ti e em tua família, da qual se fez tutor desde que foste para a Colônia, considerando ainda que dona Antoninha vinha se queixando de tua ausência, sinalizando vontade de ir ter contigo, o mesmo se dando com tuas filhas, sugeriu que Valdeiro comprasse e gerisse a “Quinta dos Favos”. Patrioticamente, ele, Valdeiro, acatou a solução real. O resto, tu já sabes: a venda foi consumada, oficialmente.

Como que se lembrando de algo, o tesoureiro-mor completou:

— Ah, ia me esquecendo: o dinheiro pago pela tua Quinta, há tempos, está nesta tesouraria real, à tua disposição.

— Como assim? E com que dinheiro minha família viajou?

— Tua mulher agiu com prudência: não quis levar tal importância na viagem que faria ao teu encontro: utilizou o suficiente para a viagem de ida e volta, de forma que quando tu viesses a Lisboa poderias concordar com a venda ou devolver o dinheiro ao senhor Valdeiro.

— Primeiro, conversarei com minha família e depois decidirei.

Desorientado, Severo retornou aos navios atracados no porto, nos quais os ex-escravos ainda estavam alojados, sob supervisão de Henrique.

No seu aposento, que determinara ser mantido trancado, havia muito ouro, que reservara para sua posse. Adentrou, conferiu a fortuna, embriagou-se e dormiu até alta madrugada.

Despertou com a mente confusa, levantou-se e sem saber as horas. Permaneceu andando de lá para cá, por longo tempo, tentando recompor os fatos que de forma tão drástica alteraram sua vida.

Recostou-se para voltar a dormir.

Alguns minutos se passaram e sem saber se estava acordado ou dormindo, sentiu um hálito quente bafejar seu rosto. Não se mexeu, presa de pavor. Viu-os: o capitão-pirata, sequestrador de Quintino, com vários marujos, os três ladrões que expulsara da Vila Rica e que morreram à míngua nas matas, além dos que mandara fuzilar. Todos se acercaram do leito e sem dizer palavra, apontaram-lhe o indicador.

Gesto terrível!

Dez pessoas, de ar sombrio, com olhar vingativo, apontando-lhe o indicador, transformaram seu aposento num imenso tribunal, onde havia um único réu: ele!

Quis gritar, mas a garganta não obedeceu.

Quando o "grande júri" do além se desvaneceu Severo ficou, agora todo ele, como que petrificado, imóvel, até o amanhecer, que não tardou.

Tinha consciência plena da visão e do significado: aquelas almas, inquilinas do inferno certamente, vinham em busca de duas coisas: vingança e ouro. Quanto à vingança, se armaria para defesa; quanto ao ouro, não o levariam! Reforçaria a guarda.

Deixou o navio e dirigiu-se à igreja mais próxima, onde confessou, narrando ao confessor que ladrões da Pátria tinham sido justificados por sua ordem. Foi indultado pelo padre. A seguir, assistiu à missa, tomou a hóstia e assim, estando "quites com o Céu", nada tinha a temer das almas penadas. Acalmou-se.

Refletiu, durante todo o dia e concluiu que talvez fosse melhor mesmo mudar-se em definitivo para a Colônia, onde a filha mais velha talvez se libertasse da lembrança do noivo

prisioneiro, além, sobretudo, de reagrupar a família, que iria residir na cidade do Rio de Janeiro.

Esteve com el-Rei, deslumbrando-se com as homenagens reais que lhe foram prestadas. Envolvido, participou dos salamaleques palacianos, vazios de conteúdo, plenos de futilidade.

Levou um grande susto quando el-Rei inquiriu-lhe:

— Tens escravos a bordo e não os desembarcaste?

— Levo-os à Colônia. Comprei-os há pouco — mentiu, aduzindo: serão úteis na cata do ouro de Vossa Majestade.

De volta ao navio, o grande problema: o que fazer com os escravos? Qualquer passo em falso e poria tudo a perder, com eles e com el-Rei. Chamou Zangigi, chefe do grupo e expôs os fatos, à sua moda:

— Só há duas alternativas para vocês: fiquem aqui, como trabalhadores nas vinhas ou retornarem comigo à Colônia, onde se reagruparão com os que lá ficaram, aguardando ocasião de voltarem para sua terra, todos de uma só vez, prometo-o!

— Por que o sinhô não passa agora na nossa terra e nos deixa lá, como o combinado desde o início da nossa viagem?

— Porque el-Rei não permite que escravos voltem. Alguém delatou a presença de vocês. Tive que mentir, dizendo que comprei-os, há pouco. Assim, não posso chegar à Colônia sem vocês, a menos que fiquem trabalhando aqui e com outro sinhô...

— Sinhô — disse-lhe Zangigi, humilde: já conhecemos o sinhô e não queremos ficar aqui, onde nada temos, ninguém nos conhece. Voltaremos com o sinhô, já que temos sua palavra que vai nos ajudar no retorno para nossa terra. Quando chegarmos na Colônia vamos nos unir aos que ficaram e em seguida seguir todos juntos de volta para nossa terra. Alugaremos um navio só pra isso e o sinhô espalha que fugimos e não foi possível nos capturar.

— Ótimo: sua decisão é a mais sábia.

Severo mandou um recado lacônico para o compadre Valdeiro:

*"À Quinta dos Favos não retornarei, eis que minha família me é mais importante e não a quer mais. Que as safras te sejam prósperas, para o bem da Pátria. As minhas rapaduras, aquelas mesmas do gênero que tu de princípio não apreciaste, recolhi-as todas de onde bem armazenadas estavam, pois apetitosas me sabem..."*

*A sociedade que de princípio te propus fica sem efeito.*

*Recomendações gentis a excelentíssima família,  
Do compadre que te estima, Severo".*

Assim, em menos de duas semanas, "dom" Severo, com grande quantidade de equipamento, víveres, vinho, rum, roupas, calçados e armas, fez retornar seu bem defendido comboio à Colônia.

De novo, os africanos foram bem tratados...

Mas eis que uma passageira não convidada acompanhou-os, tomando o rotineiro assento da *morte*, ainda dessa vez ausente. Essa companhia, constante durante toda a viagem, era a *tristeza*, ao verem adiada a tão sonhada volta.

## **Cobiça: veneno da alma**

**J**á entendendo algo de navegação, Severo conseguiu de el-Rei que seus navios fossem equipados de velas novas, para navegar mais rápido e com mais segurança. A grande quantidade de carga que transportavam os navios, também autorizada por Sua Majestade, era de fundamental importância para o presente que periodicamente o intendente-mor trazia para el-Rei: ouro!

Com tudo isso, para Severo, aquela foi a mais angustiada de todas as travessias. Oprimido diante do futuro que se lhe apresentava, absolutamente imprevisível, olhando para o mar infundável, passava horas contando e recontando as pequenas ondas das virações marinhas, que em paralelo com o navio, iam também rumo à Colônia.

Nem com o filho conseguia conversar, pois as alterações havidas na sua vida tornaram-no taciturno.

Embora os negros estivessem acomodados no porão, dessa vez “dom” Severo autorizara-lhes livre acesso ao convés, nunca porém em número maior que cinco, de cada vez. Aliás, no porão, espaçosas escotilhas, sempre abertas, permitiam renovação do ar e aquecimento solar direto, funcionando como abençoadas luzernas. Citadas escotilhas, diminutas em navios negreiros, não raro, eram arrombadas por escravos, que por elas atiravam-se ao mar, preferindo mil vezes a morte com dignidade, do que a infâmia da escravatura.

O antigo alçapão, acesso único entre o porão e o tombadilho, foi retirado, em definitivo. Dessa vez, também, os negros podiam

cantar hinos devocionais aos seus orixás, o que, de certa forma, ajudava o tempo a passar.

### Sobre o Tempo...

Seus referenciais dependem do estado d'alma das pessoas:

- namorados, lamentam que horas não lhes durem mais que minutos;

- prisioneiros, sofrem ante os minutos que lhes parecem horas;

- para o doente, a dor de um minuto se eterniza...

- para o médico, um minuto pode ser a diferença entre a vida e a morte;

- a noite bem dormida é sinônimo de relógio que salta as horas;

- a insônia é o mesmo que uma tortura das horas paradas;

- a gravidez é para os pais tempo de expectativa e reflexões;

- a prece é bálsamo e enlevo, antes, durante e após o exercício da fé;

- para a criança, o dia é curto e insuficiente para suas realizações;

- para os idosos, os anos são pequenas anotações em papéis amarelados, guardados na gaveta da memória;

- para o professor, o tempo tem o coeficiente adequado à sua missionária tarefa;

- para o aluno, as lições diárias são frações de um grande conjunto, rumo à formação acadêmica;

- para o engenheiro, do projeto à obra, há escala cronométrica a ser observada, qual escada a ser construída, degrau a degrau;

- para o pedreiro dessa obra, cada tijolo é um passo a mais na estrada em que anda, mas na qual, ao final, não ficará...

Embora não houvesse diálogo entre brancos e negros, o certo é que o clima a bordo era de relativa calma, sem tormentos ou desconfortos, de parte a parte.

Não cruzaram com nenhum outro navio.

O mar era todo deles...

Quando o marujo que estava alojado no cesto da gávea (assento instalado no topo do mastro real) gritou "terra à vista", um grande e saudável arrepio percorreu todos a bordo, da cabeça aos pés.

Após atracar e providenciar a descarga do material que trazia, Severo diligenciou para localizar a família. Dirigiu-se às autoridades portuárias, certo de que obteria resposta positiva, pois por sua ordem, há tempos todos os navios que chegavam ou partiam, eram vistoriados e lavrado registro da viagem, feita ou a empreender.

Perguntou ao encarregado pelo "Rosa dos Mares".

Consultado o livro-registro de entrada, a resposta: "ali não aportara, ainda...".

Sentiu-se mal. A perspectiva era sombria: morte!

Em total desespero, procurou o governador, que pouco ou nada, pôde ajudá-lo, não obstante prontificar-se ao que fosse necessário.

Desorientado, retornou ao porto carioca, onde perguntou a vários marujos que perambulavam por ali se tinham visto chegar uma mulher branca, com duas filhas. Ninguém lhe deu disso notícias. Procurou os entrepostos e perguntou se em alguma expedição rumo aos sertões, alguém tinha visto uma mulher branca e suas duas filhas. Ninguém relatou tal presença nas últimas expedições.

Nesse ínterim, soube de algo importante: corriam boatos que muitos aventureiros estavam dirigindo-se para Mato Grosso e Goiás, e não para "as minas", eis que naquelas lonjuras foram descobertas jazidas inimagináveis de pedras preciosas.

Por cinco semanas adiou o retorno à Vila Rica.

Perambulava pelo porto, intuindo que ali estaria a resposta que tanto buscava, sobre o paradeiro da mulher e das filhas.

Não podendo mais manter os negros no alojamento precário que lhes destinara, procurou Zangigi e contou-lhe a verdade: teriam que trabalhar como domésticos, até que resolvesse seu problema.

— O sinhô é quem sabe — aquiesceu Zangigi, acrescentando: não posso silenciar uma voz que me assopra, não no ouvido, mas no coração, dizendo que vem tempestade no seu caminho...

— Tempestade? Vem vindo? Já veio: estou no meio dela!

— Só tem um jeito *de esses ventos acalmarem...*

— Diga-mo: qual é?

— Pedir ao bom Olorum que sopra ao contrário.

— Mas, pelo profeta, o que é isso de *Olorum soprar ao contrário?*

— Olorum é o orixá maior, o Pai de todos os outros e também nosso Pai. Quer sempre o nosso bem. É dono do Céu. Manda nas nuvens, no ar, no fogo, nos ventos, nas águas, nas pedras e em tudo quanto é bicho vivo. Sopra na direção que quer, com força que pode tirar o mar do lugar.

— E esse mar que está saindo do lugar está vindo para cima de mim?

— Na verdade, não: o que vem chegando perto do sinhô é uma tempestade na sua alma, mil vezes pior que a do mar. Pior, porque só o sinhô pode se ajudar... a ser ajudado.

— Não estou entendendo nada do que dizes.

— Não se zangue com esse escravo velho, meu sinhô, mas existem verdades que brilham como o Sol, embora algumas pessoas só vejam outro brilho, o do ouro...

— O que tem o ouro a ver com meu problema?

— O ouro é bom, se bem utilizado, mas torna-se veneno das almas, se é motivo de cobiça. Assim como uma pessoa não consegue almoçar duas vezes, nem dormir sem acordar por uma

semana, nem voar, nem morar debaixo d'água, querer muito ouro é o mesmo que tentar fazer todas essas imprudências. Agora, se alguém tem muito ouro e ainda quer mais, já não está tentando: está, de fato, vivendo desse jeito errado. Logo perderá o apetite, perderá o sono, não conseguirá nem andar, quanto menos voar, não se sentirá livre, mas afogando-se sob o mar da insegurança, com medo de ladrões.

Concluiu, abanando a cabeça em gesto emblemático:

— Tempestade, meu sinhô... Tempestade...

Severo ficou impressionado. Súbito, veio-lhe suspeita à mente que aquele ex-escravo, embora se expressando com coerência, estava planejando algo, talvez roubar-lhe ouro... Estava pensando nisso quando Zangigi deu um pulo para trás e com os olhos arregalados, advertiu:

— Tem muitos bandidos ataçando o sinhô... São lá do cafundó dos mares ruins, atrás dos céus...

— Como ataçando? E que mares?

— Almas penadas, sinhô: um capitão de navio, muitos marujos, soldados e escravos fujões, apontando o dedo para o sinhô. Por Olorum: aqueles cinco pobres coitados que o sinhô mandou matar também estão ao seu lado e enquanto três deles querem esganá-lo, os outros dois estão lhe dizendo que eu... Sou perigoso... E que quero roubar-lhe seu ouro.

Na verdade, aqueles Espíritos haviam se agrupado por sintonia, desde que em todos havia o desejo de vingança contra Severo. Como já dissemos, essa influência espiritual perniciosa é tratada pelo Espiritismo, com muita propriedade, como sendo *obsessão*.

Sabem os espíritas, pelos postulados da Codificação da Doutrina dos Espíritos — o Espiritismo — realizada em cinco livros básicos, por Allan Kardec (1804-1869), que somente o perdão pode neutralizar essa influência, harmonizando as partes. Não há duvidar: só terão paz aqueles que não abriguem pensamentos negativos. A obsessão é de difícil desate

justamente por isso: com a mente inflada de ideias infelizes, tanto os vingadores quanto seu alvo distanciam-se do Evangelho de Jesus Cristo.

Os Espíritos, sabendo-se descobertos, temeram Zangigi e dirigiram contra ele sua ação maléfica.

Nada conseguiram, eis que o africano tinha em torno de si uma luminosa aura, qual campo magnético de proteção, indene às invectivas deles.

Mudaram de estratégia: concentraram sua ação sobre Severo, facilmente submisso, e passaram a gritar-lhe aos ouvidos: “magia negra”, “magia negra”.

Severo, sob forte magnetismo hipnótico dos obsessores, invisíveis para ele, passou a considerar Zangigi perigoso: o ex-escravo sabia do ouro, tivera frustrada a volta à África e, para vingar-se, era provável que tentasse prejudicá-lo, no ponto mais sensível: roubar-lhe ouro.

— Magia negra! — bradou, colérico.

Nada mais que eco, daquilo que os Espíritos bradavam-lhe...

Henrique, de balde, tentou demover o pai daquela infame acusação. Zangigi tremeu, pois sabia o que o aguardava, sem apelação.

E foi o que aconteceu: acusado por “dom” Severo de heresia — conversar com as almas do Purgatório —, foi recambiado a Lisboa, sob guarda.

E lá, não restou ao pobre Zangigi outro destino que não a fogueira “saneadora do mal”, pois não negou uma única das *vidências* (Espiritismo = visão de Espírito[s] desencarnado[s] ou de cenas, no Plano Espiritual) que tivera, relatando-as aos inquisidores. Estes, boquiabertos, decretaram: “*o réu é confesso de praticar gravíssima heresia, em parcimônia com o mal; só o fogo eliminará o mal que nele se implantou, não havendo o que lamentar, eis que os negros não têm alma*”.

A Igreja em Portugal encaminhou informe confidencial ao governador do Rio de Janeiro e ao intendente-mor, informando-

lhes o destino dado “*ao negro, instrumento do mal*”, conforme Zangigi tinha sido considerado.<sup>(\*)</sup>

Muitos meses após, ainda sem quaisquer notícias da família, Severo decidiu que iria à Vila Rica, não fazendo retornar os escravos restantes, os quais distribuiu como domésticos em várias casas de patrícios, sob indicação do governador.

Deixou Henrique no Rio de Janeiro, com ordem de prosseguir nas investigações quanto ao paradeiro da família.

De Zangigi, nem mais se lembrava, nenhum remorso...

Chegando à Vila Rica convocou o capataz, inteirou-se de todos os acontecimentos havidos na sua ausência e principalmente, conferiu a quantidade de ouro lavrada. Novos veios haviam sido descobertos.

Pensou: parece que aqui tem mesmo mais ouro do que terra...

— Excelente: el-Rei ficará feliz — exclamou.

Já pensava em voltar ao Rio de Janeiro. Por dias não dirigiu palavra a Tengegê. Tal fato demonstrou ao jovem e robusto ex-escravo que as coisas não haviam se passado conforme o programado. Mas cuidou de não se dirigir ao patrão, por cautela. Até que Severo convocou-o:

— Sabes, rapaz, muitas coisas contrárias aconteceram. Tivemos que voltar de Portugal para a Colônia, pois minha propriedade foi vendida na minha ausência e o que é pior: minha mulher e minhas duas filhas vieram para o Brasil e no caminho desapareceram.

---

<sup>(\*)</sup> *Embora de difícil narração, incluímos aqui esse triste veredicto, não para condenações, mas para que seja evidenciado o quanto o mundo já progrediu espiritualmente, eis que hoje não padece a menor dúvida, em nenhum canto do planeta, que os negros, de todos os tempos, têm alma. Para os milhões de homens que creem na reencarnação, os negros eram, são e serão aqueles mesmos Espíritos, que no pendular das vidas sucessivas, ora serão brancos, ora amarelos...*

Tengegê apenas ouvia. Severo prosseguiu:

— Não pude levar seus amigos para a África e por ordem de el-Rei eles ficariam em Portugal trabalhando nas vinhas que eram minhas, ou voltavam. Zangigi preferiu voltar. Ficaram no Rio de Janeiro, aguardando vocês, quando forem...

Nisso, Tengegê estremeceu e entrou num “daqueles” transes.

Severo, dessa vez, não se alterou. Estava decidido a acabar com essas — assim julgava — “bBOSEIRAS HERÉTICAS”. Iria dar um ultimato a Tengegê para acabar de vez com aquilo. Senão...

— Então, sinhô: a tempestade vem vindo?

O poderoso emissário de el-Rei assustou-se.

Não era possível: Aquelas palavras eram as mesmas ditas por Zangigi, pouco antes de ser acusado de heresia... por ele, Severo. A custo acreditava no que ouvira. Tengegê era quem falava, mas o que dizia, não podia ser do conhecimento dele... Quanto a isso, não havia dúvida. Mas como?

Tremenda confusão, esta, de alguém ser outro...

\*

A comunicação entre os seres humanos, quando situados nos dois planos da Vida — o material e o espiritual —, sempre foi uma constante na humanidade. Desde 1857, com o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, por Allan Kardec, foi assentada na humanidade, sob supervisão do Mestre Jesus, a pedra fundamental da codificação do Espiritismo, onde esse intercâmbio passou a denominar-se *mediunidade*.

Desde tempos imemoriais — provam-no inscrições rupestres — os homens foram visitados por Espíritos, os quais, por intermédio de encarnados com a faculdade mediúnica adequada, com eles conversavam, ensinavam, auxiliavam e orientavam. Esse intercâmbio, outrora, tanto quanto hoje, muita vez se operou através sonhos.

A Bíblia — livro sagrado — é toda ela um repositório de acontecimentos mediúnicos, já a partir do livro primeiro: “Gênesis”.

Assim, não deveria haver nenhum assombro nesse relacionamento, sendo certo que, pela lei de afinidade e sintonia vibratória, tais visitas somente podem ocorrer em duas situações: a primeira, é aquela na qual um Espírito mais evoluído, em missão caridosa, refluí sua condição e apresenta-se, humilde, no meio terreno ao qual se propôs ajudar; na segunda, muito mais frequente, acontece quando Espíritos, de planos diferentes, comungam os mesmos propósitos, estabelecendo atração compulsória, eis que sintonizados estão na mesma frequência, compondo assim clima energético propício ao entrelaçamento mental.

Estando no plano material é rotina que os encarnados só se deem notícia da *vinda* de desencarnados. Contudo, é também intensa a visita que encarnados fazem “ao lado de lá” (ao plano espiritual), na maioria das vezes malbaratando o sono e os sonhos, sublime oportunidade engendrada pelo Criador, para sequência do aperfeiçoamento moral a que estão programados todos os homens.

É por bênção divina que os sonhos nem sempre são recordados ou corretamente analisados, pois do contrário o intercâmbio poderia acentuar-se em níveis inimagináveis, entre os que tramam maldades, carreando para eles próprios débitos só resgatáveis a longo, muito longo prazo. Sonhos bons são minoria porque a maioria dos sonhadores terrenos, ainda somos criaturas com pouco acervo no Bem.

Mas, como a lei divina é perfeita, indivisível e sem exceções, primando pelo equilíbrio que só a justiça integral confere, igualmente aqueles que souberem aproveitar as horas de liberdade parcial que a noite traz ao espírito, poderão usufruir de benesses. Visitarão conscientemente — desde que merecedores sejam dessa lembrança — núcleos de aprendizado, de paz e de

elevação espiritual. A intenção sincera da caridade, aliada à constância evangélica, os transformará em “enfermeiros das estrelas”, eis que serão convidados a participar de equipes noturnas de socorristas. Tais equipes, mistas, de encarnados e desencarnados, prestam socorro a irmãos em desespero, já a partir do próprio plano espiritual, bem como no material.

O já riquíssimo intendente-real, que por repetidas vezes havia sido contemplado com a bênção desses alertas vindos diretamente de Espíritos amigos, nem assim modelava imagens positivas na tela mental. Enamorado, ou melhor, fascinado pelo ouro, que se transformara em comandante absoluto dos seus pensamentos, tinha como projeto de vida um único objetivo: ter mais ouro.

O duro golpe do extravio da esposa e das duas filhas não era sua preocupação maior, como deveria ser. Todo seu potencial estava canalizado para ação junto às lavras, sob as quais detinha autoridade total. Preocupar-se com a família, preocupava-se, mas não a ponto de dispensar presença física junto aos diversos exploradores de lavras, nas minas cuja região ia cada vez alargando-se. Exultava ante o testemunho de que ali, até parecia que Deus havia colocado mais ouro que terra, como voltou a refletir. E era justamente naqueles generosos mananciais auríferos, aonde a invencível atração pelo ouro vinha escravizando aventureiros sem conta, que ele, o poderoso representante de Sua Majestade, o Rei de Portugal — dono absoluto de tudo —, via-se submetido a um poder invisível, emanado de um simples jovem africano.

Não lhe causava qualquer reação o fato de muitos e muitos homens morrerem, uns por terem contraído várias doenças palustres, não se tratando para catar mais e mais ouro ou então por não disporem de recursos para se medicarem, ou ainda por ninguém socorrê-los; outros, em número até maior, simplesmente apareciam mortos, sabendo-se que por disputas de simples barrancos, à cata do ouro que ali abundava; e outros

mais, sequer se ficava sabendo que fim tinham levado: sumiam, da noite para o dia, não sendo raro que tempos mais tarde, ocasionalmente, alguns tinham seus despojos encontrados em grotões, ou semienterrados, quase sempre com vestígios de morte violenta.

Não desconheça ninguém que num tal clima, onde numerosas mentes estão mantidas unidas e atracadas pela âncora da cobiça, por certo tal região transforma-se em irresistível ímã a atrair mais e mais espíritos desencarnados, estacionados também na posse do ouro, não poucos, em estado de demência pura.

Tengegê, em meio aquilo tudo, era qual um lírio no pântano.

Podemos imaginar que Severo tinha merecimento para ser contemplado com os alertas que vinha recebendo. Contudo, também podemos supor, num exercício de reflexão, que seu desprezo a tal ajuda, a suprimiria, e para breve, assumindo ajuda a pedagogia da dor...

\*

— Quem... o quê... quer você? — tartamudeou Severo.

— Meu sinhô, esse escravo ainda é seu.

— Por Cristo: você é...

— Sou, sim sinhô: sou o velho Zangigi.

— Meu Deus, meu Deus: mortos não falam... Então os mortos... não morrem?!

Severo, confuso, amedrontado, sentia o coração acelerar e o ar faltar-lhe aos pulmões. Tantas vezes fora auxiliado pelo plano espiritual e ainda duvidava... Tengegê, o jovem escravo, agora meio curvado, aproximou-se e num gesto de meiguice colocou as mãos sobre a testa do sinhô. Este, presa de emoção nunca dantes experimentada, posto que comandada por incipiente arrependimento, começou a soluçar.

Utilizando a faculdade mediúnica do amigo Zangigi falou mansamente:

— O meu Olorum é o mesmo Deus do sinhô e tem um filho: Oxalá, que os brancos chamam de Jesus Cristo. Foi o “nosso” Jesus que deixou eu vir aqui, para dizer ao sinhô que não guardo mágoa do que me aconteceu, pois as dores do mundo são bênçãos para o espírito que errou.

Severo, à beira de entrar em choque emocional, ao ouvir falar de Deus e de Jesus, acalmou-se em parte. Mas chorava ainda, qual criança aflita.

— Lá em cima — prosseguiu Tengegê falando, com a voz algo diferente, um tanto arrastada e apontando para as alvas nuvens que sobrepairavam sobre eles — está cheio de gente boa, que sabe tudo das nossas vidas. Falaram-me que depois que Oxalá foi judiado pelos soldados, eu andei pondo fogo nuns brancos que gostavam d’Ele. Por isso, este escravo está muito feliz de ter se livrado daquela dívida tão antiga...

— E... o que quer agora? — murmurou Severo, a custo.

— Não vou poder voltar aqui tão breve, mas tive a graça de poder conversar estes minutos com o sinhô. O motivo principal da minha vinda é para dizer que não guardo nenhum rancor do sinhô. Como todos os filhos de Olorum, sei que é um homem bom, bem lá dentro do peito. O problema está do lado de fora...

— O que quer dizer com “do lado de fora”?

— O sinhô sabe melhor que eu: o ouro, meu sinhô, o ouro: nunca chega perto do coração, só mora na cabeça de quem o tem e é aí que as tempestades alcançam qualquer em primeiro lugar...

— Tempestade? Que tempestade é essa que dizes a toda hora?

— Está nas mãos do sinhô melhorar as coisas por aqui, pois muita gente está sofrendo, e não me refiro só aos negros, mas tem brancos que também deixaram suas terras do outro lado do

mar e hoje são mais escravos do que libertos: escravos do ouro, meu sinhô!

— E... Como eu poderia melhorar a vida dessa gente?

— Fazendo o que Oxalá ensinou e fez: ouvir o coração antes de fazer qualquer coisa e nunca deixar de ajudar quem precisa.

Tengegê saiu do transe.

Severo parecia estar chumbado ao chão, já que não conseguia se mexer. A mente fervilhava. Aquilo tudo era inacreditável, por ser perigosa e incrivelmente verdadeiro.

Tengegê afastou-se, sem dizer palavra. À custa de alguma reflexão, acostumara-se em parte com aquela coisa estranha que o acometia, quando tinha a nítida impressão de que sua alma saía do corpo e ficava ao lado, ouvindo alguma pessoa que já morrera e que, por seu intermédio, dava recados. De início, não sabia identificar quem assim usava sua voz, mas, pela repetição do acontecimento, passou a saber sim quem se aproximava, o que queria e o que deveria retransmitir, para jamais prejudicar quem quer que fosse.

Aliás, estava tornando-se rotina “almas que já não tinham mais o corpo físico” se acercarem dele. Com alguma clareza identificava-as. Lutou contra isso, sabendo-o perigosíssimo, ali na Colônia. Mas tais impulsos foram mais fortes e deles não conseguiu livrar-se. Decidiu, em boa hora, administrar tais ocorrências, só dando vazão em determinadas circunstâncias: sem público, só na presença da pessoa à qual o recado se destinava, sem espalhafato, como muitas almas queriam e pediam-lhe e sempre em locais calmos.

Inda agora, seu coração estava apertado: se Zangigi falara por ele, dizendo que não guardara rancor, é porque... Isso mesmo: o sinhô Severo disse que Zangigi não poderia falar, pois tinha morrido...

Chorou muito, pela perda do velho amigo e conselheiro.

Consolou-o a certeza de que, afinal, não “perdera” o amigo: apenas estava separado dele, fisicamente.

Mente arguta, deduziu que os planos de retorno à África estavam desfeitos, havendo perigo rondando-o e a seus amigos. E que só com redobrada prudência conseguiriam reverter a situação. O retorno prometido pelo sinhô tinha sido adiado várias vezes... A África, que tanto ele e os companheiros amavam ia ficando cada dia mais longe...

Não tardou e suas suspeitas se mostraram corretas: Severo, em atitude irreconhecível, desmembrou o grupo de ex-escravos, mandando alguns para regiões afastadas, alegando necessidade deles repassarem conhecimentos de lavra de ouro e que breve retornariam.

Duas semanas após, grave acontecimento iria frustrar todos os planos do intendente-mor de logo retornar ao Rio de Janeiro para continuar na busca da família.

Muitos portugueses tinham vindo para aquelas bandas.

Como ele, todos buscavam fortuna: ouro, cuja maioria encontrara, pois quanto mais se procurava, mais se achava.

Alguns poucos, argutos comerciantes tinham instalado postos de comércio de tudo: desde escravos até ferramentas, utensílios, animais de transporte de carga (muars), roupas e principalmente alimentos e aguardente. Quem estava preocupado com o ouro, precisava de tais serventias e por elas podia pagar, eis que quanto mais se buscava, mais e mais ouro era garimpado.

Severo não titubeara: havia taxado também essas mercadorias, cobrando tributo pelo trânsito (por terra ou pelos rios), entrada e comercialização em "área estratégica da Coroa"...

E diante de tanta movimentação, a Vila Rica havia se tornado movimentadíssimo povoado. Crescente, sempre.

O ouro, generosamente, como que "brotava da terra".

Henrique foi mantido no Rio de Janeiro, como representante legal do "intendente-mor", mas principalmente para que pesquisasse sobre o paradeiro da mãe e das irmãs.

Por mais dois anos, cada vez mais fascinado, “dom” Severo apropriou-se de porções de terra — as mais produtivas de ouro —, chegando mesmo a pouco se lembrar da família.

À medida que sua fortuna aumentava, a saudade diminuía...

Como decorrência, mais negros eram buscados na África...

Aumentando as minas produtivas, na mesma razão aumentaram as levas de pessoas que chegavam, trazendo muita cobiça na alma. Em contrapartida, começaram a acontecer crimes... O mais grave crime aconteceu justamente quando Severo preparava-se para partir para o Rio de Janeiro: um sertanista assassinou um português, em outro vilarejo, distante da Vila Rica. Assim, eclodiu nas regiões das minas aquela que seria denominada “A Guerra dos Emboabas”, incensada por ódio e ressentimentos. (\*)

---

(\*) A “Guerra dos Emboabas” foi um terrível acontecimento: vitimou centenas de pessoas, durando de Maio-1707 a Novembro-1709. Registra a História que os paulistas, que foram os descobridores das minas e dos caminhos que davam acesso a elas, ao verem chegar milhares de “emboabas” (forasteiros), vindos de todos os cantos da Colônia, mas principalmente de Portugal, haviam há sete anos solicitado ao Rei de Portugal que lhes desse exclusividade na mineração. Como a Portugal isso não interessava, e sim que o maior número possível de mineradores ali estivesse em ação, a petição não foi deferida. Quando em 1707, nas proximidades da hoje São João Del Rei um paulista assassinou um português, eclodiram lutas sangrentas, na maior parte tecidas por emboscadas. Somente pela força a Coroa lusitana pôs fim aos sangrentos entreveros, em 1709, sendo substituída a governadoria, até então sob as ordens de um governador paulista. Portugal decidiu separar a região da capitania do Rio de Janeiro, criando a capitania de São Paulo e Minas de Ouro. Excluídos do controle das minas, os paulistas outra vez deram mostras do caráter indômito que os levara até ali: em nova arriscada aventura, embrenharam-se sertão adentro, rumo a Mato Grosso e Goiás. Como resultado, novas minas auríferas seriam descobertas, além de pedras preciosas. Em 1720, Minas se tornaria capitania independente.

(Emboaba: vem do tupi “amo-abá” = estrangeiro).

A partida de Severo teve que ser adiada...

Atendendo ao pedido que o mensageiro especial levara, embora tenha demorado, chegou um batalhão de guardas portugueses, mandados por el-Rei, tendo ordens reais *de se apresentar a Dom Severo, mui competente intendente-mor, doravante responsável pela recém-criada "Intendência das Minas"*.

Com isso, não tardou e a "Guerra dos Emboabas" chegou ao fim.

O poder de Severo ali era absoluto. Mandava e era obedecido.

Só que, mais três anos haviam se passado.

Nesse tempo, Severo sempre determinara a Henrique a permanecer no Rio de Janeiro, periodicamente indo a Portugal. As notícias que recebia dele eram as de que nada havia ainda sobre o desaparecimento da família — nem cá, no Brasil, nem lá, em Portugal.

Ouro, já muitas toneladas estavam estocadas!

À vista de ouro tanto, Severo sentia vertigens, imaginando tudo o que aquele tesouro poderia proporcionar-lhe, desde honrarias e mordomias — poder absoluto! No seu desvario mental, atribuía-se maior importância do que a do próprio rei, a quem servia. Assaltou-lhe grande desconforto ao raciocinar que estava ali com tanto ouro, no meio do mato, tão distante da Capital, onde nobres enfarinhados de pós perfumados e enfeitados de rendas, nada produziam... Era urgente corrigir essa situação. Mas, como? Se fosse para junto da corte, passaria a ser mais um parasita palaciano e quem tomaria conta das minas de ouro, cada vez mais se multiplicando?

Estava assim absorto por demorados minutos, quando foi subtraído desse devaneio por Tenegê:

— Sinhô Severo, preciso conversar com o sinhô...

— Ahn... o que queres?

— Voltar para minha terra, com meus amigos. Esperamos a guerra acabar para pedirmos ao sinhô que cumpra nosso acordo.

Severo assustou-se. Já nem mais se lembrava do acordo feito com os ex-escravos, aos quais prometera permissão para retornarem à África, assim que lavrassem determinada quantidade de ouro.

— Para que gastar teu ouro com a viagem tão ruim, voltando para aquelas selvas? Aqui não têm todos vocês o conforto? Vão trocar a civilização pela selvageria?

— O sinhô me desculpe, mas nós não somos selvagens. E nem há diferença destas terras, aqui nos barrancos, com as nossas terras do lado de lá do mar. Além do mais, lá estão nossos familiares... Pelo menos, os que não foram aprisionados e vendidos como animais pelos ingleses, espanhóis ou pelos seus patrícios...

— Estás a me sair um negrinho insolente. Cuidado! Não me agradam tuas palavras. Pareces mais um cobrador do que um escravo.

— Ex-escravo, sinhô. Já esqueceu que nos alforriou, com a promessa de trabalharmos até ajuntar muito ouro? Aliás, pelas nossas contas, há muito já ultrapassamos a quantidade combinada. E também há anos já deveríamos ter voltado...

— Pois, mesmo: estás imbuído de autoridade! No teu lugar, teria mais cautela com a língua...

Aquela era uma ameaça direta. Terrível ameaça: a de cortar a língua dos escravos inconvenientes com as palavras.

Tengegê, inteligente e sensível, embora jovem, já estava temperado nas duras lides da escravatura que o apanhara em suas cruéis malhas ainda na adolescência. Assim, julgou por bem contemporizar, sem contudo rebaixar-se:

— Não falo nada para ofender o sinhô, a quem muito respeito, mas o fato é que no meu coração arde a vontade de voltar. O sinhô também não quer voltar para a sua terra, para a sua família, para a sua gente?

Severo foi pego de surpresa. Sim: queria voltar para a família (mas, onde estava sua família? teria morrido?). Afrouxou a tensão:

— Vamos pensar melhor. O retorno de vocês será decidido por mim. Até lá, continue a catar ouro e diga aos seus amigos para fazerem o mesmo. Não voltes a interpelar-me como fizeste agora.

De forma inesperada, “dom” Severo passou a ter delírios, acordando em meio às madrugadas, gritando:

— *Não abandonei tua filhinha! Ela sempre foi doente e se alguém a abandonou foste tu. Se ela hoje sente solidão e fome a culpa é tua. Quanto à tua mulher, traiu-te sim, bem mereceu o fim que teve, pois que tentou roubar-me o ouro, todo meu. Não a queres mais? Arranja-te com ela e te apures da minha presença.*

Tinha espasmos violentos, ficava estático e com outra voz dizia:

— *Tu também estás a me perseguir? Querias que te entregasse, de mão beijada, o ouro? Meu romance contigo foi fruto de um momento de solidão, nada mais que isso. Se alguém te deu infâmia, foi teu marido, abandonando-te e à tua filha, deixando-as ao léu.*

Em meio àquela região pouco desbravada, onde se aglomerava população crescente quanto ímpia, Severo delirava por horas, saía da crise, mas em outras noites, havia recidiva dos delírios.

Durante o dia, livre daquele tormento, de ver e discutir com almas do outro mundo, às quais bem conhecia, sentia-se ameaçado: se algum padre o pilhasse naquelas “crises”, talvez nem mesmo seu poder o livraria do destino reservado aos heréticos.

Pensou em se confessar: temeu e desistiu.

Elegera o ouro o seu ideal, próximo, futuro, eterno...

Despótico, exorbitando no rigor, atraía mais e mais inimigos...

Nisso, Henrique retornou à Vila Rica, com saudades insuportáveis do pai, decorrido tanto tempo sem a mãe e as irmãs. Desolado, informou-lhe que nem no Rio de Janeiro, nem em Lisboa, nada descobrira ou transpirara sobre o paradeiro da família.

Amargurados, ambos, passaram a considerar que talvez as três estivessem mortas...

Mas, tantos eram os afazeres na Vila Rica que Severo, envolvendo-se completamente com eles, mais e mais se dedicava... ao ouro.

Foi inescapável: adoeceu, gravemente.

Sabendo o que representava para ele e seus amigos a vida do sinhô Severo, Tengegê, não apenas por isso, mas também por legítimo sentimento de caridade, pediu a Henrique permissão para ajudar na cura do pai. Henrique ficou-lhe grato, aquiescendo e comentando:

— Sabe, Tengegê, o que me preocupa em papai é que não está doente só da febre, mas pior, está com “coisa ruim”.

— Não posso falar abertamente dessas coisas, pois tenho medo de ser mandado para as “fogueiras do céu”, como falam os padres e os brancos católicos, mas a verdade é que o sinhô Severo tem inúmeras almas em volta dele, querendo vingança...

— Mas o que meu pai fez para merecer esse castigo do céu?

— Se eu falar posso magoá-lo e me expor...

— Confie em mim: não direi nada a ninguém e nem vou ficar magoado com você.

— No mundo existem pessoas que os orixás conversam com elas e dão recados, avisos, alertas, repreensões; eu sou uma dessas pessoas e seu pai também, só que ele não fala pelas almas, mas as vê e sabe o que querem. Ninguém pede essa faculdade, mas também não consegue escapar dela, quando a tem. Lá na minha terra quem é o escolhido para essas coisas já

nasce assim e quando cresce tem que usá-las para ajudar os outros; isso não é prêmio, mas sim, oportunidade de pagar dívidas... Os mais velhos me ensinaram e acreditamos nisso, que já vivemos outras vezes, acumulando atos bons e maus, que definem as outras vidas que teremos, depois desta...

— Custa-me deveras crer nisso, embora respeite sua crença. Uma coisa posso aconselhar-lhe: essa coisa de falar com quem já morreu poderá custar-lhe a vida, pois a Igreja condena os que se põem a consultar os mortos.

— Não consulto as almas: elas é que me procuram!

— Seja como for, cuidado: mas, diga-me o que é que você escutou “das almas” que perturbam meu pai?

— Seu pai mandou matar um pirata capitão de navio, que morreu segurando barras de ouro; depois, mandou matar soldados ladrões e desertores: mandou matar, ainda, escravos fujões; sonegadores de impostos pilhados em reincidência foram abandonados, por ordem do sinhô Severo, à própria sorte e muitos morreram; Zangigi morreu nessas tais “fogueiras divinas”, por acusação do seu pai; a alma do sinhô Mendonza grita que seu pai roubou seu ouro, infamou a viúva e abandonou a filhinha; a alma da própria viúva confirma que ele abusou dela, roubou-lhe ouro e sequer protegeu a filha doente.

Respirou fundo, fez silêncio e inquiriu, algo aflito:

— É muita coisa ruim, não é mesmo?

— Mal posso acreditar que meu pai tenha feito tantas maldades! Até o nosso amigo Zangigi quer se vingar dele?

— É o único que o perdoou...

Quanto Tengegê acabou de pronunciar essas palavras, entrou em transe mediúnico, assustando Henrique:

— Sinhozinho, eu vim aqui atendendo seu chamado...

Henrique não sabia o que dizer ou o que fazer. Não havia chamado ninguém... Contudo, havia pensado tão firmemente e com tanta saudade que praticamente evocou Zangigi, que o atendeu.

— Então, meu filho — encorajou-o o Espírito Zangigi — seu pai foi avisado, tantas vezes... Mas nunca deu ouvidos aos orixás e agora está “vem não vem” para cá...

Henrique ainda estava chocado com aquilo que presenciava, mas que não conseguia acreditar. Gostava de Zangigi, a quem sempre respeitara, mas daí a conversar com o “morto” Zangigi...

— Sabe, meu sinhozinho — prosseguiu o Espírito Zangigi — você é, no momento, a única pessoa que pode ajudar seu pai. Ele precisa ouvir umas verdades, de alguém que fale mais ao coração dele do que aos ouvidos. Só assim, talvez, não faça essa viagem que é maior do que todas as travessias oceânicas somadas. Eu não guardo raiva dele, merecia mesmo ser queimado, para queimar uns pecados antigos, que estavam guardados na minha consciência e que não estavam me deixando melhorar. Os pecados pesam muito mais que o ouro, meu filho! Nunca se esqueça disso!

Henrique, como se um clarão lhe iluminasse a mente, confirmou quem falava, do que falava, e com que finalidade. Tartamudeou, com os olhos marejados, presa de forte emoção:

— Zangigi, meu bom amigo. Peço desculpas pelo meu pai, ele é bom, mas está muito dirigido para a posse de mais ouro. Concordo com você, muito ouro não traz felicidade, sinto tanta falta de mamãe e das minhas irmãs...

— Elas... estão queimando também um pouco de pecados...

— Santa Virgem! Morreram?

— Não, sinhozinho, não morreram, mas estão longe, muito longe...

— Onde?! Pelo amor de Deus, ou do seu Olorum, onde? Onde?!

Zangigi retirou-se. Tengegê refletiu, alegre por ter começado, naquele dia, a ter consciência do que tinha falado, sob inspiração do Espírito ao qual emprestava sua voz:

— Olorum sabe o que faz! Pelo menos, sabemos que elas estão vivas! Alguma coisa me diz que cedo ou tarde, nós a encontraremos. Mas agora, é preciso cuidar do seu pai.

Henrique não se conteve: beijou as mãos daquele jovem negro, que acabara de plantar esperanças em seu coração. E mais que isso: dizendo com tanta sinceridade aquele “nós”, sorrindo feliz por saber que sua mãe e as irmãs estavam vivas, além de preocupar-se com a saúde do seu pai, mais se diria ser um seu irmão, jamais um desconhecido escravo.

## África: instituto correcional?...

**T**udo o que Deus fez, faz e fará é de perfeição irretocável.

A natureza, espelho da obra da Criação, na formação planetária concentrou e fundiu elementos, aglomerando átomos, sob inimagináveis temperaturas, desencadeadoras de tormentas magnéticas que bombardearam a superfície, no fantástico fenômeno físico que os cientistas hoje denominam de "sopa fervente". Como resultante, o planeta teria variados elementos naturais, dentre eles o ouro.

Agora, uma pergunta:

— Por que teria Deus concentrado tanto ouro "nas minas"?

Apenas como conjectura podemos refletir que talvez estivesse destinado ao Brasil, há cerca de três séculos, desencadear também outra "sopa fervente" de progresso mundial. Esta, sob o aval do Mestre Jesus, governador planetário. Uma vez decidida sua ocorrência no mundo, ela se daria inexoravelmente. Se tal não coube ao Brasil, refletimos também que isso se deu face o livre-arbítrio humano, sempre respeitado pelo Plano Maior.

À Inglaterra coube essa tarefa: patrocinar a "Revolução Industrial".

Assim, o progresso material, antessala do moral, não deixou de aportar na Humanidade.

No suceder das existências terrenas de cada criatura, via reencarnação, em menos de um século nenhum inglês sobreviveu à instalação do ciclo completo daquela "revolução" progressista. E foi sem a menor dificuldade que os Espíritos encarregados dos trâmites reencarnatórios, sob rígida justiça,

puderam recolocar “os homens certos nos lugares certos”, isto é, nas terras que lhes cabia auxiliar a progredir...

Em simples exercício imaginativo, alguns espíritos conjecturam que *ontem* foram “franceses”; isso até pode ter acontecido, só que *anteontem*, pois, *ontem*, muitos fomos mesmo ingleses, não necessariamente os que alavancaram a citada “Revolução Industrial”...

Não será devaneio, mas sim reflexão, atentarmos para a configuração planetária:

- a água, elemento preponderante, não tem pátria (o Sol, as nuvens, os ventos e as chuvas levam-na daqui para ali, sem consultar qualquer autoridade...);

- os lagos, rios, mares e oceanos, representam, pela pesca, infundável celeiro de provisão alimentar;

- na Europa foi sedimentada a base cultural dos povos emergentes, que o futuro se encarregaria de trazer, parte deles vindo de planetas onde seu nível moral os tornara incompatíveis, conquanto intelectualmente adiantados em relação à Terra;

- no Oriente Médio, a Natureza alocou petróleo, fruto da sedimentação de material orgânico, ao longo de milhões de milênios;

- a África sempre se prestou a lar de criaturas em rudes processos evolutivos: uns, nos albores da humanização, outros, bastante civilizados, mas orgulhosos por demais, necessitando todos de ostentarem a epiderme negra, sublime emblema de matrícula em cursos de humildade; ali, ao lado da exuberância natural da fauna e da flora, no subsolo foram incrustadas portentosas minas de diamantes, num paradoxal enigma econômico, que ainda hoje não foi decifrado pelos homens; mas a lição salta aos olhos: mil vezes preferível colher grãos alimentares a diamantes. Colocando a África ao lado das Américas, não faltou previsão aos Espíritos Cândidos e Sábios que sob a orientação segura de Jesus, ajudaram-no na elaboração do programa evolutivo do mundo e dos seus

habitantes. Sabiam eles, com a segurança da luz integral que já lhes nimbava, que o ser humano, nas rudes lides evolutivas, não conseguiria defender-se das armadilhas da cobiça;

- na Ásia, inicialmente região mais habitada da Terra, ao lado de fabulosas porções de terras férteis e grandes acúmulos de minerais preciosos, em contrabalanço, haveria também muito gelo e areia;

- nas terras do porvir (as Américas), que aos mais velhos caberia descobrir, desbravar e auxiliar a progredir, protegendo sua gente indígena, sendo-lhes professores de cultura e alunos de simplicidade, foram plantadas árvores de todas as espécies, dando frutos, centenas de espécies deles, cada um mais saboroso que outro; para tanto, o solo seria abundante de nascentes naturais, gerando muitos rios, incrementando todos eles vida e progresso; a maior floresta mundial, lá inserida, abrigaria bilhões e bilhões de seres nos lances primordiais de sua existência — de insetos a aves —, mas simultaneamente, colaboradores exímios da manutenção da vida vegetal, a se perpetuar pelos incessantes transbordos de sementes daqui para ali, milhões de vezes executados a cada dia; além disso, seria a floresta vigoroso polo de atração de chuvas, estas, mães generosas das bacias hidrográficas; não bastasse, as florestas colaboram ainda, e muito, com o clima.

O mundo, não é difícil ajuizar, na verdade é uma grande hospedagem para todos os seres vivos, produzindo meios de sobrevivência para todos. Os desajustes — os clamorosos casos de fome, desabrigo e dor — decorrem do egoísmo humano, cujo livre-arbítrio, embora respeitado pela Espiritualidade, não se perpetuará, quando continuamente exercido sem fraternidade.

O caso da África, por exemplo: se ali encontramos os mais tristes bolsões de miséria da atualidade, nunca será demais refletir que o “continente negro” é tido à conta de importantíssimo instituto correcional, segundo Espíritos responsáveis pelos roteiros reencarnatórios.

Embora não sejamos um desses abnegados Espíritos, não nos objeta logicar o que ali acontece em termos de reajuste e aprendizado moral: nossos irmãos africanos que enfrentam duríssimas lides, com miséria rondando-os até mesmo antes de serem dados à luz, e depois dela, por vezes pouco resistindo, vindo a desencarnar à míngua de tudo — é inescapável admitir que estejam resgatando pesados débitos. Ao quitá-los, desfrutarão a paz de quem pouco ou nada mais deve.

Aí, é recomeçar!

Tendo agora, porém, o incomparável aprendizado de como a fraternidade é construção de todos, para a futura Terra, regenerada, plena de jardins celestes, perfumando seus canteiros floridos de harmonia e bondade.

E que ninguém jamais se julgue indene de vir a passar por aquilo que passam os que resgatam, como por exemplo, os irmãos da África sofrida. Somos todos inquilinos de um mundo de provas e expiações, o que nos coloca na lista de “com contas a pagar...”, ninguém sabendo o que nos reservam as vidas futuras...

Tempos após, “dom” Severo permanecia apresentando delírios esporádicos, trazendo grande intranquilidade à Vila Rica.

Aliás, embora conseguisse ingerir alguns caldos e chás que Tengegê lhe preparava, estava cada vez mais fraco. Adormecia várias vezes ao dia, acordando em delírios que, pela repetição, demonstravam ao filho que o jovem ioruba estava certo, quando dissera que “várias almas” estavam perturbando o pai. Almas de gente que já morrera e cujas mortes, de uma forma ou de outra, atribuía-lhe a culpa. Henrique e Zangigi se desdobravam para ocultar o possível tais surtos, principalmente dos padres...

Henrique pediu a Tengegê que o acompanhasse numa volta, fora das vistas e ouvidos do pessoal. Afastando-se, confidenciou-lhe:

— Sabe, Tengegê, não sei se “dom” Severo vai sarar ou se vai morrer, mas alguma coisa me diz que está muito próxima essa decisão.

Tengegê ouvia, mudo.

— Sonhei esta noite — prosseguiu Henrique — que um homem cheio de luz por dentro entrou no quarto do meu pai e muitas daquelas pessoas más que lá estavam atormentando-o saíram na mesma hora. Esse homem de luz pousou a mão na testa dele e aí aconteceu uma coisa estranha: a luz saía do homem e entrava no meu pai, principalmente na cabeça... Acordei, olhei “dom” Severo e vi que ele estava com o semblante calmo, como há muito tempo eu não o via.

Soluçou:

— Será que ele vai morrer? Será que foi a morte que veio buscá-lo?

Tengegê pegou a mão de Henrique e confortou-o:

— Desde criança aprendi com os mais velhos que só o Grande Olorum sabe a hora da nossa morte. Muitas vezes, para os doentes, parece que essa hora está chegando, no entanto, quantos se curam e vivem muito tempo ainda. Outras vezes, de forma surpreendente e por isso mesmo mais dolorosa, crianças e jovens são levados de volta para a companhia das almas sem corpo. Agora, quanto ao seu pai, respeitando a sagrada decisão de Olorum, que desconhecemos, alguma coisa me diz sim que diante dele será colocada a última chance de ainda cumprir a missão pela qual nasceu. E outra coisa: se a alma que você viu tinha luz, só pode ser um amigo, e protetor.

— Mas Tengegê, pelo amor de Deus, isto é, pelo amor do seu Olorum, a missão de “dom” Severo é mandar ouro para el-Rei e isso ele vem fazendo com bastante responsabilidade.

— Henrique, Henrique: não há diferença entre Deus e Olorum, pois na verdade, trata-se do mesmo Pai. Nós é que damos nomes diferentes para Ele. Quando nasce uma criança, com certeza só um homem na Terra é o pai dela. Mas, todas as

crianças do mundo são filhas do Pai que está em toda parte, dentro de nós, nas florestas, nas pedras, nas montanhas, nos mares, no céu e até depois dele: o Grande Olorum, para nós e Deus para vocês! E da mesma forma que o sinhô Severo ensinou você a fazer as coisas e lhes dá tarefas, Olorum também ensina os filhos a trabalhar e lhes empresta um corpo, durante um tempo, para essas tarefas.

Meditando, em pausa, acrescentou:

— E faz tantos outros empréstimos até que a alma se ilumine.

Henrique jamais poderia sequer suspeitar que aquele jovem tivesse conhecimento para discorrer sobre aquelas coisas, as quais, ele próprio nunca havia pensado. Embevecido, ouvia Tengegê, que após ligeira pausa, prosseguiu:

— Você nunca parou para pensar como é que todos os filhos da criação nascem, crescem, trabalham e morrem? E logo outros seres vão nascendo e fazendo a mesma coisa?

Arrematou o raciocínio:

— É aí que está a tarefa que cada um tem que cumprir em cada vida. Pode observar que até os animais lutam pela vida, pois os mais ferozes enfrentam inimigos à altura ou até mais poderosos: enquanto as mães cuidam dos filhotes, outros cuidam da proteção do bando; os mais mansos, com dedicação, humildade e muitas vezes até com afeição, fazem-nos companhia fraterna, sem exigir qualquer pagamento.

Pensou um pouco mais e concluiu:

— Uma vez Zangigi me disse que os animais mansos, há muitas vidas passadas foram ferozes e hoje, aprendendo com a dor as lições terríveis de serem presas dos predadores, ou então, a humildade de servir sem retribuição, muitas vidas depois... vão ser gente.

— Tengegê, faça-me o favor: isso não é possível!

— Pois então observe, sinhozinho, como tanta gente ainda tem características de animais; e também, como tantos outros

homens agem como verdadeiros orixás; a vida é uma escada, que vai de dentro do chão ao céu e em cada degrau estão os filhos de Olorum, subindo degraus acima sem parar, uns mais depressa, outros mais devagar...

Henrique estava pasmo com tudo o que ouvira.

Na verdade, fazia sentido o que dissera aquele rude escravo.

Depois de prolongado silêncio, inquiriu-o:

— Essa escada... meu pai está caindo dela?

— Não, de jeito nenhum: ninguém cai do degrau que já alcançou, mas se não trabalhar dentro da tarefa prometida, para o bem, terá feito algo que atrapalhou alguém e nesse caso, ficará estacionado ali, em grande perturbação, pois as pessoas que de forma direta ou indireta quiserem se vingar dele, também estarão nesse mesmo degrau...

— Começo a entender a sua lógica. E a solução, qual seria?

— Vou contar um segredo para responder sua pergunta: quando lá na nossa terra nós fomos laçados, o que mais doeu foi o fato de sermos aprisionados pelos próprios irmãos de cor (chamados *sobas*), para entregar-nos aos brancos, em troca de tecidos, ferramentas e aguardente; sem saber o que nos reservava o destino, Zangigi era o mais forte dentre todos os que foram aprisionados; com os olhos em lágrimas, foi amarrado a uma árvore, juntamente com alguns parentes e amigos, além de jovens como eu; passamos dois dias amarrados, só recebendo água e frutas que algumas mulheres da nossa comunidade nos traziam, sempre sob vigilância armada de guardas africanos, isso até consertarem as velas do navio que nos traria para cá; na hora de partir, o Zangigi implorou ao capitão do navio, por gestos, que liberasse as mulheres e crianças; recebeu uma bofetada e embora tivesse o dobro da força daquele homem, não reagiu; quando em alto mar perguntei-lhe por que, com a força que tinha, não matou aquele homem ou ao menos se defendeu, respondeu-me, calmo:

— O milho plantado só vai crescer se Olorum mandar a chuva molhar a terra, ou então, se no lugar de Olorum, nós levarmos um pouco de água na plantação... Da mesma forma, se eu devolver uma agressão, estarei sendo o homem que, ao invés de molhar a terra, pisou nas sementes e não deixou as espigas nascerem; além de passar fome vai ter que replantar tudo e obedecer às leis da vida, que recomendam sempre plantar o que se quer colher.

— Mas, Zangigi — retruquei-lhe: Olorum gosta de covardes?

— Não, não gosta desses tais. Acontece, minha criança, que retribuir o mal com o mal não é valentia, é ignorância. A força de um homem deve ser medida pela sua coragem em pensar nos outros, antes de si mesmo, e nesse caso, eu pensei que se de fato agredisse o capitão, ele mandaria matar pessoas que amo... talvez, para começar, uma criança: você...

Tengegê continuou:

— Esse foi o segundo maior susto que levei na vida, pois ser aprisionado foi e sempre será a primeira e mais terrível lembrança; quando o Zangigi me disse aquilo, captei a grandeza da sua alma: humilhou-se, pensando em nós; o mais extraordinário é que nas noites de tempestade no mar, quando nos convidava a rezar aos orixás para acalmarem as ondas, pedia para eles salvarem nossas almas, caso viéssemos a afundar; contudo, para espanto geral, pedia também para que eles salvassem as almas dos brancos, e em particular, a do capitão.

Nesse ponto do diálogo foram interrompidos por um trabalhador que, esbaforido, veio chamá-los:

— Sinhô Henrique, venha correndo, seu pai o sinhô dom Severo levantou e estava para vir procurá-los, pois chegou um mensageiro do chefe governador lá de longe...

— Do Rio de Janeiro? E meu pai levantou-se? Então está bem?

A tantas perguntas, feitas de atropelo, o ex-escravo não respondeu a nenhuma. Henrique voltou às pressas. Seu pai,

demonstrando estar mesmo relativamente bem, aguardava-o ansioso:

— Temos que partir... Temos que partir... Agora mesmo!

— Mas, meu pai, de quê se trata?

— Sua excelência, o governador, mandou-me uma mensagem secreta. Veja-a você mesmo.

Passando um canudo de papelão para o filho, “dom” Severo explodiu em lágrimas. Destampando o tubo, Henrique retirou a folha de papel e leu:

*"Sua excelência dom Severo:*

*Mui digníssimo Intendente-mor de el-Rei de Portugal:*

*A Virgem abençoe o Rei e a nós também.*

*A mui honrada senhora Antônia Borges do Amaral Cantilhão, sua esposa, com as queridas Carlota e Julialva, gentis senhorinhas, filhas suas, estão em poder de piratas, infames com certeza; acham-se as presas estacionadas sob vigilância em terras d'África, segundo mo disse um recado anônimo, que me chegou às mãos de forma intempestiva. Narro-o a sua Excelência, sem a certeza de serem verdadeiros tais fatos, mas porque o malvado anônimo disse que somente à sua pessoa, aqui nesta cidade do Rio de Janeiro, será dito o local em que estão as mui santas prisioneiras.*

*Com a estima do excelentíssimo senhor Governador.*

*Para as vossas providências.*

*Terras da Governadoria do Rio de Janeiro, ano cristão: 1710".*

Dom Severo, ante tal notícia, como que sarou, de repente.

As crises que amiúde o acometiam haviam enfraquecido suas resistências físicas e morais, predispondo-o a mudanças comportamentais. Tanto que a saudade da esposa e filhas vinha fustigando sua alma. Sua ideia fixa no ouro estava dividida pelo amor à família.

Com grande atropelo de ordens, algumas para recompor a faina duríssima da mineração sob sua administração, em paralelo, organizou uma expedição com destino ao Rio de Janeiro. *Urgentíssima!*

Com forte escolta, de espingardeiros rudes, mas obedientes e leais, amealhou o ouro já catado e só então se deu conta de que havia muito mais do que supunha. As toscas barras de ouro iriam para el-Rei.

Há tempos tendo sido descoberto caminho mais curto entre as minas e a governadoria do Rio de Janeiro, parte do percurso aproveitando rios. Assim, “dom” Severo não demorou mais que três semanas para chegar, logo procurando a autoridade:

— Excelência, senhor governador: que o manto da Virgem proteja el-Rei e também à vossa excelência. Vim ligeiro, pois meu coração está ferido de morte, sem minha mulher e minhas filhas. Diga-me lá, por favor, descobriu quem mandou o recado?

— A mesma bênção retribuo a vossa excelência. Infelizmente, a despeito das diligências que venho determinando nestes anos todos e agora em particular, nada foi apurado. Mas continuam as investigações: mandei mais de quinze indivíduos descobrirem algo sobre o paradeiro de sua família, ou, ao menos, quem são os sequestradores.

— Sou-lhe grato. Vou permanecer alguns dias como seu hóspede, antes de ir ter com Sua Majestade, para entregar-lhe o que lhe é de direito.

O governador não conseguiu disfarçar:

— Dom Severo, quantas arrobas, desta vez?

— Muitas, excelência, muitas... Deixarão el-Rei feliz, por certo.

O governador pigarreou:

— Tivemos despesas por aqui... procurando sua família...

— Quantas despesas, excelência?

— Talvez, algo assim como meia arroba...

— Vou passar às suas contas uma arroba, para que as buscas prossigam. Não registrarei essa indenização, debitando-a a despesas de viagem, pois não? Mas conto com sua energia contra os bandidos.

— Mui generoso, “dom” Severo. Também não a registraremos. Quanto aos malvados, mobilizaremos novos recursos para achá-los.

Tão grande é a vibração mental que energiza negativamente a maioria das fortunas — de que o ouro é o representante mais usual na Terra — que a presença de “dom” Severo ali no Rio de Janeiro, vindo das minas e com tão poderosa escolta, não deixava dúvidas da fortuna que trazia.

Essa dedução, elementar, fizera-a todos os serviços que ajudaram a carregar os pesados baús para o palácio do governador, onde a guarda, reforçada desde que “dom” Severo a deixara, foi triplicada.

Por essa época, coincidindo com a presença de “dom” Severo no Rio de Janeiro, a cidade foi alvo de um ataque de aventureiros franceses, que objetivavam fundar uma “pequena França” naquela região; para tanto, atacaram justamente o palácio do governador, à noite, após um desembarque furtivo no porto carioca; como a guarda estava reforçada, foram rechaçados, impiedosamente, tendo seu chefe sido torturado e morto, sem contemplação.

Enquanto não obtivesse notícias da família, “dom” Severo não partiria para Portugal e assim, passaram-se semanas...

O intendente-mor pressentia que os piratas exigiriam ouro e por isso não seria prudente levar todo para Portugal, pois precisaria de algum, para salvar a família.

Estava já a ponto de explodir, tamanha sua ansiedade e tão forte eram as suspeitas de que jamais veria seus familiares, quando, finalmente, recebeu notícias alentadoras: estando perambulando pelo cais, como vinha fazendo há meses, quase teve uma síncope quando a viu:

— Tu?!

— Sim, excelência, eu mesma...

— Minha mulher, minhas filhas...

— Estão longe... muito longe...

— Diga, mulher: o que queres? Quanto? Quanto?!

— Vosso filho cá esteve tanto tempo, mas só com vossa excelência queríamos acertar as contas. Se não tivésseis vos escondido lá nas minas, já há tempos poderíeis ter recuperado vossa família. Porém, acalmai-vos, homem, precisamos acertar uns detalhes...

— Não me recomendes calma. Mando-te açoitar!

— Ah, é? Pois então, por que não o fazeis já? Sois herói de fancaria. Outra bobagem como essa de me ameaçar e aí mesmo é que jamais as vereis.

— Estou aflito: minha família há tantos anos não a vejo. Nem sei se estão vivas...

Sem possibilidade de detê-las, lágrimas ardentes rolaram pela face do poderoso intendente-mor.

— Chorais? Pois sabeis que eu também, quando vós matastes meu companheiro, naquela noite vil em São Gonçalo. Para vingá-lo, quis roubar-vos ouro na Vila Rica, mas novamente eliminastes amigos meus. Roubar vossa família foi minha última chance de vingança.

— Todos os que morreram eram bandidos... Sequestradores...

— Não sabeis o que é perder familiares: o capitão pirata era meu marido. Narrei vossa traição a muitos piratas e por isso, vossa excelência jamais poderá estar ao mar sem que algum deles esteja querendo matá-lo. Recomendei-lhes apenas que aguardassem minha dor passar, enquanto a vossa aumentava. A hora é chegada...

— Pelo amor da Virgem: onde estão minha mulher e minhas filhas?

— Já falais agora em ajuda dos céus... Pois bem: dai-me duas arrobas de ouro e as terás de volta.

— Duas arrobas? Estás louca!

— Por cada uma das prisioneiras! No total, exijo seis arrobas. Não vos façais de inocente: sabemos ambos que em palácio estão estocadas dezenas, talvez até mais de cem arrobas para seu rei.

Severo calou-se. Ia retrucar, mas na verdade sabia que estavam estocadas cerca de cem arrobas de ouro. Como a mulher sabia disso? Antes de ele perguntar, ela adiantou-se:

— Estais sendo vigiado, de perto. Ao menor sinal de traição, do que sois useiro e vezeiro, as operações de resgate ficam suspensas e talvez mesmo, concluídas...

— O que queres dizer com "concluídas"?

— Que embarcaremos de supetão e vossa mulher com as filhas serão entregues a comerciantes de escravas, que nos pagarão bem por elas, pois lá para os lados da Ásia serão apreciadas...

— Jamais, jamais: farei o que mandares. Mas, por favor, que seja para logo. Já não resisto por muito tempo essa angústia.

— Falais manso, quando estais por baixo. Aviso a vossa excelência: à menor suspeita, nunca mais vereis vossas queridinhas. E não adianta mandardes matar-me: as ordens são para levá-las para a Ásia, caso aconteça-me algo inesperado...

Fazendo pausa, com olhar fortemente fixado no homem, ordenou:

— Em uma semana, ide para Portugal, com vosso comboio de um brigue e dois galeões, e em "passo" lento. Em dois, talvez cinco, quem sabe dez dias, vereis um barco com duas bandeiras, uma vermelha e outra branca, no topo do mastro real. Arrie bote ao mar e ide até esse barco, em pessoa, com dois remadores. Lá receberéis instruções.

Os acontecimentos que envolvem as criaturas, pela Lei Divina de ação e reação, são de duas categorias: os delineados e os reflexivos:

- os primeiros, judiciosamente programados por Espíritos Siderais, preveem fatos marcantes na etapa reencarnatória: tempo de vida física, condições orgânicas adequadas ao roteiro que deva ser seguido, sendo também delineadas as condições sociais, financeiras e profissionais; além dessas, igualmente são programadas as doenças graves, acidentes inesperados e outros fatos expressivos, tais como a constituição de família e pessoas com as quais será longa a convivência, sempre objetivando aparar arestas com tais pessoas;

- já os fatos reflexivos, são gerados pelo livre-arbítrio e abrem-se em infinito leque de possibilidades; alguns, inclusive, alteram substancialmente aos delineados: ora é alguém que se mantém solteiro, apesar da previsão de unir-se a outra pessoa e com ela formar lar com filhos; ora é um casamento desfeito, por ausência de tolerância, ocasionando prejuízos graves à criação dos filhos; ora é alguém que deveria seguir determinada carreira profissional e desiste na última hora, quando tudo já estava arranjado; noutro caso, revoltado com a pobreza, o indivíduo torna-se criminoso e faz fortuna, à custa de crimes; em outra circunstância, abusando de drogas, de vícios, de excessos de toda natureza, ou mesmo da prática de maldades, a pessoa desestrutura seu tônus vital, físico e espiritual, vindo a desencarnar muitos anos antes da programação elaborada a seu benefício por aqueles Benfeitores.

Em todos esses casos, onde não se cumpre o previsto, os fatos não ficam cancelados, como pode parecer: simplesmente ficam adiados, para vidas futuras. Cedo ou tarde, os débitos terão que ser resgatados. Refletimos que foi isso que o Mestre Jesus quis dizer quando nos alertou: "E dali não saireis enquanto não pagardes o último ceitil" (Mateus, 5:26).

Ajuizamos assim que os programas reencarnatórios de cada criatura não se assentam sobre trilhos, mas sim, percorrem trilhas: não há inflexibilidade, ou fatalismo, o que há é sublime dinâmica de merecimento, por atos positivos ou negativos, os quais podem alterar parcialmente citados programas (roteiro existencial), segundo a segundo.

No caso de Severo: suas atividades, desde a opção de buscar fortuna nas terras dalém mar, alteraram profundamente o rol das tarefas que teria que cumprir. Talvez até tivesse mesmo que mudar-se de Portugal para a Colônia, mas jamais tendo a cobiça por bússola infiel.

Assim, estar ali no Rio de Janeiro, presa de forte angústia, não era necessariamente fato inevitável. Inevitável, sim, foi aquela cidade ser surpreendida, naquele momento, por feroz ataque de quase seis mil franceses, sob o comando de um vingativo amigo daquele outro francês que há meses fora morto pelas autoridades lusitanas.

Quando o inimigo, fortemente armado dominou o comando da cidade, o ouro que deveria ser levado para Portugal funcionou como salvo-conduto para serem poupadas vidas e o inimigo retirar-se, dando-se por satisfeito quanto à sua vingança, pois além de cinquenta arrobas de ouro, levava animais de transporte, de montaria e suprimentos para o retorno da armada à França.<sup>(\*)</sup>

---

<sup>(\*)</sup> *Os franceses, de fato, realizaram diversas invasões ao Brasil-Colônia.*

*a) Em 1555 invadiram o Rio de Janeiro e aí fundaram a "França Antártica; aliaram-se aos índios tamoios; em 1567 seriam expulsos;*

*b) Expulsos do Rio de Janeiro, dirigiram-se ao litoral acima de Pernambuco, disso resultando lutas que proporcionaram o povoamento da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará;*

*c) Em 1612, invadiram o Maranhão, fundando a França Equinocial e a povoação de São Luís, em homenagem ao rei Luís XIII; foram expulsos três anos mais tarde;*

*d) Em 1710, voltaram a invadir o Rio de Janeiro, sendo derrotados; seu chefe, um corsário francês, foi preso e assassinado;*

Severo, arditosamente, conseguira esconder as outras cinquenta arrobas — suficientes para o resgate de sua família e “outros gastos eventuais”. Mas, se salvara a cidade, temia ter perdido de vez a família, pois talvez a mulher já houvesse rumado mar adentro e não o encontrando, venderia para mercadores de almas.

Pôs-se a beber. No cais...

Henrique, por mais que tentasse, não conseguiu impedir tão infeliz do pai, a de se entregar ao álcool... O máximo que podia fazer era pagar as bebidas e levar o pai para a hospedagem.

Por alguns dias, o governador, informado por seus auxiliares, recuperava “dom” Severo “daquele ambiente sórdido”, mas com a repetência das bebedeiras, deixava-o entregue ao álcool e à própria sorte. Aliás, de que valia o intendente-mor, bêbado e sem ouro? Pois que ele recusava-se retornar à Vila Rica para buscar mais, dizendo que para lá só voltaria com a mulher e as filhas; recusava-se também a partir para Portugal levando o ouro do espólio que restara do furioso ataque dos franceses.

Numa dessas bebedeiras, num momento em que Henrique foi pagar o consumo de bebidas do pai, desconhecidos sequestraram Severo, que foi levado para os fundos de uma casa e quando despertou ela estava lá!

— Então, homem, destes para beber?

O tratamento agora era despido de quaisquer formalidades.

— Onde estão elas? Mato-te se...

— Ih, outra vez o herói de areia.

Um dos homens deu-lhe tremenda bofetada.

---

e) Em 1711, outro corsário francês, agora com 18 navios e comandando 6.000 homens invadiu o Rio de Janeiro, conquistando-o; poucos meses depois retornou à França, tendo exigido e recebido, como resgate, grande importância em dinheiro, 500 caixas de açúcar e gado para abastecimento da sua esquadra; na travessia, numa tempestade, perderiam dois dos seus melhores navios e 1.200 homens.

— Mato aos dois! — esbravejou, saindo da embriaguez.

— Assim está melhor: estás curado do álcool e agora podemos conversar. Ainda sobrou ouro? Diga logo e não minta!

— O suficiente para resgatar minha família.

— Muito bem, se queres meu conselho, exija da autoridade que lavre uma ata informando do ataque daqueles franceses e dizendo que roubaram todo o ouro de el-Rei. Teu rei ficará contente em saber que estão a caminho cerca de outras cem arrobas de ouro. verificar

— Estás demente: cem arrobas? És hilária, mulher. Mesmo que fosse verdade, como é que tu saberias disso?!

— Não sou nem uma coisa, nem outra: o vento, homem, o vento me trouxe notícias. Enquanto bebias como um gambá, gente minha chegou do sertão, além das minas, e ficamos sabendo que por lá, se já não bastasse a descoberta também de algum ouro, foram achadas grande quantidade das pedrinhas que luzem: diamantes!

Ante o espanto de Severo, complementou:

— E tem mais: sertão adentro, subindo, outras minas de diamante, esmeralda, topázio e turmalina estão enchendo as burras do pessoal: os mesmos paulistas que tu magoaste e que por isso abandonaram a Vila Rica, sentindo-se desprezados pelas autoridades lusitanas: tu!

Mordaz, complementou:

— E el-Rei — teu el-Rei —, nada sabe, por enquanto. Serás um herói, ao chegar com a novidade. Mas repetindo o plano anterior: em uma semana partes tu e partimos nós. Vá em três navios. Em alto mar verás o navio das duas bandeiras que te falei. Vá até ele, de canoa, com dois remadores e serás informado do que fazer.

Fazendo um muxoxo de desprezo, a mulher foi embora.

Trêmulo, Severo chegou ao palácio do governador e, ladino, atiçou-lhe a cobiça:

— Sabeis, excelência, tenho olheiros a meu soldo e são boas as novas vindas das minas. E não só delas...

Antes de tudo, Severo entregou-lhe cinco arrobas de ouro, “para pagar as despesas gerais”.

Ali começaram os tais “gastos eventuais”.

A seguir, narrou a descoberta das pedras preciosas e sem dificuldade recebeu a ata que a autoridade lavrou e sobre a qual apôs o selo oficial. Na ata, constava que o inimigo roubara *todo o ouro, menos as trinta arrobas* que “dom” Severo levava e que já estavam a caminho da Coroa portuguesa.

Severo, assim, reservara para si, quinze arrobas.

Com facilidade convenceu-o da urgência para ir a Portugal levar pessoalmente a novidade a el-Rei e informar o grave ataque francês ao Rio de Janeiro.

Solicitou três navios, foi atendido e em uma semana partiu, levando Henrique.

Por sete longos dias, de expectativa crescente, nada aconteceu. Porém, já iniciando a segunda semana de viagem, o pequeno comboio de Severo avistou o navio que trazia duas bandeiras, uma branca e outra vermelha. Reduzida a velocidade, pelo recolhimento de dois terços das velas, logo se aproximaram, à distância de milha.

Seguindo as instruções, Severo baixou escaler ao mar e com dois remadores, foi ter com a nau. Quando se aproximou à distância de voz, recebeu instruções para chegar junto ao casco e subir a bordo.

A “mulher do cais” esperava-o:

— Vens à caverna dos lobos, hein?

Com efeito, na quilha daquele navio estava escrito seu nome: “Lupus” (do Latim = lobo).

Severo, até então em grande ansiedade, de repente raciocinou que fora muito imprudente em ter vindo assim até ali, sem mais nem menos. Não conseguindo disfarçar a emoção, perguntou:

— Onde estão minha mulher e filhas?

— “Onde estão” as minhas seis arrobas de ouro?

— Primeiro, minha família, depois, o ouro...

— Muito bem: se vais bancar o pilantra, acabou-se a brincadeira; olhe homem, vou falar-te algo e já estou sem paciência contigo: vais trazer-me agora mesmo o combinado e a seguir terás tua família.

— Então elas estão aqui?!

— Não, estão em lugar que só eu sei.

— Sem minha família não posso entregar-te o resgate em ouro.

— Podeis e vais fazê-lo. Não há alternativa para ti. Primeiro o ouro e depois te digo onde as encontrarás, sãs e salvas. E basta de conversa, que tu não és pessoa que me agrada a companhia. Traga o ouro e venha tu mesmo à frente, pois assim não pensarás em traição, já que se tentares, serás o primeiro a morrer.

Na imensidão daquelas águas, Severo deu-se conta de que fora pilhado num terrível redemoinho, como aqueles que as lendas diziam que tragavam navios inteiros.

A mulher fora concisa: não tinha alternativa mesmo.

Retornou à sua nau e mandou a tripulação transferir aqueles pesados caixotes do seu camarote para três botes, que logo rumaram para o “Lupus”.

As tripulações dos navios portugueses, desconfiadas, logo se deram conta de algo “desonesto”. Intuíram que o ouro, que estava sendo naquele momento trasladado para aquele barco solitário, era sintoma evidente de conluio...

Os piratas tinham a promessa de partilha do ouro, feita pela mulher que os comandava.

Já os marujos que tripulavam os navios de Severo, sabendo que havia ouro a bordo, tinham ajustado entre si que, após mais ou menos dez dias de viagem, eliminariam o rico intendente. Não foi difícil convencer a guarda para serem cúmplices. Simulariam

ataque de piratas e voltariam à Colônia, indo porém para o norte. O ouro saqueado seria repartido entre eles, em partes iguais.

Tanto os piratas quanto os portugueses desconheciam que, indelevelmente agregadas a eles, terríveis maldas de Espíritos desencarnados, respectivamente sintonizados com seus maus propósitos, faziam com que cada um daqueles navios estivesse com tripulação quintuplicada, embora sem acréscimo físico de um único miligrama.

Flechas mentais, energizadas de cobiça e ódio, partindo dos navios, entrecruzavam-se no espaço aéreo...

A distância entre os dois navios permanecia a mesma.

As tripulações, tanto as dos três navios portugueses, quanto a do navio pirata — aproximadamente duzentos homens, e apenas uma mulher — sabiam exatamente o que estava acontecendo...

Ali, apenas uma alma, dentre mais de mil, estava em paz, aquela paz própria dos justos: Tengegê.

Dessa forma, naquela perdida área oceânica, centenas e centenas de espíritos, encarnados e desencarnados, em sinistra simbiose de pensamentos cobiçosos, tinham um único pensamento: ouro, ouro, ouro.

Os três botes com o ouro foram aproximando-se do "Lupus"...

## Inexiste “acaso”

**P**erdoem-nos os leitores, mas vamos dizê-lo pela terceira vez: “o homem põe e Deus dispõe”. Mares e oceanos são bênçãos para toda a humanidade, pelas sublimes energias que neles são usinadas, através da incidência dos raios solares. Se isso não bastasse, incide-lhes mais alguma luz à noite, pela suave claridade do grande espelho lunar, que por refração, reparte com a Terra os raios solares que recebe.

É assim que, gota a gota, as águas marinhas, qual se dinamizadas homeopaticamente, são plenas de energias salutares.

Aflorando e permanecendo logo após a superfície das águas, esse incomparável fluxo energético é dirigido para o litoral, viajando a bordo das ondas, que as brisas marinhas impulsionam, sob o influxo das marés e do céu estrelado, potencializando os continentes.

Não nos favorece o conhecimento de grandezas tais, mas exercitando deduções, arriscamos a penhorar aos mares grande parte da vitalidade de todos os seres vivos! De todos os reinos!

Naquela área específica, onde duas facções humanas, opostas quanto aos objetivos, mas similares na ambição pelo ouro, travavam terrível batalha mental, destilando ódio recíproco, ocorreu mesmo inevitável entrechoque fluídico, fruto do altíssimo teor mental negativo.

Há Espíritos dedicados aos fenômenos marinhos, trazendo em si mesmos fantástico potencial estruturador de equilíbrio e domínio sobre o movimento das águas dos oceanos, de que as

citadas correntes marinhas são resultado. Por elas, organizam-se os climas terrestres.

Tais benfeitores do planeta Terra, anônimos e ainda transitando em faixas evolutivas densas, conquanto de grande apuro técnico quanto às suas tarefas, são contudo voltados para o fiel cumprimento do dever assumido junto a instrutores celestiais que os supervisionam. São rígidos e disciplinados. E fortes.

Ali, ante tal desorganização de procedimentos e pensamentos, gerando condensação espiritual deletéria, formou-se uma nuvem astral gosmenta, que aos poucos foi envolvendo o espaço circunscrito pelas naus.

O ódio que Severo e a "mulher do cais" dardejavam, um em direção ao outro, funcionou como estopim aceso da "bomba fluídica" que ambos vivificaram, sob competente assessoria das suas tripulações. E de centenas de Espíritos afinados ou com um, ou com outro grupo.

Severo, por ver o ouro escapar-lhe, com ele indo meses de trabalho insano, além do risco de perder seu cargo e até mesmo de ser tido à conta de traidor da Pátria. E, nem tinha certeza de que a família ainda estava viva. Sentia-se inexoravelmente massacrado por aquela mulher horrorosa.

Ela, a mulher, ao ver os botes se aproximarem, regozijava-se duplamente: consumava sua vingança e ficava rica!

Benfeitores espirituais bem que tentaram por várias vezes modificar a tela mental daquelas almas em litígio pelo ouro, ambição edificando neles barreira intransponível ao bem, a bons conselhos. É sabido que os protetores do Plano Maior tentam incansavelmente ajudar aos Espíritos desvairados, encarnados ou desencarnados, mas sendo repelidos incessantemente, afastam-se em oração a Deus. Não vão embora. Permanecem de prontidão para a ajuda, ao menor sinal de que o bom senso, o sentimento do perdão e da paz tenha por fim se instalado nos corações endurecidos.

Não podia mesmo suceder outra coisa: invisível àquelas pessoas, subitamente os ventos “descontrolaram-se” e sem que desse tempo dos botes chegarem ao “Lupus”, as ondas, enfurecidas, transformaram-se em terrível ameaça, quais aríetes trombando os frágeis botes.

O desespero da mulher pela provável perda do ouro — ela em relativa segurança no “Lupus” —, só era menor do que o pavor de “dom” Severo e dos remadores dos três botes, ante a morte iminente.

Velas, as poucas içadas, dos quatro navios, mal tiveram tempo de serem arriadas, sendo que algumas viraram trapos, em segundos.

Acrescentando pavor, a ventania zunia diferente...

A única possibilidade dos tripulantes dos botes serem salvos era chegarem até o “Lupus”, perto e ao mesmo tempo tão distante...

Os botes não resistiram: sob o tumulto das ondas, viraram.

Pela segunda vez a “mulher do cais” via o mar acolher, nas suas profundezas, a tão desejada fortuna, que também por duas vezes, chegava-lhe a poucos metros das mãos e se esvaía, como o relâmpago que foge do céu e mergulha no espaço infinito, sumindo na amplidão da noite escura, ninguém sabendo onde vai parar...

Dizem as tradições folclóricas e até algumas religiosas, recheadas todas de crendices e de contrassenso, que o “*inferno*” é todo ele feito de uma chama só, onde o fogo, perpétuo, se queima, não destrói, isto é, qualquer que seja o combustível, também o é de duração infinita, imortal, pois. Hoje, definitivamente, o Espiritismo desfez tal alegoria.

Mas ali, em meio às águas revoltas, em vogas formidáveis, o vento sibilava furioso, mil vezes mais apavorante do que qualquer outro quadro que se possa imaginariamente pintar de algum lugar onde a “justiça dos céus” esteja a punir as almas dos pecadores.

Vimos, também, como se formou a tempestade: nada de sobrenatural no fenômeno, apenas desconhecimento da causa.

Evitável, pois...

Agravante do cenário de horror, raios eneguedores saíam de dentro das nuvens e mergulhavam no abismo das águas profundas.

Nuvens, mães dos raios, paradoxalmente escuras como nunca se viu, iam baixando, baixando, qual gigantesca prensa celeste, em vias de esmagar o que estivesse abaixo delas e sobre as águas...

Dir-se-ia que o mar entrara em guerra com o céu, usando nesse insólito combate o turbilhão das águas como armas, contra o inimigo que, também usando água como arma, fez desabar chuva torrencial, além de raios e trovões. Pavor inaudito assomou aos marujos, os quais, pelo influxo mental de desrespeito pleno ao bem, haviam catalisado aquilo tudo.

Fato inacreditável: a força dos ventos, soprando em direções opostas, provocou descontrole das ondas, fazendo com que os quatro navios se aproximassem, com risco de colisão!

Tudo indicava que a morte ceifaria todas aquelas vidas humanas.

Vendo todas as esperanças da sua vida ser tragadas pelo mar, que qual monstro faminto devorava as pesadas caixas com o "seu" ouro, a mulher, em total desvario, precipitou-se naquele inferno de águas em fúria. Invisível a olhos humanos, agarrado a ela, mergulhou também o espírito do seu marido, o capitão do navio pirata afundado em São Gonçalo. Aliás, o tresloucado gesto da mulher, resultou da forte influência mental que o ex-pirata transmitia àquela que fora sua companhia e hoje era perfeita antena receptora, sintonizada na mesma frequência mental.

Em gestos selvagens, como que duelando com o mar e com o céu em fúria, conseguiu aproximar-se de um dos botes, no instante em que este emborcou. Em absoluto descontrole, tentou agarrar o caixote com as barras de ouro, mas não teve forças

sequer para deslocá-lo, quanto mais apará-lo, pois uma onda mais forte, logo o arremessou a vários metros, levando-o para o fundo e para o sono infinito.

Só então a mulher deu-se conta que a morte se avizinhara.

“Tarde demais”, pensou, “que loucura, a minha, vou morrer...”.

Nesse instante supremo, algo jamais suspeitado ocorreu-lhe: como se fosse mera assistente, sozinha numa sala de espetáculos, viu desenrolarem-se todos os acontecimentos da sua vida, desde tenra idade. Sentiu o calor do seio materno alimentando-a e mais que isso, aquecendo-a com transbordantes gestos de carinho e amor.

Revendo-se jovem, penitenciou-se por ter optado pelos descaminhos que se lhe desfilaram todos, desde que se conluiara com o capitão pirata, daí resultando a vida criminososa que estava prestes a findar-se.

Prodígio dos prodígios, das profundezas da sua alma, mais oculto que o próprio fundo do mar, emergiu o arrependimento sincero! Por uma fração infinitesimal de tempo, imaginou-se qual aquele oceano, que revoltado na superfície, tinha ouro repousando sereno em leito acolhedor e imperturbável.

Refletiu: “por minha culpa, todos vão morrer...”.

A última cena que reviu, do roteiro integral da sua vida, foi a da mãezinha, alquebrada pela tristeza de ver a filha naquela rota infeliz:

— *“Filha da minha alma, sei que não mais nos veremos nesta vida, pois estou de partida... eu abençoo você, em nome de Deus. De onde estiver, se o Pai permitir e eu puder, virei ajudá-la, se precisar”*.

Pensou na mãe e orou: *“Perdão, meu Deus, perdão minha mãe”*.

E chorou...

Lágrimas de arrependimento têm tanta força quanto as altas ondas...

— De quantas gotas é feito o mar? Simplesmente, incontáveis.

Pois as lágrimas (poucas gotas) da mulher, contendo um imenso potencial energético de Amor, ali representado no arrependimento pelos atos que acabaram por carrear a morte iminente para tantos homens, além da vontade de tudo recomeçar, de reconstruir sua vida, tiveram o condão de chegar até os tarefeiros espirituais das forças da natureza, nas duas pontas do seu escalão: sensibilizando os coordenadores (Espíritos elevados) e comovendo os coordenados (Espíritos agentes).

— Quanto tempo tinha se passado?

Nem dez segundos... E, no entanto, se poderá dizer que aquela mulher, nesse espaço, vivera outra vida.

O Espírito que a obsidiava, pela enganosa associação que os unira, fruto da amizade oriunda de motivações comuns, igualmente eletrizou-se com aqueles fatos da vida da ex-esposa, que lhe foi dado ver na tela mental, por Protetores que se acercaram deles.

Se motivações similares negativas formam clima corporativista, mais forte ainda será quando nas uniões a tônica é o Amor. Tanto assim que o sofrido ex-pirata, *saltimbanco* de algumas vidas de equívocos morais, foi tocado também de arrependimento. E com ele, tocados do mesmo efeito positivo foram as dezenas, talvez centenas de Espíritos, que há tempos, vinham excursionando em sintonia mental paralela às das tripulações dos quatro navios.

Probante que não há força superior ao Amor aconteceu algo mais espetacular ainda do que a colossal demonstração da natureza.

Na expedição estava Tengegê, que Severo trouxera consigo, intuído que fora pelo Espírito Marcília, sua avó, para a eventualidade de agir como guia e intérprete nas terras da África. Pois Zangigi não dissera que a família estava "longe... bem

longe...”? Além disso, Severo raciocinara que se “a mulher do cais” marcara um encontro em alto mar, na rota da África, era lá que sua família estava aprisionada. Aliás, no Rio de Janeiro, “aquela mulher horrorosa” também dissera a ele, várias vezes, que a família estava “longe... muito longe... nas terras d’África”.

Então sua dedução era verdadeira! Na África!

O jovem ioruba, alma em franco progresso moral, pois em todos os verdes anos da existência nunca executara uma única traição ou vingança, nem sequer guardara ódio de quem quer que fosse — e muitos foram os motivos para que sucumbisse ao rancor —, vendo, do navio em que estava, o sinhô Severo ser tragado pelo mar raivoso, teve um gesto reflexivo: atirou-se às águas, para salvá-lo.

Quando Henrique também ia socorrer seu pai foi atingido e lançado ao mar por um mastro que se quebrou.

Os marujos e os guardas dos três navios lusitanos que testemunhavam aquela descomunal tempestade, jamais vista igual por nenhum deles, intuíram que a breve tempo todos estariam aniquilados por ela. Mal puderam crer no que viam: o jovem negro, destemido, com seu gesto desafiou, a um só tempo, o mar revoltado, os ventos uivantes e os raios que literalmente pipocavam naquele embate de forças impetuosas.

Na alma daquele moço, que nunca experimentara a sensação de ser respeitado, ou que nunca fora alvo de uma única demonstração de amizade de um branco, exclusive a de Henrique, só havia um sentimento: aquele homem que detinha o poder de vida e de morte sobre ele e seus companheiros de infortúnio, não resistiria à tormenta.

Tantos e tantos anos sob suas implacáveis ordens, auxiliando-o a realizar seu plano de vida, que era levar ouro para el-Rei e ao mesmo tempo enriquecer, vincularam aquelas duas almas:

- uma, o senhor dos escravos, administrando-lhes o presente, o que compreendia um futuro só de trabalhos forçados, até o final de suas existências;

- a outra, o escravo, que por razões desconhecidas, fora o "eleito dos orixás" para descobrir onde havia o ouro destinado a impulsionar o progresso "do mundo"; progresso que se realiza de forma inexorável, a despeito de que, como acontece com o ser humano, ante as benesses divinas, de início quase sempre é deturpado pela ambição.

As braçadas vigorosas do jovem Tengegê não surtiriam o menor efeito ante a agitação das ondas. Contudo, sua força advinha do sentimento nobre de um ser que arrisca, ou melhor, que praticamente doa sua vida, na tentativa de salvar a do próximo, em instante de altíssimo risco. Tal a força do Amor!

Ninguém viu, mas vindo do muito alto, um feixe luminoso incidiu sobre o valoroso Tengegê, envolvendo-o como se ele fosse uma abelha a beijar uma rosa sob ventania, sendo de repente abraçado e protegido pelas pétalas. Misteriosas e insondáveis, as forças da natureza, ali em aparente descontrole, como que se organizaram e formaram uma pequena e breve corrente marinha que levou o jovem para perto de "dom" Severo, este, afogando-se. Tengegê alcançou-o e com forças redobradas, oriundas do elevado sentimento que o motivava, conseguiu fazê-lo manter a cabeça fora d'água, em repetidos lances, possibilitando-o recuperar a respiração, a pouco fadada a se perder, de vez.

Severo já estava semidesmaiado.

Um bote emborcado, que uma onde trouxe para perto deles, serviu-lhes de porto flutuante, em meio à tempestade que prosseguia, invencível, aterrorizante.

O "Lupus", navio clandestino e sem qualquer manutenção, começou a dar demonstrações que submergiria, pois a calefação, antiga, não resistiu aos impactos das ondas. Logo começou a fazer água. Seus tripulantes, petrificados de medo ante a

violência dos fenômenos naturais, perceberam que seriam infrutíferos quaisquer esforços de esvaziar a água que adentrava pelo convés, vindo não só do mar, mas do céu também...

O velho barco, minutos após, começou a adernar.

Tanto ficar nele como jogar-se ao mar, o resultado seria um só: a morte. Quase todos os tripulantes atiraram-se às águas revoltas. Dentre os poucos que ficaram no navio prestes a afundar, dois piratas, que jamais em toda a sua vida de crimes nunca pronunciaram uma única palavra dirigida a Deus, naquele momento dramático, sentiram descobrir-lhes no peito a Chama Divina da sua criação. Ante os gritos e gestos desesperados dos companheiros atirando-se ao mar, e a imobilidade diante do pavor, de outros, um deles, de joelhos e em lágrimas ardentes, bradou:

— *Dieu, mon Dieu: sauvez-nous!* (Deus, meu Deus: salvai-nos!).

Logo, o outro marujo fez-lhe coro de fé:

— *Jesus, mío Jesuzito, tiene piedad de éste pecador!* (Jesus, meu "Jesuzinho": tende piedade deste pecador!).

Em segundos, o mar demitiu o "Lupus" da sua criminosa carreira.

Devido à perturbação das águas, foi de pequena proporção o terrível "efeito sucção" que se segue ao afundamento de navios.

A "mulher do cais", afogando-se, derramou mais lágrimas ao ver o "Lupus" submergir, como indefesa presa ante um predador. Voltou a se dirigir a Deus, em pensamento: "*meu Deus, meu Pai: sou a culpada de tudo, não deixe os homens morrerem*".

Tengegê, agarrado à borda do bote, que conseguira desvirar, mantinha Severo firmemente seguro, pelo pulso. Severo, atordoado, testemunhou o mergulho fatal do "Lupus". Antes, vira o lance desesperado da "mulher do cais", jogando-se ao mar. Inúteis suas tentativas de vê-la em meio aquele vendaval. Reuniu forças e gritou para Tengegê:

— Por Jesus: a mulher não pode morrer: ela atirou-se às águas e se ela morrer é a única que sabe onde está minha família.

Tengegê exclamou:

— Olhe ela ali, está...

Não concluiu a frase: mergulhou em direção à mulher, salvando-a, pois conseguiu trazê-la para o bote no qual Severo estava agarrado.

Sabendo-se ambos prestes a morrer, amoleceu-lhes o coração.

Severo deu-lhe a mão, auxiliando-a. Olharam-se com tanta emoção, que se diria serem amigos reencontrando-se depois de longa separação. Com respeito e dignidade, mas com um pacificador carinho, Severo passou a mão na cabeça da "horrorosa mulher do cais", que naquele momento era "uma filha de Deus", milagrosamente salva, e por quem passou a sentir um puro sentimento de fraternidade.

Os protetores invisíveis abençoaram a força divina do Amor, ali, naquele turbilhão apavorador, selando o primeiro segundo de fraternidade mútua de dois inimigos. E puderam energizar a ambos.

Também invisível a todos, o ex-capitão pirata, que se debatia, como que colado à mulher, sentindo-se afogar pela segunda vez, ao ouvir os clamores de Severo, foi tomado de surpresa maior do que o pavor que o dominava, se isso fosse possível. Ouvindo a palavra "Jesus" e no contexto, como salvação para sua ex-companheira, tocou-se de um sentimento há muito e muito tempo adormecido: amizade. No mesmo instante, sentiu por Severo o oposto do que até então sentira. E isso lhe trouxe outra surpresa: viu-se amparado por três jovens que de forma inacreditável, levantaram-no no ar, ficando a pequena distância da superfície das águas.

— Somos amigos — disse um deles.

— Jesus nos mandou — complementou o outro.

— Olhe à mulher que você ama — sugeriu o terceiro.

Olhando-a, viu-a sendo socorrida por Severo. Adormeceu.

Tengegê, captando a magia do momento, olhou para o céu e para espanto de Severo e da mulher, conversou com as nuvens, com os raios e com os trovões:

*— Sei que em cada um de vocês está um orixá, zangado com nós todos, que estamos desrespeitando a terra e o ouro, seu filho, e o que é pior, junto das águas do mar... Mas, em nome de Olorum, peço a vocês uma oportunidade para que todos sejamos perdoados.*

Raramente, no mundo todo, uma prece tão humilde tenha a emoldurá-la tanta fé. E como todas as preces sinceras são atendidas, as dos marujos, a da “mulher do cais” e mais que todas, a do jovem e anônimo herói, juntas, alcançaram esferas espirituais elevadas.

Às águas se acalmaram, as nuvens como que por encanto começaram a se dissipar e a ir embora, levando com elas os raios e trovões, cujo ribombar noticiava que ainda estavam vivos, mas distanciando-se.

Só um navio restou da pequena frota de Severo, de três.

Os dois navios lusitanos que afundaram, levaram com eles quase a totalidade dos homens que os tripulavam — marujos e guardas. Assim, além da tripulação do “Estrela da Manhã”, de quarenta marujos cerca de quinze guardas, salvaram-se Tengegê, Severo, a mulher, dez náufragos portugueses dos dois galeões afundados e os dois marujos piratas. Ao todo, cerca de cento e cinquenta homens perderam a vida, conquanto, pelas luzes espíritas, na verdade ganharam quitação de recônditos e expressivos débitos.

Ao serem trazidos os náufragos para o convés, Severo, dentre todos, era o que mais estava abalado, mal podendo sustentar-se de pé gemeu:

— Meu filho? Salvou-se?...

— Sim — respondeu-lhe um dos tripulantes, informando que caiu no mar, mas se agarrara a um mastro que quebrara.

Os demais, modo geral, estavam em estado de choque.

Naquele convés salvador, ninguém era inimigo de ninguém.

Alguns homens estavam feridos, gravemente.

Não havia comandante nem comandados.

Os que podiam, seguravam a amurada e olhavam para a amplidão oceânica, desacreditando que instantes atrás, haviam presenciado a maior tempestade já vista no mar. Na alma de todos havia uma certeza: forças invisíveis os espreitavam...

Os dois piratas, por medo e arrependimento, decidiram que jamais voltariam àquela vida de saques e crimes, às vezes, hediondos.

Num gesto instintivo, um marujo ajoelhou-se. Mãos unidas, erguidas aos céus, começou a orar em voz trêmula, mas plena de gratidão:

— *Pai Nosso que estais no Céu...*

Um a um, inclusive alguns feridos, foram ajoelhando-se também e repetindo as palavras da oração sugerida por Jesus.

Em meio às frases do "Pai Nosso", proferidas em Português, ouvia-se também as correspondentes em Francês e em Espanhol, pois os dois auxiliares da mulher eram dessas respectivas nacionalidades.

A força dessa oração transcende línguas, e assim, o que lhes ia na alma, transitava da Terra ao Céu, sob embalagem da Fé.

Terminada a oração, presas ainda de espanto, os sobreviventes viram a mulher aproximar-se de "dom" Severo, visivelmente em estado de choque. Em gestos quase maternos, alisou-lhe a fronte, dizendo:

— Perdão, criatura de Deus, perdão!

Tengegê chegou perto e começou a massagear o peito do patrão, que se deitou, com pequena convulsão. O jovem virou-o de bruços e ficando de pé sobre ele, com as pernas entreabertas, agarrou-o pela cintura e ergueu-o com firmeza, de um golpe. No

mesmo instante Severo regurgitou, causando espanto a quantidade de água do mar que estava dentro dele...

Aos poucos, recuperou-se. Viu a mulher, que lhe sorria, fraternal.

Tocado de grande emoção, sem dizer palavra, estendeu-lhe a mão, repetindo a forma carinhosa pela qual fora chamado por ela:

— Criatura de Deus, criatura de Deus...

Começou a chorar, em pranto incoercível. Todos aqueles rudes homens do mar, tocados de emoção, choravam também.

A mulher, lacrimosa, acolheu-lhe a frente junto ao regaço e voltou a acarinhá-lo, fraternal, sem qualquer outra conotação.

Severo conseguiu propor:

— Vamos nos perdoar, um ao outro... E que Deus nos perdoe, a todos!

Deram-se as mãos num gesto de confraternização.

Demonstrativo fiel da força do perdão, todos os demais homens a bordo daquela embarcação, sem dizer palavra uns aos outros, deram-se também as mãos. Magnífica cena!

Depois, Severo veio até Tengegê e beijou-lhe a mão.

A mulher fez o mesmo.

Os marujos, todos, fizeram um círculo sobre o único negro a bordo e bradaram, a uma só voz, o grito de saudação dos homens do mar, após as tempestades:

— *Odin! Thor!* — acrescentando: Tengegê!

Citar o nome do africano junto aos dos deuses — pai e filho — que na mitologia escandinava eram, o primeiro, o deus supremo e o segundo, o deus das tempestades, raios e trovões, foi a maior homenagem que jamais um escravo africano recebeu. Não tanto pela possibilidade de ser equiparado a um deus mitológico, mas sim, pela sinceridade daqueles homens brutos, no primeiro minuto da sua conversão moral.

Severo ia implorar algo à mulher, mas ela intuiu o que ele queria:

— Não sei onde elas estão, confesso-te de coração!

— Santo Deus! Estão perdidas para sempre?

— Não e não: há quem sabe onde estão...

— Pela Virgem: quem?

— Aquele que quase te foi genro e que esteve conosco alguns meses... Ficamos amigos... Quase se tornou um dos nossos...

— Quintino? Não pode ser! Mas, por que seria ele?!

— Por algum tempo ficou estacionado numa região da África, aguardando que os chefes nativos trouxessem escravos para meu companheiro levar à Colônia, onde renderiam bom dinheiro. Quando dei ordens de sequestrar tua mulher e tuas filhas, determinei à tripulação que as levassem para esse tal lugar. Agora o mar levou meus tripulantes que sabiam onde era esse ponto do imenso litoral africano...

Em lágrimas sinceras, balbuciou:

— Eu, na verdade, nunca estive lá...

Severo avaliou a situação: estava ainda muito longe da costa africana e os gêneros e a água a bordo com certeza não seriam suficientes para a tripulação, agora sensivelmente aumentada, pelos náufragos. Assim, prosseguir viagem para o continente negro seria arriscado.

Outro problema: temendo ser assaltado em alto mar, dividira o ouro para el-Rei nos dois navios que afundaram. Dessa forma, como chegar a Portugal "de mãos vazias"? Seu ouro, bem escondido lá, esse era só seu. Melhor retornar à Colônia...

Mas o principal motivo que o levou a essa decisão foi a dedução de que só Quintino, em todo o mundo, poderia indicar onde sua família estava sequestrada. Preso, só poderia ser solto por graça de el-Rei. Desde que el-Rei estivesse feliz, isto é, recebesse bastante ouro. Aí, qualquer favor real que pedisse obteria deferimento.

Abaladíssimo com a lembrança viva da tempestade e ao mesmo tempo feliz pela confraternização geral da qual participara, recolheu-se para descansar.

Deitou-se e começou a refletir que, há poucos instantes estivera frente a frente com a morte: “minha vida poderia terminar, num segundo e de que vale todo o ouro que acumulei, se ele não pode livrar-me de desastres como esse que me alcançou?”.

Compenetrou-se, com sinceridade, de como todos os seus esforços para amealhar ouro, num segundo, poderiam se diluir.

Amargou uma certeza, que lhe invadiu a alma: “ouro, ouro, ouro... só venho pensando em fortuna, há doze anos... Deixei família, bajulei a realeza, oprimi e supliciei escravos, justicei com morte piratas e contraventores e ladrões, mandei pessoas para a cadeia, expropriei donos legítimos de minas, legislei com prepotência, desrespeitei um lar... Meu Deus! Qual será meu castigo? As chamas eternas?...”.

Remorso profundo visitou-o.

Nesse estado de espírito, extremamente sensibilizado, não só pelo intenso perigo da tempestade marinha, lembrou-se dos conselhos de Zangigi, relativos à outra tempestade — à da alma —, maior esta que aquela...

“Não era exatamente isso que agora sentia? Não estava com a alma em meio a outra tempestade, moral, ardendo de tanto arrependimento?”.

Orou o “Pai Nosso”, em intenção das almas que prejudicara...

Com os olhos cerrados, no suave torpor que antecede ao sono, viu surgir à sua frente, sorridente e envolto em luz, o “velho” Zangigi.

Dialogaram mentalmente:

— Zangigi: que bom que você veio me visitar nessa hora!

— Oh, sinhô: sua prece me trouxe. Vim com muito gosto, pois estou sabendo das “pesadas” dificuldades que o afligem...

— Sei do que você fala: do peso do ouro! É mesmo um peso... Meus pecados, somados, pesam mais que ele. Agora estou com a alma no meio da maior tempestade: o remorso pelo mal que venho causando a tantos! Não tenho mais forças para carregar meus erros...

— Antes que o mar ou a terra guardem o seu ouro que sobrou, por que o sinhô não se alivia plantando ele no céu?

— ?!

— Pois é, sinhô, se o ouro servir para ajudar quem precisa, ele fica tão leve que parece uma pena de passarinho novo solta no ar, que o vento faz subir e se esconder nas nuvens. Lá, no céu, vai se transformar em árvore de bons frutos.

— Mas, Zangigi, venho pecando muito...

— O Pai Grande vê tudo! Quando o pecador se arrepende de coração dos seus erros e socorre quem está desamparado, Ele abençoa esse benfeitor e na mesma hora dá-lhe forças para carregar as dolorosas consequências dos maus atos. E o próprio pecador, que segundo o tribunal íntimo da alma sabe que causou dores físicas ou morais em suas vítimas, busca reconstruir o que destruiu. Começa pelo remorso e por pedir-lhes perdão, mas é indispensável auxiliá-los no que puder. E sobretudo, não voltando a cometer os mesmos equívocos.

— No meu caso, quando isso vai acontecer?

— Já começou, meu sinhô! Com o seu arrependimento sincero.

— Não estou entendendo...

— Sinhô, sinhô, só de reconhecer seus erros, já está consertando os estragos produzidos e mais importante que tudo, já está abrindo a prisão em que estava sua alma, cujas grades são de ouro.

— Mas como é que poderei consertar tanta coisa errada que fiz?

— Quando, a partir de agora e após algumas vidas futuras, sua alma olhar para trás e ver que arrumou as coisas que

desarranjou e que ninguém tem nada contra si, principalmente aqueles que judiou...

— Vidas futuras: será que vou viver mesmo de novo? Quantas vezes? E como escravo?...

— Que o sinhô e todo mundo vive muitas vidas, não se pode duvidar, sob pena de não aceitar a Justiça de Olorum. Quanto a ser escravo, é possível. Por exemplo: se o sinhô, depois que morrer, aceitar com humildade vestir a pele de escravo, já vai aliviar muitas culpas; depois de outra morte, se for homem do campo, continuando humilde, outra porção de pecados desaparecerá. E assim por diante...

— Mas, como é que nascendo escravo ou agricultor os pecados desaparecem?!

— É que a pobreza, a ingratidão e dores físicas e morais serão suas companhias, professoras e testemunhas, ajudando o sinhô a expiar pecados, mas também a provar sua fé na Justiça do Pai Grande. E isso não é castigo, que Olorum não é de castigar, nem de dar prêmios. O que Ele faz é dar tantas oportunidades às criaturas quantas elas necessitem para progredir. Isso para fazer com que a balança que está na consciência de cada um, com os pratos do bem e do mal, cedo ou tarde, venha a pender só para o primeiro. Mas, para isso, nessas horas, nada de revolta, nada de xingamentos, só paciência com os "sinhô" e perdão para aqueles que o maltrataram, além de ser caridoso com quem chegar perto, nos caminhos dessas vidas...

Severo, imaginando-se escravo e lavrador, ainda ia perguntar mais alguma coisa, mas despertou do sono breve.

Tão nítido fora o encontro com Zangigi que o diálogo com ele, naquele cochilo, bailava-lhe por inteiro na memória.

Decidiu, ali mesmo, com firmeza inaudita: todo o seu ouro, que estava guardado em local secreto e seguro, juntamente com o que amalhara e escondera na Colônia seria aplicado em

atividades que pudessem beneficiar pessoas pobres, de preferência *escravos africanos* e humildes *lavradores*...

Ainda pensando na força das águas, dos ventos, dos raios e dos trovões, veio até o convés, contemplou as águas onduladas e os milhares de estrelas que enfeitavam a noite e fez um voto: “no mar me salvei de duas tempestades, por isso, que ele seja testemunha, para sempre, da minha decisão”.

Julgava-se solitário, naquela paisagem...

Intrigado, não soube explicar como é que *tivera a impressão* de ter ouvido um coral, cantando distante...

Retornando ao Rio de Janeiro, organizou expedição à Vila Rica.

Caminhando em ritmo acelerado, chegou em dezoito dias.

Após duas semanas, tinha ajuntado grande quantidade de ouro.

Na alma, certeza indelével: aquela era a última vez!

Reuniu todos os companheiros de Tengegê, liberando-os para exporem publicamente a tão sonhada e há tempos concedida carta de alforria. Igualmente, alforriou agora muitos outros escravos que vinham prestando bons serviços nas minas.

Selecionou guardas de confiança para o retorno ao Rio de Janeiro. Antes, convocou Tengegê e participou-lhe que levaria para a África todos aqueles que quisessem. Para sua surpresa, mais de vinte ex-escravos, agora alforriados e adaptados aos afazeres da mineração, pediram para ficar. Tengegê quis voltar.

Quando se despediu da Vila Rica, lá nomeando um substituto, conhecido de el-Rei, Severo sentiu, dentro do peito, um gosto de adeus. Chegando ao Rio de Janeiro, reagrupou os ex-companheiros de Tengegê que tinham ficado em labores domésticos, sendo que também muitos deles pediram para permanecer na Colônia.

Os guardas que selecionara dariam segurança à viagem e ao ouro que levava para a corte, além do que cada escravo conseguira amealhar.

Preparava-se para zarpar rumo a Portugal quando um menino entregou-lhe um bilhete:

*"Estou indo para o sul da Colônia, com alguns amigos, criar e vender animais de tropa. Deixei para sempre "aquela vida" no mar, que só problemas me trouxe. De bom, daquele tempo, só guardei, bem guardada no coração, a tua amizade. Espero que encontres tua família, com saúde e em paz. No que me restar de vida, espero agir de forma a ser perdoada por Deus. É o mínimo, diante do teu próprio perdão.*

*A mulher do cais".*

Olhou demoradamente à sua volta e não a viu. Depois ficou fitando o bilhete, também por longo tempo. Em gesto suave, colocou a folha de papel na água e pensou: "que o mar seja testemunha do arrependimento dela... e do meu perdão".

Na viagem, dias e dias pensou naquela mulher estranha.

Sequer sabia-lhe o nome, mas sentia-a alma amiga.

Tengegê e Henrique, amigos inseparáveis, conversavam o tempo todo, fazendo planos futuros de como não deixar morrer sua amizade.

Absorto em reflexões, Severo alegrou-se ao ouvir os negros começarem a cantar: a África estava à vista!

Todos no convés, uma mulher, com três filhos, chorando copiosamente, aproximou-se de "dom" Severo e beijou-lhe a mão. As demais, em lágrimas silenciosas, seguiram-lhe o exemplo.

As lágrimas eram de felicidade, pela reconquista do bem supremo da vida: a liberdade! Os homens, todos, humildes, também beijaram aquela mão branca que um dia fora-lhes cruel. Hoje, abençoavam-na.

Ancoraram a distância relativa da praia e aos poucos, os africanos desembarcaram, sendo levados pelos botes. O local era relativamente próximo àquele no qual a maioria deles tinha sido aprisionada.

— Meus amigos não são desta região, mas não terão dificuldade em encontrá-la. Até porque, lá, o mar é perigoso...

Era Tengegê. Apenas ele permaneceu a bordo.

Severo olhou-o profundamente, inquirindo só com o olhar:

“E tu: não vais?”.

Também com os olhos Tengegê respondeu:

“Não”.

Com os companheiros acenando-lhe, o jovem, na popa, cada vez via sua África querida distanciar-se.

— Por que não arriaste, com os outros? — perguntou-lhe Severo, agora de viva voz.

— O senhor vai precisar de mim para encontrar sua família...

— Como sabes?

— Quando chegarmos à sua terra o senhor verá.

Chegando mesmo em Portugal e fazendo entrega de tanto ouro, não foi difícil a Severo que el-Rei lhe concedesse graça e deferimento ao pedido de indulto de Quintino e do pai, presos há seis anos.

Indo pessoalmente providenciar a soltura, com o édito real à mão, “dom” Severo foi conduzido à cela “solitária”, onde Quintino estava encerrado. Custou a reconhecê-lo: barba e cabeleira hirsutas, mais parecia um animal enraivecido. Os guardas advertiram:

— Cuidado, excelência, pois o rapaz tornou-se agressivo.

— Mas, por quê? Desde quando? O que fizeram com ele?

— Ao chegar aqui quis bancar o nobre, mas depois de algumas semanas, começou a esbravejar e tornar-se violento. Aí, só restou-nos confiná-lo em solitária.

— Há quanto tempo vive assim como bicho?

— Praticamente, desde que cá chegou. Tem uns estranhos acessos, falando sozinho, em voz alta.

— E o que diz, nessas horas?

— Conversa com cinco escravos invisíveis, prometendo a três deles que vai matar o responsável pela morte deles, pois os outros dois já perdoaram; outras vezes, diz a um amigo invisível que cedo ou tarde iria recuperar o ouro que foi para o fundo do mar... Outras vezes, é esse amigo invisível que fala por ele, pois manda ele matar o amigo de el-Rei. Há algumas semanas acalmou-se e não mais teve essas crises.

Um dos guardas, cauteloso diante da autoridade, justificou:

— Só não foi para as fogueiras santas porque, numa dessas crises, deu um remédio para o comandante desta prisão, que estava muito doente e sarou. Depois, disse que foi uma alma que o ensinou a fazer aquele remédio, de raízes, folhas e flores. Aí, o prisioneiro foi obrigado a beijar a Bíblia, o que fez de gosto, ganhando-a de presente... Até hoje não para de estudá-la...

Severo mal podia acreditar no que ouvira.

Sabia do que se tratava. Determinou, enérgico:

— Abram!

— Excelência... ele é perigoso!

— Abram!

Quando os guardas, ressabiados, abriram aquela porta que há anos não se mexia, os trincos rangeram sinistros. Quintino correu para um canto e ficou de cócoras, olhar esgazeado.

Severo, homem destemido, aproximou-se:

— Sou teu amigo. Vim libertar-te.

Ante o silêncio do prisioneiro, determinou aos guardas:

— Deixem-me a sós com ele.

Os guardas saíram, mas ficaram por perto, de plantão, certos de que o prisioneiro atacaria furiosamente o importante amigo de el-Rei.

No chão, só uns trapos sujos e malcheirosos, sobre os quais Quintino dormia. Severo vinha vivendo fortes emoções,

encadeadas umas às outras. Lembrou-se de como era bonito e saudável o agora *farrapo humano* que estava à sua frente. Por culpa sua...

Tocado de sincero arrependimento, aproximou-se de Quintino, num gesto suave colocou a destra na face do rapaz e com os olhos mareados, implorou baixinho:

— Quintino, meu Quintino: quero teu perdão!

Quintino encolheu-se mais ainda. Nele, de há muito, pavor substituíra à cólera. E o medo é um dos maiores tormentos humanos...

Ante a imobilidade do jovem, “dom” Severo determinou aos guardas que o banhassem, após fazerem-lhe a barba e aparar o cabelo.

Entregou uma pepita para cada guarda, para “emprestarem” roupas limpas ao prisioneiro.

Duas horas depois, Severo deixava a lúgubre prisão levando Quintino, com a mão sobre o ombro dele, como se o guiasse.

O exemplar do livro sagrado ia com Quintino...

Dispensando a hospedagem real que foi oferecida, Severo preferiu ficar instalado em seu navio-capitania. E foi para lá que conduziu Quintino. O rapaz não disse qualquer palavra até chegar ao cais. Ao subir ao tombadilho do navio, porém, olhou demoradamente para o horizonte, onde o mar fazia fronteira com o céu e murmurou:

— Meu pai... onde está?

Só então Severo lembrou-se que Joaquim também tinha sido preso e igualmente indultado. Emocionando-se ao ver Quintino na prisão, esquecera-se de Joaquim. Atrapalhado, indeciso, prometeu:

— Não sabemos... Mas vamos procurá-lo.

— Meu pai: quero meu pai.

— Sim, sim: vamos buscá-lo.

Retornando ao presídio, sozinho, os guardas deram-lhe a triste notícia: Joaquim, num ataque de nervos, há cerca de dois anos, suicidara-se.

E aqui, sem estendermos comentários, não podemos nos eximir de refletir o quanto é enganosa a "solução" encontrada pelos suicidas: tentando livrarem-se de problemas, na verdade, arranjam mais um.

E, infinitamente mais grave.

Todos os problemas anteriores permanecem no passivo, acrescidos agora de outro: a longa jornada de reconstrução (doloridas existências futuras), para valorização da Vida, doação divina, desprezada.

O espírito imortal que somos, ao cometer o auto-homicídio, ingressa no rol dos sofredores do além: desperta em palcos sombrios, tendo por companhia outros suicidas; neles todos, as dores físicas e morais, ultrapassam todos os limites, eis que, muitas vezes, permanecem junto aos próprios despojos físicos em decomposição.

Não há maior sofrimento!

## A tumba das almas brancas

**A**rrasado, Severo retornou ao navio, encontrando Quintino debruçado na amurada, olhando as águas... Quando subiu ao convés, o jovem, qual felino, saltou sobre ele e começou a esganá-lo, gritando:

— *Pessoa má: tiraste-me a família, tiraste-me a vida. Morra, infame!*

Uma bem aplicada pancada na cabeça, desferida por um marujo, fez com que soltasse a presa. Por segunda vez isso acontecia...

Tengegê veio correndo acudir Severo, que sufocado, quase não conseguia falar. Mas, ao invés de atender ao patrão, quando olhou para Quintino, desmaiado pela pancada, dirigiu-se a ele. Colocou-o precariamente sentado com as costas na amurada e massageou-lhe o peito e a nuca. Quintino despertou surpreso, com tanta gente à sua volta. Perguntou:

— O que aconteceu?

Os homens olharam-se, mudos, ressabiados... Sabiam o que aquilo significava: ao atacar "dom" Severo, o rapaz tinha sido "instrumento das almas penadas". Disfarçando, afastaram-se, temerosos.

Severo, Tengegê e Quintino se olhavam, mentes fervilhando.

— Vamos ao seu camarote — sugeriu Tengegê a Severo.

Foram, os três. Tengegê anunciou:

— O menino (referia-se a Quintino) precisa tratar a alma...

Ante o espanto dos dois, o jovem africano explicou:

— Almas boas querem trabalhar pelas mãos dele, mas como ele se recusa, as más usam-no como escravo, para fazer coisas ruins.

— E como você sabe disso tudo?

— Para falar a verdade, não sabia até há pouco. Só agora ouvi um orixá contar-me.

— Por Deus e por Jesus: tu falas pelas almas e agora elas te sopram aos ouvidos; eu, vez por outra, as vejo também e sei o que querem; e se não bastasse, agora, temos cá o rapaz, que se entende muito bem com elas: se alguém vier a saber disso, nos mandam aos três, para as fogueiras, sem apelação.

— Ele tem razão — atalhou mansamente Quintino, como que se libertando de uma grande dúvida e aduzindo: vejo e sinto almas rondando-me, umas boas, outras más, como essa de há pouco: era um escravo “fujão” que o senhor mandou eliminar; sempre sei o que querem as almas, pois as ouço com ouvidos “que não existem”, dentro da minha cabeça; as amigas me convidam a trabalhar... Trabalhar de outro jeito... Dizem que posso curar doentes...

— Pela Virgem, meu rapaz: trabalhar como? Pois então que já não és soldado de el-Rei? Vou reconduzir-te ao posto que tinhas!

— Na verdade, devo ser soldado sim, mas de Jesus.

— Padre?! Queres ser padre?

O silêncio e a placidez no olhar de Quintino deram a resposta, altamente confirmadora.

Severo, sem poder conter-se, disparou:

— Ao menos, lembras de quando eras soldado de el-Rei?

— Faz muito tempo... Muito tempo...

— Foste à África, preso por piratas...

— Inesquecível... Inesquecível!

Severo sentiu a brisa marinha adentrar-lhe os pulmões, “nas veias e na mente, refrescando o sangue e a alma”, aplacando o fogo das angústias e aflições pela família, que há anos não via.

Intuíva, ou melhor, sabia que só aquele rapaz poderia indicar-lhe onde encontrá-la.

Trêmulo, perguntou em voz baixinha e pausada:

— Sabes aquele ponto da costa d'África, onde tu e os piratas passaram vários dias, consertando o navio deles?

Quintino fechou os olhos, como se mergulhasse no passado.

Após *instantes eternos* de silêncio, murmurou também:

— Os africanos que lá existem fazem cultos estranhos...

— Sabes então onde é o ponto exato da costa?

— ... falam com as almas...

— Por Cristo: sabes onde é o tal lugar?

—... chamam as almas de orixás. Não são maus. Gosto deles!

Severo cobriu o rosto com as mãos, tentando ocultar as pesadas lágrimas que escorriam abundantes. Implorou, aos prantos:

— Leve-me até lá, pelo amor de Jesus!

Como que saindo de um longo torpor, Quintino fez outro sol brilhar, este na alma de "dom" Severo, na já radiosa claridade daquela hora:

— Com certeza, "dom" Severo. Quando o senhor quiser.

Por ordem de el-Rei cinco galeões, sob comando de "dom" Severo foram generosamente abastecidos de víveres, ferramentas, vestuário, armas e objetos diversos. Antes, passaram por rigorosa revisão, objetivando a manutenção das boas condições de navegabilidade. Isso porque os dois navios que afundaram na tempestade, se lhes atribuiu "falta de cuidados", internos e externos...

Antes de zarpar, Quintino pediu para despedir-se da mãe.

Severo foi com ele. Ao chegarem, Verona sentiu a maior felicidade da vida, vendo o filho; contudo, preocupou-se ao vê-lo acompanhado "do demônio em pessoa": Severo. Mas pareciam tão "fraternais"...

Quando Quintino expôs-lhe a vocação eclesiástica emergente e essa, talvez, foi a única notícia que poderia dar alguma alegria

e alento de vida àquela sofrida mulher, cujo marido suicidara e que o filho, considerava-o em “prisão perpétua”.

Tratada gentilmente por Severo acatou a sugestão de desfazer-se da Quinta, pouco produtiva. Abençoou o filho e decidiu ir residir com as “Irmãs de Caridade do Perpétuo Socorro”, a quem nutria devoção.

Com o dinheiro da venda da Quinta, iria ajudá-las nas obras assistenciais do velho convento, que atendia centenas de pobres.

Os conceitos e preconceitos de Verona quanto a Severo implodiram-lhe na alma de vez, quando ele, respeitosamente, pediu-lhe que também o abençoasse.

Embora em grande perturbação, o Espírito Joaquim, pai de Quintino, foi ali trazido por Benfeitores Espirituais, e testemunhando como Severo havia mudado o tratamento ao filho, além de rever sua Verona, sentiu-se fortalecido. Em lágrimas, feliz, suplicou aos Protetores:

— Ajudem-me a reconstruir “meu destino”.

— Já começaste a fazê-lo, ao abrigar o perdão no coração...

Ao zarpar, com a bênção de el-Rei, da qual um padre se fizera portador, a ansiedade de “dom” Severo passou a aumentar a cada hora, a cada dia... O padre, a pedido pessoal de “dom” Severo, que el-Rei deferira, iria na viagem à Colônia, preparando o jovem Quintino, para ingressar na ordem religiosa.

Quintino, do alto da vigia, olhava atentamente a sinuosa silhueta da costa africana, para identificar o ponto que “dom” Severo buscava.

Passava os dias todos naquele posto: num minuto lia a Bíblia, no outro lançava o olhar ao litoral.

À noite, as naus não navegavam, com receio de perder a cota buscada. Por isso, a viagem se tornara mais longa. Descendo da vigia, Quintino e Severo conversavam sobre vários assuntos. Embora em seu coração já não mais houvesse paixão por Carlota, Quintino compenetrava-se que era seu dever tudo

fazer para ajudar a encontrá-la. Assumi que em parte, ele tinha alguma culpa por tudo aquilo...

— Tens na memória — perguntou-lhe Severo — algum detalhe que caracterize o lugar que buscamos?

— Tenho sim: em várias montanhas próximas umas das outras, uma delas esconde bela praia, à frente da qual há pequena ilhota, do tamanho deste galeão; esta ilhota, invisível cá do mar, bem como na maré cheia, emerge na maré baixa... Na alta, já mandou muitos desavisados para o fundo do mar... E lá é ninho dos grandes peixes, tubarões...

— Santa Virgem: protegei-nos!

— É um horror mesmo: os africanos chamam aquele ponto de “Tumba das almas brancas”. É inacreditável, mas alguns deles, a cada três dias, vão a nado até lá e jogam abóboras e melancias para os tubarões, em agradecimento, aos quais consideram seus guardiões. Pelo que contam, isso aconteceu depois que há muitos anos, uma canoa com cinco rapazes africanos se estatelou numa ponta submersa de pedra e os peixes não os atacaram. Voltaram a nado para a praia e um deles, no dia seguinte, tomado de inaudita coragem, foi a nado até a “Tumba”... Nenhum peixe o atacou. Fez essa perigosíssima travessia várias vezes e nunca foi atacado...

— Inacreditável... Inacreditável... Viste este audaz africano ir ter com os tais grandes peixes?

— Não, não vi. Há alguns ele foi aprisionado, por outros africanos, de região vizinha. Com ele foram presos outros homens, crianças e mulheres da sua tribo. Foram levados para a Colônia, onde foram vendidos como escravos...

Quintino ficou em silêncio por instantes e quase deu um grito, ao se recordar de algo:

— Zangigi! Zangigi: esse era o nome do destemido nadador, que era amigo dos peixes. Dos tubarões!

Severo quase perdeu a respiração.

Sem dizer palavra, foi até o dormitório onde estava Tengegê e acordou-o, pedindo que o acompanhasse ao convés.

Ao chegar junto a Quintino, Severo perguntou a Tengegê:

— Zangigi... Nadava... E dava alguma coisa para peixes?

Os grandes e límpidos olhos de Tengegê se arregalaram e refletiram a Lua. O espanto enorme era resposta afirmativa, eloquente, mas mesmo assim balbuciou:

— Abóboras e melancias... Zangigi... Passava no meio dos tubarões sem ser atacado por eles. Para um ou dois dos peixes grandes, dava a abóbora na boca...

Severo explodiu:

— Mas, meu Deus! Então minha mulher e minhas filhas estão justamente com seus amigos, perto de onde os deixamos, na viagem de vinda! Oh!, por que só agora fiquei sabendo disso?

— Por isso eu disse ao sinhô — acalmou-o Tengegê — que ficaria a bordo e não desembarcaria com meu povo. O local onde eu morava ao ser preso não é visto do mar. Lá só se chega de canoa e com muito cuidado. São pouquíssimas as pessoas que sabem disso. Muitos navios piratas naufragaram ali e nós tínhamos o cuidado de recolher os destroços, para garantir nossa segurança.

— É verdade — exclamou Quintino — o capitão dos piratas contou-me esse segredo: depois da montanha, volteando-a, só de canoa se poderia ir ter com os africanos; embora as águas lá não sejam profundas, há muitas pedras pontiagudas no meio do mar, logo abaixo da lâmina de água.

— E por que ele teria confiado tal segredo a ti?

— Porque nós ficamos amigos. Ele queria que eu me tornasse pirata... Seu imediato. E eu aceitei...

— Então, rapaz, foi assim que conseguiste a amizade deles e tentaste roubar o ouro lá na Colônia, hein?

— Isso mesmo! Foi um mau passo, do qual lhe peço perdão.

Severo abraçou-o, ternamente. Perguntou, curioso:

— Como o capitão pirata sabia dessa ilhota e dos seus perigos?

— O segredo era de vida e morte foi-lhe contado por um escravo fujão de um “túmulo”, que ele retirou do mar, já quase sem vida.

Três dias se passaram.

No entardecer, Tengegê deu demonstrações de inquietude, arregalando os olhos ao mirar o litoral. Severo eletrizou-se.

— Estamos chegando — murmurou Tengegê.

Severo gritou para Quintino, lá no alto da vigia:

— Então, meu rapaz, reconheces algo?

— Não senhor, por enquanto, nada.

Tengegê, firme, declarou:

— Pode aproximar-se das terras!

— Tens certeza? Não podemos perder tempo. Esta viagem já está se tornando lenta e desse jeito as frutas e a água não serão suficientes para irmos longe, obrigando-nos a atracar em qualquer ponto.

— O sinhô está vendo aquelas árvores, no alto daquela montanha?

— Por Cristo: estou vendo muitas montanhas juntas...

— Vê aquela nas quais as árvores formam três blocos de mata? Nós as conservamos separadas, para indicar nossas terras, pois às vezes saíamos a pescar em alto mar e o vento nos levava para longe, dificultando a volta...

Quando os navios se aproximaram Quintino exultou:

— Tengegê tem razão: esse é o lugar da “pedra que nada”.

— O que é isso de “pedra que nada”?

— É a nossa “Tumba das almas brancas” — atalhou Tengegê, explicando: vi os piratas comentando que aquela pedra parece nadar, pois à chegada das marés, dá a impressão que está ora nadando, ora mergulhando...

Chegando ao sopé da montanha, os cinco navios fundearam.

Várias canoas foram postas no mar. Levavam provisões, ferramentas, vestuário e objetos diversos.

Porém, mais que tudo, conduziam a esperança!

Tengegê, na proa da primeira canoa, deslocando bem devagar, indicava a rota, cuidadosamente. Decorridos tantos anos, ainda se lembrava de cada detalhe daquelas águas. Passara a infância ali!

Logo avistaram pessoas na praia.

Tengegê, no dialeto ioruba, gritou:

— Gangê, Zangigi, Tengegê!

Mesmo Tengegê estando com eles, e sendo reconhecido, foram recepcionados pelos africanos com grandes reservas. Somente quando viram que os brancos estavam sem quaisquer armas, dissipou-se o temor de que fossem escravizadores. Tengegê, vendo antigos moradores, com poucas frases explicou a que vinham: buscar a mulher e as duas filhas do “capitão” Severo.

Nem bem acabara de dar suas explicações, chegou um pequeno grupo, com alguns daqueles que Severo tinha libertado, há pouco tempo. Com eles, vinham as suas amadas Antônia, Carlota e Julialva!

Não se contendo, Severo e Henrique correram a abraçá-las e nem precisava, pois elas também correram em sua direção.

A alegria e a emoção dos cinco sensibilizaram a todos.

Não conseguiam falar: só chorar... chorar... chorar...

Depois, beijaram-se... beijaram-se... beijaram-se.

Uma eternidade se passou até que Severo, agarrado à família, conseguiu balbuciar:

— Vocês são minha vida! Sem vocês, eu estava morto!

— Severinho, querido amor!

— Paizinho, paizinho: à sua bênção!

— Deus nos abençoe, a todos!

Quintino aproximou-se. Ele e Carlota trocaram um longo olhar.

Captaram, sem palavras, que entre eles o sonho de uma vida feliz, de amor, juntos num lar, tinha-lhes fugido da alma...

— Carlota: Deus te guardou! Graças, Senhor!

A seguir, abraçou-a, terna e demoradamente.

Aquele abraço tão comovido foi o mensageiro fiel que confirmou para o coração da jovem que os sentimentos de outrora já não mais existiam. Sem sofrer com isso, ao contrário, com imensa paz, respondeu:

— Minha felicidade neste momento é completa ao vê-lo liberto...

— Na prisão, por incrível que possa parecer, minha alma ganhou a liberdade: decidi-me a jamais empunhar armas e sim seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, como Seu servo.

Após breve silêncio, completou:

— Estou me preparando para ser padre.

Severo, num gesto nascido na fonte íntima da gratidão, oculta e por isso mesmo por vezes tão deslemburada, ajoelhou-se ali na praia, juntou as mãos e num grito, que explodiu incontido, encerrou a lembrança de toda a angústia que sofrera por aquela separação:

— Obrigado, meu bom Deus! Louvado sejas!

Ajoelhando-se também, esposa e filha fizeram-lhe coro:

— Para sempre sejas louvado!

O padre e Quintino, ante aquele gesto pio, persignaram-se.

*“Pai Nosso que estais no Céu...”* — iniciou o padre.

Todos os brancos ajoelhados, repetindo as palavras do padre, tiveram o efeito de fazer com que também os africanos, embora não sabendo direito do que se tratava, ajoelharem-se e olharem para o céu.

A humildade ali, em uns e outros, dava o tom. Sublime!

Após, já feito de tão fortes emoções, Severo disse à família:

— Até então sempre meus olhos tiveram algum cuidado com pessoas negras, mas a partir de agora, vendo essa gente tão boa

e humilde, compreendo que a alma é o que importa, pois as deles são luzes que não se apagam.

Brincou com a esposa e as filhas:

— Vocês estão a me sair lindas africanas, ora sim, que tanto devem ter ficado ao Sol, pois não?

— É que essa gente vive quase sempre na praia e eu e nossas filhas muito aprendemos com as mulheres...

— Ora, ora, o que têm elas para ensinar-lhes?

— Têm suas vocações religiosas, seus santos, que chamam de orixás; conseguem conversar com amigos que já morreram e fazem isso com muito respeito e só para pedir conselhos. Nunca os vi realizar maldade alguma. Além disso, aprendemos a conhecer frutas saudáveis, ervas que curam, como fazer farinha de mandioca e de milho e uma infinidade de pratos gostosos, com peixes e frutos do mar.

— Frutos do mar?

— É: ensinaram-nos como colhê-los, junto a essa infinidade de pedras à frente da praia. Essa gente jamais passará fome, pois quanto mais colhem mais se multiplicam os lindos caranguejos, camarões e ostras. Os homens saem de manhã em suas canoas e à tarde voltam com muitos peixes, camarões e algumas lagostas. Na ida, passam pela “Tumba das almas brancas” e dão frutos para os grandes peixes, que eles protegem e dizem que, em troca, por eles são protegidos...

— Melancias e abóboras?

— Como sabes?

— Falamos depois.

Após presentear aquele povo com muitas ferramentas e utensílios, Severo determinou que era hora de partir rumo à Colônia.

Chamou Tengegê, abraçou-o forte e despediu-se:

— Meu jovem amigo, jamais te esquecerei. És um bom rapaz!

— O sinhô é que é bom, tanto que voltei para minha terra.

— Mereceste!

Severo apanhou uma sacola com mais ou menos oito quilos de pepitas e entregou a Tengegê. Que recusou:

— Não, sinhô, não precisamos disso por aqui. O Zangigi está me dizendo, aqui dentro da cabeça, que a amizade sincera vale mais que todo o ouro lá da “Rica Vila”.

— Zangigi, aqui por perto? Então ele me perdoou, não é?

— Sim. Já que o sinhô está de partida, vou contar um segredo: ele me dizia, sempre, que sua família estava com nosso povo e que eu não contasse, porque era perigoso virem carabineiros contratados para libertá-los. Imaginando as mulheres prisioneiras, eu seria torturado, junto com meus amigos, sendo forçados a trazê-los aqui, aonde, certamente, já chegariam matando os negros que aqui estivessem.

— Santo Deus: quantas coisas ocultas nos céus...

— Falei para o Zangigi que não era certo esconder do sinhô onde estava sua família, mas ele respondeu que os orixás informaram que a separação era boa para todos, para amansar seu coração e para unir a mãe com as filhas que estavam pensando em se matar. Sendo sequestradas, uniram-se na dor da solidão. Mandou-me aguardar, pois o que é para o bem de todos, Olorum tem sempre um jeito de ofertar...

— Só agora compreendo porque não desembarcaste com teus companheiros. Embora o Quintino conhecesse este local, bem vi que já ia passando ao largo, sem identificá-lo. Sou-te eternamente grato.

Com lágrimas boiando, Severo testemunhou:

— És meu melhor amigo! Adeus!

— Não diga adeus, sinhô; nós nos veremos muitas vezes...

— No Céu? — brincou Severo, já acreditando na vida das “almas”...

— Também. Antes, o sinhô vai voltar aqui... E eu...

Severo, por precaução, chamou o padre em particular e em tom fraternal disse-lhe:

— Padre, há anos passei a conviver com esses escravos e pude perceber que eles, na sua ignorância dos Evangelhos, adoram a Deus e os Santos do Céu, mas na sua linguagem... Têm muita fé. Por isso peço ao senhor que não considere o que eles disseram...

— Não se preocupe, “dom” Severo, a vida mo ensinou que brancos e negros somos filhos do mesmo Pai. Também conheço o coração dos escravos, pois que na nossa Pátria alguns me servem, por decisão do senhor bispo... O que aqui vi e ouvi deles aqui ficará.

— Graças a Deus!

Recompletada a água potável e levando grande quantidade de frutos, ervas medicinais, limão e laranja, os cinco galeões partiram.

Na travessia atlântica, após considerarem todas as possibilidades, Severo e família tomaram uma decisão: mudar para a Colônia! Iriam residir no Rio de Janeiro. Severo deixaria o cargo de intendente-mor e com base onde ia morar, deixaria as lavras de ouro e trabalharia apenas no comércio de gêneros alimentícios e suprimentos diversos para os mineradores. Algumas glebas em seu nome garantiriam um considerável reforço financeiro às suas atividades comerciais.

Após instalar a família, Severo tomou todas as providências necessárias à sua dispensa das funções, o que conseguiu com extrema facilidade... A “carta régia” que o nomeara por três anos, já caducara e nunca fora renovada. O que jamais ficaria sabendo é que estava mesmo decidida sua demissão, pois os transtornos com o sequestro da família chegaram ao conhecimento de Portugal e decidiu-se que deveria ser substituído por alguém “sem tais compromissos”...

Era praxe, naquele tempo, que os governadores enviassem relato semestral a el-Rei, noticiando “tudo aquilo que por graça

de Deus houvesse acontecido”, mas também, e principalmente, “os atos que de uma forma ou outra tivessem cores contrárias à Coroa”. Assim, em mais de um relatório desses, o governador, sem o conhecimento de Severo, narrou como ele havia “*negligenciado com o ouro, com a família e com a energia junto aos negros, chegando mesmo a dar amizade a alguns deles...*”.

Na verdade, Severo dera, mas recebera amizade dos negros.

Na parte financeira, conseguira a fortuna com a qual sonhara.

Já meditando no *futuro*, empregou todo o ouro que possuía em propriedades diversas, proporcionando emprego para muitas pessoas, mas, principalmente, para comprar e alforriar escravos.

Fez muitas plantações, dando assim emprego a muitos escravos alforriados e a lavradores...

Severo e a família instalaram-se numa ampla fazenda, próxima à cidade carioca e lá construíram amplas dependências para estocar mercadorias e o produto das suas colheitas. Certo dia Severo confabulou com Antoninha:

— Sabes, minha querida: não te confesso um pecado, mas sim, um momento de sombra em minha vida: prometi a um moribundo levar-lhe à viúva o que era de direito e ao cumprir a promessa, não andei direito: nem dei a ela seus valores, como ainda, acabei roubando-lhe a paz...

— E onde está a viúva?

— Morreu...

— Que Deus a proteja. Sinto que tu tens algo mais a dizer...

— Sim. Estou refletindo que devo uma compensação aos dois: tiveram uma filha, hoje já deve ser mocinha, que pelos fados eu a trouxe da Espanha para esta cidade e alojei-a com uma família...

— Mas, homem, diga o que tens em mente!

— Quero que vás comigo visitá-la.

Antoninha anuiu e ao ver Consuelo, condoeu-se do seu estado. Inexplicável e instantânea empatia fez com que ofertasse

a ela que viesse morar com eles. A jovem aceitou de pronto. Os caseiros que cuidavam de Consuelo sentiram-se livres de grande carga.

Quando a órfã conheceu Carlota e Julialva, a mesma reação: as irmãs, no mesmo instante, gostaram dela.

Severo retirou o dinheiro da venda da sua Quinta, que estava em depósito na tesouraria real à sua disposição e com ele comprou três galeões, que havia encomendado nos estaleiros de Cádiz, na Espanha. Tendo sua própria frota, pôde realizar o amplo comércio Europa-Colônia-Europa, estando sempre com os navios carregados, na ida e na volta. Trazia da Europa aquilo que se ressentia a região das minas, que tão bem conhecia; levava para o velho continente, açúcar, tabaco e aguardente, tão apreciados pelos europeus.

Contratara e pagava bem à guarnição fixa de carabineiros que davam segurança aos seus galeões, protegendo-os dos piratas.

Periodicamente passava mesmo pela África, visitando Tengegê.

Numa dessas viagens teve a alegria de saber que seu amigo se casara, já tinha um filhinho e que gostaria de trazer a família para a Colônia, desde que fosse para trabalhar com o antigo sinhô. Severo aquiesceu de pronto, só não contava que muitos outros negros pediram para que ele os empregasse. Atendeu-os, de boamente.

Assim, o Atlântico testemunhou a feliz raridade de navios, com muitos negros a bordo, singrarem suas águas, mas nenhum deles na condição de escravo.

Henrique, que se apaixonara pela filha de um minerador estabelecido na Vila Rica, decidiu casar-se com ela. Foram morar no Rio de Janeiro, onde ajudaria o pai nos negócios. O sogro, inclusive, há tempos já era "a ponta de lança" para o comércio de suprimentos cada vez mais próspero que Severo realizava, entre a Europa e as minas. E, ao mesmo tempo, a esposa de

Henrique quase sempre ia nas expedições, visitar a família. Tal fato uniu as duas famílias e só lhes trouxe bem-estar.

Quintino foi ordenado padre. Pediu ao seu superior para ficar na Vila Rica, sendo atendido. De vez em quando, visitava a mãe.

Quando Carlota apaixonou-se por um patricio, filho de um representante comercial, que se mudara com a família para o Rio de Janeiro, convidou Quintino para vir das minas celebrar seu casamento.

Ficando hospedado por alguns dias na casa de Severo, Quintino e Consuelo tornaram-se bons amigos, pois o padre, ao dar-lhe a bênção diária, falava das curas que Jesus realizou. Agindo por puro impulso, ofertou massagens à triste mocinha, que as aceitou. O padre, na massagem diária, sempre orava e usava infusão de ervas, diluídas em gordura de galinha. Em menos de uma semana Consuelo apresentou benéfica modificação do seu quadro patológico.

Certa vez, deixando todos atônitos, Quintino foi acometido de um "estranho transe", durante o qual preconizou que Consuelo deveria ser encaminhada à medicina terrena, "para ser curada".

O tal "estranho transe" sabia-o Severo e sua família, nada mais era do que um recado da alma de alguém que já havia morrido (*mediunidade*, em linguagem espírita).

Quando Quintino saiu do "transe", Severo até brincou com ele:

— Não deixes nenhum padre saber do que andas fazendo, meu rapaz... Cá entre nós, quem era?

— O senhor tem razão: quando acontecem esses lances, graças a Deus, nunca tem padres por perto...

Fez demorada pausa e completou a resposta:

— Acreditem ou não, um menino africano, mais torto do que a Consuelo, pediu-me que desse o recado que dei...

Severo pôs a mão na testa e exclamou:

— Por Cristo: Gangê! Não era esse o nome do tal menino?

Agora foi Quintino quem ficou assustado:

— Por Cristo, digo eu: como é que o senhor sabia?!

Severo preferiu não responder. Lembrou-se então que Veridiana havia dito que um médico português poderia resolver o problema da filha, mas como eram pobres, esse foi um dos motivos que levou Mendonza a tentar fortuna na Colônia.

Não pensou duas vezes: assim que pôde levou-a a Portugal, onde a jovem foi mesmo submetida a delicada intervenção cirúrgica, tendo alta quatro meses após. Quando retornou para a “sua” casa, na Colônia, Antoninha custou a acreditar: Consuelo estava linda, andando ainda com cuidado, mas livre da grave perturbação que a deformava.

Invisível a Severo, os Espíritos Mendonza e Veridiana, chorando ao verem a filha, acercaram-se dela e cobriram-na de beijos.

Veridiana olhou para Mendonza e num diálogo sem palavras, ambos envolveram o “velho” Severo num abraço de reconciliação.

E, fato estranho: libertando-se da deformidade, Consuelo passou a ouvir melhor e assim, logo aprendeu a falar, tendo em Julialva uma paciente quanto amiga professora...

Severo preparava-se para uma nova excursão, levando vasta carga de suprimentos para negociar na região “das minas”, quando teve agradável surpresa: a “mulher do cais” chegou ao Rio de Janeiro com uma tropa de cerca de oitenta saudáveis burros. Sabendo que Severo dirigia-se às minas, procurou-o e acertaram a instalação de um entreposto, nas terras dele, para a compra e venda dos animais que doravante seriam trazidos do sul, onde eram criados com facilidade.

A medida mostrou-se acertada, do ponto de vista comercial, eis que as minas dependiam, basicamente, de mais e mais animais de transporte, para suas atividades cada vez mais aumentando.

Severo pensou, feliz: “todos aqueles africanos que estão a pedir-me para vir trabalhar cá na Colônia, comigo, têm já seu emprego”.

Após receber o pagamento pelos burros, a “mulher do cais” cochichou:

— Vou passar a “dom” Severo um segredo... De vida e morte. Use-o enquanto for vivo e não conte para ninguém... Ou só para seu filho...

— Mas, criatura de Deus, que segredo será esse que tens?

— Como vossa excelência faz travessias, seus navios estão sujeito a perigos... piratas...

— Olhe, que acertaste: mas tenho uma guarnição fixa.

— No mastaréu dos teus barcos tenha sempre duas bandeiras: uma branca e outra vermelha. Quando vires um navio, ices logo as duas. Mas, cuidado: a branca em cima sinaliza “paz”...

— Não te compreendo.

— As duas bandeiras são um “código do mar”, só de piratas, dizendo que tens a paz, mas também a guerra. A bandeira branca em cima é sinal que fazes do mar o teu ganha-pão e dos teus marujos. Se um pirata estiver pensando em te atacar, respeitará esse código, e no máximo, te pedirá ajuda.

— Como ajuda?! A piratas? Que me matam...

— Nada disso, piratas têm leis do mar: duas bandeiras brancas no mastaréu do navio dele significam necessidade de água e alimentos. Aí, ponhas isso num bote solto ao mar e vás embora, sem fazer perguntas... Se em alguma viagem precisares de ajuda de um deles, procedas da mesma forma. Tuas atitudes serão comentadas entre piratas e assim praticamente terás um salvo conduto no mar...

— Como sabes disso tudo?

— Meu companheiro... Que Deus o tenha... Sonhei com ele e no sonho pediu-me que te contasse esse segredo e também te dizer que te perdoou pelo afundamento do navio dele e que tu o

perdoasses pela participação no sequestro de tua família... Ficou teu amigo quando me acolheste em teu bote, após tu rogares a Jesus que me salvasse da tempestade...

O abraço que Severo deu na "mulher do cais" plenificou-lhes os corações de sólida amizade. Cada um seguiu seu destino.

\*

Na viagem às minas, Severo ia recordando sua vida.

Com amor, lembrou-se da felicidade que a Vida lhe dera, ao fazer com que a sua Antoninha cruzasse seu destino e juntos, seguissem para o futuro, recebendo pelo caminho as bênçãos dos filhos.

Com fraternidade, pensou na mulher que lhe revelara o "segredo dos piratas". Nisso, lembrou-se de algo surpreendente e assustando quem estava por perto, exclamou em voz alta:

— Como é que sequer sei-lhe o nome?!...

Com saudade e um sentimento de muito carinho, lembrou-se de Mendonza, de Veridiana, de Joaquim, de Zangigi...

Com admiração, repassou na mente os atos de humildade e heroísmo de Tengegê e os ensinamentos espirituais dados por Zangigi, de forma tão simplória, mas com tanta profundidade filosófica.

Reparou que, mesmo sob calor quase insuportável, o cavalo que o transportava cumpria sua tarefa sem quaisquer mostras de revolta, ao contrário, com permanente humildade. Num impulso incontido, acarinhou aquele animal, dirigindo-lhe um voto íntimo de agradecimento.

Olhou para o céu e bendisse as nuvens e os ventos.

Como se *alguém* tivesse lido seus pensamentos, começou a cair uma chuva fina, que a todos refrescou...

Com gratidão a Deus, refletiu na realidade maravilhosa do intercâmbio entre "mortos e vivos" (mediunidade) de que tivera tantas provas: "*não é que esse povo todo (as almas dos mortos)*"

*continua vivo, vendo, pensando e até conversando com os que ficaram?'*.

Ante a lembrança de Deus — Pai de todos os seres —, respeitosamente tirou o chapéu, como que a pedir-Lhe a Bênção.

Fim